The book cover features a close-up photograph of a large, reddish-brown leaf with prominent veins. In the upper center, there is a black silhouette of a tree with a dense canopy and a thin trunk. The text is overlaid on this background in white, bold, sans-serif font.

DAVI BORGES DE ALBUQUERQUE

**ENSAIOS DE
ECOLINGUÍSTICA
TEÓRICA E APLICADA**

1ª edição

**Brasília
Anderson Nowogrodzki da Silva
2018**

- A345 Albuquerque, Davi Borges de.
Ensaio de Ecolinguística teórica e aplicada/ Davi Borges de Albuquerque. 1. ed. – Brasília: Anderson Nowogrodzki da Silva Editor, 2018.
262 p.: il.
- Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-924474-2-7
1. Linguagem. 2. Comunicação. 3. Linguística.
I. Título.
- CDD: 410
CDU: 81

Copyright © do autor
Editoração e capa: Anderson Nowogrodzki da Silva
Revisão: o autor
Coleção: Linguagem e Meio Ambiente
Coordenação: Anderson Nowogrodzki da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG)
Dionei Moreira Gomes (UnB)
Mônica Maria Guimarães Savedra (UFF)
Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)
Pierre François Georges Guisan (UFRJ)
Ronaldo Manguiera Lima Júnior (UFC)
Pere Comellas Casanova (Universidade de Barcelona)
Hildo Honório do Couto (UnB)
Hilário Bohn (UFPEL)
Suani Vasconcelos (UEFS)
Rui Manuel do Nascimento Lima Ramos (Universidade do Minho, Portugal)
Maria Célia Dias de Castro (UEMA/Balsas-MA)
Zilda Dourado (UEG/Quirinópolis-GO)

ÍNDICE

Prefácio	4
----------------	---

Introdução.

Aspectos Teóricos e Aplicados da Ecolinguística: Limitações, Problemas e Soluções	8
-----------------------------------------------------------------------------------------	---

PARTE I – TEORIA

Capítulo 1.

A metodologia em ecolinguística	20
---------------------------------------	----

Capítulo 2.

Fundamentação teórico-metodológica da Análise do Discurso Ecológica (ADE)	31
---------------------------------------------------------------------------------	----

PARTE II – METODOLOGIA

Capítulo 3.

O Ecossistema Linguístico Local de Timor-Leste: Ecologia do letramento e AIC	55
------------------------------------------------------------------------------------	----

Capítulo 4.

Ecologia do contato de línguas: metodologia e estudo de caso	106
--------------------------------------------------------------------	-----

Capítulo 5.

As ciências cognitivas e a ecolinguística: uma contribuição para o estudo do Ecosistema Linguístico Mental	128
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

Capítulo 6.

Ecolinguística e funcionalismo: a dinâmica das línguas em Timor-Leste	144
-----------------------------------------------------------------------------	-----

PARTE III – APLICAÇÕES

Capítulo 7.

Elementos para o estudo da ecolinguística de Timor-Leste	156
----------------------------------------------------------------	-----

Capítulo 8.

Língua e meio ambiente na literatura oral em Tetun, Timor-Leste	182
-----------------------------------------------------------------------	-----

Capítulo 9.

O sistema linguístico como sistema ecológico: um estudo da gramática Tetun (Timor-Leste)	191
------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

Capítulo 10.

Ecologia da mudança lexical do português de Timor-Leste	208
---------------------------------------------------------------	-----

Referências	237
-------------------	-----

PREFÁCIO

1. Julgo que será relativamente fácil para nós, leitores, imaginarmos que uma obra literária resulta das paixões do seu autor, com mais ou menos complexas e sinuosas linhas de desenvolvimento.

E, paralelamente, temos alguma expectativa de que uma obra científica seja marcada por uma fria objetividade, que exclui as paixões e se fundamenta na mais retilínea razão.

Contudo, bem vistas as coisas, talvez se possa afirmar que as obras científicas são, elas também, fruto das paixões dos seus autores, que são seres no mundo, e não entidades seráficas alienadas das tentações, das alegrias, das tristezas, dos sucessos e das quedas que todos nós vamos experienciando.

É disso prova a presente obra científica, de Davi Albuquerque. Não porque recuse a abordagem e o tratamento científico do seu objeto, mas porque não pretende ocultar, sob o espesso véu da razão, a sua paixão pelos *topoi* que recebem a sua atenção, a sua reflexão e a sua discussão: por um lado, a ecolinguística como ciência da linguagem; por outro, Timor-Leste como nação, como povo, como vivência e como objeto de estudo.

2. A discussão em torno da ecolinguística, numa perspetiva diacrónica como numa perspetiva sincrónica, ocupa os primeiros capítulos da obra. Neste campo, Davi Albuquerque assume-se predominantemente como discípulo de Hildo Honório do Couto, com o necessário e natural distanciamento crítico. Expõe, de modo fundamentado, alguns dos princípios fundadores desta ciência, discute possibilidades de abordagem, metodologias e vias de desenvolvimento. Procura defender uma visão ecológica do mundo e centrar nas interações o seu olhar indagador. Assume a centralidade da linguagem verbal para a compreensão do ser humano e

do mundo. Tenta identificar, explicar e dar sentido à complexidade do ecossistema global, com as suas múltiplas teias de relações multidirecionais.

Em muitos aspetos, a apresentação dos argumentos que sustentam, do ponto de vista da ciência, a ecolinguística, e as suas diversas abordagens e especificidades, segue padrões internacionalmente reconhecidos, respeitando os cânones e o modo consolidado de “fazer ciência”.

Mas, em outros aspetos, tal apresentação é fortemente marcada pela visão pessoal do autor e das ideias que fundamentam um determinada forma de “fazer ciência”, nem sempre canónica: privilegia a transferência da consideração e do estudo dos objetos do mundo para a consideração e o estudo das relações (ou inter-relações) que se estabelecem num determinado ecossistema, procurando alargar o olhar tão rasgadamente quanto possível, tão holisticamente quanto possível, tão ecologicamente quanto possível.

Este estudo reconhece a existência do pesquisador/ observador/ interpretante dos fenómenos do mundo no processo científico, assim como o seu papel ativo, com a sua subjetividade – o que não significa que não possa haver procura do comprovável, do razoável, do regular (e da generalização), e que não se fundamente na observação atenta e na reflexão profunda sobre os indícios empíricos. Tal atitude individual encontra-se intimamente associada a um posicionamento ético perante os outros e o mundo, numa fusão entre o pesquisador e o indivíduo/ cidadão, o que leva à defesa de posições engajadas.

3. Os últimos capítulos da obra testemunham uma outra paixão do autor: Timor-Leste, suas gentes e suas problemáticas. Nestes capítulos, são postas em prática muitas das ideias expostas na parte inicial desta obra, enquanto “aplicações” da teoria.

Neste campo, em primeiro lugar, há que assinalar que Davi Albuquerque é um conhecedor sólido da realidade timorense, associando um saber construído pela vivência pessoal ao saber

teórico que recolheu das obras que constituem o seu acervo de referências e à reflexão que resultou da articulação entre os dois tipos de saber (e de onde resultou uma tese de doutoramento, para além de outros múltiplos estudos). Assim, o resultado da imersão do pesquisador no meio e o seu contacto intenso com o objeto de estudo não corre o risco de conduzir a uma mera descrição testemunhal, mais ou menos ilustrada com exemplos concretos, mas desprovida da densidade da reflexão sistemática. Ao invés, permite-lhe construir uma análise atenta, a respetiva discussão e as naturais conclusões, com uma sadia solidez científica.

Timor-Leste constitui um verdadeiro laboratório vivo para o linguista, onde os fenómenos de variação (dos diversos tipos de variação) são descritos usando o Presente e não o Perfeito, onde a mudança corre célere e a complexidade (as muitas complexidades) se converte em apaixonante desafio para a interpretação. O autor assume a centralidade da língua tétum em toda a sua reflexão, na sua relação com a língua portuguesa, as restantes línguas locais, o inglês, o indonésio e o malaio (e até, em menor grau, outras línguas), em perspetivas sincrónica e diacrónica. Constrói uma interessantíssima e fundamentada descrição de diversos aspetos da ecologia das línguas em Timor-Leste, o que constitui um importante espaço de discussão sobre as decisões de política linguística naquele país. Além disso, fá-lo considerando um alargado número de variáveis na sua reflexão, congregando dados oriundos, essencialmente, das ciências sociais e humanas.

4. Como o autor diversas vezes assinala, porém, a estrutura teórica sobre a qual constrói as suas análises encontra-se em fase de edificação. Alguns pilares parecem estar já solidamente implantados, mas falta reflexão, discussão e massa crítica para continuar a tarefa e ultrapassar algumas fragilidades e incompletudes. A ecolinguística, no Brasil como em outras partes do mundo (essencialmente, em vários países europeus), é ainda uma ciência jovem e sofre de

interpretações diversas, modos de atuar diversos, influências nem sempre compatíveis. Por isso, é possível identificar hesitações, divergências, contradições. O texto de Davi Albuquerque não o esconde, assumindo que mais reflexão e mais discussão serão ainda necessárias.

E representa, há que sublinhá-lo vivamente, um enorme ato de coragem científica e académica. O autor não se limita a recorrer aos instrumentos e à metodologia de um quadro teórico já consolidado para o revalidar com a sua reflexão pessoal, num exercício fútil mas frequentemente repetido; não se limita a traduzir para língua portuguesa investigações já feitas e apresentadas em outras línguas, com discretos toques pessoais; e nem sequer aplica a um novo objeto empírico uma metodologia já atestada, característica de um quadro teórico estabelecido: pelo contrário, corre o enorme risco de se expor e avançar com uma visão própria (fundamentada em estudos anteriores de outros pesquisadores, naturalmente) e complexa, atual e “incompleta” de um novo quadro teórico, dando a ver o próprio processo científico. E procura validá-la num exercício de análise dessa apaixonante realidade fortemente marcada por diversidade biocultural que é Timor-Leste.

Por tudo isto, a presente obra representa um desafio e um incisivo incentivo ao debate académico e científico.

Rui Ramos

Universidade do Minho, Portugal

Dezembro de 2017

INTRODUÇÃO

ASPECTOS TEÓRICOS E APLICADOS DA ECOLINGUÍSTICA: LIMITAÇÕES, PROBLEMAS E SOLUÇÕES

A Ecolinguística é um ramo recente da Linguística e, como tal, tende a apresentar diferentes teorias e metodologias, estando ainda em uma fase de desenvolvimento. De maneira semelhante, a abordagem ecológica para o estudo das línguas como um ramo independente, sendo definida como uma ciência de sistemas complexos, está em uma fase embrionária, apesar de já ter um grande número de teóricos, trabalhos publicados e contribuições significativas.

O ápice da Ecolinguística, segundo Lechevrel (2009) afirma, em uma comunicação sobre a história desta disciplina imberbe, foi o período entre 1996 e 2000 em que foi publicado o maior número de trabalhos (livros, capítulos de livros, artigos, entre outros) e em diferentes línguas, sendo as principais o inglês, o alemão e o francês. A década seguinte (2001-2010) viu um pequeno declive, porém, mesmo não fazendo um estudo quantitativo, afirmo que a década em que estamos atualmente (2011-2020), mesmo que não tenha terminado, vem apresentando uma série de trabalhos publicados e congressos por todo o mundo, bem como avanços científicos notáveis, o que acaba por conquistar cada vez mais adeptos. Destacam-se entre essas escolas e eixos ecolinguístico os seguintes: países nórdicos, principalmente Graz (ecolinguistas como Fill, Finke, Trampe) e Odense (Bang, Døør, Steffensen); Reino Unido (Arran Stibbe); Austrália (Mühlhäusler, Nash); e, no Brasil, o eixo Brasília-Goiânia, em que se destaca o pioneirismo de Hildo H. Couto.

Os diferentes modelos teóricos da Ecolinguística serão discutidos no decorrer dos capítulos desta obra, por isso não serão repetidos aqui nesta introdução, contudo enfatizo que muitos estudiosos tendem a usar a distinção feita por Fill e Mühlhäusler (2001), separando os seguintes: ‘ecologia como metáfora’, área da ecolinguística que faz uso de conceitos ecológicos para explicar certos fenômenos linguísticos; ‘língua e meio ambiente’, relaciona principalmente as questões de biodiversidade e linguodiversidade; e ‘ecolinguística crítica’, que engloba tanto a análise do discurso ecocrítica, como a ecocrítica aos sistemas linguísticos. Os demais modelos são chamados apenas pelos nomes propostos pelos autores: linguística dialética (BANG e DØØR, 2007); modelo gravitacional (CALVET, 1999); modelo evolucionista (MUFWENE, 2001, 2008); o praticado no Brasil, em que o leitor encontrará muitos estudos aqui, conhecido por Linguística Ecosystemática (COUTO, 2013). Lechevrel (2010) chega até a uma simplificação extrema, apontando somente dois grandes ramos a ‘ecologia linguística’ e a ‘análise do discurso ecocrítica’.

Digno de explicação é o termo ‘ecolinguística aplicada’ que emprego no título deste livro. Este termo é pouquíssimo usado nas publicações ecolinguística, sendo que entre as publicações de peso, somente uma delas utilizou-o, que é o livro de Fill e Penz (2007), intitulado *Sustaining Languages. Essays in Applied Ecolinguistics* (Línguas Sustentáveis. Ensaio de Ecolinguística Aplicada). Na introdução, Fill (2007, p. 1) afirma que o termo ‘aplicado’ em Ecolinguística é usado com duas acepções: a primeira consiste em a disciplina ecolinguística ser empregada para salvar a diversidade linguística do planeta; a segunda é a ecolinguística ser aplicada para se observar as relações entre a língua e o mundo, assim como as negociações e as relações de ganho que ocorrem entre a língua e a sociedade (FILL, 2007, p. 2). Assim, o leitor poderá observar no decorrer dos capítulos que os artigos de Ecolinguística Aplicada existentes aqui, nas Partes II e III, podem ser classificados na segunda definição de Fill. Ademais, o termo ‘aplicada’ também é utilizado em uma terceira

acepção, que consiste na aplicação da teoria ecolinguística a estudos de algum ecossistema linguístico específico (no caso de minha pesquisa, o Ecossistema Linguístico de Timor-Leste), ou seja, a aplicação da teoria na prática. Desta maneira, o conceito de Ecolinguística Aplicada não está distante do já estabilizado na Linguística, que é o de Linguística Aplicada.

Após essas palavras iniciais sobre a teoria ecolinguística empregada neste livro (a Linguística Ecossistêmica), de localizá-la diante dos demais modelos ecolinguístico e de esclarecer o título deste livro, nada mais justo do que escrever algo a respeito do cenário atual brasileiro dos estudos ecolinguísticos e como esta obra está inserida e relacionada com ele.

A Linguística Ecossistêmica, conforme o próprio nome explicita, lida com os ecossistemas relacionados à língua e ao falante. Desta forma, possui o Ecossistema Linguístico natural, mental e social, e o Ecossistema Linguístico Geral e Local, dando espaço também para um ramo importantíssimo que é a Análise do Discurso Ecológica (ADE), já praticado dentro da Ecolinguística, porém com termos diferentes.

Á medida que o número de publicações ecolinguísticas aumentou, conforme apontado anteriormente, aumentaram também os problemas em alguns estudos e as críticas à Ecolinguística. No Brasil, essa expansão se deu principalmente com os esforços de Hildo H. Couto, suas pesquisas e seus orientandos, que a partir da Universidade de Brasília (UnB) fixou a Linguística Ecossistêmica, sendo que esta se propagou inicialmente para a Universidade Federal de Goiás (UFG), por meio de Elza K. N. N. Couto e o Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário (NELIM), para alguns anos mais tarde estar sendo discutida e praticada em uma série de universidades e por vários professores e estudantes por todo o Brasil¹.

¹ No ano passado, em 2017, ocorreu um evento especial do EBE (Encontro Brasileiro de Ecolinguística), em que se comemorou 10 anos de Ecolinguísticas no Brasil, na UEG (Universidade Estadual de Goiás), Campus Formosa. Neste evento, recomendo a leitura dos trabalhos de Araújo (2017) e Couto (2017). No primeiro, o autor traço um histórico da Ecolinguística no Brasil, enfatizando as publicações e os encontros que ocorreram no país, bem como fora deles, mas que tiveram participações de ecolinguistas brasileiros. No segundo, a autora apresenta os desenvolvimentos teóricos que a Ecolinguística teve no Brasil.

As principais críticas que são feitas à Ecolinguística estão relacionadas à necessidade da existência desta disciplina; o fato de a teoria ecolinguística abarcar um grande número de áreas, sendo uma ‘teoria de tudo’, e, conseqüentemente, poder versar sobre tudo; a falta de clareza ou ineficácia de sua metodologia. Em Couto (2007), o autor já antecipava tais críticas e apresentava contra-argumentos convincentes, bem como continuo a fazê-lo em suas publicações posteriores, como Couto (2013, 2016). Por isso, não reproduzirei aqui, nem darei continuação a tal debate, remetendo o leitor interessado à leitura da bibliografia citada.

Todavia, com a expansão da Ecolinguística no Brasil e, por conseguinte, o aumento do número de publicações, uma parte destas vem apresentando alguns problemas que acabam por corroborar e oferecer argumentos aos críticos da disciplina. Isto chegou a ser discutido por ecolinguistas nos eventos, porém de maneira informal, não fazendo parte das publicações dos anais daqueles. Não citarei os trabalhos, tampouco os autores específicos, pois o objetivo desta introdução não é atacar alguém ou polemizar, mas apenas contribuir para os estudos da Linguística Ecolinguística, procurar sanar alguns de seus problemas, servir como um suporte aos ecolinguistas interessados e auxiliar os estudos linguísticos de Timor-Leste.

Os trabalhos que mencionei acima, acabo por dividi-los em dois grupos, com o intuito de os ecolinguistas repensar ou reparar os problemas existentes. O primeiro, trata-se de meros estudos do discurso que poderiam ser realizados por meio das teorias mais tradicionais, como a Análise do Discurso Crítica (ADC), já que não possuem nada de ecolinguístico propriamente dito, apenas de Análise do Discurso, não justificando ou justificando de maneira muito solta a presença de tais trabalhos dentro da Linguística Ecolinguística. Neste primeiro grupo incluem também trabalhos chamados de ecolinguísticos por seus autores, porém que caem no mesmo problema apresentado, são estudos linguísticos que poderiam ser muito bem conduzidos nas teorias ou áreas da Linguística (sociolinguística, gerativismo) e nos níveis de

análise linguística existentes (fonologia, morfologia, sintaxe), sem necessidade alguma de se apelar à Linguística Ecolinguística. Assim, seus autores acabam ‘jogando’ algo de meio ambiente ou de ecossistema no meio de seus estudos para justificar sua inclusão. O segundo grupo consiste em trabalhos que não versam sobre língua, mas sobre outros objetos de Realidade. Na verdade, tais trabalhos versam muito bem sobre ecossistemas, porém forçam em demasia o conceito de língua e de linguagem para classificar seus estudos como pertencentes à Linguística Ecolinguística, quando na verdade seriam apenas estudos ecolinguísticos, já que nada há de língua neles.

Os problemas acima apontados devem ser observados e corrigidos pelos próprios ecolinguistas, professores e estudantes ligados à Linguística Ecolinguística, já que não cabe ao presente autor ser o juiz de toda uma área de estudos. Deixo aqui esta ressalva de que o que foi exposto acima trata-se de uma observação e um conselho, nada mais que isto. Ademais, espero que com a publicação destes estudos, existentes nos capítulos deste livro, estes possam servir como uma espécie de guia ou exemplos a serem seguidos, ou apenas como uma simples inspiração, ou até mesmo um convite à reflexão ou à pesquisa ecolinguística.

Mas nem tudo é negativo. Seria muito injusto de minha parte enfatizar somente os problemas da Linguística Ecolinguística no Brasil, já que esta disciplina vem alcançando sucessos nas mais variadas instituições do país e do mundo também, bem como uma série de pesquisas estão sendo conduzidas e, da mesma maneira, avanços notáveis e significativos foram alcançados pelos ecolinguistas brasileiros tanto para a Ecolinguística, como para outras áreas afins (nos diversos ramos da Linguística e até mesmo na Biologia, Antropologia, Psicologia, entre outras), que possuem uma série de publicações de qualidade e que vêm organizando muitos eventos sobre o tema para dar continuidade aos grandes trabalhos que estão em andamento.

Como uma solução um tanto simplista, mas que dá certo, recomendo o retorno às origens e às bases da Ecolinguística. Os ecolinguistas agora dispõem de uma série de trabalhos originais de brasileiros, bem como um manual completo e de peso, que é o de Couto (2007), que pode ser somado à antologia com os principais trabalhos de Ecolinguística já publicados traduzidos ao português (COUTO et al., 2016). Em posse desses materiais, o ecolinguista possui tudo que precisava para iniciar seus estudos e seu trabalho de pesquisa. Ademais, a simplicidade que menciono é a seguinte, no lugar de se preocupar demais com o malogro da originalidade, nada mais simples, porém correto, do que não inventar e procurar seu objeto para a pesquisa ecolinguística focando nos falantes e no ecossistema deles, de preferência que estes sejam de conhecimento do pesquisador e estejam próximo a ele. Isto também não significa que o ecolinguista ficará limitado durante toda sua vida acadêmica. Vale a pena deixar temas mais complexos, a relação com outras áreas, a expansão da teoria etc. para um momento futuro, quando o ecolinguista estiver mais maduro e/ou já tiver alcançando resultados com seu objeto inicial, ou seja, nada mais do que uma caminhada do simples em direção ao complexo, o que é natural.

Este livro procurou, na medida do possível, seguir um passo a passo das soluções propostas acima. Espero que os leitores possam tirar algum proveito delas.

* * *

A presente obra está dividida em três partes, trata-se da reunião de artigos de minha autoria que versam sobre a Ecolinguística e que são frutos de uma pesquisa de quase uma década.

As partes são intituladas da seguinte maneira: *Parte I – Teoria; Parte II – Metodologia; Parte III – Aplicações*. A divisão não foi arbitrária, justificando-se pelo fato de

que na *Parte I – Teoria* estão dois capítulos que versam somente sobre aspectos teóricos e metodológicos, não apresentando nenhum objeto de estudo. No primeiro (*A metodologia em ecolinguística*), são discutidos alguns traços da metodologia ecolinguística, bem como uma proposta metodológica específica para a Linguística Ecolinguística. No segundo (*Fundamentação teórico-metodológica da Análise do Discurso Ecológica*), o mesmo é feito para a ADE, discute-se aspectos teóricos e metodológicos para esta área.

Na *Parte II – Metodologia*, os capítulos apresentam discussões metodológicas da Linguística Ecolinguística e seu diferencial é que em cada um deles um estudo de caso é conduzido para ilustrar e exemplificar como é feita a aplicação da metodologia proposta. O capítulo 3 (*O Ecosistema Linguístico Local de Timor-Leste: Ecologia do letramento e AIC*) apresenta uma descrição dos três Ecosistemas Linguísticos de Timor-Leste, bem como uma série de passos de como se deve analisar o impacto de uma língua estrangeira e das tecnologias sobre uma ecologia autóctone e também dos Atos de Interação Comunicativa (AIC). No capítulo 4 (*Ecologia do contato de línguas: metodologia e estudo de caso*), conforme o próprio título já adianta, há uma proposta para uma análise ecolinguística do contato de línguas e aplicação de tal proposta no ecossistema de Timor-Leste. No capítulo 5 (*As ciências cognitivas e a ecolinguística: uma contribuição para o estudo do Ecosistema Linguístico Mental*), são apontadas algumas relações entre as duas disciplinas e um exemplo de análise para a língua portuguesa, baseado na Neurolinguística e na Linguística Ecolinguística. O capítulo 6 (*Ecolinguística e funcionalismo: a dinâmica das línguas em Timor-Leste*) discute o conceito de ‘dinâmica e línguas’, conceito utilizado principalmente no Funcionalismo, e sua contribuição para a Linguística Ecolinguística.

A *Parte III – Aplicações* apresenta estudos Ecolinguísticos sobre o objeto estudado por mim, que é o Ecosistema Linguístico de Timor-Leste, especificamente a língua portuguesa neste ecossistema. O capítulo 7 (*Elementos para o estudo da ecolinguística de Timor-Leste*)

trata-se de um estudo antigo em que simplesmente são aplicados conceitos da Ecolinguística para o ecossistema de Timor-Leste. O capítulo 8 (*Língua e meio ambiente na literatura oral em Tetun, Timor-Leste*) analisa aspectos dos diferentes ecossistemas e seus reflexos na literatura leste-timorense. O capítulo 9 (*O sistema linguístico como sistema ecológico: um estudo da gramática Tetun (Timor-Leste)*) relaciona a gramática de uma língua com seu ecossistema, de certa forma um acaba por influenciar no outro, e para sustentar tais afirmações são apresentados alguns exemplos da língua Tetun, falada em Timor-Leste. Finalmente, o capítulo 10 (*Ecologia da mudança lexical do português de Timor-Leste*) estuda aspectos lexicais e semânticos do português falado em Timor-Leste e como as mudanças nesses níveis de análise linguística podem ser explicados por meio do ecossistema mental da língua e dos conceitos de adaptação e evolução linguísticas.

Os capítulos não foram meras reproduções de artigos já publicados, mas foram modificados para evitar repetições; criar umnexo entre os capítulos do livro; atualizar alguns resultados e referências, porém sem alterar a natureza dos resultados iniciais dos artigos mais antigos e dos produtos mais finalizados dos artigos mais recentes.

A seguir aponto as referências as quais cada capítulo se baseou:

Parte I – Teoria

- *Capítulo 1 – A metodologia em ecolinguística* em sua forma inicial foi uma comunicação apresentada ao “I Encontro Internacional e VII Encontro Nacional do GELCO” e publicado como: “Palavras iniciais sobre a metodologia em ecolinguística”. *Via Litterae*, v. 7, p. 131-142, 2015;
- *Capítulo 2 – Fundamentação teórico-metodológica da Análise do Discurso Ecológica (ADE)* foi publicado em coautoria: COUTO, E. K. N. N.; ALBUQUERQUE, D. B.

“Análise do discurso ecológica: fundamentação teórico-metodológica”. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 23, p. 485-509, 2015.

Parte II – Metodologia

- *Capítulo 3 – O Ecossistema Linguístico Local de Timor-Leste: Ecologia do letramento e AIC* foi apresentado como resultado parcial de minha tese de doutoramento ao “Seminário de Pesquisa do PPGL – UnB” e foi ampliado aqui com parte do capítulo 4 desta mesma tese;
- *Capítulo 4 – Ecologia do contato de línguas: metodologia e estudo de caso* é o somatório de três publicações anteriores. A primeira versão foi a comunicação ao “II EBE”, que foi desenvolvida em formato de artigo e ampliada como capítulo de livro: “Um estudo da ecologia do contato de línguas em Timor-Leste”. *ECO-REBEL - Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 1, p. 81-94, 2015, e “O estudo do contato de línguas e a ecolinguística”. In: COUTO, E. K. N. N.; ALBUQUERQUE, D. B. (Org.). *Análise do discurso ecológica no contexto da ecolinguística: teoria e aplicações*. Brasília: Thesaurus, 2015. p. 53-68;
- *Capítulo 5 – As ciências cognitivas e a ecolinguística: uma contribuição para o estudo do Ecossistema Linguístico Mental* é outro capítulo que foi publicado em coautoria: ALBUQUERQUE, D. B.; SCHMALTZ NETO, G. F. “As contribuições das ciências cognitivas para ecolinguística”. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 2, p. 106-121, 2016;
- *Capítulo 6 – Ecolinguística e funcionalismo: a dinâmica das línguas em Timor-Leste* este capítulo é o mais recente, pois foi apresentado como comunicação ao evento especial do “EBE – 10 Anos de Ecolinguística no Brasil” neste ano, 2017, e há uma

versão expandida em COUTO, Elza K. N. N. et al. *Linguística Ecosistêmica*. 10 Anos de Ecolinguística no Brasil. Campinas-SP: Pontes Editores, 2017, p. 191-204.

Parte III – Aplicações

- *Capítulo 7 – Elementos para o estudo da ecolinguística de Timor-Leste* é o artigo mais antigo, sendo o resultado inicial e parcial da pesquisa ecolinguística sobre Timor-Leste e mantive-o homônimo: “Elementos para o estudo da ecolinguística de Timor Leste”. *Domínios de Lingu@Gem*, v. 7, p. 21/3-36, 2010;
- *Capítulo 8 – Língua e meio ambiente na literatura oral em Tetun, Timor-Leste* este artigo foi uma incursão minha nos estudos literários e relacionei-os com a Ecolinguística: “Língua e meio ambiente na literatura oral em Tetun, Timor Leste”. *Language and Ecology*, v. 3, p. 1/1-18, 2011;
- *Capítulo 9 – O sistema linguístico como sistema ecológico: um estudo da gramática Tetun (Timor-Leste)* este capítulo já é de um artigo mais maduro e também foi apresentado em uma versão anterior em formato de comunicação ao I EBE: “O sistema linguístico como sistema ecológico: um estudo da gramática Tetun (Timor-Leste)”. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, p. 175-194, 2013;
- *Capítulo 10 – Ecologia da mudança lexical do português de Timor-Leste* este capítulo é a junção de uma comunicação ao “IV SIMELP” e de uma parte do capítulo 5 de minha tese de doutoramento.

* * *

Registro aqui meus agradecimentos àqueles que contribuíram com este trabalho e que, sem eles, não seria possível ter alcançado os frutos que obtive.

Agradeço, acima de tudo, a Deus e a minha família.

Agradeço também a Hildo Honório do Couto (UnB), mentor e amigo, que teve a ideia original deste trabalho.

A Rui Ramos (Universidade do Minho, Portugal), amigo que compartilha os interesses da Ecolinguística e de Timor-Leste também, além de ter se disponibilizado para escrever o belo prefácio a este livro.

A Gilberto Paulino Araújo (UFT), grande amigo e parceiro nas empreitadas ecolinguistas.

Aos amigos do NELIM-UFG, especialmente a Elza K. N. N. do Couto (UFG), Fred Schmaltz (UnB), Samuel Silva (UFG) e Zilda Dourado (UEG/ UFG).

Parte I

Teoria

CAPÍTULO 1.

A METODOLOGIA EM ECOLINGUÍSTICA

Introdução

A ecolinguística é uma disciplina recente, surgindo na década de 1970, sendo considerado o ‘pai’, o linguista Haugen (1972), que, apesar de não empregar o termo ‘ecolinguística’, nesta publicação citada, propôs uma análise ecológica das línguas, em que se levam em consideração as interações entre aspectos linguísticos e do meio ambiente. Desta maneira, a ecolinguística pode ser definida como o estudo das relações entre a língua e seu meio ambiente, conforme vários ecolinguistas a definem até os dias de hoje, como Mühlhäusler (2003) e Couto (2007).

Atualmente, a ecolinguística possui diferentes vertentes teóricas, sendo as principais: ecolinguística crítica (GOATLY, 2001; HALLIDAY, 2001; TRAMPE, 2001); análise do discurso ecocrítica (RAMOS, 2004, 2009; ALEXANDER, 2009); linguística ambiental (HARRÉ, BROCKMEIER e MÜHLHÄUSLER, 1999; RAMOS, 2009); ecolinguística dialética (BANG e DØØR, 2007); linguística ecossistêmica (TRAMPE, 1990; BASTARDAS I BOADA, 1996; FINKE, 1996; STROHNER, 1996; COUTO, 2007, 2009) e ecologia das línguas (HAUGEN, 1972; CALVET, 1999; COUTO, 2009). Além disso, a ecolinguística também apresenta diferentes modelos teóricos, como: o modelo gravitacional (CALVET, 1999), o modelo evolucionário (MUFWENE, 2001, 2008), o modelo da gramática pragmo-ecológica (MAKKAI, 1993), entre outros.

As análises conduzidas dentro da ecolinguística são realizadas de maneira diversificada procuram alcançar os mais variados objetivos. Isto faz com que os críticos dessa disciplina acabem por usar isso como um argumento, afirmando que a ecolinguística não possui uma teoria, nem uma metodologia, própria e bem desenvolvida, como o fez Ostler (2001). Em Nash (2011a, p. 85), há uma breve discussão a respeito disso. Nash (2011a), mesmo sendo um ecolinguista, de origem australiana, acaba por concordar em parte com tal argumento, já que a própria teoria ecolinguística ainda não foi apresentada de maneira clara e objetiva, bem como não há um número substancial de estudos de caso.

A respeito das críticas mencionadas acima, é adotado aqui o argumento de Couto (2013, p. 282), assim como sua proposta, de que a ecolinguística é uma ciência que tem uma visão abrangente de seu objeto de estudo, ou seja, uma visão holística da linguagem, e acaba por não se limitar à visão newtoniana-cartesiana tradicional. Assim, ela não precisa necessariamente ter uma visão única de seu objeto, nem metodologia própria.

Porém, a discussão sobre a metodologia em ecolinguística é recente e vai mais além, conforme será apresentado no presente trabalho cujo objetivo é analisar as propostas metodológicas existentes para a ecolinguística.

Desta maneira, serão analisadas as quatro propostas principais que, de alguma maneira, apresentaram contribuições significativas à ecolinguística, sendo as seguintes: Garner (2004) com a visão da ecologia linguística não metafórica; Bang e Døør (2007), com a linguística dialética, ou ecolinguística dialética, que apresenta um modelo de análise de diálogos e textos, enfatizando alguns aspectos estruturais e ideológicos comuns em toda interação dialógica; Couto (2007, 2013) com a ecometodologia, baseada na multimedologia; Nash (2011, 2011a, 2013), com a proposta de trabalho de campo ecolinguístico e o minimalismo empírico.

Assim, de acordo com o que foi exposto anteriormente, este capítulo se encontra dividido da seguinte forma: após a introdução, será conduzida a análise das propostas metodológicas para a ecolinguística, em (1), seguindo a ordem cronológica em que foram publicadas (GARNER, 2004; BANG e DØØR, 2007; COUTO, 2007, 2013; NASH, 2011, 2011a, 2013), seguida pelas considerações finais, em (2).

1 – As propostas de metodologia ecolinguística

Garner (2004) dedicou sua obra a uma visão ecológica da língua, bem como possui um artigo em que publica suas ideias de maneira mais resumida (GARNER, 2005). De maneira distinta de muitos autores que versam sobre a relação entre ecologia e linguística, Garner (2004) chama atenção para o fato de que as ideias de ecologia linguística originais de Haugen (1972) não foram exploradas devidamente, principalmente porque os conceitos ecológicos eram empregues metaforicamente. Assim, sua principal contribuição foi abordar a ecologia linguística de maneira não metafórica, já que para ele “a língua é um aspecto essencial da função que, nós humanos, assumimos na ecologia do planeta” (GARNER, 2004, p.33). Para este ecolinguista, a língua também faz parte do meio ambiente e a “natureza da língua e o papel que ela desempenha nas comunidades humanas surgem de fatores ecológicos” (GARNER, 2004, p.34), assim, para poder estudá-la, deve-se pensar de uma maneira ecológica.

Desta maneira, a preocupação de Garner (2004) era de estudar a língua ecologicamente, empregando este termo de maneira não metafórica, encarando a língua como um elemento natural que faz parte da humanidade e que é inerente aos processos de comunicação, de comunidade, de sociabilidade e da cultura.

A metodologia desse autor, que não se encontra explícita nas obras citadas (GARNER, 2004, 2005), mas é possível inferi-la por meio das análises da língua inglesa feitas na obra.

Esta metodologia consiste em, a partir dos dados de uma língua específica, relacionar os processos estruturais e comunicacionais dessa língua, como: a gramática, as regras, a standardização, o significado, a fala, a variação e a criatividade, tendo uma visão ecológica deles, bem como observando as repercussões ecológicas e/ou a natureza ecológica desses processos.

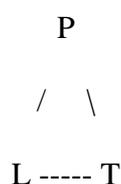
Bang e Døør (2007) têm praticado a linguística dialética, também conhecida como ecolinguística dialética, que se baseia em uma série de pressupostos teóricos e ideológicos do marxismo. Para esses autores, a unidade mínima da linguística é o diálogo, podendo até ser estendida ao texto. No diálogo, são existem três participantes: o falante, o ouvinte e o observador, bem como a língua, que se caracteriza como diálogo, apresenta como uma atividade dialética, possuindo três dimensões de referência e três eixos de contradições em sua práxis que são as bases para sua análise.

A metodologia proposta por Bang e Døør (2007) consiste na observação e análise no diálogo das três dimensões de referência e da práxis, mencionadas anteriormente. As três dimensões da referência são: a lexical, que diz respeito ao *co-texto social e individual*, ou seja, ao léxico e a gramática; a anafórica, que diz respeito ao *in-texto*, fazendo referência aos processos de catáfora e anáfora; a dêitica, a dimensão de tempo, pessoa e lugar, que equivale ao *con-texto*. As três contradições da práxis da linguagem são: a ideo-lógica, consiste nas dimensões mentais e espirituais da prática da linguagem; a bio-lógica, está relacionada com os processos e as relações corporais do ser humano; a sócio-lógica, os seres humanos são organizados em sociedade e todas as suas atividades, incluindo o diálogo, são influenciados por ela.

Em Couto (2007), que consiste em um manual de ecolinguística, o autor postula sua teoria ecolinguística da Ecologia Fundamental da Língua (EFL), ou Ecossistema Fundamental da Língua, que equivale ao conceito da comunidade falante da língua. A EFL é formada pela

Linguagem (L), pelo Povo (P) falante da L e o território (T) onde o P reside e fala a L. A tríade P-L-T é análoga ao signo semiótico de Peirce e é melhor representada graficamente de maneira triangular, de acordo com a Fig. 1, sendo que na posição do ápice do triângulo está localizado o P, indicando que a relação entre L e T é mediada por P.

FIGURA 1. Ecosistema Fundamental da Língua (COUTO 2007, p. 91, adaptado)



A metodologia encontrada na obra de Couto (2007) é uma forma embrionária de sua proposta multimetodológica, que foi formulada somente em Couto (2013). No decorrer de toda obra de Couto (2007), é possível perceber a ênfase que é dada à coleta de dados em campo, feitas pelo autor em diferentes localidades, em épocas distintas e para a realização de várias pesquisas. Assim, a metodologia consiste na coleta e na análise inicial dos dados de acordo com as teorias linguísticas tradicionais. A partir daí, com os dados e os resultados obtidos nas pesquisas anteriores, faz-se uma nova interpretação deles, com base na teoria ecolinguística, verificando as inter-relações entre os elementos de L, P e/ou T, de somente uma dessas categorias (as relações dentro de L, ou somente dentro de P, ou somente dentro de T), como se dão as relações na EFL, entre outros temas.

O posicionamento de Couto (2013) é de que a ecolinguística é uma ciência que apresenta uma nova maneira de ver e de estudar o fenômeno da linguagem, de maneira distinta da visão mecanicista tradicional. A metáfora utilizada pelo autor é aquela do observador na casa, que pode olhar a paisagem em uma janela e ter uma visão específica dela,

depois se for a outra janela em outro cômodo da casa terá outra visão detalhada da paisagem, e são essas visões da janela que equivalem às diferentes teorias linguísticas tradicionais ou atuais, que apresentam uma visão detalhada de somente uma parte específica da língua. A ecolinguística equivale à visão do observador que se encontra no telhado da casa e pode olhar a paisagem como um todo. Porém, Couto (2013, p. 282) enfatiza que, mesmo com essa visão do todo, a ecolinguística não é uma ciência ou teoria que estuda tudo (*theory of everything*), mas é uma visão holística da linguagem, que pode usar certos recursos de outras disciplinas para se estudar um fenômeno linguístico específico.

Dando continuidade a sua proposta, Couto (2013, p. 291) afirma não ser válido falar de uma metodologia ecolinguística, já que o ecolinguista acaba por fazer uso da metodologia de outras disciplinas, chamadas de disciplinas parcelares, e as interpretações dos dados e das análises é que seguirão os conceitos da ecolinguística, considerando, assim, a metodologia da ecolinguística como multimetodológica por causa de seu caráter interdisciplinar e multidisciplinar. Vale a pena lembrar que a multimetodologia já vem sendo utilizada em outras áreas do saber, como o autor salienta também neste mesmo artigo citado, principalmente na psicologia ambiental, como nos artigos de Günther e Rosestraten (2005) e Günther, Elali e Pinheiro (2008) que definem multimetodologia e defendem sua aplicação nos estudos da psicologia ambiental.

De acordo com Günther, Elali e Pinheiro (2004, p. 7), na multimetodologia “é recomendável que os instrumentos empregados forneçam informações sobre aspectos complementares do fenômeno”. Os autores continuam, afirmando que:

A maior dificuldade nesse sentido diz respeito à seleção e ao tratamento das informações obtidas (geralmente em grande quantidade) e, sobretudo, ao empenho para buscar aspectos nos quais as mesmas se complementam e se confrontam entre si, de modo a compreender holisticamente a realidade. (GÜNTHER, ELALI e PINHEIRO 2004, p. 7)

Em outras palavras, os autores discutem que um ponto crítico na abordagem multimetodológica é a escolha dos métodos a serem utilizados para se investigar o objeto de estudo específico, pois esses métodos não podem ser aleatórios, devendo haver uma relação, principalmente de complementação, entre eles para que, por meio dos diferentes métodos, o pesquisador possa alcançar o mesmo objeto e as mesmas conclusões, usando somente caminhos distintos. Isso requer que o investigador elabore um planejamento de quais métodos serão empregados, podendo haver até uma hierarquização ou classificação deles, mas que no final os resultados serão mais profícuos do que uma investigação que empregou apenas um único método, conforme os próprios autores, Günther, Elali e Pinheiro (2004, p. 7), explicam:

O pesquisador interessado na abordagem multimétodos pode aplicar uma classificação (...) para definir os métodos de coleta e análise de dados a serem empregados, assegurando-se que boa dose de complementaridade entre eles já estaria garantida de saída. Ele estaria bem encaminhado para atingir um patamar de qualidade muito superior ao de uma análise unimetodológica.

De maneira distinta, Nash (2011, 2011a, 2013) realiza uma investigação sobre os topônimos das ilhas de Norfolk e Kangaroo. A preocupação maior do ecolinguista durante sua pesquisa foi a de elaborar uma metodologia e um processo de coleta de dados que estivesse mais em conformidade com os pressupostos ecolinguísticos, além da própria análise dos dados. Sua contribuição maior para a metodologia da ecolinguística foi a de elaborar duas propostas de metodologia importantes, são elas: o trabalho de campo ecolinguístico e o minimalismo empírico.

Em Nash (2011), em sua tese de doutorado, o autor acaba por dedicar um capítulo inteiro à questão da metodologia em ecolinguística e explicita sua concepção do que é o trabalho de campo ecolinguístico, que segue uma metodologia própria, diferente do trabalho de campo na teoria linguística tradicional. Assim, o autor explica as características do que ele chama de trabalho de campo ecolinguístico (ing. *ecolinguistic fieldwork*), que leva em

consideração a relação entre a comunidade, os informantes, o pesquisador e a pesquisa, sendo fundamental a relação entre os elementos humanos, os informantes e o pesquisador, e entre o pesquisador e sua inserção na comunidade, que possa a interagir com ela, entendê-la e fazer parte dela, conhecendo melhor as ecologias social e física, que são análogas aos ecossistemas sociais e físicos de Couto (2007, 2013).

Assim, para Nash (2011, p. 221), o pesquisador ao interagir e conquistar a confiança da comunidade, a ponto de fazer parte dela, passa a interagir na ecologia social e na ecologia natural, já que, ao estar inserido na comunidade pesquisada, o pesquisador passa a empregar a língua local em seu dia a dia e a praticar as categorias de significação também locais:

Outro fator a ser levado em conta, segundo Nash (2011, p. 90) é que a coleta de dados que segue o trabalho de campo ecolinguístico ocorre de maneira informal e natural, pois o pesquisador ao conviver com a comunidade e os informantes, fazendo parte dela acaba por obter dados por meio de diálogos e interações do cotidiano. Esta proposta metodológica de Nash (2011) é retomada posteriormente por ele em Nash (2013, p. 37).

Tudo o que se afirmou a respeito da metodologia do trabalho de campo ecolinguístico até agora está em acordo com as visões de mundo orientais, conforme Couto (2012) apresenta, ao relacionar o taoísmo com os estudos da linguagem², assim como também em Capra (1998, 2002), ao perceber que os avanços da teoria quântica e da teoria da relatividade possuem traços semelhantes ao misticismo oriental. Couto (2013, p. 116) também aponta que no início do século XX alguns pensadores, como Husserl (1963) e Bachelard (1979, 1996) já consideravam a inclusão do observador na investigação, assim como no fato de qualquer objeto estudado pela ciência na realidade não é uma unidade simples que pode ser decomposta em unidades menores.

² Em Stibbe (2003), o ecolinguista inglês também aponta relações entre estudos da linguagem contemporâneos, como a ecolinguística, com o misticismo oriental antigo e a teoria do construcionismo social. O autor faz críticas aos modelos linguísticos tradicionais, enfatizando a semântica formal.

A ecolinguística encara o fenômeno da linguagem da mesma maneira, como uma série de interações e inter-relações que estão conectadas umas com as outras, fazendo com que o estudo de uma parte separada (um único fenômeno linguístico específico) seja uma abstração que, além de não se relacionar com o objeto de estudo como um todo, não está de acordo com a realidade, que é a língua em uso por seus falantes.

Resumindo, é possível perceber que tanto na ecolinguística, como na visão de mundo oriental a qual vêm influenciadas as revoluções científicas contemporâneas, há uma mudança do foco de interesse e objetivos de investigação, no lugar de se estudar os objetos, como na visão tradicional mecanicista, estudar-se-ão as relações (BATESON, 1979), da mesma maneira de que no lugar de se eliminar a importância do pesquisador/observador como uma figura neutra, leva-se em consideração sua perspectiva como experienciador das relações a serem estudadas por ele.

Finalmente, em Nash (2011a, p. 94), é exposta a proposta chamada por ele de minimalismo empírico. Este procedimento consiste na escolha de um objeto de estudo reduzido por parte do pesquisador para que possa ser melhor estudada a maior parte das inter-relações que ocorrem dentro do ecossistema escolhido para investigação. Outro fator digno de nota é que Nash (2011a, p. 95) ao postular que cada ecologia é única, e que ao se realizar estudos de caso em ecolinguística não se pode fazer generalizações, o autor acaba por instigar os ecolinguistas a conduzirem mais estudos de caso que descrevam os ecossistemas linguísticos locais, chamados por ele de ecologia de língua (*language ecology*), e valorizar o conhecimento produzido por tais investigações.

2 – Considerações finais

Ao se realizar uma avaliação das propostas de metodologia para a ecolinguística a que se apresenta como a mais apropriada é a multimetodologia (COUTO, 2013), também

conhecida como ecometodologia, ao ser adaptada à abordagem ecológica da linguagem. Tal avaliação se justifica por diversos fatores, sendo os principais algumas falhas encontradas nas demais propostas discutidas neste trabalho.

A seguir serão enumerados alguns pontos da avaliação feita pelo presente autor. A linguística dialética (BANG e DØØR, 2007) e a proposta de Garner (2004) apresentam limitações por focarem somente em diálogos e textos escritos. O que torna essas metodologias inapropriadas para analisar outros tipos de empregos da língua, bem como outras interações comunicativas.

A linguística dialética também apresenta uma carga ideológica grande ao firmar suas bases teóricas no marxismo. A ideologia marxista tem pelo menos três características que são inaceitáveis em uma visão ecológica do mundo: o conflito, a ditadura do proletariado e o antropocentrismo. Digno de nota, é que as duas primeiras características estão ligadas à luta de classe, ou seja, enfatizam a desarmonia e a luta entre os seres humanos, enquanto a terceira característica, o antropocentrismo, destaca o valor e a importância da espécie humana sobre as demais, assim todas essas características estão em conflito com a visão ecológica de mundo, que é a favor da harmonia, da paz, do convívio e da manutenção da vida.

O trabalho de campo ecolinguístico e o minimalismo empírico (NASH, 2011, 2011a, 2013) apresentam características que estão em harmonia com a visão ecológica de mundo, bem como uma série de preocupações com a teoria ecolinguística, porém a preocupação de ambas as propostas é apenas com o processo de coleta de dados. O que torna tal proposta extremamente limitada, já que quase não contribui com aspectos da interpretação e análise dos dados coletados.

Finalmente, mesmo com a ecometodologia sendo apontada aqui como a proposta metodológica mais eficaz para a ecolinguística, o presente autor reconhece que se faz necessário ampliá-la, bem como refiná-la, por meio do desenvolvimento de alguns aspectos

teóricos da multimetodologia, para que esta se torne mais clara aos investigadores. Deve-se levar em conta também que estes aspectos teóricos devem ser discutidos e desenvolvidos com base em um número maior de estudos de caso ecolinguísticos, ou seja, pesquisas que façam uso da ecometodologia na prática. Assim, a partir daí, os ecolinguistas poderão expandir a teoria da ecometodologia, bem como os benefícios e as características de como aplicá-la.

CAPÍTULO 2.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOLÓGICA (ADE)

Introdução

No campo dos estudos dos discursos, observa-se que as teorias linguísticas e de discurso acabam por contemplar aspectos linguístico-discursivos específicos e não encaram o processo enunciativo como um todo. O objetivo deste capítulo é apresentar a Análise do Discurso Ecológica (ADE) para auxiliar essas ciências a descrever e analisar esse processo.

Assim, discutiremos os aspectos teóricos e metodológicos da ADE, visando divulgar esta disciplina recente, que é uma aplicação da linguística ecossistêmica que, por sua vez, é parte da ecolinguística. Desta maneira, após a introdução, serão apresentados os pressupostos filosóficos e ecológicos da ADE, na seção (1); em (2), a teoria da linguística ecossistêmica; em (3), serão discutidos os aspectos teóricos da linguística e das diferentes teorias da análise do discurso em que a ADE se baseia; em (4), serão apontados alguns procedimentos de análise para a ADE; finalmente, em (5), serão feitas as considerações finais.

A análise do discurso ecológica (ADE) que apresentamos está no seio da linguística ecossistêmica, que é uma parte da ecolinguística praticada no Brasil, em torno do que passou a ser chamado de Escola Ecolinguística de Brasília, nascida na Universidade de Brasília, e ligada ao NELIM, *Núcleo de estudos de imaginário e ecolinguística*, da Universidade Federal de Goiás (Goiânia). Por esse motivo, um nome alternativo para ela é linguística ecossistêmica crítica. A ADE foi proposta pela primeira vez em Couto (2013) de maneira um tanto

exploratória. Vale a pena citar Alexander e Stibbe (2014), que também falaram em ADE, aparentemente sem conhecer Couto (2013). Em Couto (2014), ela foi desenvolvida de modo mais elaborado.

1 – Pressupostos filosóficos e ecológicos da ADE

Apresentaremos de forma sumária algumas das principais fontes de inspiração para a ADE. De maneira evidente, a primeira delas é a visão ecológica de mundo (VEM), que perpassa tanto a linguística ecossistêmica, como a ecolinguística em geral. Isso faz com que o praticante, ou qualquer simpatizante da ecolinguística, encare o mundo de modo diferente, do ponto de vista ecológico, *from an ecological point of view*, nas palavras do ecolinguista e filósofo da linguagem alemão Peter Finke. Com esta visão, Finke se opõe ao ponto de vista lógico do filósofo americano Willard Quine, que falava *from a logical point of view*. O simpatizante da VEM procura inclusive usar uma linguagem que não induza a depredação da natureza, como pode ser visto em diversas publicações ecolinguísticas. Assim, este tipo de linguagem é chamado por Matos et al. (2014) de ‘ecolinguagem’, que não é propriamente uma linguagem ecologicamente correta, mas a linguagem que expressa a visão ecológica de mundo.

A base de tudo na VEM é a macroecologia, sobretudo via ecologia biológica e ecologia linguística, sendo esta última uma designação alternativa para linguística ecossistêmica. Os conceitos básicos da ecologia são discutidos em diferentes publicações a respeito da linguística ecossistêmica, como em Couto (2007, 2013, 2014), e também serão apontados a seguir e na seção (2) deste capítulo.

O primeiro desses conceitos é o de ecossistema, ao lado de todas as suas propriedades e características. As principais delas são: interação, diversidade, adaptação, abertura/porosidade, evolução (sucessão ecológica), reciclagem, sustentabilidade e visão de

longo prazo. Há também as relações harmônicas, que levam à comunhão, consistindo em um conceito muito importante para a teoria da linguística ecossistêmica, junto a outros, como: relações desarmônicas, mutualismo, inquilinismo, parasitismo etc. sendo estes conceitos nada mais do que os tipos de interações que ocorrem entre as espécies no ecossistema.

É possível perceber que na ecologia geral, bem como em suas vertentes filosófica, sociológica etc., grande parte dos conceitos necessários para efetuarmos estudos críticos sobre textos/discursos sobre diversos assuntos (não apenas textos ambientais, antiambientais ou pseudoambientais) já se faz presente. Atualmente, não há necessidade para temer o biologismo, pois à medida que usamos a ecologia geral como base para os estudos culturais (e linguísticos), assumimos o ponto de vista da vida, estudado pela biologia, que, juntamente com a ecolinguística, faz parte da macroecologia.

Sobre a ecologia filosófica, restringir-nos-emos à ecologia profunda (EP), também conhecida como ecofilosofia, ou ecosofia, proposta pelo filósofo norueguês Arne Naess (1912-2009). Em Naess (1973), há uma espécie de manifesto do movimento, distinguindo a ‘ecologia profunda’, que vai à raiz dos problemas, sem subterfúgios e sem concessão à ganância econômica, da ‘ecologia rasa’, que defende o meio ambiente até onde essa defesa não contraria interesses econômicos. Posteriormente, o autor propôs o que chamou de ‘Plataforma do Movimento da Ecologia Profunda’, reproduzida em Couto (2012, p. 55-56), em um capítulo inteiramente dedicado a este tema. Entre as ideias apropriadas pela ADE está a de defender a vida, qualquer tipo de vida, de todos os seres, de qualquer maneira. Outro ponto central é que a EP deve ser não apenas descritiva, mas também prescritiva. O termo ‘prescrição’ parece um tanto forte, por isso, podemos substituí-lo por algo como ‘recomendação’, ou ‘intervenção em defesa da vida’ (NAESS, 1989).

Outra influência sobre a ADE é o taoísmo, sobre o qual se pode começar lendo Couto (2012), em que são discutidos os principais aspectos teóricos do tema. Ele mostra que nós

somos seres vivos no mínimo tridimensionais, compostos de corpo (natural), mente (mental) e espírito. Este último aspecto compreende tudo que transcende o físico e, até certo ponto, o mental e social. Na prática de *tai chi chuan*, por exemplo, que segue essa filosofia, diz-se que, como as árvores, somos uma espécie de ligação entre o céu (*yang*) e a terra (*yin*), uma vez que nossos pés estão firmemente baseados na segunda e nossa cabeça se dirige para o primeiro. Como a ecologia profunda, o taoísmo recomenda antes de tudo a harmonia, que é seu conceito central, e, a partir deste conceito, vários outros são derivados, como: tolerância, humildade, prudência etc.

A ecologia social de Murray Bookchin também influenciou a ADE. Ela defende a ideia de que grande parte dos problemas ambientais e ecológicos é de base social, ou seja, criados por nossa sociedade (BOOKCHIN, 1993). Portanto, cabe à sociedade resolvê-los, se quiser continuar sobrevivendo. Outra ideia interessante de Bookchin é que a cultura provém da natureza, sendo que isto está em concordância com o que Finke (2001) apresenta em sua teoria ecolinguística.

2 – A linguística ecossistêmica

A linguística ecossistêmica foi exposta inicialmente em Couto (2013), porém ela já se encontrava em fase embrionária na obra anterior do mesmo autor (COUTO, 2007), que é um amplo manual de ecolinguística. Em sua proposta teórica da ecolinguística, Couto (2007) enfatiza a importância de três elementos: a língua (L), o povo (P) e o território (T), chamados de Ecologia Fundamental da Língua (EFL), sendo estes três elementos ligados aos três meios ambientes (MA): o MA social, o MA mental e o MA natural.

Assim, a EFL, que pode ser tanto a Ecologia Fundamental da Língua, como o Ecossistema Fundamental da Língua, equivale ao conceito da comunidade falante da língua,

ou comunidade de língua, enquanto a comunidade de fala é semelhante ao ecossistema linguístico local (COUTO, 2013).

A EFL é formada por (L) que é falada por um (P) e que reside em um território (T). A tríade P-L-T é análoga ao signo semiótico de Peirce e é melhor representada graficamente de maneira triangular, de acordo com a Fig. 1 no capítulo anterior, sendo que na posição do ápice do triângulo está localizado o P, indicando que a relação entre L e T é mediada por P. Vale lembrar que o próprio autor, em Couto (2007, p.91), chama atenção de que seu modelo de certa forma tem outros ecolinguistas como precursores, destacando-se Trampe (1990) que aponta o uso das três categorias P, T e L, já sendo utilizada pela psicologia, e por Døør e Bang (2001), que falam a respeito das dimensões ideo-lógica (mental), sócio-lógica (social) e biológica (natural) da linguagem.

A linguística ecossistêmica segue a proposta da EFL e da interação comunicativa de Couto (2007), sendo desenvolvida apenas dando maior ênfase ao ecossistema, já que tem como base o EFL e também os ecossistemas integrantes e correlatos aos respectivos MAs citados, a saber: o ecossistema social da língua, o ecossistema mental da língua e o ecossistema natural da língua.

Os pressupostos teóricos da linguística ecossistêmica são os mesmos da ecologia biológica, por isso é que este ramo da ecolinguística se destaca, ao trabalhar com os conceitos da ecologia de maneira não metafórica, sendo eles: meio ambiente, ecossistema, holismo, inter-relações, adaptação, evolução, porosidade, diversidade e visão de longo prazo.

O conceito de ‘meio ambiente’ é um dos pilares da ecolinguística. Desta maneira, ‘meio ambiente’ é entendido aqui como o local onde ocorrem as interações linguísticas, e como se dão estas interações será explicado mais adiante, quando for definido o que são as ‘inter-relações’. Já o ‘ecossistema’ é o conjunto maior onde estão localizados os diferentes ‘meio ambientes’ e onde ocorrem as várias ‘inter-relações’. Assim, ecossistema pode ser

definido como um composto de população de organismos e suas diversas interações entre si e com o respectivo habitat. O ‘holismo’ consiste no fato de o investigador delimitar um ecossistema e encará-lo como um todo, estudando uma espécie, ou um espécime, e as inter-relações que esse espécime, ou espécie, mantém no interior de todo o ecossistema (COUTO, 2013). As ‘inter-relações’ são definidas como a série de interações que ocorre dentro do ecossistema, sendo elas de três tipos principais: dos componentes bióticos entre si, entre os componentes bióticos e abióticos, e dos componentes abióticos entre si. A ‘adaptação’ consiste basicamente nas modificações feitas para a sobrevivência das espécies em relação a mudanças no ecossistema, ora as espécies se adaptam ao meio ambiente se modificando, ora adaptam o meio ambiente modificando-o. A ‘evolução’ está intimamente ligada ao conceito de ‘adaptação’. Segundo a teoria linguística atual, a língua apresenta variação e mudança, no decorrer da história, caso não tivesse esse caráter dinâmico/evolutivo, seria um instrumento incapaz de saciar as necessidades do falante, já que rapidamente, ou seja, em uma geração ou duas, ela se tornaria obsoleta. O conceito de ‘porosidade’ está ligado ao difícil processo de delimitar o objeto de estudo, já que no mundo real não há fronteiras claras e bem definidas, na realidade se encontram regiões e/ou situações mais centrais e prototípicas, que podem ser usadas para ilustrar adequadamente os fenômenos estudados, e regiões e/ou situações que se tornam confusas, menos evidentes, para o processo investigativo. A ‘diversidade’ consiste no processo de estudar e valorizar a importância do grande número existente de espécies pelo mundo. O fato principal de se valorizar a ‘diversidade’ é que cada espécie possui seu respectivo papel dentro do ecossistema, ou até dentro da grande teia de relações do planeta, a hipótese de Gaia. A ‘visão de longo prazo’ é análoga à sustentabilidade, consistindo no mínimo, ou nenhuma, de intervenção na natureza para a solução de problemas, já que esses supostos problemas, além de muitas vezes ser problemas somente sob o ponto de vista humano, seriam solucionados naturalmente, seguindo o ritmo da própria natureza.

3 – Bases linguístico-discursivas da ADE

A ADE também tem como base, assim como faz uso, de uma série de pressupostos teórico-metodológicos das diferentes correntes da análise do discurso (AD). Este fato em nada desvaloriza esta disciplina, ao contrário, acaba por torná-la em consonância com as teorias científicas mais atuais, que trabalham com sistemas complexos e possuem caráter multidisciplinar, buscando até mesmo em uma fase posterior de seu desenvolvimento alcançar uma abordagem transdisciplinar. As teorias que possuem ligação com ADE, são a análise do discurso tradicional, a análise do discurso crítica (ADC) e análise do discurso positiva.

A análise do discurso positiva (ADP) inspirou a ADE. Ela foi proposta no seio da ADC e possui certos pressupostos que são válidos para a ADE. De acordo com Martin (2004), a ADC é “necessariamente negativa”. Por isso, ele sugere que se assuma uma atitude mais “positiva”, no sentido de fazer do mundo um lugar melhor. Segundo o mesmo autor, a ADC “está fortemente influenciada pela teoria social e está socialmente comprometida, de modo que seu objetivo é preferencialmente ‘problemas’ como, por exemplo, desigualdades de gênero, discriminação, racismo, hegemonias políticas, direitos das minorias etc.” (MARTIN, 2004, p. 182). Martin (2004) afirma que o lado negativo existe realmente, mas não custa nada procurar ver o mundo de outro modo, pelo lado positivo. Isso lembra um dos princípios da ADE, já apontado anteriormente, que é a defesa da vida. Sobre a ADP, pode-se consultar ainda Martin (2006) e Vian Jr. (2010).

A ADE tem pelo menos simpatia pela linguística integracional, de Roy Harris, da qual também sofreu influências. Entre outras coisas, ele defende a tese de que a comunicação não é uma transmissão automática de sinais de um emissor a um receptor, consistindo, na verdade, da criação de condições que permitam aos interlocutores chegarem por si a possíveis interpretações, na dependência do contexto, que é de caráter aberto e dinâmico. Para Harris,

essa abertura desafia e infringe possíveis regras e códigos impostos de fora para dentro. Assim, é possível perceber que Harris (1998) valoriza o que a linguística ecossistêmica chama de ecologia da interação comunicativa (EIC) e o cenário. Desta maneira, o objetivo geral é ir contra o segregacionismo, exatamente como almeja a VEM (HARRIS, 1998).

A análise do discurso tradicional, bem como a ADC³, enfatiza sempre a ‘ideologia’ e as ‘relações de poder’. Isso é muito importante, no entanto, a ideologia no caso é a marxista. Ora, a ideologia marxista tem pelo menos três características que contrariam uma visão ecológica de mundo: o conflito, a ditadura do proletariado e o antropocentrismo. Digno de nota, é que as duas primeiras características estão ligadas à luta de classe, ou seja, enfatizam a desarmonia e a luta entre os seres humanos, enquanto a terceira característica, o antropocentrismo, destaca o valor e a importância da espécie humana sobre as demais, assim todas essas características estão em conflito com a visão ecológica de mundo, que é a favor da harmonia, da paz, do convívio e da manutenção da vida.

Repetindo, a ADE, ao contrário da análise do discurso tradicional, põe a ênfase na defesa da vida na face da terra e em uma luta contra tudo que possa trazer sofrimento. O sofrimento e a dor são, de certa forma, uma proteção que os seres vivos têm contra a morte: fisicamente, principalmente pela fisiologia do sistema nervoso, a dor serve como estímulo negativo que provoca a repulsa, o distanciamento, protegendo o corpo; mentalmente, o cérebro, ou centro nervoso, possui uma rede complexa que está associada ao balanceamento químico do organismo e com o restante do sistema nervoso, gerando sensações de desconforto, mal-estar, tensão etc. que servem como uma espécie de alarme sensorial que também protege o corpo. Porém, deve-se levar em consideração que a morte existe para dar

³ Quando ocorre no texto o termo ‘análise do discurso tradicional’ estamos nos referindo à análise do discurso pechêutiana, principalmente por tratar de temáticas como a ideologia, o marxismo e várias outras relacionadas com as ciências sociais, humanas e políticas, conforme pode ser visto em Pêcheux (1995). Em relação à ADC, alguns conceitos marxistas são retomados, porém de acordo com outra abordagem, bem como uma série de novos parâmetros para a análise são inseridos. Sobre a ADC, ver a obra de Fairclough (2001).

continuidade à vida, para que a natureza recicle a matéria de um ser utilizando-a em outros seres e, simultaneamente, no processo de reciclagem de matéria novos elementos químicos são gerados. Assim, nas situações em que dor, sofrimento e morte podem ser evitados, ou seja, situações em que são causados artificialmente, devemos evitá-los. Vale lembrar que devemos interferir ao mínimo no curso da natureza, caso a dor, o sofrimento e a morte sejam naturais⁴. É o que sugere a ADE. É nesse sentido que deve ser entendido o prescritivismo, que a ADE herdou da ecologia profunda.

Em conformidade com as categorias da linguística ecossistêmica, e uma vez que somos seres não apenas animais, mas também temos uma vida psíquica e vivemos em sociedade, devemos fazer distinção entre sofrimento físico (natural), mental e social. O sofrimento físico ocorre quando há ferimentos, mutilações ou outro tipo de agressão física. Todo sofrimento físico é um movimento na direção da morte, que é o sofrimento físico máximo. Procurar a autorrealização é evitá-los ou ir contra eles. É preciso, porém, esclarecer que há graus de sofrimento. Um beliscão (físico) pode ser muito menos intenso do que uma tortura mental, xingamentos, assédios etc. Ser difamado e desmoralizado perante a comunidade também é um sofrimento social bem mais forte do que um beliscão.

Se um estudioso de ADE for analisar um discurso que fale de uma mulher que apanha todo dia do marido que chega bêbado em casa (alguns desses maridos chegam a matar a mulher), ele a defenderá não por ser mulher, como faz a ideologia feminista, nem por se tratar de um ato de machismo em si. Ele a defenderá por ser um ser vivo (humano) que sofre.

⁴ Enfatizamos aqui que a interferência humana deve ser mínima e muito bem pensada, já que pregar a não interferência seria ingenuidade e até mesmo radicalismo de nossa parte, pois podemos nos beneficiar de algumas intervenções humanas na natureza, como: a vacina, os remédios e os tratamentos médicos em geral, que muitas vezes podem nos poupar de dor, sofrimento e morte, não deixando de ser uma intervenção humana no curso da natureza, caso pensemos que a pessoa tenha adquirido alguma doença de maneira natural. Este é apenas um exemplo de muitas situações da realidade em que deve ser refletida a intervenção humana ou não no curso da natureza. Não podemos esquecer que até mesmo quando ocorre a interferência humana de maneira benéfica, como foram os vários avanços da medicina no início do século XX, isto pode ter impactos negativos, como a superpopulação no planeta que vemos nos dias de hoje e esta situação de superpopulação leva à fome, novas doenças, guerras etc.

Assim, ela será defendida partindo de uma causa muito maior do que a justa luta das feministas contra os machistas, como reconhecido na bem-vinda Lei Maria da Penha. O feminismo e o ecofeminismo tratam da questão da mulher pelo ângulo do conflito e do confronto, sendo que isto é apenas uma maneira de se encarar esta temática, a visão da ideologia e do marxismo. A ADE apresenta uma visão de conciliação e de harmonia entre as partes.

Assim procedendo, a ADE estará considerando a mulher igual do homem, não seu antagonista, ou seja, de acordo com a visão ecológica de mundo, a mulher e o homem fazem parte da mesma espécie biológica e ambos devem ser protegidos de qualquer tipo de violência exatamente por esse motivo, não pelo fato de a 'mulher' ser 'mulher', ou de o 'homem' ser 'homem'. A visão marxista de defender a mulher pelo fato de a classe 'mulher' sofrer violência, e tal violência, em sua maioria, ser produzida pelo homem é uma visão puramente social e que enfatiza a desarmonia dentro do grupo, bem como o conflito entre as classes. O mesmo princípio vale para o caso de manifestações de racismo, de homofobia, de etnocentrismo etc. No caso de algumas práticas tradicionais como o tratamento que a mulher recebe em alguns países muçulmanos (como a excisão do clitóris), do infanticídio entre alguns grupos ameríndios e assemelhados, temos o dilema de ficar do lado da vida ou de tradições culturais arraigadas. A posição da ADE é muito clara: ela se posiciona decididamente do lado da vida e contra o sofrimento. Com efeito, tradições culturais mudam, mas a morte é irreversível. No entanto, é preciso ter em mente que a ADE fornece apenas linhas gerais a partir das quais se pode julgar casos particulares. Na verdade, cada caso é um caso, portanto deve ser avaliado no contexto a que pertence, mas sempre tendo como pano de fundo essas diretrizes. O que fazer com o sofrimento da criança que será sacrificada frente ao sofrimento do grupo social se a tradição não se mantiver? A maioria dos antropólogos ficaria

do lado da manutenção dos hábitos culturais. Mas, será que essa é realmente a atitude mais apropriada? Tradição muda, a morte não.

Vejam sinoticamente algumas características da ADE, da AD e da ADC. A ecolinguística crítica é da mesma família da ADE, portanto, era para ser muito semelhante a ela. No entanto, não é bem isso que acontece. Em primeiro lugar, ela dá preferência a discursos ambientais, antiambientais e pseudoambientais, criticando-os, frequentemente usando o arcabouço teórico da ADC, o que em si não seria nenhum problema. O problema surge pelo fato de esse tipo de análise poder ser feito por sociólogos, antropólogos, filósofos, por especialistas em educação etc. Até o leigo pode dar palpite sobre o assunto.

Alguém poderia alegar que a ecolinguística crítica, diferentemente da AD e da ADC, usa conceitos ecológicos. É verdade, ela o faz. O problema é que ela os usa como metáforas. Ela faz análise de discursos pinçando conceitos ecológicos e os transportando para seu domínio. Os conceitos ecológicos vêm de fora para dentro. O especialista em ADE, ao contrário, usa esses conceitos porque está no meio deles, ou seja, ao considerar que vivemos em um ecossistema e que dentro dele ocorrem diferentes interações, o analista de discurso que segue a ADE considera os conceitos ecológicos como parte do ecossistema em que ele e os demais elementos habitam. Ele traz as questões linguísticas para estudá-las na ecologia. Vale dizer, a ecolinguística crítica é ecológica pelo objeto e pela teoria; a ADE é ecológica pelas duas e pela metodologia, pelo modo de associá-las, ou seja, sem usar metáforas.

Passemos à comparação da ADE com a AD e a ADC. Em primeiro lugar, a AD(C) encara o objeto de estudo do ponto de vista ideológico-político, quando muito psicanalítico, como na AD francesa. A ADE põe em primeiro plano a questão da vida na face da terra, a ecologia, que é parte da biologia. Vale lembrar que não negamos questões ideológicas, políticas, psicanalíticas, entre outras, apenas não as consideramos fundamentais e fazemos usos de tais questões somente quando necessário para uma análise mais completa. Assim, se é

para falar em ideologia, que seja a ideologia ecológica ou da vida. A AD(C) está em sintonia com a filosofia ocidental moderna, que enfatiza a política e o conflito⁵, levando ao ódio, à violência e à guerra. A ADE tem mais afinidade com as filosofias orientais (hinduísmo, budismo, taoísmo) que enfatizam a cooperação, o que leva à harmonia, ao amor. A AD(C) parte do ponto de vista lógico; ela não refuta nem critica a visão de mundo ocidental, que é reducionista. A ADE parte do ponto de vista ecológico. Esse ponto de vista é abrangente, holístico. Combate a cosmovisão ocidental. A AD tende apenas a analisar e criticar os estados de coisas de que trata, com raríssimas exceções, como faz a ADC. A ADE analisa, critica e prescreve/recomenda comportamentos que favoreçam a vida e evitem o sofrimento. A AD(C) é humanista, logo, antropocêntrica como o marxismo, cuja filosofia assimila, como se pode ver em Ramos (2009). A ADE é biocêntrica, ecocêntrica, como a ecologia profunda. A AD(C) critica o estruturalismo, sobretudo a gramática gerativa. A ADE critica o estruturalismo, a gramática gerativa e a AD(C).

A ADE dá preferência ao próprio processo de produção de discursos (al. *das Fliessen selbst* ‘o próprio fluir’), como disse Fill (1993). A ecologia da interação comunicativa é o núcleo central da linguística ecossistêmica, logo, também da ADE. A AD(C) dedica-se apenas ao ecossistema social, quando muito chegando até o ecossistema mental, como as tímidas influências da psicanálise em alguns trabalhos em AD francesa. A ADE leva em conta os três ecossistemas: o social, o mental e o natural.

A AD(C) observa seu objeto de estudo a partir da ideologia, pensando bastante nas relações de poder. De maneira distinta, a ADE observa o objeto a partir da ecologia, pensando na defesa da vida. Assim, o sofrimento, a dor e a morte serão vistos de maneira natural e tentar-se-á remediá-los ou até, quando possível, evitá-los.

⁵ Não confundir a questão do ‘conflito’ presente na filosofia ocidental, principalmente nas fases do Renascimento (Machiavel, Montaigne) e da Filosofia Moderna (Voltaire, Diderot, Marx, Hume, Hobbes, Locke), com a ‘competição’, que é um conceito biológico, empregado em várias outras disciplinas, presente na tradição darwinista e neodarwinista, que se refere às interações biológicas.

Além das dimensões natural, mental e social, já apontadas da linguística ecossistêmica, a ADE admite a espiritualidade⁶, como se vê em vários autores, entre eles os especialistas em educação ambiental (Carvalho e Steil, 2008). Assim, mesmo que o especialista em ADE seja ateu, deve levar em conta que a temática da religião e da espiritualidade faz parte da natureza humana, uma vez que ela ocorre no objeto de seu estudo. Por exemplo, muitos grupos étnicos praticam o animismo, fazendo com que para eles a natureza seja sagrada. Enfim, a espiritualidade seria uma quarta dimensão a ser levada em conta na análise de textos/discursos pelo prisma da ADE.

Relacionada à espiritualidade, está o que em filosofia tem sido chamado de ética, ou seja, a preocupação com os princípios do que seria “certo” ou “errado” na conduta humana. Trata-se de uma visão deontológica de nossa existência. Afinal, como Santos (1996), entre muitos outros, tem afirmado, não há uma distinção rígida entre cultura e natureza, entre ciência e conhecimento comum, sujeito e objeto. Assim, faz-se necessário reconhecer que não somos apenas seres naturais, como os demais animais, cujo comportamento é guiado única e exclusivamente pelos impulsos naturais, mas, ao contrário, vivemos há milhares de anos sujeitos a convenções sociais, das quais não podemos nos desvencilhar se quisermos viver em comunidade com outras pessoas.

Para a ADE, que segue a ecologia profunda, o feminismo é importante, mas, se for radicalizado, torna-se parcial, partidário, a ponto de ficar incondicionalmente contra o homem, atitude inteiramente equivocada. Em casos extremos, essa ideologia pode levar a considerar o homem em geral como um antagonista, um inimigo, não como um ser humano que existe para ser aliado e parceiro da mulher. A tendência nas escolas hoje é a integração de alunos superdotados, excepcionais etc. Por que não aplicar esse princípio universalmente?

⁶ O conceito de espiritualidade ainda necessita ser mais explorado em ecolinguística, porém é possível afirmar que ele está ligado tanto a questões de religião, como a um plano transcendente de existência.

Outros temas que se destacam nos estudos da ADE são as seguintes manifestações discursivas: antropocentrismo, etnocentrismo, androcentrismo, machismo, sexismo, classismo, desenvolvimentismo, hipercorreção, entre outros. Vale lembrar que AD, principalmente a ADC, já vem tratando de alguns dos temas mencionados, bem como de uma série de outros relacionados a eles, como o preconceito em geral, o racismo, a homofobia, discriminação dos pobres etc. Tudo isso é muito importante. No entanto, há algo maior que tudo isso, a que estão subordinados. Trata-se da defesa da vida na face da terra, em que entra a luta contra tudo que traz sofrimento físico, mental ou social, já que somos seres biopsicossociais. O feminismo, a luta dos movimentos negros e outras devem ser respeitados não por se tratar de “mulheres” e “negros”, respectivamente, mas por se tratar de seres humanos que sofrem com alguns tratamentos discriminatórios. Destacá-los como devendo ser protegidos por serem mulheres e negros já é uma atitude separatista, que pode estimular o antagonismo. Devemos proteger todas as espécies vivas (animais e vegetais) não em detrimento dos chamados “animais racionais”. Do contrário, teríamos os antípodas dos machistas e dos racistas, um machismo e um racismo às avessas.

Para praticar ADE e, de modo geral, ecolinguística, é necessário mudar o modo de encarar o mundo, olhar para ele de outra perspectiva: da ênfase nas relações de poder para ênfase na defesa da vida na face da terra e na luta contra tudo que traz sofrimento. Infelizmente, mudar o modo de ver o mundo é extremamente difícil para nós. É muito mais cômodo continuarmos olhando para ele como sempre fizemos.

4 – Procedimentos de análise para a ADE

Uma primeira ressalva que deve ser feita a respeito dos procedimentos de análise da ADE é que esta não se limita ao estudo do discurso ecológico ou ambientalista, mas pode ser aplicada a qualquer discurso. Outra ressalva importante é que a ADE, apesar de possuir uma

metodologia própria, faz uso também da ecometodologia, que é a metodologia da linguística ecossistêmica. Em Couto (2013) há uma breve exposição a respeito, baseada na multimetodologia (GÜNTHER, ELALI e PINHEIRO, 2004; GÜNTHER e ROZESTRATEN, 2005).

A multimetodologia se caracteriza pelo emprego de diferentes métodos das mais variadas ciências para se analisar o mesmo objeto de estudo. A linguística ecossistêmica faz uso da multimetodologia e a ADE também. De acordo com Günther, Elali e Pinheiro (2004, p. 7), na multimetodologia “é recomendável que os instrumentos empregados forneçam informações sobre aspectos complementares do fenômeno”, ou seja, conforme os próprios autores citados discutem, um ponto crítico na abordagem multimetodológica é a escolha dos métodos a serem utilizados para se investigar o objeto de estudo específico, pois eles não podem ser aleatórios, devendo existir uma relação, principalmente de complementação, entre os métodos utilizados. Isso requer que o investigador elabore um planejamento de quais métodos serão empregados, sendo recomendado que se realize uma listagem, seguida por uma hierarquização e/ou classificação dos métodos. Isso faz com que os resultados alcançados sejam mais profícuos do que uma investigação que empregou apenas um único método (GÜNTHER, ELALI e PINHEIRO, 2004, p. 7). Assim, por meio dos diferentes métodos, o pesquisador alcançará o mesmo objeto e as mesmas conclusões, usando somente caminhos distintos. Desta maneira, a ADE não descarta o emprego da metodologia da linguística, nem de diferentes correntes da AD.

Em relação ao discurso, a ADE pode ter como objeto tanto um discurso falado, como um discurso escrito. No discurso falado, podem ser aplicados parâmetros da AD (HYLAND e PALTRIDGE, 2011), como o estudo da prosódia, do emprego do léxico, da gramática emergente, de metáforas e da criatividade discursiva. Aqui também se aplica o rigor metodológico da coleta e da transcrição de dados da fala (diálogo, entrevista), bem como a

importância de especificar o fundamento teórico utilizado pelo analista do discurso para realizar a transcrição, já que isto pode alterar todo o processo de coleta e transcrição de dados (JONES, 2011, p. 10).

Outro procedimento da AD que pode ser aplicado à ADE foi elaborado por Gee (2010), enfatizando o estudo do discurso oral. Este procedimento é chamado de ‘concordância’ (ing. *agreement*) (GEE, 2010, p. 123), servindo para tornar a análise mais acurada, já que, após conduzir sua análise inicial, o pesquisador em ADE iria a campo novamente para coletar dados discursivos a respeito do tema pesquisado, porém com outros informantes, na tentativa de contemplar um número maior de indivíduos e verificar se análise conduzida está em consonância com o discurso dos demais membros da comunidade. Caso o analista de discurso trabalhe com o discurso escrito, um procedimento análogo pode ser feito, com o pesquisador coletando outros dados discursivos a respeito do tema estudado, a única diferença é que a coleta de dados será em fontes escritas.

Já que foi mencionado tanto o discurso falado, como o processo de coleta de dados, vale enfatizar que a ecolinguística apresenta uma metodologia de coleta que pode ser empregada para a coleta de dados discursivos na ADE. Esta metodologia é chamada de trabalho de campo ecolinguístico e foi proposta inicialmente por Nash (2011, 2011, 2013). A preocupação maior deste ecolinguista durante sua pesquisa foi a de elaborar uma metodologia e um processo de coleta de dados que estivesse em conformidade com os pressupostos ecolinguísticos, principalmente com a visão de mundo ecológica, já comentada. A metodologia do trabalho de campo ecolinguístico leva em consideração a relação entre a comunidade, os informantes, o pesquisador e a pesquisa. Para Nash (2011, p. 67) é fundamental a relação entre os elementos humanos, os informantes e o pesquisador, bem como a importância da inserção do pesquisador na comunidade para que ele possa interagir com ela, entendê-la e fazer parte dela, conhecendo melhor a ecologia social e física da

comunidade estudada. É possível enfatizar que os conceitos de ecologia social e ecologia física equivalem ao ecossistema social e ecossistema natural da língua, proposto por Couto (2007). Outro fator a ser levado em conta é que a coleta de dados deve ocorrer de maneira informal e natural, isto vale também para a coleta de dados do discurso falado ou de diálogos. O pesquisador ao conviver com a comunidade e com os informantes acaba fazendo parte dela e obtém esses dados nas atividades do cotidiano (NASH, 2013).

Digno de nota é que os linguistas Bang e Døør (2007) têm praticado a ecolinguística dialética, que se baseia em uma série de pressupostos teóricos e ideológicos do marxismo, possuindo ligações com a ADC, porém alguns desses pressupostos podem ser reanalisados para serem usados na ADE. Para esses autores, a unidade mínima da linguística é o diálogo, podendo até ser estendida ao texto. No diálogo, existem três participantes: o falante, o ouvinte e o observador, bem como a língua, que se caracteriza como diálogo, apresenta-se como uma atividade dialética, possuindo três dimensões de referência e três eixos de contradições em sua práxis que são as bases para sua análise. A metodologia proposta por Bang e Døør (2007) consiste na observação e análise no diálogo das três dimensões de referência e da práxis, mencionadas anteriormente. As três dimensões da referência são: a lexical, que diz respeito ao *co-texto social e individual*, ou seja, ao léxico e a gramática; a anafórica, que diz respeito ao *in-texto*, fazendo referência aos processos de catáfora e anáfora; a dêitica, a dimensão de tempo, pessoa e lugar, que equivale ao *con-texto*. As três contradições da práxis da linguagem são: a ideo-lógica (consiste nas dimensões mentais e espirituais da prática da linguagem), a bio-lógica (relacionada com os processos e as relações corporais do ser humano) e a sócio-lógica (os seres humanos são organizados em sociedade e todas as suas atividades, incluindo o diálogo, são influenciados pela vida social). Para esses autores, quando é empregado no diálogo um dêitico específico, e não outro, quando é omitido um sujeito, ou um pronome,

tudo isso possui significados e funções dialógicas na práxis da linguagem. Dessa maneira, a ADE pode fazer uso também da metodologia da ecolinguística dialética.

As categorias principais da ADE a serem observadas pelo pesquisador com o objetivo de conduzir sua investigação são as seguintes: a endoecologia e exoecologia; a ecologia da interação comunicativa (EIC) e os atos de interação comunicativa (AIC); as regras interacionais e regras sistêmicas; os três ecossistemas da língua (mental, natural e social); os três elementos da EFL (P-L-T).

Couto (2007) apresenta a terminologia ‘linguística endoecológica’, que estuda aspectos estruturais da língua e os relacionam a questões ecológicas, e ‘linguística exoecológica’, que analisa as relações da língua e o meio ambiente externo a ela. Esta distinção terminológica foi proposta por Makkai (1993). Embora não muito usada, esta dicotomia é um procedimento metodológico importante que pode auxiliar o investigador em seus estudos. Calvet (1999) também faz essa mesma separação, porém chama de ‘macrolinguística’ e ‘microlinguística’. Assim, os procedimentos de análise de endoecologia discursiva enfatizam os aspectos das regras sistêmicas (regras gramaticais) da língua que são adaptados à interação discursiva, que já são estudados pela AD, principalmente para os discursos falados, conforme foi apontado anteriormente. Outro fator importante é que, segundo Gee (2010, p. 123), a análise de ‘detalhes linguísticos’ (ing. *linguistic details*) se caracteriza como um dos quatro principais elementos que torna mais válida, mais científica, a análise feita pelo analista do discurso. Deve-se enfatizar também que a análise endoecológica discursiva possui ligações com outro procedimento, o do estudo das regras sistêmicas. Já a análise de exoecologia discursiva é semelhante ao conceito da ADC de macroestrutura, pois, além de estudar as informações e o conjunto de padrões para interligar as ideias existentes no discurso, o investigador relacionará também aspectos do EFL e dos três ecossistemas (mental, natural e social) que podem se manifestar linguística e discursivamente.

Segundo Couto (2013, p. 307), a EIC consiste na fonte de onde emerge a língua, já que é a partir dela que existe a comunidade de fala mínima, o par falante-ouvinte, e de onde ocorrem os atos de interação comunicativa (AIC). A EIC é formada por cenário, falante e ouvinte, regras interacionais e regras sistêmicas, e circunstantes (qualquer elemento que esteja com o falante e/ou com o ouvinte). Já os AICs, caracterizam-se pelas várias maneiras as quais a língua pode ser colocada em prática na interação.

Outro procedimento de análise importante da ADE é a diferenciação entre as regras de interação e as regras sistêmicas, que basicamente consiste nos seguintes fatores: as regras interacionais são traços comportamentais necessários para ocorrer e facilitar o processo de interação comunicativa, como: a necessidade de falante e ouvinte estarem próximos um do outro, de frente um para o outro, deve-se falar em um tom de voz mediano, em alguns casos o falante deve olhar nos olhos do ouvinte etc.; já as regras sistêmicas são consideradas como uma das regras interacionais e equivalem à gramática da língua. Aqui observam-se mais uma vez as relações entre os procedimentos de análise da ADE, já que as regras interacionais e sistêmicas, além de fazerem parte da EIC, podem ser investigadas de maneira interligada com exoecologia e endoecologia, respectivamente. As regras sistêmicas podem ser observadas no discurso da mesma maneira que já foi mencionada para a endoecologia, enquanto as regras interacionais são pesquisadas inter-relacionando os elementos extralinguísticos, sendo muitos deles partes da AD, como práticas e interações sociais, existentes em uma interação discursiva com suas manifestações no discurso e sua presença, ou influência, nos ecossistemas (mental, natural e social) em que vivem os indivíduos e onde o discurso foi produzido.

São levadas em consideração também as tríades do ecossistema e da EFL (P-L-T), já discutidas na seção (2) anterior, que se caracterizam como os elementos próprios e originais da ADE, substituindo, bem como sendo análogos, grosso modo, aos elementos da AD, principalmente da ADC, como sujeito, contexto, ideologia, intertextualidade,

interdiscursividade, entre outros. Desta maneira, ao analisar ecologicamente um discurso, seja ele falado ou escrito, o pesquisador ficará atento ao indivíduo que o produziu (P) e também suas relações com outros indivíduos e com seu grupo, ou seja, as interações entre elementos de (P) e o ecossistema social da língua. As questões de significação, interpretação e ideologia, além de terem relações com (P) e com o ecossistema social da língua, estão presentes no ecossistema mental da língua e se manifestam no discurso por meio das regras sistêmicas, relacionando-se, assim, com (L). Em alguns casos, o ecossistema mental da língua e o ecossistema social da língua podem influenciar nas regras interacionais também. Os aspectos históricos, culturais, políticos, entre outros, estão presentes no discurso e podem ser específicos de um (P), desta forma, interagindo com os elementos do (T), já que o (P) vive e interage em (T) específico. Além disso, se o discurso apresentar traços específicos de um (P) e/ou de um (T), é possível relacioná-los com o ecossistema natural da língua.

Desta maneira, a vantagem da visão ecolinguística é que, diferentemente de todas as demais teorias linguísticas, ela permite estudar a língua e os meios ambientes de modo integrado na EIC. Com base nos dados coletados, procura-se compreender não apenas o que o texto quer dizer, mas como o faz. Trata-se, assim, de um procedimento de análise descritiva e interpretativa, que pretende observar o escopo da pesquisa de forma abrangente para descrever a realidade de forma holística e depois direcionada na fase interpretativa aos conceitos da ecologia.

Num primeiro momento a preocupação se volta para a materialidade linguística a fim de captar o significado que o texto, o discurso, os participantes atribuem às coisas. Tudo isso atrelado ao problema, às questões de pesquisa. Nesta parte, de acordo com que o texto sinaliza, ou seja, o que sobressai no texto, seu ponto luminoso como aspectos morfológicos e/ou sintáticos e/ou lexicais e/ou semântico e/ou fonológicos.

Após essa etapa, faz-se uma análise das informações para testar as hipóteses iniciais e até construir novas hipóteses. As interpretações se dão à luz da ecologia e da ecolinguística. Neste próximo passo, organizam-se as informações e faz-se uma análise levando em conta o meio ambiente natural, ou território, a influência do meio natural, depois se faz uma análise dentro do ambiente mental e se pode utilizar as ideias da linguística cognitiva e ou do imaginário. Ainda, faz-se a análise relacionada ao meio ambiente social: contexto de produção, ideologia e acima de tudo a vida.

Por motivos de limitações de espaço, bem como por não fazer parte do escopo do presente capítulo (que discute a teoria e a metodologia da ADE), deixaremos para outra ocasião os exemplos de análise de textos de acordo com a abordagem da ADE. Porém, enfatiza-se aqui que tais análises vêm sendo realizadas pelos membros do NELIM (*Núcleo de estudos de imaginário e ecolinguística*), da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, e que também é possível encontrar uma série de publicações recentes de aplicações da ADE a diferentes tipos de discurso: na religião, há análises do discurso sobre o Vale do Amanhecer (SCHMALTZ NETO, 2014) e sobre as ‘rezadeiras’ (AVELAR FILHO, 2013, 2014); de comunidades rurais, há estudos a respeito dos conhecimentos tradicionais, especificamente da etnobotânica dos Kalunga (ARAUJO, 2014a, 2014b) e de toponímia (SIQUEIRA, 2014); da propaganda, como a análise da publicidade da Friboi (BRANDÃO, 2014) e da publicidade que se utiliza da temática ecológica para formar mitos (COUTINHO, 2014); dos laboratórios e do uso de cobaias (BORGES, 2014); da capoeira, seus cantos e seus praticantes (DOURADO-PINHEIRO, 2015); dos índios Chiquitano e da escola indígena (DUNCK-CINTRA, 2014). Além das publicações citadas anteriormente (teses de doutorado, artigos, capítulos de livro e comunicações), há os livros de Couto, Dunck-Cintra e Borges (2014) e Couto, Couto e Borges (2015) dedicados à temática da ADE. Nesta última publicação, há exemplos de análise em sete capítulos.

5 – Considerações finais

O presente estudo procurou apresentar os aspectos teóricos e metodológicos da ADE. Primeiramente, enfatizamos que a ADE é uma disciplina recente e relacionada com a linguística ecossistêmica que, por sua vez, é uma teoria da ecolinguística. A ADE possui uma fundamentação filosófica da ecologia biológica e da ecologia social, bem como é influenciada pela ecologia profunda e pelo taoísmo. No campo da linguística, a ADE aproveitou alguns aspectos das diferentes disciplinas discursivas, como a AD tradicional, a ADP e a ADC, e da linguística integracional.

Foram apontados também os procedimentos de análise da ADE, enfatizando a importância de que a ADE faz uso tanto de uma metodologia própria, que foi desenvolvida aqui, e também da ecometodologia, que é baseada na multimetodologia.

As contribuições da ADE para os estudos linguísticos, ecolinguísticos e discursivos são as mais variadas, já que a ADE não se limita apenas a discursos ecológicos, podendo analisar qualquer tipo de discurso; faz uso de alguns aspectos notáveis de outras teorias linguísticas e discursivas quando necessário, bem como insere na análise conduzida uma série de traços de outras disciplinas que possuem alguma relação com a linguística, como a história, a sociologia, a ecologia, a biologia etc. Ainda, a ADE não se limita a estudar apenas alguns traços ou características discursivas de acordo com uma ou outra teoria, mas possui uma abordagem holística, analisando o discurso por diferentes pontos de vista, bem como fazendo uso das contribuições das mais variadas disciplinas quando necessário, conforme já foi apontado acima. Todos estes fatores acabam por tornar a análise feita no âmbito da ADE mais acurada ao abordar seu objeto por diferentes perspectivas.

Finalmente, como uma disciplina recente e ainda em desenvolvimento, este trabalho se apresenta como uma proposta com subsídios teóricos e metodológicos para ADE que serve

como apoio tanto para aqueles que desejam aprimorá-la, quanto para aqueles que são analistas de discurso e objetivam praticá-la. Em relação à prática da ADE, apontamos neste trabalho uma série de análises que foram ou vem sendo feitas por vários pesquisadores e em diferentes instituições. Isto mostra que a ADE é um campo profícuo e tanto o aprimoramento de seus aspectos teóricos, quanto a aplicação de estudos de caso serão elaborados em trabalhos futuros.

Parte II

Metodologia

CAPÍTULO 3.

O ECOSISTEMA LINGUÍSTICO LOCAL DE TIMOR-LESTE: ECOLOGIA DO LETRAMENTO E AIC

Introdução

O ecossistema linguístico engloba os três ecossistemas conhecidos (o natural, o mental e o social) e, de acordo com Couto (2013, p. 294), pode ser dividido em ecossistema linguístico geral e local. O primeiro, o ecossistema linguístico geral, equivale à comunidade de língua e ao domínio do sistema. O segundo, o ecossistema linguístico local, consiste na comunidade de fala, ou de interação, sendo, assim, o ecossistema onde ocorrem os atos de interação comunicativa (AIC), que serão explicados posteriormente. Neste capítulo, será analisado o ecossistema linguístico local de Timor-Leste, onde ocorrem os AICs em língua portuguesa.

Assim, em (1), serão expostas algumas informações básicas sobre os ecossistemas natural, mental e social da língua em Timor-Leste. Em (2), será oferecido um panorama histórico de Timor para em seguida, em (3), discorrer a respeito da língua portuguesa na ilha. Em (4), serão analisados os impactos da língua portuguesa e da presença do colonizador português, assim como em (5) as influências da inserção da tecnologia da escrita nas sociedades ágrafas leste-timorenses. Finalmente, em (6), serão oferecidas algumas palavras sobre o futuro do ecossistema linguístico local de Timor-Leste.

1 – Os ecossistemas natural, mental e social da língua em Timor-Leste

Vale a pena oferecer algumas noções introdutórias a respeito dos três ecossistemas (natural, mental e social) em Timor-Leste, antes de iniciar a análise deste capítulo. Assim, isto será feito nesta seção, nos parágrafos seguintes.

Em Fox (2000, 2003), há algumas informações sobre o ecossistema natural de Timor-Leste que se caracteriza por um relevo montanhoso, clima de monções e pouca área fértil para a agricultura, que geralmente se localiza nos vales entre as montanhas, pelo fato de acumularem água. A alimentação é a base de arroz (*Oryza sativa L.*) ou milho-miúdo (*Panicum viride L./Setaria italica L.*), dependendo da comunidade e das plantações.

Sobre o ecossistema mental pouco pode ser dito, até mesmo pelo fato de este ecossistema ser o menos estudado na ecolinguística, conforme Couto (2013) atesta. Porém, no convívio do presente autor com os leste-timorenses, percebeu-se que algumas formas de pensar e de se comportar (características do ecossistema mental) dos habitantes de Timor-Leste são influenciadas pela organização social deles, o ecossistema social. Assim, toda a cosmologia dual influencia a forma do cidadão leste-timorense pensar, que acaba por enxergar a realidade também com uma visão dualística, com os opostos metafísicos (bem x mal, belo x feio) convivendo em equilíbrio e que se manifestam no plano físico, como: homem x mulher, criança x adulto, vida x morte, sexo x casamento, seca x chuva, calor x frio, entre outros. É possível citar a relação com o ecossistema natural também, já que os pares opositivos são naturais na maioria das espécies do reino animal (masculino x feminino), bem como há a presença de aspectos geográficos, como o clima, o tempo etc. Isso faz com que todas as manifestações culturais, como a religião tradicional e seus rituais, a literatura oral e a organização social, apresentem essa concepção diádica do universo⁷.

2 – Breve história de Timor

⁷ Vale lembrar que esta visão diádica da realidade, apesar de ser marcante em sociedades autóctones, também é encontrada na tradição europeia.

A situação exata da ecologia das línguas na ilha de Timor no período anterior à chegada dos portugueses é impossível de ser reconstruída. É possível somente apontar algumas características principais do ecossistema linguístico timorense com base em documentos históricos, e evidências linguísticas e socioculturais. Primeiramente, há uma série de documentos chineses, que datam do século XIII-XIV, que mencionam informações importantes sobre o comportamento e a organização social dos timorenses (PTAK, 1983; ECCLES, 2004; ALBUQUERQUE, 2011c), que serão analisados posteriormente. Há também os documentos da colonização e administração portuguesas, que já foram estudados pelos historiadores portugueses, como em: Castro (1867), trabalho de documentação das colônias e ex-colônias portuguesas na Ásia e Oceania; Leitão (1948, 1952), que se concentra nos aspectos formadores da colônia de Timor, no século XVII e XVIII; Oliveira (1948, 1953), estudo histórico detalhado das relações de Timor e Portugal, porém apresenta uma ideologia eurocêntrica, apresentando os portugueses com uma espécie de ‘fardo’ de colonizador com o intuito de ‘salvar’ os timorenses; Sá (1949, 1956, 1958), elaborou diversos estudos históricos, como em Sá (1949), que se destaca por fazer uma análise histórica de um documento chamado *planta de Cailaco*, datado de 1727, que consiste em um esquema do subdistrito de Cailaco, no distrito de Bobonaro; em Matos (1974), há um estudo histórico do primeiro período da colonização portuguesa em Timor (1515-1769) que atualmente já é considerado uma obra de referência; Marques (2001), estudo histórico da presença portuguesa no oriente, seguindo teorias históricas mais atuais; o estudo de Figueiredo (2004) que é a continuação de Matos (1974), que compreende o segundo período da presença portuguesa em Timor, de 1769 a 1954; Serrão e Marques (2006), outro estudo mais atual sobre as colônias portuguesas no oriente, e a documentação holandesa elaborada pela *Vereenigde Oost-Indische Compagnie*

(Companhia das Índias Orientais), ou simplesmente VOC, que permanece até a atualidade pouco explorada⁸, destacando-se os estudos de Roever (2002) e Hägerdal (2012).

Desses documentos mencionados, é possível afirmar que a organização social básica é em povoados, chamados de *knua*, liderados por um chefe, conhecido como *tumungo*. Cada um desses vilarejos era habitado somente por um único clã, fazendo com que houvesse uma união com os vilarejos vizinhos, também formados por um único clã cada um (NORDHOLT, 1971). Essas uniões eram bipartidas ou quadripartidas e eram exatamente essas alianças⁹ que formavam uma unidade social maior, chamada de *suku* com um chefe considerado nobre chamado de *dató*. Há uma organização social hierarquicamente maior semelhante a um reino, com um imperador, chamado de *liurai*. No entanto, tal organização ainda é um tanto controversa, já que apesar de sua existência comprovada em documentações do século XVI, essa organização não apresentava traços de burocracia e de centralização, como é típico dos reinos ocidentais, assim Hägerdal (2012, p.5) prefere classificá-la como um principado ou um domínio. Digno de nota é que esses reinos eram formados pelas várias alianças hierárquicas apontadas, principalmente entre os *suku*, porém essas alianças eram fluidas, mudando constantemente de acordo com os interesses de cada povo, fazendo com que alianças fossem rapidamente feitas e desfeitas, produzindo um grande número de conflitos.

As documentações portuguesa e holandesa estudadas por Sá (1961), Matos (1974) e Figueiredo (2004), que datam dos séculos XVII e XVIII, atestaram a existência de duas unidades políticas maiores, nomeadas *Servião* e *Wehale*. A primeira era localizada na parte oeste da ilha com um líder que apresenta características de ter sido realmente um imperador, chamado de *Senobai*. O segundo localizava-se na parte centro-leste da ilha e possuía uma espécie de rodízio entre os nobres para exercer a função de líder, sendo este líder que era

⁸ Estes documentos, em sua maioria, são correspondências e *dagregisters* ‘registros diários’, que apresentam valiosas descrições das atividades cotidianas da parte oeste da ilha de Timor.

⁹ Em Duarte (1982), há um estudo detalhado dessas alianças entre os diferentes povos timorenses.

conhecido como *liurai*¹⁰. Tal organização socio-política está refletida na pirâmide social dessas sociedades nativas de Timor, que abaixo da nobreza, os *liurai*, *dató* e *tumungo*, vinham *ema* 'pessoas' que eram as pessoas comuns, *kuda* 'cavalo' que se referia aos trabalhadores de serviços pesados e *ata* 'escravos', que formavam a base da pirâmide.

Do mesmo período, as evidências linguísticas são um pouco distintas. Sabe-se que o reino de *Servião* possuía uma unidade linguística, com somente uma língua sendo falada que era o Baikenu (também conhecido como *Vaiqueno* ou *Baiqueno*), enquanto no reino de *Wehale* eram faladas cerca de 20 línguas ou mais, com alguns dialetos da mesma língua sendo quase ininteligíveis. Foi diante desse cenário linguístico que a língua Tetun ascendeu como língua franca, ou seja, após a formação das alianças que deram origem ao reino de *Wehale*, assim como a dominação e imposição da língua do dominador aos povos dominados. Vários outros fatores são apontados para a maior fragmentação do reino de *Wehale*, quando comparado ao de *Servião*, um deles é o tamanho e número de vilas em alianças, já que o reino de *Servião* era menor com a aliança de cerca de 16 vilas, enquanto o de *Wehale* se encontrava composto por 46 (MATOS, 1974).

Desta maneira, com base nas informações apresentadas anteriormente, é possível inferir que o ecossistema linguístico local de Timor antes da chegada do colonizador europeu estava relativamente estável. Porém, deve-se observar que este ecossistema estava longe do ideal, que faz parte do imaginário romântico, no qual sociedades autóctones viviam em um ambiente idílico, harmonioso, quase perfeito, e foi somente com a vinda do colonizador europeu que tal equilíbrio foi desfeito. Durante a história do contato de línguas/povos na ilha,

¹⁰ Em Hägerdal (2006), há uma análise de documentos holandeses e portugueses, visando precisar a organização política nativa de Timor. Ele apresenta evidências de que a distinção entre os impérios *Servião* e *Wehale* existente nesses documentos segue ideologias europeias, especialmente os interesses nacionalistas e comerciais. Essa organização política, chamada pelos europeus de 'império' ou 'reino', na verdade consiste em uma governança ritual, que foi analisada por Drakard (1999) nas ilhas vizinhas a Timor, principalmente Bali, como um 'reino de palavra'. Esse reino de palavra é bem distinto do conceito ocidental de reino, possuindo as relações de poder, seu território e organização fluidos, com a influência política direta sendo bem limitada, tendo valor mais as questões rituais e espirituais de alianças feitas, ou desfeitas.

ocorreram diversas atividades humanas que afetaram tanto o meio ambiente como os outros seres humanos. De acordo com os estudos citados anteriormente, houve migração, miscigenação e dominação entre os diversos povos, ocorreram distintos graus de interação entre os seres humanos e entre os seres humanos e o meio ambiente físico.

3 – A presença da língua portuguesa

Os portugueses tiveram seus primeiros contatos com os habitantes da ilha de Timor em 1515, quando a armada enviada por Afonso de Albuquerque alcançou o local (FIGUEIREDO, 2004, p.113). Inicialmente, a ilha foi de interesse secundário aos portugueses, já que suas posses em Malaca possibilitaram controle das rotas comerciais e entreposto para duas ilhas, Solor e Flores, de grande importância devido à quantidade de sândalo branco que apresentavam.

Essa situação não mudou até 1702, quando foi fundada Lifau (atual enclave de Oecussi, na parte oeste da ilha de Timor). A ordem para construção desta nova capital partiu diretamente da administração portuguesa de Macau, como uma forma de responder à ocupação holandesa da ilha, desde 1652 (FIGUEIREDO, 2004, p. 122). Tal construção foi auxiliada por duas famílias poderosas locais de origem de Larantuka¹¹: os da Costa e os Hornay.

Nos anos iniciais da presença portuguesa na região, as famílias Da Costa e Hornay se alternaram no poder com o aval português. A família Hornay teve sua origem europeia com Jan de Hornay, comandante do Forte Henricus, em Solor, que desviou verbas da VOC e partiu para Larantuka, em 1629, casando com uma timorense. Um de seus filhos, António Hornay,

¹¹ Larantuka é uma vila na parte leste da Ilha de Flores, onde os portugueses se estabilizaram após a conquista de Solor pelos holandeses, em 1613. A sociedade de Larantuka era mista com habitantes portugueses, diferentes mestiços e a população autóctone local. Esta população, conhecida como *larantuqueiros* tiveram um papel importante durante os séculos XVII e XVIII, tanto se opondo à administração portuguesa, em certos momentos, como também na fundação, em 1702, da primeira capital timorense, mencionada anteriormente, Lifau.

foi um membro influente da comunidade *topas*, ou *topasses*¹², em Timor. A família Da Costa descende de Matheus da Costa, originário da ilha de Luzon, Filipinas, e seu filho, Domingos da Costa, foi o chefe da rebelião de Larantuka (HÄGERDAL, 2012, p. 138). Ambas as famílias rivalizaram durante os séculos XVII e XVIII para estarem no poder; os Hornay chegaram a se aliar aos holandeses e os Da Costa guerrearam contra eles, porém foram massacrados. Desta maneira, a influência holandesa na ilha de Timor cresceu ainda mais. A rivalidade entre as famílias encerrou somente no século XVIII quando Francisco Hornay casou com a filha de Domingos da Costa, unindo, assim, as duas famílias (FIGUEIREDO, 2004, p. 116).

Após a derrota, Lifau foi abandonada em agosto de 1769 e a capital portuguesa de Timor foi transferida para Dili, em outubro do mesmo ano, onde se mantém até a atualidade (OLIVEIRA 1948, p. 202). A população total era de aproximadamente 1200 pessoas, sendo somente 15 brancos de origem europeia (BOXER, 1947, p.16). Posteriormente, Sá (1961, p. 215) cita um documento do século XIX que atesta a existência de cerca de 20 homens brancos em Timor e este número parece que se manteve estável durante muitos anos, já que Thomaz (1976) afirma que no início do século XX Timor não contava com mais do que 100 indivíduos de origem europeia em sua população. Essas informações a respeito da relação entre a população de origem europeia, no caso a população branca de origem portuguesa, com a população local é importante para se conhecer mais da formação de variedades reestruturadas, pidgins e crioulos, já que com uma população portuguesa reduzida a exposição dos habitantes locais ao input também é reduzida, conforme será apontado mais adiante nesta seção.

¹² População mestiça de habitantes locais com os portugueses cujos descendentes são conhecidos por terem assimilado a cultura e a língua portuguesa, assim como terem sido dominantes ou influentes na política local. O nome *tuppasi* tem sua origem obscura, mas às vezes é atribuído ao lexema da língua Tamil que possui o significado de 'intérprete', provavelmente pelo fato de os indivíduos *topasses* serem fluentes tanto nas línguas locais (adquiridas com a mãe), como na língua portuguesa (adquirida com o pai). Para maiores informações sobre os *topasses*, ver Boxer (1947).

A língua portuguesa se espalhou em Timor por três vias: a igreja, a administração e o militarismo (BAXTER, 1996, p. 312). A igreja realizou sua atividade missionária logo no século XVI, porém as tentativas iniciais de converter a população timorense não foram bem-sucedidas (HÄGERDAL, 2012, p. 31), contudo os padres continuaram nos séculos seguintes, assim disseminando a língua portuguesa por meio da educação e da religião. Mesmo com a expulsão das ordens religiosas da ilha, na primeira metade do século XIX, avanços significativos na educação timorense foram alcançados, com a fundação de diversas escolas, com o destaque para o *Colégio de Soibada* (THOMAZ, 1985), único ginásio existente na época, que chegava a formar professores e funcionários para a administração colonial. Os cidadãos portugueses dominaram a administração colonial em Timor nos séculos iniciais, porém essa situação veio a se modificar durante o século XIX com a presença de mestiços e macaenses assumindo cargos. Além disso, timorenses escolarizados também começaram a trabalhar para a administração colonial (THOMAZ, 1976), sendo que todos eles empregavam a língua portuguesa na escrita dos documentos oficiais. Em relação ao militarismo, destacou-se o fato de que líderes militares indígenas de diferentes locais acabaram por integrar o exército colonial. Dois grupos populacionais militarizados migraram para Dili, com a mudança de Lifau, em 1769, foram eles: os *moradores*¹³ de Sika, em Flores, falantes de malaio, e os *moradores* de Bidau, em Timor, que falavam o Crioulo Português de Bidau (CPB) (BAXTER, 1990, p.3). Posteriormente, vários grupos exilados de outras colônias portuguesas foram aceitos no militarismo colonial em Timor, como moçambicanos, macaenses, indianos¹⁴ e mestiços em geral (BAXTER, 1996, p. 313).

¹³ O lexema *moradores* faz referência a milícias locais e pode ser encontrado em outros crioulos portugueses asiáticos com significados semelhantes. Essas milícias foram importantes para a disseminação da língua portuguesa na Ásia.

¹⁴ Em Sá (1961, p. 215) há um documento do século XIX que menciona os soldados de origem indo-portuguesa em Timor, conhecidos como *fondü*, e que foram deportados por terem participado de rebeliões contra a coroa portuguesa no antigo *Estado da Índia*.

Desta maneira, com o que foi exposto acima, havia uma situação linguística complexa em que o português foi disseminado na Ásia e, por isso, muitos fatores influenciaram na formação de crioulos e variedades reestruturadas da língua. Baxter (1996, p. 301), ao analisar o caso da língua portuguesa na Ásia em geral, aponta três fatores possíveis: a existência um *continuum* de Português L2 (PL2) que em um extremo se encontra o PL2 mais rudimentar, falado por pessoas com um acesso mínimo a input do Português Europeu (PE), e no outro extremo o PL2 próximo ao PE, falado por pessoas que tinham grande contato com o PE e que construíram modelos fortes de PL2; o segundo fator consiste em que alguma dessas variedades de PL2 serviram como input para falantes adquirirem-nas como L1, formando diferentes crioulos portugueses asiáticos; o terceiro fator possível é que pidgins e crioulos africanos influenciaram a formação de variedades portuguesas na Ásia, já que existem certas similaridades, como Ansaldo e Cardoso (2009) mostraram, assim como a existência de um Pidgin Português Asiático que consiste em uma continuação de traços africanos (CLEMENTS, 2000).

Em Hägerdal (2012), há uma série de informações históricas e análises de documentos da época que fornecem dados valiosos sobre a situação sociolinguística e de contato nas ilhas de Timor e de Flores. Esses documentos de arquivos da VOC, localizados na Holanda e na Indonésia, analisados por Hägerdal (2012), fornecem também material para uma pesquisa sobre a origem e formação do PTL. Albuquerque (2013) analisou tal documentação, focando em cartas do século XVIII escritas por timorenses em língua portuguesa. Nestas cartas, o autor encontrou estruturas arcaizantes, léxico nativo, alguns traços semelhantes a de crioulos portugueses asiáticos e pela grafia tentou inferir algumas informações a respeito da fonologia do português falado em Timor na época, atribuindo estas características linguísticas como pertencentes ao período inicial em que o PTL foi falado, e que esta variedade teve sua origem

provavelmente entre o final do século XVII e início do século XVIII, principalmente com a migração de Larantuka para Timor (ALBUQUERQUE, 2013).

4 – O impacto do colonizador português

Em Timor, não há evidência de que a colonização portuguesa seja a causa direta da morte de línguas na ilha. Apesar de conflitos entre a população local e o colonizador português, denominados de ‘revoltas’ ou ‘guerras’, destacando-se as que ocorreram durante o século XIX, como a ‘Revolta de Lacló e Ulmera’, em 1861, a ‘Guerra de Lautém’, em 1888, e a ‘Revolta de Manufahi’, em 1891, cujo líder foi Dom Boaventura, não aconteceram matanças ou genocídios durante o período da administração portuguesa em Timor. Em relação aos povos e línguas, é interessante notar que a maioria dos nomes listados em documentos históricos como etnia e/ou língua de Timor permanecem até a atualidade, como pode ser visto na primeira listagem das línguas faladas em Timor feita pelo viajante francês Rosily, no século XVIII (THOMAZ, 1982). Somadas a essas, há também outras listas elaboradas no início do século XX, como a de Castro (1996 [1943]) e outras retomadas por Thomaz (2002). Desta maneira, o cenário de morte de línguas e o ecossistema linguístico atual com línguas ameaçadas de extinção não foram resultados de um único e simples fator, a colonização, mas uma série de eventos sociais, históricos, antropológicos, entre outros, nos quais o ser humano interferiu de maneira positiva e negativa sobre o ecossistema local, o que Calvet (1999) chama de *in vivo*.

Conforme será descrito a seguir, a colonização portuguesa não foi a causa única da alteração no ecossistema linguístico local, porém foi o catalisador dessas mudanças ao inserir novas redes e formas de interação e comunicação, desvalorizando as formas tradicionais já existentes, além de inserir uma nova língua, uma nova espécie no ecossistema de Timor-Leste.

A análise que será feita a seguir baseia-se em Hymes (1974), Mühlhäusler (1996) e Couto (2012a, 2013, 2016). A escolha de Hymes (1974) é devido à etnografia da comunicação, já que o maior impacto do colonizador português foi exatamente nas formas tradicionais locais de interação e comunicação. O trabalho de Mühlhäusler (1996) é utilizado como um guia de características a serem analisadas, pois o autor estudou a ecologia linguística das sociedades do Pacífico descrevendo o impacto do colonizador inglês nessas sociedades, principalmente em relação à etnografia da comunicação. Já Couto (2016, p. 233) afirma que:

a língua nasce nos **atos de interação comunicativa** (AIC) em suas respectivas ecologias da interação comunicativa, tanto ontogenética quanto filogeneticamente. Uma língua está viva não apenas quando há pessoas que conhecem suas regras, mas enquanto ainda é usada em AICs concretos por pelo menos duas pessoas, que constituem a comunidade de fala mínima. Se há apenas uma que a conheça, ela já está morta, não há ninguém com quem ela possa entrar em atos de interação comunicativa. Ela nasce, vive e morre neles.

Ainda sobre o mesmo assunto Couto (2016, p. 233) completa:

A **ecologia da interação comunicativa** (EIC) em que os AICs ocorrem consta de a) cenário, b) falante e ouvinte, c) **regras interacionais** e **regras sistêmicas**, d) circunstâncias (aquele/s que está/estão com o falante e aquele/s que está/estão com o ouvinte)

Além dos AICs, é importante para a análise efetuada aqui a diferenciação entre as regras de interação e as regras sistêmicas, que basicamente consiste nos seguintes fatores: as regras interacionais são traços comportamentais necessários para ocorrer e facilitar o processo de interação comunicativa, como: a necessidade de falante e ouvinte estarem próximos um do outro, de frente um para o outro, deve-se falar em um tom de voz mediano, em alguns casos o falante deve olhar nos olhos do ouvinte etc.; já as regras sistêmicas são consideradas como uma das regras interacionais e equivalem à gramática da língua.

De certa forma, em Couto (2016), bem como em Couto (2012a, 2013), alguns de seus conceitos teóricos, como os AICs, a EIC e o próprio conceito de ecossistema linguístico local, explorado neste capítulo, estão ligados à proposta da etnografia da comunicação de Hymes (1974). Desta maneira, a bibliografia escolhida seguiu uma necessidade teórica para se efetuar a análise aqui e também elas se encontram interligadas ao estudar objetos semelhantes de maneiras distintas.

Assim, reiterando o que já foi afirmado, o contato e a presença do colonizador europeu não representaram um completo desequilíbrio ao ecossistema linguístico de Timor e também não ameaçou de extinção as espécies linguísticas locais. Ao contrário, conforme Calvet (1999) afirma, a homeostase na linguística se trata de a língua, como uma espécie biológica, diante de uma situação de alteração de equilíbrio, se modificar para tentar atingir um novo equilíbrio para reduzir o impacto ocorrido pelo desequilíbrio. Couto (2012a, 2013, 2016), de maneira semelhante, lança mão do conceito de adaptação do meio ambiente para a linguística ecossistêmica. De acordo com os dados linguísticos, culturais e sócio-históricos, se verificou que a introdução da nova espécie linguística, o português, no ecossistema timorense causou uma perturbação no equilíbrio, porém ocorreram os processos de homeostase e adaptação com o intuito de buscar um novo equilíbrio e a estabilidade do ecossistema. Na prática, percebem-se tanto modificações na língua portuguesa para se adaptar ao novo meio ambiente, como modificações nas línguas locais para se adaptar ao português, já que foi uma espécie dominante.

Nas línguas locais leste-timorenses foram alterados principalmente o nível léxico-semântico e as situações de interação, entendendo aqui interação no sentido ecolinguístico, que considera a interação como a característica central do ecossistema e necessária para que ocorra a ligação entre indivíduo e mundo. Nestas situações de interação, verificam-se alteração nos eventos de fala (ing. *speech events*) e nas situações de fala (ing. *speech*

situations), e em alguns casos até nas regras interacionais. Serão analisadas abaixo separadamente as modificações nos eventos de fala e nas situações de fala, enfatizando que as alterações adaptativas ocorridas nas interações comunicativas afetaram sobretudo o nível léxico-semântico.

4.1 – Adaptações nos eventos de fala

Os eventos de fala perpassam várias partes do processo de comunicação, assim como os objetivos de uso da língua. Os mais afetados pela colonização e presença portuguesas foram: o processo de aprendizado, a marcação da hierarquia social e da identidade social. O contato com os portugueses e a atividade missionária acabaram com parte dos usos tradicionais da língua e também inseriram novos. As línguas locais leste-timorenses possuem estudos de usos e técnicas tradicionais da língua, como o Tetun, Manbae, Fataluku e Bunak. Para o Manbae, por exemplo, Traube (1986) e Corte-Real (2000) atestaram por meio da literatura oral dessa língua que a cultura e sociedade Manbae estão organizados em torno de dois pilares, que estão refletidos nos usos linguísticos e literários, são eles: *nam ada ni* ‘assuntos do dia’, uma ordenação social relativa a tudo ligado ao sistema de nobreza, e *nan meta ni* ‘assuntos da noite’, uma ordenação social relativa a tudo ligado ao sistema de parentesco. Essa simetria diádica da ordem social dos Manbae está refletida claramente nas narrativas dessa língua por meio de dísticos, estudados extensivamente por Fox (1980, 1988, 2005) na região leste da Indonésia, que abrange a ilha de Timor, e também analisados por Corte-Real (2000) nessa língua. Dentre esses dísticos, os pares mais utilizados na fala Manbae são os seguintes: *an-hine pat* e *an-mane pat* referindo-se a linhagem masculina; *kai nor topó* duas formas de tratamento usados pelo homem para se referir aos seus parentes femininos; *ama nor ana* ‘pai e filho’ par que além de enfatizar a importância da relação entre pai e filho, reflete a unidade entre os velhos e jovens do sexo masculino (CORTE-REAL, 2000, p.34).

Digno de nota, é que no trabalho comparativo realizado por Fox (1988) sobre o uso de dísticos e de paralelismos lexicais na fala e na literatura oral dos vários povos do leste da Indonésia, os autores da coletânea chegaram a conclusões de que nessa região o emprego desses recursos é frequente e a estrutura deles nas diversas línguas é muito similar. Em Gomes (1972), há exemplos desses paralelismos em Makasae e em Fataluku, e é possível observar os pares de maneira semelhante aos analisados para o Manbae, como na narrativa em língua Makasae intitulada *Bada-Lessa, Bada-Raku, Moro-Kai, Meli-Kai* cujo dois dísticos são reproduzidos abaixo:

Ni **gore** gau mau!-Venho ao rei grande!
 Ni **rata** gau mau !-Venho ao amo!
 (...)
 Ani **teli** tina nava!-Eu comi sempre milho !
 Ani **ressa** tina nava!-Eu comi sempre arroz!
 (GOMES, 1972, p. 57)

Esse paralelismo lexical geralmente é usado como jargões ou provérbios na fala cotidiana, como o caso da língua Manbae e Makasae, ou são pares de palavras desconhecidas pelos falantes, que marcam algum traço de narrativas da literatura oral, ou seja, esse recurso está presente nas línguas de Timor-Leste, mas com funções distintas, merecendo ser estudado mais detalhadamente, por meio de pesquisas que se dediquem às formas e às funções do paralelismo em cada uma das línguas leste-timorenses.

A importância do estudo dos eventos de fala ocorre pelo fato de que basicamente eles são as condições sociais existentes para que sejam usadas as formas tradicionais de fala, assim caso alterem um conseqüentemente o outro será alterado também. O modelo da etnografia da comunicação de Hymes (1974) serve como um conjunto de ferramentas para se analisar e verificar o grau de intervenção/modificação nas interações comunicativas locais, a partir do momento que se deu o contato/colonização com o europeu. Os eventos de fala, selecionados por Mühlhäusler (1996, p.55), que serão adotados aqui para análise são:

- Forma da mensagem;
- Conteúdo da mensagem;
- Cenário;
- Emissário;
- Emissor
- Ouvinte/receptor;
- Finalidade;
- Maneira;
- Formas de fala.

A forma da mensagem é a categoria que se preocupa com as diferentes maneiras de se expressar novos eventos inseridos na comunidade autóctone, como: saudações, agradecimentos, tratamentos formais, anedotas e chistes, inserção de novas informações etc. Mühlhäusler (1996) explica o seguinte a respeito do principal impacto nesta categoria:

The creation of new communication networks with the outside, the introduction of new media, and the process of religious and educational/political conversion have greatly enhanced the role of the cognitive function of language and the need for message forms appropriate for it. (MÜHLHÄUSLER, 1996, p. 56)¹⁵

Desta maneira, o impacto na forma da mensagem na sociedade timorense foi notável, não apenas nesta categoria dos eventos de fala, mas também nas demais, sendo o principal fator as novas redes de comunicação instituídas pela presença estrangeira, ou seja, a administração portuguesa e a atividade missionária. Inicialmente, é possível observar que todas as formas de saudações e polidez em Timor-Leste são os mesmos empréstimos lusófonos nas várias línguas

¹⁵ “A criação de novas redes de comunicação com os estrangeiros, a introdução de novas mídias e o processo de conversão religiosa e político-educacional ampliaram o papel das funções cognitivas da língua e a necessidade formas de mensagens apropriadas para isso.”

locais: *bondia* ‘bom dia’ *botarde* ‘boa tarde’, *bonoiti* ‘boa noite’, *adeus* ‘tchau’ e *obrigadu* ‘obrigado(a)’, em outras línguas que tiveram contato maior ainda são encontrados mais exemplos, como em Tetun: *tologu* (< ‘até logo’) ‘tchau, adeus, boa noite’, *agradese* ‘agradecer’, *halo favor* ‘por favor, faz favor’. Não é possível inferir se não existiam tais tipos de saudações nos eventos de fala das comunidades leste-timorenses, ou se as saudações existiam nas línguas locais, mas foram substituídas, mas é a probabilidade maior é que existiam saudações, porém não relacionadas com o período, como na cultura ocidental. Um exemplo aparente disso é uma saudação tetunófona que se mantém até os dias atuais: *bá ne’ebé* que em seu sentido literal é ‘vai aonde’, mas que seu uso é igual à saudação em português ‘como vai?’ ou ‘como está?’. As formas de tratamento também foram alteradas, ocorrendo principalmente a perda, em língua Tetun, das formas para se referir ao líder da nobreza *liurai*. Em Tetun, havia léxicos e paráfrases específicas para tratar com o *liurai*: o cidadão comum *han* ‘come’ e o nobre *hola* ‘toma’ ou *halamak* ‘consome os aperitivos’; os nobres não ‘falam’ *hateten*, mas *hatun lia* ‘deixa cair as palavras’; ele não ‘morre’ *mate*, mas *hasa/e an* ‘eleva-se’; o nobre não ‘senta’ *tur*, ao invés disso ele *hatodan an* ‘repousa seu peso’; o cidadão comum não pode *ko/alia* ‘falar’ com o nobre, mas deve *hasa/e lia* ‘elevar as palavras’ a ele (THOMAZ, 2002, p.115). Williams-van Klinken e Hajek (2006, p. 13) analisaram o Tetun falado na capital, Dili, nos dias de hoje e chegaram a várias conclusões, sendo a principal consistindo na existência de um novo sistema de tratamento que está sendo formado, tem como base os pronomes da língua e a seguinte hierarquia: *Ita-Boot* (‘2 pl.INC’ + ‘grande’) ‘2ª pessoa formal e polida’ > *señór/señora* ‘tratamento formal genérico’, empréstimos lusófonos > *ita* ‘2 pessoa formal’, geralmente usado antes do nome de alguém > termos de tratamento, como *anó*, *anoi* ‘querido(a)’ > nome próprio > *ó* ‘2 pessoa informal’. Os autores também afirmam que tal sistema de tratamento por ainda estar em formação apresenta grande variação em seu uso, e que a língua Tetun tradicionalmente fazia uso de

termos de tratamento e de marcação zero para formalidade, sendo que o novo sistema de tratamento trata-se de uma adequação da língua a situações mais formais que se instalaram com o processo de independência, que exige termos formais para a mídia, educação, relações internacionais e assuntos oficiais (WILLIAMS-VAN KLINKEN e HAJEK, 2006, p. 16). De maneira distinta das saudações, que não há registros anteriores, essas formas de tratamento foram registradas e desencorajadas seu uso em relação ao nobre pelos missionários que, com a continuidade de suas atividades, passaram a fazer uso dessas formas como maneira respeitosa para se referir a Deus e aos santos católicos. Analisando ainda o impacto da atividade missionária na forma da mensagem, é possível verificar que a forma tradicional de humor, que existe somente alguns resquícios na literatura oral, como em Tetun os *ai hahi'it* e *ai sasi'ik* 'adivinhas' ou algumas *ai kananuk* 'poesia oral' (KLINKEN, 2000), foi também abolida pela educação cristã, que a considerou obscena e pecaminosa, por tratar de forma humorística temas como o adultério. A intervenção da igreja católica em Timor-Leste foi mais além, substituindo os nomes e sobrenomes nativos por nomes cristãos, como Domingos, José, Mateus, Pedro, e nomes de família mais comuns, como Silva, Costa, Santos. Atualmente, isto ainda é mantido, já que os leste-timorenses podem ser batizados somente se tiverem nomes cristãos e/ou portugueses, porém alguns cidadãos proeminentes da sociedade leste-timorense mantiveram seus nomes nativos, principalmente como forma de resistência durante a invasão indonésia ou do período de colonização portuguesa, como o atual presidente da República Democrática de Timor-Leste, Taur Matan Ruak, o ex-primeiro ministro, Mari Bim Amude Alkatiri, e ex-primeiro ministro e ex-presidente que possui o nome português e leste-timorense, José Alexandre Kay Rala Xanana Gusmão. Somente em comunidades que defendem seus costumes tradicionais ou que se localizam em regiões isoladas, são mantidas as formas tradicionais de nomeação em que o indivíduo recém-nascido recebe nome escolhido por parentes maternos de algum parente falecido da linhagem matrilinear. De acordo com

Sousa (2010 p. 195), caso a criança, ou até o adulto, adquira uma doença, isto é encarado como uma rejeição ao nome, fazendo com que outro seja escolhido da mesma forma. Apenas se a doença, ou algum tipo de mal que assola o indivíduo, persistir é que se opta pela escolha de um nome de origem patrilinear e escolhido pelos parentes paternos. Este ritual é de escolha do primeiro nome. O segundo nome dado é o nome cristão, conforme já discutido acima. Posteriormente, podem ser somados mais dois nomes, que serão usados em rituais, estes nomes rituais devem fazer referência aos antepassados da família, geralmente avô ou avó, e a casa¹⁶ a que o indivíduo pertence, quando essas informações não estiverem presentes no primeiro nome escolhido. Um exemplo de nome, na comunidade de Tapo (no interior do distrito de Bobonaro, falante de Bunak), oferecido por Sousa (2010, p. 75) é *Sina Mau Fernando*, em que *Sina* é o nome nativo, *Mau* faz referência à casa *Namau*, e *Fernando* é o nome católico.

O conteúdo da mensagem nas conversas locais timorenses também sofreu alteração. Conforme será analisado posteriormente em relação às situações de fala, especificamente as mudanças no fluxo de informação social de sociedade de baixa informação para sociedade de alta informação, a importância de alguns tópicos tradicionais de conversa, como aqueles elaborados pelos anciãos, que consistem no contar de história, rezas, narrativas, mitos, entre outras, foi extremamente reduzida, enquanto assuntos externos à comunidade, como dinheiro e economia¹⁷, ciência ocidental¹⁸, objetos eletrônicos etc. são considerados muito mais

¹⁶ A casa, também conhecida como casa sagrada, é a base da organização social das comunidades nativas leste-timorenses, pois é por meio dela que são: identificadas as origens da comunidade, das famílias e dos indivíduos; organizados os diversos rituais; feitas as alianças e casamentos; nomeados os indivíduos. Mais à frente este tema será retomado.

¹⁷ Separei aqui propositalmente os tópicos ‘dinheiro’ e ‘economia’, pois em muitas conversas que tive com os jovens leste-timorenses, eles destacavam em demasia a importância do ‘dinheiro’ acima de tudo para suas vidas e suas escolhas, ao passo que o tema ‘economia’ era algo extremamente abstrato para eles, achando que estava ligado somente a assuntos de política.

¹⁸ Inseri o termo ‘ciência ocidental’ pelo fato de considerar também como ciência o conhecimento sistemático que as etnias locais possuíam e que foram se perdendo.

importantes por serem, de acordo com a própria geração mais nova, mais ‘modernos’ (contemporâneos) e mais ‘urbanizados’¹⁹. Entre as consequências para o ecossistema linguístico local estão a desvalorização e conseqüente perda do conhecimento nativo; estigmatização dos anciãos e suas funções dentro das tradições leste-timorenses; empréstimos lexicais lusófonos em larga escala nas línguas nativas, principalmente para se referir aos assuntos considerados modernos e urbanos, como o caso da língua Tetun que apresenta mais de 6000 empréstimos²⁰. Digno de nota é que assuntos antes considerados típicos somente de uma classe social, como menstruação, gravidez e violência doméstica (considerados como somente da classe das mulheres adultas), atualmente é temática geral da sociedade de Timor-Leste devido às campanhas governamentais que falam abertamente desses assuntos, nas rádios, na televisão e nos jornais. Essas consequências serão comentadas posteriormente, pois possuem ligações com as situações de fala.

De acordo com Mühlhäusler (1996, p. 61), o cenário é o contexto psicológico dos eventos de fala. Assim, nesta categoria é possível ver a clara ligação com o ecossistema linguístico mental, que será comentada mais abaixo, e também com os AICs. Vários cenários dos eventos de fala na comunicação leste-timorense foram alterados ou extintos pela colonização portuguesa: a perda de formas tradicionais de aprendizado, já comentada anteriormente e que também será analisada, quais indivíduos podem ou não participar do cenário da interação comunicativa, assim como os graus de formalidade e de conforto existentes nessas interações. Os anciãos leste-timorenses transmitiam o conhecimento tradicional por meio de narrativas orais, cujos principais gêneros mais conhecidos na literatura tetunófona são *hamulak* (oração narrativa em versos usada somente em cerimônias

¹⁹ Os assuntos mais comentados pelos jovens leste-timorenses, assim como estas expressões destacadas entre aspas foram usados pelos próprios cidadãos durante o tempo de convívio entre o presente pesquisador e eles.

²⁰ Número contabilizado pelo autor no *Matadalan Ortográfiku ba Tetun-Prasa*, publicação do INL (2003), que é um guia ortográfico da língua Tetun. Porém, nos dias atuais a tendência é substituir muitos desses empréstimos lusófonos por paráfrases nas línguas nativas, principalmente nas línguas faladas em regiões mais isoladas do país.

ritualísticas), *ai knananuk* ~ *ai kananuk* (poesia oral que é usada em festas tradicionais, ou seja, eventos sociais que possuem certa importância cultural, como noivado, cortejo, rezar, ato de cozinhar, dar boas vindas a convidados importantes etc.) e *ai knanoik* (contos populares que versam sobre os mais diversos temas, como: mitos de origem, de nobres e de eventos passados, histórias com fins de entretenimento e fábulas com fins educativos)²¹, e de registros especiais, como o tabu linguístico *lia tasi* ‘língua do mar’, tabu usado somente pelos pescadores na época em que praticam tal atividade, o registro *lia nain* ‘língua nobre’²², registro da língua usado por contadores de histórias, a ‘língua do algodão’ dos Ema, falantes de Kemak, usada somente por mulheres em atividades relacionadas ao algodão (CLAMAGIRAND, 1972)²³, e das línguas rituais do Fataluku e do Makassae, mencionadas por Gomes (1972). Além das formas de tratamento, que se assemelham a honoríficos, já mencionadas anteriormente. O que se percebeu nas coletas de dados é que essas formas de tratamento e registros especiais estavam ligadas a um cenário específico e bem definido na sociedade leste-timorense. Isso fez com que ao se perder tais registros, fossem alterados ou até se perdessem os cenários em que eles eram usados, e com eles todo o conhecimento tradicional e o processo de transmissão desse conhecimento também. Como foi apontado acima, algumas sociedades rurais mais remotas, atualmente, fazem uso desses registros especiais, porém é notável a perda do cenário nesses eventos de fala, já que no caso da *lia nain* há uma confusão, uma certa instabilidade, em seu uso ao determinar o momento certo em que deve ser empregado e a quais cidadãos devem ser referidos (cidadãos leste-timorenses comuns tentam se afirmar como nobres, enquanto antigos nobres não o são mais). Desta

²¹ Para uma análise ecolinguística da literatura oral leste-timorense, ver o capítulo 8 deste livro.

²² O nome *lia nain* também pode se referir aos próprios contadores de histórias, conforme será apontado mais adiante.

²³ Clamagirand (1972), pelo fato de seu trabalho ser de natureza antropológica, não identifica a língua do algodão, como uma língua ou registro especial, ou um tabu linguístico, sendo chamada pela autora apenas de ‘trabalho do algodão’ (fr. *Travail du coton*) ou ‘vocabulário do trabalho do algodão’ (fr. *Vocabulaire du travail du coton*). As atividades relacionadas ao algodão em que ela é usada são todas, desde sua colheita, tratamento, cardação e fiação até os processos de tecelagem, tintura, bordadura e ornamentação do tecido.

maneira, também se perderam algumas regras interacionais, afetando as interações comunicativas, já que diante das situações comunicacionais mencionadas o falante não sabe se comportar para melhor efetivar a interação comunicativa, ou seja, não sabe quais as regras sistêmicas dessas interações. Como exemplo, um cidadão leste-timorense diante de uma situação formal que deva se comunicar com uma autoridade política, policial ou jurídica não sabe como se comportar socialmente e linguisticamente, não sabendo quais formas de tratamento devem ser usadas (regras sistêmicas) e quais regras interacionais devem ser seguidas: deve-se olhar no olho ou isso é inapropriado para a situação; deve-se falar em uma altura normal ou com a voz mais baixa; deve-se aproximar-se mais do ouvinte ou manter uma distância maior, e assim por diante. Toda essa confusão em relação ao uso das regras interacionais e sistêmicas é que causa uma alteração na noção de formalidade e informalidade, assim como gera situações de comunicação que causam desconforto no falante pelo fato de ele não estar acostumado ou não conhecer o cenário.

Sobre a ligação do cenário com o ecossistema linguístico mental vale a pena dizer algumas palavras sobre este ecossistema específico, que se baseia no EFL de Couto (2007). A língua se encontra no cérebro de cada indivíduo por meio das inter-relações que ela estabelece dentro dele, sendo a mente nada mais do que o cérebro em funcionamento. Assim, a língua pode ser estudada como fenômeno mental (L_2), sendo P_2 a parte da mente do indivíduo que processa a língua e T_2 é o cérebro sendo encarado como entidade concreta.

Desta maneira, o meio ambiente mental da língua é onde ocorrem as interações mentais da aquisição, do armazenamento e do processamento da língua (COUTO, 2013, p.299). Como consequência da alteração do cenário, é possível citar que foi descontinuado o processamento da língua, assim como foram afetadas as interações mentais da aquisição e o armazenamento da língua, já que não foram transmitidos os registros especiais para outras

gerações, nem as situações em que os falantes devem usá-los e como se comportar quando se faz necessário o uso na interação comunicativa de um desses registros.

O remetente (ing. *sender*) é a fonte da informação que geralmente é idêntica ao emissor, mas em situações especiais eles podem ser diferentes. Isso ocorreu principalmente durante a colonização, pois foi inserida uma série de fontes externas no ecossistema local de Timor, como o Deus cristão, os reis/imperadores europeus, o chefe/diretor de alguma instituição, assim como seus respectivos porta-vozes (embaixadores, conselheiros etc.). Desta maneira, fez-se necessário diferenciar esses dois agentes nos eventos de fala, chegando a se criar novos eventos para inserir os dois, emissor e emissário, quando estes são distintos. Além do impacto de se criar novos eventos de fala para satisfazer a necessidade de comunicação com o colonizador, o processo de comunicação foi alterado, causando uma perda em certas crenças espirituais locais, já que os timorenses acreditavam que os emissores portadores de conhecimento e/ou informação eram os seres espirituais, principalmente os espíritos de seus ancestrais, e seus emissários eram os anciãos, que se comunicavam ritualisticamente com seus ancestrais. Com isso os anciãos perderam sua importância no ecossistema local, sendo desvalorizados socialmente e deixando de lado suas práticas religiosas, e os conhecimentos nativos também perderam seu valor, já que as fontes de conhecimento começaram a ser encaradas como externas ao país, localizadas em território e instituições europeus, chegando até o culto aos espíritos de seus antepassados, em alguns casos, ser descartados como paganismo ou crença sem valor. Atualmente, alguns anciãos leste-timorenses pregam que toda a pobreza e violência no país são originárias exatamente por causa da ausência, ou desvalorização, desses espíritos ancestrais, que se retiraram para locais remotos e não podem mais proteger o povo de Timor-Leste, como foi registrado por Traube (2007, p. 19), no Distrito de Aileu, região falante da língua Manbae, onde a população crê que a vulnerabilidade dos timorenses aos ataques indonésios, tanto em 1975 com a chegada deles,

quanto em 1999 durante a retirada, pode ser vista como um indício do declínio do poder espiritual do povo desse distrito, e que tal enfraquecimento deu-se a partir da colonização, mas ocorreu com maior intensidade pelo fato de suas histórias sagradas terem sido compartilhadas com pessoas de fora, especialmente com a pesquisadora, Traube. Digno de nota é que esta prática continua até os dias atuais, já que a ONU (Organização das Nações Unidas) e o Banco Mundial são instituições que atuam no país auxiliando na administração governamental, na educação formal, entre outras áreas, fazendo com que a população continue pensando da mesma maneira e intensificando cada vez mais o impacto nos AICs tradicionais.

O emissor (ing. *addresser*) é a própria fonte da mensagem. Nas sociedades timorenses tradicionais, algumas variedades linguísticas e/ou alguns registros eram tratados como posse específica de grupo, fato comum em várias sociedades austronésias e papuásicas tradicionais. As formas de tratamento estão ligadas com essa propriedade linguística, já que em todas as sociedades, não apenas em sociedades nativas ou orientais, mas nas sociedades ocidentais também, os falantes possuem certas restrições linguísticas e não podem se referir a qualquer ouvinte com qualquer forma de tratamento, ou seja, há certos grupos sociais que são donos de alguma língua, ou variedade, ou registro de língua²⁴. É possível citar novamente os exemplos das formas de tratamento (THOMAZ, 2002, p. 115), que eram específicas de um grupo, os não nobres, para se referir a outro grupo específico, os nobres, e também de *lia tasi*, registro usado somente pelos pescadores, e *lia nain*, registro usado somente pelos contadores de história (KLINKEN, 2000; THERIK, 2004), além da ‘língua do algodão’ dos Ema, falantes de Kemak (CLAMAGIRAND, 1972), citada anteriormente, e das línguas rituais do Fataluku e do Makassae (GOMES, 1972; ENGELENHOVEN, 2010). Em todos esses casos citados, um grupo de pessoas era ‘dono’ da língua, que não pode ser usada pelos demais indivíduos da

²⁴ Digno de nota é que mesmo quando um grupo se considere ‘dono’ de uma língua, variedade ou registro, na verdade ele se refere a uma maneira específica de se comunicar e, de certa forma, não está reificando a língua.

sociedade. A causa principal da mudança do conceito de emissor é que os colonizadores portugueses, e em menor escala a atividade missionária, não perceberam tais limites linguísticos em relação ao uso de certas variedades específicas, ou em alguns casos não aceitaram tais restrições, tentando acabar com essas propriedades de língua, que alguns grupos sociais de Timor possuem (ou possuíam), pelo fato de encará-las como símbolo de resistência ou desrespeito à autoridade da metrópole ou autoridade religiosa.

O impacto que ocorreu com a colonização portuguesa na sociedade timorense em relação aos ouvintes e receptores foi a inserção de intermediários e de diferentes destinos na mensagem, lembrando aqui que a distinção de ouvinte e receptor está relacionada com o emissor e remetente. Digno de nota é que a inserção de intermediários foi uma consequência da introdução de meios que tornaram a difusão de informação mais rápida e acessível, sendo primeiramente a escrita, o papel, a carta, registros e as documentações de vários tipos, e em tempos recentes os meios de comunicação em massa: o rádio, a televisão, o jornal, a telefonia, a internet, entre outros. Antigamente, em Timor e em outras sociedades tradicionais austronésias, a informação era restrita a alguns grupos sociais específicos, como curandeiros, anciãos, nobres, ou a alguma etnia dominante específica. Desta forma, tanto a transmissão ou obtenção de informação, como a inserção de um cidadão comum em uma dessas classes privilegiadas, requeria a passagem por um rito iniciático ou era transmitida via um tabu linguístico. Mühlhäusler (1996, p. 65) cita um caso que foi relatado por Franklin e Stefaniw (1992) no qual a acessibilidade à informação ameaçou um registro especial, usado somente para transitar em áreas perigosas no território Kewa. Na pesquisa conduzida em Timor-Leste pelo presente autor, foram encontrados os mesmos casos de ameaça aos registros e línguas especiais, porém foram registrados casos idiossincráticos, que exatamente foram as mudanças ocorridas nos AICs tanto na transmissão de informação, quanto nos ouvintes e receptores que acarretaram o surgimento de novas línguas e registros especiais, como forma de resistência,

conforme será comentado abaixo a respeito das línguas rituais e do caso da língua Makuva. Em outras palavras, com a perda, ou redução do uso, de um tabu linguístico ou uma língua ritual muitas sociedades nativas leste-timorenses estão criando novas variedades rituais, ou tabus, para resistir ou proteger alguma língua ritual moribunda. Atualmente, este processo persiste, já que os meios de comunicação em massa continuam a ser utilizados pela população, tornando o fluxo de informações bem maior e mais rápido, assim como fazem com que as informações sejam acessíveis a todos os grupos indiscriminadamente, acabando com tabus ou qualquer tipo de restrição.

A finalidade dos eventos de fala é o parâmetro mais complexo para a análise, pois engloba uma série de características do ato comunicativo que estão relacionadas com o objetivo com que é usada a língua, além da comunicação. Mühlhäusler (1996, p.66) cita as seguintes: transmissão de informação, manutenção de práticas culturais, controle social, tomadas de decisões em grupo e marcação de identidade. Em sociedades autóctones, como os povos nativos leste-timorenses, a transmissão de informação não é livre dentro da sociedade, mas é um privilégio de um grupo prestigiado (líderes, curandeiros, nobres etc.), fazendo o controle da transmissão de informação como uma ferramenta para o controle social e para a manutenção de práticas culturais. Com o advento da atividade missionária e da educação formal houve aqui também um impacto nestes eventos de fala o fluxo de informação mudou, não havendo mais restrições grupais/sociais, assim como os agentes transmissores das informações se modificaram dos líderes tribais para os padres e professores, no âmbito da igreja e da escola. Digo de nota é que a própria atividade de ensino e aprendizagem não era feita por meio da interação comunicativa em um ambiente específico, ou seja, não era feita por meio linguístico e na escola, mas pela observação e prática dos costumes e ofícios, e por meio da audição: ouvir os mitos e histórias contados pelos anciãos e aprender a interpretá-los por si só. Além disso, anciãos e contadores de história tinham uma posição privilegiada nas

sociedades leste-timorenses tanto pelos seus respectivos papéis de transmissão de conhecimento, analisados nesta seção e na seguinte, como também por suas habilidades retóricas, que foram desvalorizadas por diversos fatores, já que era encarada como enganadora, pelos missionários católicos, e vista como desnecessária para se alcançar a informação e o conhecimento, pela educação formal, pois somente o conhecimento em língua portuguesa, língua do colonizador, é que possuía valor. Como consequência deste posicionamento, fica evidente que o status dos indivíduos multilíngues, antes prestigiados, também se perdeu. Em relação à língua sendo usada para a tomada de decisões, desde cedo, a atividade missionária em Timor, aliada à coroa portuguesa, procurou reduzir a importância desse evento de fala, considerando o nativo como um indivíduo infantil, ingênuo e incapaz de reger sua própria, sendo uma dádiva o missionário tomar decisões no lugar do nativo. Esse é o evento de fala que teve o maior impacto linguístico, já que ao tomar decisões pelo nativo, julgando-o incapaz, foram inseridas modificações artificiais no léxico e na gramática das línguas nativas. No léxico, ocorreu inserção de uma série de empréstimos nos campos semânticos tipicamente da cultura europeia da época: a religião e a burocracia administrativa. Castro (2012, p. 91), em um artigo de antropologia, analisa o conflito que há até a atualidade entre a religião católica, predominante em Timor-Leste, e as práticas animistas, chamando atenção que vários empréstimos do português foram inseridos em Tetun, como: *jentiu* ‘religião tradicional’, *kultura* ‘costume, práticas das religiões tradicionais’, *katolik* ~ *katóliku*²⁵, *diabu* (em Fataluku *tijapu*) entre outros, às vezes sendo usados com outros significados, conforme apontado, para expressar conceitos do catolicismo, assim como lexemas tetunófonos foram reaproveitados, ganhando outros significados, também para a atividade missionária, como: *Maromak* ‘aquele que brilha < Deus-Sol nas religiões tradicionais’, *lulik* ‘sagrado < objetos sagrados das casas tradicionais’ (em Fataluku *tei*), *buan*

²⁵ O lexema *katolik* trata-se de um empréstimo do malaio *agaman katolik* ‘religião católica’, enquanto seu correlato *katóliku* é o empréstimo lusófono.

‘diabo < bruxa’, *halo lia* ‘ritual, fazer/ praticar um ritual tradicional < *halo* ‘fazer’ + *lia* ‘língua’’, principalmente nas traduções da bíblia, catecismos, orações católicas etc., conforme Rosa (2012, p. 23) estudou para o Tetun e o Fataluku a função das traduções na atividade missionária em Timor-Leste. Digno de nota é que essas formas foram registradas nos primeiros dicionários da língua Tetun (SILVA, 1889; DORES, 1907). Na gramática, as línguas locais leste-timorenses apresentam uma sintaxe paratática, com pouco uso de conectivos em geral, fazendo com que os missionários inserissem construções fraseológicas artificiais repletas de preposições e conjunções tanto do Tetun como do português. Vários exemplos podem ser extraídos do dicionário português-Tetun de Silva (1889), tanto dos verbetes, como: *âmbula* que é definida como *botil oan atu rai mina sarani* ‘pequena garrafa para despejar o óleo cristão’; calvário *foho neebe Jesus Christo mate duni tanba ema* ‘montanha em que Jesus Cristo foi morto pelas pessoas’, quanto do próprio esboço gramatical do Tetun, que Silva (1889, p.11) elabora na introdução de seu dicionário, tentando analisar a língua Tetun na tradição gramatical clássica, seguindo a gramática da língua portuguesa, assim é possível encontrar construções artificiais como os pronomes oblíquos, que na verdade são inexistentes em Tetun: me, a mim, para mim > *iha hau, hau, mai hau*; lhe, a ele, a ela > *ba nia, iha nia*. Em relação à marcação e formação da identidade, Laycock (2001) já havia afirmado que a multiplicidade linguística e dialetal, em regiões como a do Pacífico, é um índice de identidade, pois por meio das línguas e variedades linguísticas faladas cada indivíduo é identificado como fazendo parte de um grupo social ou de outro. Com o impacto da atividade missionária, da colonização, do ensino formal e do letramento há um declínio de variedades não prestigiadas (MÜHLHÄUSLER, 1996, p. 68), já que os falantes acabam por optar pelo uso de línguas prestigiadas em diferentes sociedades e não somente na sua comunidade local, assim foram alteradas as relações de socialização com base na língua (rituais, orações, narrativas, cortejos etc.) e a própria estrutura tradicional dos casamentos que

são baseadas nas casas sagradas, que vem sendo estudada por vários antropólogos, como: Clamagirand (1980) para o povo Ema, falante de Kemak; Traube (1986) para o Manbae; Fox (1996) oferece um panorama do sistema de casamento de vários povos leste-timorenses²⁶.

A maneira (ing. *key*) é um parâmetro que se preocupa com o tom, o modo e o estilo dos eventos de fala Mühlhäusler (1996, p.68). As maneiras dos eventos de fala foram alteradas principalmente pela atividade missionária por meio das traduções bíblicas, que acabaram por inserir um padrão ortográfico em línguas ágrafas, e na alteração da literatura oral e dos diálogos nativos, já que houve uma preocupação da moral cristão em reduzir ou acabar com: as práticas rituais em geral (que envolviam sacrifício, consumo de substâncias entorpecentes, práticas de transe, invocação de espíritos dos antepassados etc.), como no caso da série de rituais que envolvem a sementeira do milho que envolve benção das ferramentas e da terra, rezas que evocam o espírito dos antepassados e o espírito do milho e o sacrifício de uma galinha; gêneros textuais tradicionais que possuíam linguagem obscena e blasfêmias, como *hola ai fuan*, ritual geralmente xamanístico em que se busca uma resposta para a causa de algum mal; *matabian sa'e*, também com características ritualísticas, esse gênero se caracteriza por uma pessoa em estado de transe se comunicar com um indivíduo morto recentemente; as adivinhas, chamadas de *ai hahi'it* ou *ai sasi'ik* (KLINKEN, 2000), que possuem funções de divertimento entre amigos, são simples adivinhas em que um indivíduo se identifica como o objeto a ser adivinhado e narra algumas características de si próprio, como se fosse o objeto, e outro indivíduo tenta acertar, semelhante às adivinhas 'o que é, o que é' em português; as metáforas nativas, que são tipicamente duais, relacionadas à natureza

²⁶ Apesar de apresentar certas variações, as características em comum dos povos de Timor-Leste em relação a sua organização social e o sistema tradicional de casamento são as que seguem: há uma restrição de clãs em que alguns são reconhecidos como doadores de esposas e outros como recebedores de esposas; essas restrições de clãs têm suas raízes nas narrativas mitológicas orais que tratam das origens dos povos nativos leste-timorenses; nos dias atuais a organização social é baseada em casas sagradas com cada uma das delas correspondendo a um dos clãs.

(dia e noite, calor e frio, seca e chuva, nascimento e morte, novo e velho, homem e mulher) e a conceitos metafísicos (bem e mal, físico e espiritual), e encaradas como um eterno equilíbrio entre positivo e o negativo; os tabus, além dos tabus linguísticos citados, há também tabus em relação a fazer algumas atividades fora do período determinado, como: comer certos alimentos, ter atividade sexual, casar, entre outros²⁷; e os honoríficos, como os usados para se referir aos nobres, já mencionados.

Finalmente, as formas de fala consistem em variedades utilizadas para se referir a grupos específicos, como o *baby talk*, algum tipo de linguagem familiar, ou variedades empregadas por um certo grupo social, como língua de caçadores, de pescadores, de mulheres (MÜHLHÄUSLER, 1996, p.71). Em Timor-Leste, foi possível perceber a perda nas línguas dos pescadores e dos nobres, *lia tasi* e *lia nain*, respectivamente, pelo fato de ambas estarem bem documentadas tanto por linguistas, como por antropólogos, assim como a redução da ‘língua do algodão’ e das várias línguas rituais existentes. Porém, com as mudanças sociais, religiosas e culturais que ocorreram com a colonização portuguesa, acredita-se que as línguas ou variedades xamanísticas e as línguas familiares foram profundamente alteradas ou se perderam por diversos fatores. As línguas xamanísticas sofreram alterações principalmente com a introdução do cristianismo e da medicina ocidental, com médicos, hospitais, remédios industrializados, entre outros. Novamente, aqui podem ser citadas as línguas rituais dos Fataluku e Makassae, apontadas por Gomes (1972), assim como alguns rituais descritos nas entradas do dicionário Fataluku de Náchér (2012), os rituais Bunak, descritos por Sousa (2010), porém nestas publicações ainda se encontram alguns usos das línguas rituais, já que foram investigadas comunidades isoladas de Timor-Leste. Já as línguas familiares sofreram com as práticas católicas, que acabaram por alterar as os sistemas tradicionais de casamento,

²⁷ Caso alguma dessas, e outras atividades, sejam feitas fora do período designado a ela, como, por exemplo, ter relações sexuais fora do período correto, os leste-timorenses acreditam que males da natureza, como ventanias ou tempestades, assolarão toda a comunidade, prejudicando a saúde dos indivíduos e suas colheitas.

baseados em clãs e casas sagradas, e as próprias relações nativas de parentesco. Contudo, não há dados linguísticos a respeito, com a maioria das referências a essas variedades sendo de trabalhos de campo de antropólogos.

4.2 – Adaptações nas situações de fala

A listagem das situações de fala que sofreram alterações com o advento da colonização europeia foi retirada de Mühlhäusler (1996, p.51) que, conforme dito anteriormente, analisa o impacto da colonização inglesa na ecologia das sociedades do Pacífico. Baseando-se nessa listagem de Mühlhäusler (1996), no processo de coleta de dados e das viagens/observações em campo, as situações de fala que a presença portuguesa alterou foram as seguintes: a introdução de novas espécies de plantas, animais e doenças; o desaparecimento da flora e fauna locais; a inserção de novas bebidas e drogas, além das doenças; fluxo migratório adicional de grupos além do colonizador português que também afetaram a população local; a substituição rápida da cultura local pré-existente pela cultura ocidental; destruição de algumas redes de comunicações existentes; destruição de parte da cultura espiritual; mudanças no fluxo de informação social, de sociedade de baixa informação para sociedades de alta informação; desenvolvimento de identidade nacional.

A introdução de novas plantas e animais ocorreu na ilha de Timor desde tempos pré-históricos. De acordo com Cowie (2006, p. 4), Timor está localizado em uma área biogeográfica que apresenta espécies endêmicas da Malesia Central, uma zona de transição entre as florestas tropicais de Sunda e a península malaia, e da Placa de Sahul, na Papua Nova Guiné (VAN WELZEN, SLIK e ALAHUHTA, 2005). Um caso digno de nota foi a introdução de um marsupial, semelhante ao gambá, conhecido como *cuscus*, cerca de 9.000 A.P., originário do nordeste da Papua (LAPE, O'CONNOR e BURNINGHAM, 2007) e atualmente extinto. Assim, é possível afirmar que os colonizadores portugueses deram apenas

continuidade ao processo histórico e de contato ao inserirem novas espécies e seus respectivos nomes, ou seja, aqui o impacto foi menor. Nas línguas locais, como o Tetun, há diversos empréstimos, como: *agriaun* ‘agrião’, *ai kanela* ‘canela’, *ai nanás* ‘abacaxi, ananás’, *ervilya* ‘ervilha’, para flora; *liaun* ‘leão’, *elefante* ‘elefante’, *kuda kamelu* ‘camelo’, *koelyu* ‘coelho’, para fauna.

O desaparecimento da flora e fauna nativas ocorreu principalmente por causa do extrativismo vegetal, e da instalação e expansão de centros urbanos, causando um deslocamento ou a disseminação de ecossistemas inteiros. Atualmente, há exemplos de áreas urbanizadas, como Dili, a capital, falante de Tetun, e Laleia, distrito falante da língua Galolen, em que o povo que a habita se orgulha de ser urbanizado e de ter abandonado seus conhecimentos tradicionais (práticas animistas e conhecimentos da fauna, flora, medicina tradicional etc.), afirmando que isso é coisa típica de povoados rurais, conforme foi atestado pelo pesquisador *in locu*, para Dili, e por Traube (1986, p. xi). Essa distinção entre o urbano e o rural para o povo leste-timorense é importante e há uma forte tendência cultural, que reflete nas línguas, de considerar o urbanizado como positivo e o rural como negativo, conforme Albuquerque (2011c, p. 5) atesta, tanto com exemplos do Tetun como do Manbae:

Na sociedade leste-timorense, a importância de separar povos mais urbanizados daqueles tradicionais é tamanha que apresenta reflexos linguísticos importantes. Há vários lexemas para se referir aos povos tradicionais, assim como separar um do outro. Entre eles: o lexema *kaladi* ‘habitante nativo da parte ocidental de Timor Leste’ também possui um significado pejorativo sendo usado para se referir aos povos tradicionais como ‘atrasados’, esse lexema é empregado em várias línguas; o mesmo é válido para o empréstimo lusófono *atrazadu* ‘retrógrado, campestre, rural’ que também é falado pelos habitantes leste-timorenses; na língua Manbae, há o lexema *kair* ‘plantar, semear’ que recebe um sufixo nominalizador *kair-a* ‘aquele que trabalha no campo’, significando também ‘caipira’.

Apenas mais um exemplo, uma breve análise nos primeiros dicionários da língua Tetun, Silva (1889) e Dores (1907), sendo ambos elaborados no século XIX, revelam mais de 200 nomes para flora e um pouco mais de 140 nomes de fauna, sem contar os empréstimos

lusófonos. Os dicionários recentes listam cerca de 100 nomes de flora e menos de 50 da fauna, incluindo os empréstimos. Isso revela que em um intervalo de cerca de um século, o cidadão leste-timorense das zonas urbanas perdeu mais da metade de seu conhecimento etnobotânico e etnozoológico, além das práticas ritualísticas, animistas, entre outras que não podem ser contabilizadas. Aqui é possível perceber um forte impacto da colonização portuguesa sobre as espécies biológicas e os conhecimentos étnicos. O único ponto positivo é que muito conhecimento nativo leste-timorense ainda é mantido exatamente entre os povos que vivem em regiões rurais e chamadas de mais isoladas. Esse conhecimento obviamente está refletido também nas línguas faladas por esses povos, como em Lakalei e Idaté, estudadas por Collins (2005), que possuem conhecimento etnobotânico e etnomedicinal rico com mais de 100 espécies da flora de seus territórios sendo utilizadas como alimento, remédio, matéria prima e em rituais. Durante esse processo de perda de conhecimento nativo, parece que os membros de algumas comunidades se tornaram preocupados e elaboraram formas para proteger seus respectivos conhecimentos culturais. Em Timor-Leste, há na língua Tetun, segundo Klinken (2000) e Therik (2004) casos de tabus linguísticos, como o *lia tasi* ‘língua do mar’ (língua usada especialmente pelos pescadores em suas atividades pesqueiras) e registros especiais, como *lia nain* ‘língua nobre’ (registro usado pelos contadores de história ou também para se referir de maneira foral a algum nobre), e o povo makuvo que considera sua língua, o Makuva, como um tabu linguístico, que é para ser escondido de qualquer povo estrangeiro (HULL e BRANCO, 2002/2003, p. 112).

A colonização portuguesa acabou por causar um fluxo migratório adicional de grupos que afetaram a população local, além do próprio colonizador português. Ocorreram migrações das colônias portuguesas asiáticas próximas a Timor, principalmente Índia, Malaca, Flores e Macau, e um pequeno fluxo de africanos, de Cabo Verde e Moçambique (THOMAZ, 1976). Essas populações oriundas de diferentes locais formaram em Timor classes distintas de

mestiços, que acabaram por cultivar alguns traços culturais e linguísticos próprios. A mais importante foi a classe de mestiços portugueses originários de Larantuka, em Flores, que, em 1769, tiveram um papel fundamental na fundação da atual capital, Dili (BAXTER, 1996). Já os indo-portugueses registrados nos documentos da administração portuguesa de Timor eram conhecidos como *fondù*, mestiços indo-portugueses que participaram de revoltas no Estado da Índia e foram deportados para Timor, como forma de punição (SÁ, 1961, p. 215). Sobre a migração africana, esta foi mínima e não chegou a influenciar a sociedade timorense, já que Thomaz (1976) estima que o número ficou entre 10 e 20, ou seja, uma quantidade irrisória de fluxo populacional. De maneira diferente, a presença chinesa em Timor é notável, documentada desde o século XIII, conforme será apresentado mais adiante, foi encerrada no século XV, por causa do fechamento dos portos chineses, para ser provavelmente retomada no século seguinte, século XVI, por causa do “afrouxamento da vigilância da China” (THOMAZ, 2002, p. 157), sendo documentada pelos portugueses no século XVIII e ocorrendo um crescimento no século XIX. No período anterior à invasão indonésia, estimava-se que existia uma população de cerca de 25.000 chineses em Timor-Leste com direitos à escola chinesa, a praticar sua religião budista e a frequentar os templos budistas construídos²⁸, entre outros. Digno de nota é que a maioria dos chineses em Timor é de etnia Hakka, sendo apenas uma pequena parte originária de Macau. Atualmente, os chineses em Timor-Leste dedicam-se à atividade comercial, sendo donos de grande parte dos estabelecimentos comerciais do país, e a população Hakka estabelecida na ilha é reconhecida como portadora de uma identidade cultural própria (diferente tanto dos Hakka e como dos leste-timorenses), chegando a falar uma variedade leste-timorense da língua Hakka. Esta etnia não chegou a influenciar as línguas locais pelo caráter recluso de sua comunidade, que optou por se fechar, manter suas tradições e evitar o contato com a população local.

²⁸ Os chineses de origem Hakka são praticantes do Budismo Mahayana. Uma pequena parte da população é taoísta, confucionista ou animista.

Entre os traços linguísticos, é possível encontrar vários empréstimos do malaio, alguns empréstimos do Crioulo Português de Malaca (CPMal) e do Crioulo Português de Macau (CPMac), e um número reduzido de empréstimos de origem africana e indiana, tanto no PTL como nas línguas locais: *kasimbu* ‘cachimbo’ (< Kimbundo *ka-humbu*), *maninga* ‘magia’ (< Mandinka ou Ndongo *mànyíngà* ‘sangue’), *mainato* ‘servo’ (< Malayalam *mannattan* ‘classe de servos lavadores’, via Indo-Português), *kanuru* ‘colher’ (< provavelmente Tamil *karañiyil*, via Indo-Português *kujera*).

A inserção de novas doenças, bebidas e drogas em Timor, de maneira distinta ao que geralmente é assumido, não causou a extinção dos povos locais. Isso se deu por vários motivos, sendo o principal o mesmo já reiterado nesta seção: há evidências históricas de contatos prévios dos povos timorenses com demais povos: comerciantes malaios, no século XV, e viajantes chineses, no século XIII. As descrições chinesas das viagens feitas a Timor foram estudadas e traduzidas por Eccles (2004) e Ptak (1983), sendo que foram atestadas doenças já nessa época. O documento chinês elaborado por Wang Dayu, chamado *Registro sucinto das nações insulares*, que data de 1349, contém a seguinte passagem sobre as doenças em Timor (ECCLES, 2004, p.180)²⁹:

Those arriving there catch disease, and many die. If they are to avoid this, they must remain within the confines of their ships. If one is exposed to the wind and rain, one contracts disease and develops a high temperature. It is called *yinyang jiaojiao* and leads to inevitable death.³⁰

Este tipo de doença matou centenas de chineses que navegaram e que praticaram comércio nos mares de Timor. Os sintomas eram descritos como febre intensa, tremores e

²⁹ Nos exemplos seguintes as traduções do original chinês para o inglês foram feitas por Eccles (2004) e se encontram nesta mesma publicação do autor. Foram reproduzidas aqui estas traduções de Eccles com a respectiva tradução para o português feita por mim.

³⁰ “Os que chegam lá adoecem e muitos morrem. Se pretendem evitar isso devem permanecer em confinamento em seus navios. Se alguém é exposto a vento e chuva contrai a doença e começa a ficar febril. Chama-se esta doença de *yinyang jiaojiao* e leva inevitavelmente à morte”.

fraqueza. No século XVII, em 1617, Zhang Xie em sua obra *Investigações nos oceanos orientais e ocidentais*, apresenta uma informação contraditória ao afirmar que “O clima é úmido, porém é fresco e não causa doenças. (...) É difícil evitar pegar malária” (ECCLES, 2004, p. 182)³¹. Porém tal informação serve apenas como mais um dado a favor do que vem sendo apresentado aqui. Sobre a temática de drogas e bebidas, estas também já tinham sido inseridas em Timor em um período anterior à chegada dos portugueses, provavelmente pelos mesmos comerciantes malaios e chineses. Em outros registros chineses que datam do século XIII, desta vez de Zhao Rugua, intitulado *Registros das várias nações estrangeiras*, Eccles (2004, p. 181) traduz as seguintes passagens que são esclarecedoras:

They mix a drug in with sugar cane and ferment it to make a wine. (...)
There is also the weiba tree, whose centre they cut open to extract the juice, and wine can be made of this also.³²

Há também nas línguas locais leste-timorenses, como o Tetun, vários empréstimos que podem ser datados de antes da colonização portuguesa, como: *arak* ‘bebida fermentada’ (< Árabe */araq* ‘bebida forte’), *kafee* ‘café’ (< Árabe *qahwa*) e *afian* ‘ópio’ (< Persa *afiun*). É interessante notar aqui, que em relação a doenças e bebidas, os cidadãos timorenses já as possuíam em sua sociedade, adotando somente algumas estrangeiras, porém mais notável ainda é que as doenças não foram trazidas à ilha pelos estrangeiros, como geralmente acontece, mas o contrário, conforme apontado nos documentos acima, os estrangeiros é que ao chegarem a Timor, ficavam doentes e também encontraram bebidas nativas.

³¹ Traduzido de Eccles (2004, p.182) em inglês: *The climate is steamy, but is fresh and does not cause illness. (...) It is hard to avoid catching malaria.*

³² “Eles misturam uma droga à cana de açúcar e fermentam-na para fazer um vinho. (...) Há também a árvore *weiba* cujo centro eles abrem para extrair uma seiva, e um vinho também pode ser feito disso”. O lexema em chinês *weiba* é uma provável adaptação do malaio *nipah*, que se refere a pequenas palmeiras dessa região da Ásia. Na biologia, o mesmo lexema, *nipa*, é usado cientificamente para se referir ao gênero dessas palmeiras.

A cultura material timorense sofreu grande impacto, sendo rapidamente substituída pelas culturas estrangeiras, principalmente pela cultura malaia e pela cultura ocidental, representada especialmente pelos portugueses. Isso ocorreu pelo fato de que a cultura material timorense era baseada em atividades de subsistência, e a partir do momento que foram apresentados itens de outras culturas, com ênfase em atividades comerciais e mercantilistas, a população provavelmente viu-se seduzida por tais tecnologias exteriores à comunidade. Há registros mais antigos de palavras introduzidas no Tetun pertencentes a campos semânticos, como militarismo, alimentação, religião, vestuário etc. seguem alguns exemplos: *soldadu* ‘soldado’, *guarda* ‘guarda’, *eskudu* ‘escudo’, *samurai* ‘espada’ (< japonês *samurai* ‘guerreiro’, via português). Atualmente, os dicionários do Tetun moderno (COSTA, 2000; HULL, 2002; INL, 2003; CORREIA *et al.* 2005), que incluem os empréstimos lusófonos recentes, listam mais de 6000 empréstimos lusófonos referentes aos campos semânticos jurídico, técnico-científico, administrativo, tecnológico etc. Seguem alguns exemplos extraídos de INL (2003):

1. advérbiu, advogadu, aeroportu, akademia, akadémiku, akesedór, benefisiáriu, benefísiu, burgezia, burokrasia, burokrata, burokrátiku, demokrasia, demokrátiku, demokratiza, demokratizasaun, dentál, dentista, departamentu, edifísiu, edisaun, editoriál, edukadu, edukativu, fábrica, fabrikante, farda, farmaséutiku, farmásia, gramátika, grampeadór, grampu, granada, granitu etc.

Porém, este impacto na cultura material timorense não foi feita unicamente pelo colonizador português, já que há uma série de empréstimos vindos do contato com os comerciantes malaios no século XV: *tentara* ‘exército’ (< Sânscrito *tantra*, via malaio

tentara), *baliun* ‘machado’ (< Tagalog *palakol*, via malaio *beliung*), *bikan* ‘prato’ (< Persa *pingān*) e *ai dona* ‘burduna’ (< malaio *bunga*).

As redes de comunicação existentes na sociedade timorense foram destruídas, mas, conforme foi apontado anteriormente, a extensão exata e a atuação específica dessas redes são impossíveis de serem reconstruídas. O que pode ser dito a respeito de tal destruição foi a inserção de ideologias europeias, portuguesas e holandesas, com interesse de dominação e de colonização, alterando as organizações sociais locais, seus territórios e reinos, além de que todo o processo de comunicação verticalmente orientado existente (forma de se referir às diferentes classes da nobreza, a relação entre servo e senhor, cidadão e Estado, entre outras) foi alterado, como o caso da *lia nain* e das formas de tratamento em Tetun, já citada anteriormente (THOMAZ, 2002, p. 115), sendo parcialmente extinta, e o que restou foi modificado e caiu em desuso. O que causou a alteração neste processo de comunicação foi a inserção de novos elementos na hierarquia social timorense, como a presença de governadores, administradores e a referência à monarquia, todos de origem portuguesa. Isso fez com que vários nobres perdessem o poder, desfazendo totalmente os sistemas de alianças mencionados acima, assim como o sistema de clãs que paulatinamente desfeitos tanto pela administração portuguesa, quanto desencorajado pela presença católica.

Sobre a destruição da cultura espiritual timorense, é possível afirmar que somente aconteceu de maneira parcial por diversos motivos, entre eles: as crenças animistas permanecem nos povoados das zonas rurais e nas regiões mais isoladas do país; alguns dos ensinamentos cristãos estão em consonância com as crenças animistas locais; os timorenses temem ser punidos pela natureza ao abandonar certas tradições. As características principais da religião nativa leste-timorenses são as seguintes: os rituais são fundamentais para a manutenção da vida da comunidade (FOX, 1980), caso eles não sejam feitos ou realizados de maneira inapropriada, a comunidade sofrerá com diversos males naturais (tempestades,

ventanias, secas etc.); os rituais são feitos para aplacar as forças diádicas do universo (bom x mal, dia x noite, vida x morte etc.), já que a própria organização social é diádica, com diferentes funções para o homem e a mulher, o adulto e a criança, e assim por diante. Conforme as várias comunidades leste-timorenses estudadas por antropólogos, como os Fataluku (GOMES, 1972), os Kemak (CLAMAGIRAND, 1980), os Manbae (TRAUBE, 1986), os falantes de Tetun nativos (HICKS, 2004) e os Bunak (SOUSA, 2010), os rituais possuem funções sociais e culturais semelhantes em todas elas, assim como a visão de mundo dual dessas sociedades é a mesma. Desta maneira, os rituais realizados também abordam a visão dual do mundo, sendo classificados em rituais de vida e de morte, relacionados aos mesmos acontecimentos da vida social ou da vida do indivíduo, são os seguintes rituais: os que marcam a passagem para a vida adulta; os relacionados à casa sagrada; de casamento; de gravidez; de morte e funerários; de cura; de sementeira; de colheita; de agradecimento aos alimentos colhidos. Assim, a religião tradicional dos leste-timorenses não foi abandonada por eles pelo fato de estar relacionada à organização social da comunidade e por temerem as punições das forças da natureza. Atualmente, a maior parte da população leste-timorense é católica, e os cidadãos do país consideram publicamente a religião católica como a única crença genuína que faz parte da tradição cultural deles, sendo que o argumento usado pela população para justificar essa crença é a profundidade histórica, afirmando que a presença dos portugueses e dos missionários católicos em território timorense é de séculos anteriores. Digno de nota é que a religião católica e a religião tradicional existem em uma constante tensão na maioria das comunidades de Timor-Leste, já que, segundo Castro (2012, p. 89), o sincretismo religioso no país ocorreu somente em alguns locais específicos e com um culto específico, como o do *Hoho-hulu*, em Aileu, comunidade falante de Manbae (TRAUBE, 2007). Há também algumas exceções em que certas comunidades estão localizadas em regiões extremamente isoladas as quais não possuem a presença católica. Porém, em grande parte do

país convivem a religião católica e a religião tradicional e o sincretismo não ocorreu exatamente pela divisão dual que os missionários fizeram, desde os primeiros contatos na ilha, entre o *jentiu/ kultura* (a grafia desta maneira é realizada nas línguas nativas para estes empréstimos lusófonos) e o catolicismo (CASTRO, 2012, p. 91). Até mesmo no caso do lexema *Maromak* ‘aquele que ilumina’ é encarado de maneira dupla pelos timorenses, fazendo referência ao Deus católico e ao deus-sol da religião tradicional.

As mudanças no fluxo de informação social de sociedade de baixa informação, típico de sociedades autóctones, para sociedade de alta informação, característica da cultura ocidental, provavelmente foi a situação de fala que mais teve impacto sobre o povo leste-timorense, ao lado do letramento. O conhecimento tradicional na sociedade timorense era transmitido dos mais velhos, geralmente idosos com posições sociais de prestígio, como os contadores de histórias, chamados de *lia-nain*, curandeiros, conhecidos como *matan-dook* e rezadores (autoridades religiosas nativas), reconhecidos como *kukun*, para os mais novos³³. Com essas mudanças, o conhecimento nativo, carregado pelas gerações mais velhas, é considerado ultrapassado e inútil pelas gerações mais novas. Consequentemente, outra mudança importante, mas de impacto negativo, é que a reputação e posição sociais desses idosos foram denegridas, quase não havendo um lugar específico para eles na sociedade leste-timorense dos dias de hoje. Outra consequência perniciosa é perda de uma gama de conhecimentos tradicionais com a morte desses leste-timorenses idosos sem que os tenham transmitidos para nenhum indivíduo da geração mais nova, conforme já foi apontado anteriormente.

³³ Os povos de Timor-Leste possuem semelhanças na organização e classes sociais, existindo nos vários povos do país: curandeiros, xamãs, contadores de história, chefes religiosos etc. Mesmo com a mudança de nomenclatura, como em Bunak que possui os chefes anciãos e religiosos *matas* e *bei*, assim como os contadores de história *lal gomo* (SOUSA, 2010, p. 131), ou os Fataluku que possuem os *navaranu*, que são portadores do saber e que conduzem os rituais, *lafitsuru*, feiticeiro e xamã, e *inaharanu*, profeta (GOMES, 1972, p. 52), a função social desses indivíduos nas diversas comunidades é parecida.

O desenvolvimento de uma identidade nacional pelos leste-timorenses teve aspectos positivos e negativos para a sociedade. Os benefícios foram: a união entre povos distintos que habitavam o território do país, às vezes pertencentes até a etnias diversas, cessando guerras e antigas disputas entre esses povos; a conquista de uma nação com seu respectivo território, forma de governo etc. para todo o povo de Timor-Leste; a ausência de dominações e disputas de poder a nível étnico, refletindo-se até na política linguística, que optou por elevar o Tetun Prasa, língua franca de grande parte da ilha de Timor, como língua oficial e símbolo da identidade e unidade nacionais, sem beneficiar nenhuma etnia específica³⁴. Os malefícios, porém, foram vários também, entre eles: a luta ideológica na adoção de uma língua internacional e que seja oficial do país, já que foram adotados português, como língua oficial, e inglês e indonésio, como línguas de trabalho; essa decisão serviu apenas como um paliativo para acalmar os ânimos, dando espaço para todos os grupos interessados na política linguística do país; como Timor-Leste é um estado recente, formado em 2002, a instabilidade política permanece, com a presença de diversas entidades internacionais, destacando-se a ONU, para a manutenção do sistema democrático e sua administração; a corrupção nos órgãos administrativos vem causando notável insatisfação na população, além da extrema pobreza; a parcela da população que permanece autóctone é extremamente excluída de qualquer processo e decisão políticas.

5 – A ecologia da escrita e do letramento em sociedades ágrafas

O impacto do letramento na sociedade timorense foi significativo e foi uma das causas de alteração nos AICs, nas situações de fala e nos eventos de fala, dentro do ecossistema linguístico local. Deve-se ter em mente que a escrita e o letramento não são espécies que

³⁴ Apesar de existirem povos falantes de Tetun como L1, como já foi visto no início deste capítulo, estes falam outras variedades da língua, enquanto o Tetun Prasa é a língua franca falada pelas diferentes etnias do território leste-timorense, provavelmente desde o século XV (ALBUQUERQUE, 2009; THOMAZ, 2002), sendo L1 somente dos cidadãos nativos da capital, Dili.

fazem do ecossistema linguístico, mas apenas uma tecnologia e um conjunto de comportamentos relacionados a ela que passam a ser utilizados para modificar os diferentes ecossistemas, principalmente os ecossistemas mentais e sociais.

Segundo Mühlhäusler (1996, p. 212), a mudança de oralidade para a escrita/letramento:

- Promove mudança no fluxo de informação de sociedades de baixa-informação para sociedades de alta-informação;
- Oferece a possibilidade de arquivar uma grande quantidade de informação por muito tempo;
- Diminui a necessidade da interação face a face por meio da comunicação escrita e, posteriormente virtual, a longas distâncias.

Essas três características da mudança da oralidade para a escrita causam dois fatores: primeiro, uma reestruturação cultural/conceitual na sociedade, modificando a noção cultural de tempo, de interação com o ecossistema natural, alterando as formas de interação (que envolvem os AICs e as regras interacionais), de encarar a língua e até de pensar (isto acaba por alterar o ecossistema mental e social da língua); segundo, a escrita privilegia as línguas da metrópole, como o português, e alguma língua local específica, como o Tetun, criando situações de desigualdade nos AICs e diminuindo a linguodiversidade.

As consequências da inserção do letramento em sociedades ágrafas do Pacífico, de acordo com Mühlhäusler (1996, p. 234), foram:

- Perda da linguodiversidade;
- Letramento vernáculo transitório;
- Mudanças conceituais das noções culturais de tempo e ação;
- Reestruturação social;

- As letras serem encaradas como instrumento da verdade.

A perda da linguodiversidade está intimamente relacionada com a inserção da grafia em sociedades ágrafas, já que com o advento da escrita a língua adquire um status social, político e econômico, passando a ser uma espécie dominante em seu ecossistema, o que pode alterar o equilíbrio do meio ambiente, prejudicando as espécies linguísticas vizinhas, que interagem com ela. Desta maneira, as línguas conviviam em equilíbrio em que as línguas eram, de certa forma, igualitárias e, com a tecnologia da escrita, o equilíbrio é desfeito para uma situação não igualitária de convívio entre as elas. Além do prestígio e a característica de dominância, a grafia acaba por privilegiar somente uma variedade, tentando, por meio da ortografia, uniformizar a interação comunicativa ao considerar somente uma maneira, ou uma variedade, de interação linguística como apropriada ou mais ‘correta’, reduzindo, assim, a variação linguística e dialetal. Em Timor-Leste, as línguas locais dominantes são o Tetun, pelo seu status de língua oficial, língua franca e língua falada por uma grande parcela da população, e as línguas Manbae e Makassae, que são línguas com grande número de falantes, em uma grande parcela do território leste-timorense e por etnias que estão atualmente no poder. A variação dialetal que vem sendo ameaçada é do Tetun e do Manbae. O Tetun é afetado principalmente pelo seu status de língua oficial, que gerou gramáticas, dicionários e livros didáticos, e com o decreto que regula a ortografia oficial da língua, fazendo com que algumas variedades não sejam contempladas e causando uma intensa confusão na aquisição do letramento em Tetun. Já a língua Manbae vem sendo pouco estudada por linguistas por se apresentar como um desafio devido a uma ampla variação dialetal com alterações fonológicas, morfossintáticas e lexicais notáveis, fazendo com que cada dialeto, ou variedade, possua regras sistêmicas (em outras palavras, a gramática) radicalmente diferentes um dos outros³⁵. A

³⁵ Os únicos estudos que já abordaram os aspectos linguísticos da variação dialetal do Manbae são Hull (2003a) e Albuquerque (2013a).

solução momentânea dos linguistas que estudam o Manbae é concentrar seu objeto de estudo somente em uma variedade específica, evidenciando-a no próprio título, como em: Corte-Real e Hull (1998), *First texts in Mambai-Ainaro* ‘Primeiros textos em Manbae de Ainaro’; Hull (2003) *Southern Mambai (Manbae-Ainaru Nor Same)* ‘Manbae do sul (Manbae de Ainaro e Same³⁶)’; Fogaça (2013), *Estudo fonético e fonológico do Mambae de Same*. Em relação às línguas que não são prestigiadas em Timor-Leste, além da perda da variação dialetal dessas línguas, elas próprias estão ameaçadas pela inserção da grafia e do letramento, já que muitas delas até o momento não receberam uma proposta de ortografia, não possuem materiais didáticos nem são contempladas no ensino formal, assim como não são empregadas na capital e nos órgãos oficiais, isso faz com que os falantes abandonem suas línguas locais para aprender as línguas possibilitarão ascensão pessoal, social e econômica.

O letramento em vernáculo, ou seja, nas línguas nativas é transitório pelo fato de que, conforme foi apresentado anteriormente, o ecossistema passa a estar desequilibrado com a predominância de algumas espécies linguísticas, como o português, o indonésio, o Tetun, o falante das línguas nativas não prestigiadas ora não aprende a escrita no ensino formal, já sendo alfabetizado e letrado em alguma das línguas dominantes, ora é alfabetizado e letrado em sua língua materna somente para adquirir o letramento nas línguas prestigiadas. Desta maneira, é possível até mencionar não metaforicamente que essas espécies linguísticas dominantes são predadoras das espécies não prestigiadas, que são presas, já que o falante leste-timorense que tem como L1 uma língua desprestigiada convive em uma situação de multilinguismo e, posteriormente, de multiletramento com outras línguas, entre elas as línguas dominantes, e acaba por abandonar tanto a interação comunicativa em sua L1, como também a grafia de sua L1 para atingir objetivos sociais e pessoais que podem ser alcançados somente

³⁶ Ainaro é um distrito de Timor-Leste e Same é subdistrito de Manufahi. Nestes distritos, Ainaro e Manufahi, em Same, o Manbae é falado e eles são considerados como a região sul da área dos falantes de Manbae, que engloba cerca de seis distritos: Manufahi, Ainaro, Ermera, Aileu e parte dos distritos de Manatuto e Dili. Sobre a localização dos distritos de Timor-Leste, ver mapa 2, no capítulo 8.

por meio das interações e do letramento nas línguas dominantes, como o português, indonésio ou Tetun (ALBUQUERQUE, 2012). Esse fator prejudica a transmissão linguística e o status dessas línguas desprestigiadas somente em longo prazo, conforme Huber (2011, p. 9) aponta para a língua Makalero, fazendo com que não seja considerado urgente pelos próprios falantes e pela política linguística do país. Porém, considero esse fator de extrema periculosidade para a manutenção das línguas, já que é exatamente por ter um efeito a longo prazo que não é percebido, sendo deixado de lado e observado somente quando as línguas estiverem em um estágio ameaçado. Assim, um cuidado em estágio inicial com tal fator, por meio de um planejamento linguístico específico, pode reverter essa situação no futuro.

O letramento acaba por trazer mudanças conceituais em várias noções culturais, principalmente em relação ao tempo. Nas culturas ocidentais urbanas, o tempo basicamente é representado como uma seta, o que aponta uma visão desenvolvimentista e teleológica do tempo, em que ocorre uma sequência irreversível de eventos, que não se repetem e acontecem em posições diferentes no tempo, seguindo em direção a um objetivo. Já em sociedades autóctones, a visão de tempo é cíclica, fazendo com que eventos singulares não tenham significados sozinhos e o que realmente possui importância são eventos imutáveis e sempre presentes, pois retornam constantemente, como os eventos da natureza³⁷: as estações, a época de semeadura e de colheita, as chuvas, o dia, a noite etc. Com o letramento, por meio da escrita, é possível fazer os registros dos acontecimentos passados, arquivá-los e mantê-los, como uma espécie de repositório de informações dos períodos passados, fazendo com que neste processo seja necessário também classificar o passado em diferentes fases e, assim, inserindo a noção de tempo em seta, desfazendo a noção de tempo cíclico. A própria bíblia católica, e suas respectivas traduções em línguas nativas, usada na atividade missionária serve

³⁷ As sociedades nativas leste-timorenses parecem possuir uma visão cíclica e dual da realidade, sendo que de uma maneira não contraditória. Aparentemente, a visão cíclica se refere a tempos e acontecimentos a longo prazo (gerações), enquanto que a visão dual é empregada para acontecimentos e um tempo a curto prazo (uma única geração). Há necessidade de se investigar este tópico de maneira mais aprofundada, mas isto foge do escopo desta obra.

como ferramenta para instituir a noção de tempo como seta, já que os conteúdos existentes nos livros são expostos na forma de sucessão de eventos (início, meio e fim, ou antes e depois) e com caráter teleológico (os acontecimentos na história possuem um objetivo traçado por Deus, mas desconhecido pelos humanos). Sobre a atividade missionária, deve-se ter em mente que a própria escrita foi inserida pelos padres católicos em sociedades ágrafas com o objetivo principal de realizar a tradução e leitura da bíblia. Outro impacto da escrita em sociedades ágrafas, em relação à noção cultural de tempo, é na noção cultural de espaço, que está intimamente ligada à noção de tempo, conforme demonstrado por Couto (2007, p. 139). Desta maneira, a partir do momento em que há mudanças na noção cultural de tempo, conseqüentemente, haverá mudanças na noção cultural de espaço. Um aspecto ecolinguístico da escrita ocidental, no caso do alfabeto latino, é sua própria distribuição espacial (da esquerda para direita, e de cima para baixo), que se assemelha da noção de tempo cíclico, já que a escrita está distribuída com a sucessão de letras, e, por se manifestar concretamente, apresenta em si limitações espaciais de acordo com o suporte em que será empregada. Tudo isso faz com que se altere todo o conhecimento nativo, que não possuía as limitações espaciais da escrita, por ser tipicamente oral.

Esta última característica da escrita está relacionada ao próximo impacto, que é a reestruturação social. As reestruturações que ocorrem nas sociedades ágrafas com a introdução da escrita são as seguintes: a perda da autoridade tradicional e a mudanças na concepção e nos usos da língua. As autoridades tradicionais basicamente eram estruturadas em torno de indivíduos que possuíam certas habilidades com a língua oral, geralmente os contadores de histórias, ou que eram portadores de algum conhecimento transmitido ritualisticamente. Esse cenário foi modificado, já que o conhecimento oral e iniciático foram desvalorizados, com esses indivíduos perdendo prestígio social, enquanto novas modalidades de autoridade eram inseridas, como a distinção entre o escrito e o oral, com a valorização do

escrito, além das autoridades europeias que se localizavam fora do círculo social das colônias. Já as mudanças na concepção e nos usos da língua referem-se à forma de pensar e às atitudes dos falantes diante da escrita da língua. Isso se dá a partir do momento em que uma língua é registrada em gramáticas e dicionários, ou seja, na forma fixa da língua, e também quando seus usos começam a seguir noções culturais ocidentais, que usam a língua para comunicação e atividades mais objetivas. Desta maneira, as noções culturais nativas de língua (a língua como propriedade de um grupo privilegiado, como tabu, como objeto ritual e/ou sagrado, entre outros) passam a ser alteradas, assim como seus usos e atitudes dos falantes em relação à ela, com a língua passando de ser algo mítico, específico da comunidade e da identidade do indivíduo, com poderes de cura, de informação e de conhecimento, entre outros, para uma ferramenta mais objetiva do mundo moderno ocidental, como a comunicação em massa, a objetividade, a uniformização, o emprego apropriado para uso em situações formais em geral, entre outras. Vale lembrar que é exatamente dessa forma descrita que os falantes leste-timorenses encaram suas línguas maternas, como algo mais informal, rural, para ser usado somente em sua comunidade e que não serve para ser usada em assuntos importantes, enquanto línguas como o português, o inglês e o indonésio é que servem para esses propósitos: assuntos importantes e mais formais em geral. A variedade do Tetun Prasa usada na capital, que é a língua oficial do país, é encarada como uma língua digna de ser empregada nessas situações apontadas, já que, de acordo com os próprios leste-timorenses, não é língua materna de ninguém, é uma língua ‘urbanizada’³⁸, pois possui um léxico e uma gramática fortemente influenciada pelo português, e é falada por estrangeiros.

Finalmente, o fato de o que está escrito ser encarado como verdadeiro, ou como um instrumento da verdade causa impacto significativo nas sociedades nativas, já que é mais outra característica que influencia negativamente na organização social e cultural tradicionais,

³⁸ Termo usado tanto pelos cidadãos leste-timorenses, como pelo INL, órgão oficial do país e responsável pela valorização, manutenção e pesquisa das línguas locais do país.

pois nas comunidades locais leste-timorenses, assim como na maioria das sociedades autóctones, a verdade, ou os meios para alcançá-la, se encontra na autoridade dos anciãos, sacerdotes, xamãs, entre outros, ou nas tradições culturais que são repassadas há gerações por esses indivíduos portadores do conhecimento nativo. Novamente, a atividade missionária que causou tal impacto no ecossistema linguístico de Timor-Leste ao apresentar grande parte, se não todos, de materiais escritos de origem religiosa, como a bíblia, catecismos, cartilhas etc. enfatizando, assim, o caráter inquestionável e de portador da verdade, que é típico de qualquer dogma religioso. Com isso, os nativos passaram a associar que qualquer material escrito traz a verdade, é inquestionável e deve ser tratado como tal.

5.1 – O impacto das novas mídias e tecnologias

As tecnologias que surgiram em períodos mais recentes (rádio, telefone, televisão, computador, internet) deram continuidade às mudanças que estavam em curso exatamente por causa do advento da escrita. Essas mudanças foram as seguintes: passagem da comunicação baseada no tempo para uma comunicação baseada no espaço; armazenar e manusear grande quantidade de informação; passagem de padrões de comunicação mais igualitários para padrões de comunicação não igualitários; relação inversamente proporcional entre o número de mídias utilizadas e os códigos; as mídias tecnológicas atuais promovem e consolidam a passagem de sociedades tradicionais para sociedades modernas e pós-modernas (MÜHLHÄUSLER, 1996, p. 215).

A passagem da comunicação baseada no tempo para uma comunicação baseada no espaço se deu principalmente pelo fato de que sociedades ágrafas e as sociedades que tinham a tecnologia da escrita na Antiguidade dispunham de uma valorização da informação, dos costumes e dos conhecimentos do passado, já que transportar a grandes distâncias uma pessoa portadora de conhecimento (no caso de sociedades ágrafas) ou pedras e barros (sociedades da

Antiguidade que possuíam a escrita) era um empreendimento extremamente difícil, ou até impossível. Assim, esse tipo de sociedade baseava-se em uma comunicação no tempo, valorizando o passado e as tradições culturais e orais. Com as mídias modernas, a informação circula por grandes distâncias rapidamente, fazendo com que passe a serem valorizadas as questões espaciais, como a nação, a política, a ciência e tecnologia, entre outros. Nas sociedades com a comunicação baseada no espaço, a noção de tempo que interessa é o presente ou futuro, assim como se faz necessário o estabelecimento de uniformização linguística, pois se as informações circulam de maneira rápida pelo mundo, deve-se ter uma língua mais homogênea e que seja falada por grande parte da população mundial.

A capacidade de armazenar e manusear grande quantidade de informação teve impacto tanto com o advento do papel e da prensa, quanto com o computador e internet. Com essas tecnologias, organizações e indivíduos são capazes de armazenar a quantidade de informação que desejarem, assim como de transportá-las facilmente. Isso acaba por desvalorizar a função sociocultural dos anciãos e dos conhecimentos presentes nas tradições.

A passagem de padrões de comunicação mais igualitários para padrões de comunicação não igualitários ocorreu já no período de colonização ao ser valorizada a língua da metrópole e as autoridades metropolitanas gozarem de prestígio nos AICs quando comparadas com os habitantes das colônias. As tecnologias modernas apenas acentuaram tal processo por necessitar de uma homogeneização linguística nas comunicações a longa distância e em massa.

A relação inversamente proporcional entre o número de mídias existentes, assim como as que surgirão, e os códigos ocorre pelo fato de que a cada nova mídia que surge, por ser um empreendimento tecnológico, requer um alto custo financeiro para manter um grande número de códigos ou línguas, sendo economicamente viável para os empresários manterem somente

os códigos/ línguas das chamadas línguas pluricêntricas³⁹. Esse é mais outro impacto, somado aos demais analisados neste capítulo, que promove a redução da linguodiversidade, fazendo com que o falante multilíngue abra mão de sua L1 local, e também acaba por homogeneizar a língua, não oferecendo espaço midiático para a variação dialetal e para a variação linguística em geral.

As mídias tecnológicas atuais promovem e consolidam a passagem de sociedades tradicionais para sociedades modernas e pós-modernas. Essa é uma mudança fundamental e um fato incontornável, já que muitos povos perderam suas tradições culturais e/ou foram afetados de maneiras significativas. Vale lembrar que Timor-Leste está em vias de mudanças socioculturais, caminhando para se tornar uma nova sociedade e ainda tendo que repensar no que fazer para preencher o vazio deixado pela perda de várias manifestações culturais tradicionais. Atualmente, as soluções são opostas e extremas com alguns grupos tentando resgatar suas tradições, enquanto outros querem abandoná-las por completo para se ‘ocidentalizar’ e se ‘urbanizar’. Mas o que fica somente é que com o advento da escrita, do letramento e das novas mídias e tecnologias há uma mudança social e linguística sem volta cujo principal efeito negativo será a aceleração do declínio das línguas e tradições locais, ou seja, uma completa perda da diversidade do ecossistema linguístico, que terá repercussão nos demais ecossistema. Somente uma política linguística explícita e bem planejada, sendo colocada em prática por meio de um planejamento linguístico que atinja seus objetivos e esteja em consonância com a política em que se baseia.

6 – O futuro do ecossistema linguístico de Timor-Leste

Neste capítulo, foi apresentado o percurso da língua portuguesa no ecossistema linguístico de Timor-Leste. Inicialmente, foram elencadas evidências de que o ecossistema

³⁹ Mantive aqui a ideia do texto original sobre o pluricentrismo, porém no capítulo 6 compartilho da visão de acentrismo linguístico, mais recente, e que está em concordância maior com a Linguística Ecossistêmica.

linguístico da ilha de Timor desde tempos pré-históricos teve inserção de espécies linguísticas novas e sempre se manteve estável, pois ao ser alterado seu equilíbrio realizava adaptações para atingir um novo e não alterar sua estabilidade, sendo este processo nas espécies linguísticas a procura da homeostase. Assim, a língua portuguesa foi mais uma espécie com que as línguas e povos de Timor tiveram que conviver e se adaptar. Porém, além das mudanças e adaptações das espécies linguísticas nativas, o português também teve que se adaptar ao novo ecossistema no qual foi inserido.

Posteriormente, a língua portuguesa se expandiu na região, por meio das atividades missionárias, administrativas (coloniais) e militares, e as mudanças sofridas para se adaptar ao ecossistema linguístico de Timor-Leste, assim como aos demais ecossistemas do país, fez com que o português falado pelos cidadãos leste-timorenses tivesse características próprias, sendo considerado como uma variedade da língua portuguesa, conhecida como PTL.

Em todo o período em que o colonizador português e sua língua habitaram Timor, houve grande impacto nos diferentes ecossistemas, no ecossistema linguístico mental, social e natural. Por meio da análise efetuada aqui, as evidências mostraram que, de maneira distinta ao que ocorreu em várias outras ex-colônias portuguesas, a presença do colonizador português não causou um extermínio linguístico, principalmente pelo fato de que o ecossistema local de Timor se encontrava estável e acostumado com o contato de línguas e povos, que já ocorriam antes da chegada do colonizador. Porém, o grande impacto ocorreu principalmente nas regras interacionais e nos AICs, afetando a EIC de todo o ecossistema linguístico de Timor-Leste. O impacto nas regras sistêmicas das línguas foi muito reduzido.

Desta maneira, o ecossistema linguístico de Timor-Leste por se encontrar estável não apresentou extinção linguística em massa, ocorrendo somente as alterações nos AICs e nas regras interacionais, já mencionado anteriormente, além da perda de diversas tradições culturais dos diferentes povos nativos. Essas alterações, porém, eram irremediáveis devido ao

processo histórico do colonialismo e neocolonialismo a que certos povos europeus impuseram a diversos povos dos demais continentes. Vale lembrar que caso os portugueses não alcançassem Timor, certamente a Holanda dominaria a ilha, como fez na parte oeste, ou um país anglófono o faria mais tarde, como ocorreu em diversas ilhas vizinhas a Timor. O mesmo pode ser afirmado em relação às mudanças que ocorreram por causa das novas mídias e tecnologias, já que com o processo da globalização nenhum país pode mais viver isoladamente, sendo a interação uma condição obrigatória nos dias atuais.

Assim, a estabilidade existente no ecossistema linguístico de Timor-Leste poderá manter-se caso sejam elaborados uma política linguística e um planejamento linguístico adequados à situação atual das línguas nativas do país e seus contatos com o português, inglês e indonésio, além da relação com a situação socioeconômica e política também. Entretanto, o futuro do ecossistema linguístico de Timor-Leste com sua linguodiversidade não está garantido, já que dependerá de diversos fatores para que se mantenha da forma em que se encontra, tanto de fatores humano e linguísticos, quanto de fatores extralinguísticos (econômicos, políticos, internacionais etc.).

CAPÍTULO 4.

A ECOLOGIA DO CONTATO DE LÍNGUAS: METODOLOGIA E ESTUDO DE CASO

Introdução

Neste capítulo será estudada a ecologia do contato de línguas e povos em Timor-Leste. Para tanto, faz-se necessário elencar informações a respeito dos estudos ecolinguísticos que se dedicaram ao contato de línguas, bem como a respeito do ecossistema linguístico local de Timor-Leste.

Desta maneira, este trabalho apresenta diferentes contribuições à comunidade científica, já que será feita uma revisão bibliográfica de como o contato de línguas é abordado na ecolinguística, será exposta a teoria do contato de línguas de Couto (2009) que está em acordo com a linguística ecossistêmica (COUTO, 2013), bem como esta será aplicada ao estudo dos contatos no ecossistema linguístico local de Timor-Leste, fazendo com que a análise conduzida a respeito da ecologia dos contatos neste país seja também uma contribuição importante para os estudos de linguística em Timor-Leste e de ecolinguística.

Assim, o presente capítulo está dividido da seguinte maneira: após a introdução, será realizada uma revisão bibliográfica, em (1); em (2), serão apresentadas algumas características básicas do ecossistema linguístico local de Timor-Leste; em seguida, em (3), serão discutidas as situações de contato e alguns fatores que influenciam na ecologia do contato; em (4), será apresentada uma proposta metodológica para o estudo da ecologia do

contato de línguas; em (5), serão analisados os resultados do contato de línguas e povos em Timor; finalmente, em (6), serão apresentadas as considerações finais.

1 – Ecologia do contato de línguas

Os primeiros trabalhos que relacionam a temática do contato de línguas/povos com ecologia foi o de Whinnom (1971). Vale lembrar que este não é um trabalho de ecolinguística, já que se atribui ao trabalho de Haugen (1972) como o marco inicial da ecolinguística. Em Whinnom (1971), o autor simplesmente argumenta a favor da analogia entre o surgimento de pidgins e crioulos com o surgimento das espécies biológicas. Whinnom (1971) usa o termo ‘hibridização’ para se referir ao nascimento das línguas: as línguas naturais surgiriam de uma hibridização primária, enquanto da hibridização secundária, ou seja, o convívio de duas línguas, há somente a aprendizagem. Os pidgins e crioulos surgiriam de um processo de hibridização terciária.

De maneira similar ao trabalho de Whinnom (1971), que crioulistica e biologia, Mackey (1979) levanta a discussão a respeito da ecologia do contato de línguas, afirmando que no estudo das línguas em contato deve-se levar em conta uma série de elementos sociolinguísticos, como etnia, manutenção linguística, comportamento linguístico diglossia, a competência linguística do grupo e o papel das línguas na educação e na comunicação (MACKEY, 1979, p. 453). Assim, esse tipo de estudo consiste em um estudo ecológico da língua, pois é por meio da abordagem ecolinguística que esses elementos podem ser analisados de maneira conjunta. Basicamente, para o autor a língua é um fenômeno social e a ecologia é o estudo das relações, assim as ciências sociais já haviam incorporado a ecologia em seus estudos e faltava somente a ciência da linguagem adotar o estudo da língua como um estudo das relações entre os vários papéis sociais das línguas e como estes se relacionam entre si e com as políticas e práticas sociais em diferentes meio ambientes (MACKEY, 1979, p.

454). Couto (2007, p. 48) salienta a importância dessa publicação por ser provavelmente o primeiro texto em que foram aplicados os pressupostos teóricos da proposta de Haugen (1972) de ‘ecologia da língua’.

No ano seguinte, em Mackey (1980), o autor aplicou novamente a proposta de Haugen (1972), mas desta vez ele estudou a ecologia da mudança de língua. O autor propõe basicamente três parâmetros ecológicos (medição de atração interlingual, elaboração de perfis das pressões das línguas comunitárias e padrões de geocodificação do uso linguístico) para se analisar a mudança de língua e aplica-os a um estudo de caso em Quebec.

Alguns crioulistas acabaram por se tornar ecolinguistas, como Mühlhäusler (1996, 2003) e Couto (2007, 2009), enquanto outros, apesar de não realizarem estudos ecolinguísticos, conduziram estudos que relacionam contato de línguas com aspectos biológicos ou ecológicos, como Calvet (1999) e Mufwene (2001, 2008), sendo que estas publicações se tornaram contribuições significativas para o desenvolvimento da teoria ecolinguística, bem como para as análises ecolinguísticas, conforme será comentado abaixo.

Nos trabalhos de Mufwene (2001, 2008), apesar de o autor se basear em perspectiva biológica e não ecológica, há um modelo evolucionário para explicar e analisar o contato e a mudança linguística. Assim, o autor inseriu conceitos biológicos nesta temática, principalmente da genética, como o ‘fundo de traços’ (ing. *feature pool*), análogo ao fundo genético (ing. *gene pool*), o processo de competição e seleção, e a migração populacional. De acordo com a perspectiva evolucionária de Mufwene (2001), há um fundo de traços (ing. *feature pool*), análogo ao fundo genético (ing. *gene pool*), em que esses traços estão em competição e os falantes selecionam os que estão mais adaptados às mudanças ecológicas que ocorreram, ocorrendo, assim, a competição dos traços selecionados de cada falante e a partir do contato de idioletos é que os traços são selecionados naturalmente, sobrevivendo somente

alguns que serão transmitidos por meio do contato interidioletal do indivíduo para a comunidade.

Couto (2009) que apresenta uma proposta para um estudo ecológico do contato de línguas sob uma perspectiva da Ecologia Fundamental da Língua (doravante EFL), enfatizando a importância da tríade P-L-T, povo (P), língua (L) e território (T), bem como das interações comunicativas e dos diferentes meio ambientes e seus respectivos ecossistemas (ecossistema mental, social e natural). Segundo Couto (2007), a EFL, que pode ser tanto ‘Ecologia Fundamental da Língua’ ou ‘Ecossistema Fundamental da Língua’, é formada pelos três elementos básicos, que são o P-L-T, já apontados acima, e que a língua é que serve como uma intermediária entre o indivíduo e o meio ambiente.

Couto (2007) também aponta que os três ecossistemas da língua (mental, social e natural) são as maneiras distintas de se encarar a língua, como um fenômeno mental, ou social, ou natural, bem como se relaciona com os respectivos meio ambientes e também com os três elementos da EFL, que são o P-L-T. Posteriormente, Couto (2013) desenvolveu esta teoria, chamando-a de linguística ecossistêmica. Isso faz com que o estudo da ecologia do contato de línguas, de acordo com uma perspectiva da linguística ecossistêmica, que será adotada para a análise a ser conduzida aqui nas próximas seções, enfatize a importância da tríade P-L-T e dos diferentes ecossistemas quando ocorrem os contatos entre diferentes indivíduos, falantes de diferentes línguas/dialetos em situações sociais específicas e em um local determinado.

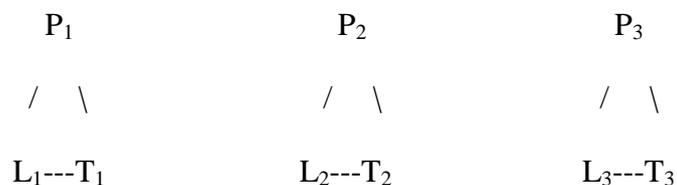
2 – O ecossistema linguístico local de Timor-Leste

Na teoria da linguística ecossistêmica, a EFL equivale ao conceito da comunidade falante da língua e é onde ocorrem as interações comunicativas. Relembrando a figura.1

anteriormente, que consiste na representação da EFL, o P está no ápice do triângulo, indicando que a relação entre L e T é mediada por ele.

Digno de nota é que representações semelhantes já se encontravam em trabalhos anteriores da ecolinguística, como Trampe (1990) e Bang e Døør (2007), conforme afirma Couto (2007, p.91). O EFL possui três ecossistemas dentro de si, dependendo de como são encarados os elementos P, L e T. Segundo Couto (2013, p. 299), esses ecossistemas são: o ecossistema natural da língua, o ecossistema mental da língua e o ecossistema social da língua, de acordo com a figura abaixo:

FIGURA. 2 Representação dos Ecossistemas Natural (1), Mental (2) e Social (3) da Língua
(COUTO, 2013, p. 299, adaptado)



O ecossistema natural da língua (1) consiste em um povo (P_1), que habita em seu território (T_1) e se comunica por meio da língua (L_1) da comunidade. Porém, no ecossistema natural da língua P_1 é visto como seres físicos e T_1 é encarado fisicamente, assim a L_1 é uma realidade concreta que se relaciona com os demais elementos do ecossistema. Esta é uma visão mais biológica da língua e do ecossistema. Em (2), há o ecossistema mental da língua em que a língua é vista como um fenômeno mental (L_2), sendo P_2 a parte da mente do indivíduo que processa a língua e (T_2) é o cérebro, sendo encarado como entidade concreta. O ecossistema social da língua, representado em (3), trata-se da língua (L_3), sendo encarada

como fenômeno social e P_3 é a comunidade que fala a L_3 , enquanto o T_3 é a sociedade (COUTO, 2013, p. 299).

Desta maneira, o ecossistema linguístico engloba os três ecossistemas mencionados anteriormente e, de acordo com Couto (2013, p. 294), pode ser dividido em ecossistema linguístico geral e local. O primeiro, o ecossistema linguístico geral, equivale à comunidade de língua e ao domínio do sistema. O segundo, o ecossistema linguístico local, consiste na comunidade de fala, ou de interação, sendo, assim, o ecossistema onde ocorrem os atos de interação comunicativa (AIC).

Sobre o ecossistema natural de Timor-Leste, este já foi estudado no capítulo anterior, e serão apresentadas a seguir apenas algumas observações sucintas. Há algumas informações em Fox (2000, 2003) que aponta entre as características principais: um relevo montanhoso, o clima de monções e pouca área fértil para a agricultura, que geralmente se localiza nos vales entre as montanhas, pelo fato de acumularem água. A alimentação dos indivíduos leste-timorenses é à base de arroz (*Oryza sativa L.*) ou milho-miúdo (*Panicum viride L./Setaria italica L.*), dependendo da cultura local e do solo propício às plantações.

Sobre o ecossistema mental pouco pode ser dito, até mesmo pelo fato de este ecossistema ser o menos estudado na ecolinguística, conforme Couto (2013) atesta. Porém, no convívio do presente autor com os leste-timorenses, percebeu-se que algumas formas de pensar e de se comportar (características do ecossistema mental) dos habitantes de Timor-Leste são influenciadas pela organização social deles, o ecossistema social. Assim, toda a cosmologia dual influencia a forma do cidadão leste-timorense pensar, que acaba por enxergar a realidade também com uma visão dualística, com os opostos metafísicos (bem x mal, belo x feio) convivendo em equilíbrio e que se manifestam no plano físico, como: homem x mulher, criança x adulto, vida x morte, sexo x casamento, seca x chuva, calor x frio, entre outros. É possível citar a relação com o ecossistema natural também, já que os pares opostos são

naturais na maioria das espécies do reino animal (masculino x feminino), bem como há a presença de aspectos geográficos, como o clima, o tempo etc. Isso faz com que todas as manifestações culturais, como a religião tradicional e seus rituais, a literatura oral e a organização social, apresentem essa concepção diádica do universo⁴⁰.

Em Albuquerque (2010), há um panorama dos elementos P, L e T do EFL. Assim, como este capítulo dedica-se ao estudo do ecossistema linguístico local de Timor-Leste é pertinente discorrer a respeito das línguas nativas leste-timorenses. As línguas de Timor-Leste pertencem a duas filiações genéticas distintas: Austronésia e Papuásica. Até a atualidade poucos são os estudos de natureza histórica que se debruçaram sobre a classificação das línguas leste-timorenses.

Há alguns estudos que apresentaram uma proposta de classificação dessas línguas, porém os estudos pioneiros de Capell (1943a, 1943b, 1944) é que se destacam e, posteriormente, os estudos de Hull (2001, 2004). Recentemente, Schapper, Huber e Engelenhoven (2012) vêm se dedicando aos estudos histórico-comparativos das línguas papuásicas da ilha de Timor e suas relações com as ilhas vizinhas, principalmente da região de Alor e Pantar⁴¹.

3 – Situações e fatores relacionados à ecologia do contato de línguas

A ecologia do contato de línguas parte de uma série de pressupostos simples que podem ser observados na realidade do ecossistema linguístico local estudado. Primeiramente, o que entra em contato não são necessariamente línguas, mas os diferentes povos falantes das mais variadas línguas (COUTO, 2009, p. 50). O contato se inicia com povos se deslocando

⁴⁰ Vale lembrar que esta visão diádica da realidade, apesar de ser marcante em sociedades autóctones, também é encontrada na tradição europeia.

⁴¹ No capítulo ‘Elementos para o estudo da ecolinguística em Timor-Leste’, há um panorama mais detalhado das línguas nativas do país, por isso, remeto ao leitor interessado para a leitura deste, já que as informações não serão apresentadas aqui para evitar repetições.

em diferentes espaços, sendo que o contato entre as línguas acontece na mente dos falantes, de acordo com Couto (2009), e as mudanças linguísticas são originárias do contato, ou ausência dele, a partir do idioleto e a dispersão deste, ou seja, cada indivíduo modifica a língua à sua maneira, o idioleto, e por meio do contato interidioletal certos traços do idioleto são partilhados pela comunidade, modificando, assim, a língua, conforme Mufwene (2008).

Desta maneira, com o que foi exposto acima, percebe-se que os elementos do EFL, a saber: o povo (P), o território (T) e a língua (L), estão envolvidos com o contato de línguas, bem como os três ecossistemas da língua: o natural, o mental e o social.

Couto (2009, p. 51) elabora uma tipologia das situações de contato, que será exposta a seguir, com o intuito de apontar em qual dos tipos se enquadra a situação de contato em Timor-Leste. A primeira das situações se caracteriza com um povo e sua língua, que possuem um prestígio reduzido, sendo identificados aqui como PL₂, migrando para um território que já possui uma EFL estável, com o povo e a língua sendo dominantes e com prestígio alto, sendo chamados de PL₁. Nesta situação é que a língua PL₂ se caracteriza como minoritária. Na segunda situação ocorre exatamente o contrário, um povo dominante (PL₁) migra para um território em que o PL₂ que o habita originalmente é 'mais fraco', geralmente há também outros povos habitando o local, gerando assim PL₃, PL₄, ... PL_n. Nesta segunda situação é que se encaixam os casos típicos de colonização. A terceira situação consiste em tanto o PL₁ quanto o PL₂ migrarem para um terceiro território que é neutro, ou seja, não era habitado nem por um nem por outro. Esta situação ocorreu em alguns casos de colonização, como a portuguesa, em que o povo colonizador levou consigo o povo colonizado para outro local, como em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. A quarta e última situação se caracteriza pelo deslocamento sazonal de um povo para um território distinto do seu, podendo ser tanto do povo PL₁ migrando para o território de PL₂, ou o contrário, o povo PL₂ migrando para o território PL₁.

A situação de contato que ocorreu em Timor-Leste foi a segunda, em que um povo dominante (PL_1), no caso o colonizador português, migrou para um território, a ilha de Timor, em que os habitantes nativos do local eram ‘mais fracos’, lembrando que não havia somente um povo/língua (PL_2), mas vários povos e línguas distintos ($PL_3, PL_4, \dots PL_n$).

Há também uma série de fatores que influenciam o contato, sendo eles, de acordo com Couto (2009, p. 55), os seguintes: a quantidade, o tempo, a intensidade, o poder, a atitude e a semelhança ou dessemelhança tipológica. Estes fatores são fundamentais para se compreender, bem como contribuem com os resultados do contato de línguas/povos que serão analisados na seção posterior.

A quantidade refere-se ao número de pessoas que se deslocaram de um território para outro. Em relação à ilha de Timor, já foi apontado anteriormente, que a população total de origem portuguesa era reduzida, cerca de 15 pessoas no século XVIII (BOXER, 1947, p.16), aproximadamente 20 no início do século XIX (SÁ, 1961, p. 215), chegando a 100 indivíduos nos primeiros anos do século XX (THOMAZ, 1976). Esta população reduzida de origem portuguesa contribuiu para a formação da variedade crioula falada em Timor, o Crioulo Português de Bidau (CPB), analisado por Baxter (1990), assim como para a formação da variedade do português falado em Timor-Leste, estudado por Albuquerque (2010a, 2011a, 2011b, 2012a, 2012b, 2014a, 2014b).

O tempo corresponde ao período de permanência do povo no território, gerando o contato. Na ilha de Timor, os portugueses chegaram no ano de 1515, porém habitaram-na somente no século XVIII, ao perder territórios no sudeste asiático para a Holanda (FIGUEIREDO, 2004, p. 122). Assim, é possível perceber a influência do contato entre os povos portugueses e nativos de Timor pelo fato de o tempo de contato entre eles ser de mais de três séculos. Pode-se considerar até um período maior se for contado o tempo em que os missionários portugueses fizeram as primeiras tentativas, que fracassaram, de catequização

dos indivíduos autóctones timorenses, a partir de 1550 (HÄGERDAL, 2012, p. 30). De maneira distinta, se um povo passa pouco tempo no território pode não haver nenhuma influência, ou uma influência bem reduzida, como foi o caso do povo japonês, que permaneceu apenas alguns anos durante a 2ª guerra mundial, entre os anos de 1942 e 1945 (CARVALHO, 1972), deixando pouquíssimos traços de sua presença na atualidade, apenas alguns itens lexicais, lembrados somente pelos falantes idosos de zonas rurais Albuquerque (2011b, 2012b).

A intensidade está relacionada com vários outros fatores, principalmente com a quantidade do contato. É possível mencionar que a intensidade do contato também está relacionada com o nível de influência de um povo sobre o outro. Assim, de acordo com o estudo conduzido por Albuquerque (2014b) a respeito do PTL, percebe-se que a intensidade do contato da língua portuguesa com as línguas nativas de Timor-Leste foi alta, o que ocasionou modificações nos níveis fonológico, morfossintáticos, semântico e no léxico⁴². Além disso, há influências culturais em geral de origem portuguesa, como a alimentação, a religião católica, formas de comportamento, vestimenta etc. Outro povo que pode ser mencionado aqui que teve uma intensidade alta de contato em Timor foi o povo de origem malaia.

O poder se caracteriza pela força econômica, política e militar que os povos em contato possuem, o que pode acarretar em um povo dominando e se impondo ao outro. Em Timor, os portugueses eram um povo poderoso, que dominou as diferentes etnias da ilha, impondo sua língua de diversas maneiras, principalmente via a igreja, a administração e o militarismo (BAXTER, 1996, p. 312), bem como pela educação formal (THOMAZ, 2002), e

⁴² Vale lembrar que as influências foram mútuas, ou seja, tanto o português influenciou as línguas nativas, como as línguas nativas influenciaram o português falado em Timor-Leste, porém com intensidade menor. O mesmo é válido para itens culturais, principalmente da cultura material, já que alguns itens culturais de origem leste-timorense são levados para os demais países lusófonos, principalmente Portugal, destacando-se o *tais* ‘vestimenta tradicional, que consiste em uma faixa de pano colorida’, que atualmente é usada ao redor do pescoço.

demais traços culturais. Na ilha de Timor pode ser mencionado também o caso do povo tetunófono, que dominou um vasto território, impondo sua língua, o Tetun, aos povos timorenses dominados, sendo essa a causa principal de que o Tetun, em sua variedade Tetun Prasa, tenha se tornado a língua franca local (ALBUQUERQUE, 2009, THOMAZ, 2002). Digno de nota é que o poderio indonésio, que acarretou na dominação do país sobre Timor, influenciou bastante, por meio do contato entre o povo indonésio e o povo timorense, a situação linguística em que se encontra atualmente Timor-Leste.

A atitude do povo migrante é um fator que pode alterar as influências entre os povos e línguas em contato, e consiste no comportamento deste povo, e de seus indivíduos, em relação à língua e suas situações de uso. Um caso de destaque, citado por Couto (2009, p. 55), em relação à atitude do povo em contato é a resistência cultural, que pode evitar certas mudanças linguísticas, cultivar purismos, não aprender outras línguas etc. Em Timor, a língua portuguesa, como possui uma intensidade alta de contato no ecossistema linguístico local, acabou por servir até como uma língua de resistência à indonésia e sua língua, por parte de grupos timorenses que não aceitaram a dominação de seu país, durante o período em que Timor foi invadido. Albuquerque (2014b, p. 261) constata que a atitude do falante leste-timorense nos dias de hoje em relação ao emprego da língua portuguesa em situações de interação intercultural é distinta da citada, com vários sinais de insegurança linguística em relação às línguas locais do país e ao emprego de línguas estrangeiras, bem como uma supervalorização destas línguas estrangeiras que são faladas no país, a saber: o inglês, o português e o indonésio, em detrimento das línguas nativas.

Finalmente, a semelhança, ou dessemelhança, tipológica é um fator que pode influenciar no contato, bem como nos resultados que surgem dos diferentes contatos. Línguas que apresentam semelhanças tipológicas acabam por ser aprendidas com mais facilidade e também os falantes acabam muitas vezes por identificar também certos traços culturais em

comum entre os diferentes povos falantes de línguas semelhantes. Como é o caso do indonésio em Timor-Leste⁴³, mesmo com a invasão indonésia e o período violento de dominação deste país sobre Timor, entre 1975 e 1999, os indivíduos leste-timorenses aprenderam a língua indonésia com facilidade e grande parte da população é fluente nela, cerca de 58%, de acordo com os números presentes em *National Board of Statistics* (2006), além disso, os leste-timorenses até hoje consideram os indonésios como um povo irmão de Timor. Quando há dessemelhança tipológica entre as línguas faladas pelos povos em contato, as influências e os resultados são diferentes. Em relação ao contato entre o português e as línguas nativas, que são línguas distintas tipologicamente, os falantes timorenses tiveram pouco contato direto com falantes de português como L1 e ainda eles tiveram um reforço de variedades do português faladas nas regiões vizinhas a ilha, acarretando na formação do CPB e do PTL, que são variedades da língua portuguesa que se adaptaram ao ecossistema linguístico local de Timor-Leste, via contato entre os indivíduos. Os resultados deste mesmo contato foram distintos para as línguas locais. O caso melhor documentado é o da língua Tetun, que em sua variedade Tetun Prasa, passou a ser utilizada como língua franca e também foi adotada em diversas atividades administrativas (ALBUQUERQUE, 2009, THOMAZ, 2002). Isso fez com que o Tetun Prasa, de certa forma, apresentasse algumas características de línguas entrelaçadas, que serão discutidas na seção posterior, com um alto número de empréstimos lexicais lusófonos, bem como alguns empréstimos gramaticais, como pode ser visto em um capítulo de Esperança (2001) ou nas gramáticas do Tetun de Hull e Eccles (2001) e Albuquerque (2011b, 2012b). Já a influência do contato com as demais línguas locais foi menor, pelo fato de que os povos leste-timorenses falantes de outras línguas por estarem em regiões mais distantes, tiveram uma quantidade, um tempo e/ou uma intensidade

⁴³ A maioria das línguas nativas de Timor-Leste, assim como o indonésio, chamado por seus falantes de *bahasa indonesia*, que é apenas uma variedade do malaio, são todas de origem austronésia, por isso a semelhança tipológica. Maiores informações sobre as línguas nativas de Timor-Leste se encontram anteriormente, bem como no mapa 1.

menor. O que se observa que a influência do contato com o povo e a língua portuguesa nessas outras línguas nativas de Timor-Leste ocorreu de forma indireta, via o Tetun Prasa, que como língua franca, e atual língua oficial, passou a influenciar as outras línguas do país, principalmente por meio de empréstimos para estas de elementos lusófonos existentes no Tetun.

4 – Procedimentos de análise

A partir do que foi exposto anteriormente, é possível extrair um rudimento de metodologia para o estudo da ecologia do contato de línguas, que seguirá as etapas que serão descritas e esquematizadas abaixo.

Primeiramente, deve-se identificar a natureza do contato, ou seja, se o contato estudado é entre diferentes povos ou não, e se é entre diferentes línguas ou a mesma língua. Assim, separa-se o contato interlinguístico e intralinguístico.

Após este primeiro passo, faz-se necessário identificar a tipologia do contato, conforme descrito por Couto (2009), que basicamente identifica se há relação de dominação entre os povos, se há deslocamento e a natureza do território onde ocorre o contato. Neste segundo passo, aplica-se a proposta dos quatro tipos de contato, já explanada anteriormente. Aqui também pode ser analisado o ecossistema fundamental da língua (EFL), que é a base da linguística ecossistêmica, identificando os elementos P – T – L envolvidos no contato estudado.

O terceiro passo são os fatores que influenciam o contato, que foram comentados acima, sendo eles: a quantidade, o tempo, a intensidade, o poder, a atitude e a semelhança ou dessemelhança tipológica. Observa-se que os fatores do contato são de natureza linguística (semelhança tipológica) e extralinguística (poder, atitude), assim, além do estudo desses fatores, o pesquisador nesta etapa pode elaborar estudos que se relacionam com outras teorias

linguísticas, ou até mesmo com teorias e metodologias de outras ciências, o que caracteriza a ecolinguística como uma ciência de sistema complexo. Ainda dentro da teoria ecolinguística, é possível também nesta etapa relacionar o estudo da ecologia do contato de línguas com outras propostas ecolinguísticas, principalmente com o modelo gravitacional de Calvet (1999) e o modelo de Mühlhäusler (1996).

A quarta etapa se caracteriza pelo estudo dos resultados do contato de línguas e povos, quais foram as mudanças/adaptações que ocorreram, quais permaneceram e quais se mantêm como variação, se há evolução linguística ou não, qual a repercussão para o EFL, entre outros aspectos. Assim, nesta etapa, ocorre uma predominância do estudo do elemento linguístico e suas relações com o ecossistema.

Finalmente, caso o pesquisador opte por encerrar seu estudo no quarto passo, não há problemas, já que tal estudo seria caracterizado como um estudo de ecologia do contato de línguas, porém um quinto passo pode ser dado. Nesta última e opcional etapa entra o elemento da descrição linguística. O que faz com que o pesquisador faça o tratamento e a análise dos dados linguísticos, enfatizando a descrição dos fenômenos linguísticos. A originalidade da teoria ecolinguística é que nela podem ser empregadas tanto teorias linguísticas reconhecidas na comunidade científica (análise estrutural, gerativa, funcional, tipológica etc.), como também pode ocorrer uma relação da teoria ecolinguística com as demais teorias linguísticas, já que a ecolinguística possui uma área dedicada a tal estudo, que é a endoecologia linguística. Um ecolinguista que elaborou um modelo de análise endoecológico é Makkai (1993), que explica a gramática pragmo-ecológica, bem como Calvet (1999), que somente cita a importância de tal estudo, chamando-o de microecologia, apesar de não o desenvolver.

Assim, um esquema da metodologia do estudo da ecologia do contato de línguas pode ser feito da seguinte maneira:

- 1º identificação do contato;
- 2º tipologia do contato;
- 3º fatores que influenciam o contato;
- 4º resultados do contato;
- (5º análise dos dados e de aspectos linguísticos).

5 – Os resultados dos contatos de línguas em Timor-Leste: o contato interlinguístico

Os resultados dos contatos de línguas tratam-se das alterações ocorridas no EFL, visando à adaptação às situações de contato. Caso a situação de contato persista, ocorrerá também a evolução de alguns aspectos do EFL. Antes de se apontar os resultados dos contatos que aconteceram em Timor-Leste, é necessário realizar a distinção entre contato interlinguístico, quando diferentes povos e falantes de línguas distintas entram em contato, e contato intralinguístico, que consiste no contato de indivíduos falantes da mesma língua.

O objeto de estudo da presente seção, bem como os resultados que este trabalho apresenta, são os resultados dos contatos interlinguísticos de línguas e povos em Timor-Leste, que será analisado a seguir. Porém, antes de ser conduzida a análise dos contatos interlinguísticos, vale a pena apontar algumas breves palavras a respeito dos contatos intralinguísticos.

O contato intralinguístico trata-se do contato que ocorre entre indivíduos falantes da mesma língua e dentro da mesma comunidade de fala, ou seja, dentro do mesmo território (T) e do mesmo ecossistema linguístico local. Podemos nos basear no próprio termo também, que já deixa esclarecido do que se trata nesta temática. Couto (2009, p. 57) lista quatro tipos de contatos intralinguísticos e discute seus respectivos resultados, sendo eles: o contato de dialetos, o contato intergeracional, contato indivíduo-comunidade e a ausência de contato.

Além disso, há também o contato interidioletal (MUFWENE, 2001), que pode ser considerado um subtipo de contato de dialetos. De acordo com Albuquerque (2014b, p. 288), os contatos intralinguísticos geraram uma série de mudanças e variações linguísticas, a coneização da língua Tetun, uma distinção dialetal grande entre o Tetun Terik e o Tetun Prasa, bem como a dispersão de empréstimos de origem indonésia inglesa nas línguas locais de Timor-Leste. Estes resultados, além de terem sido apresentados inicialmente em Albuquerque (2014b), estão discutidos detalhadamente em Albuquerque (2015b).

Os produtos do contato de línguas e povos, ou seja, os resultados do contato interlinguístico mais comuns já estudados pela linguística são a formação das seguintes variedades/línguas: pidgins, crioulos, línguas duomistas, línguas indigenizadas e línguas reestruturadas (COUTO, 2009, p. 55).

No ecossistema linguístico local de Timor-Leste, os resultados dos contatos foram a formação de: um crioulo, o Crioulo Português de Bidau (CPB); uma língua entrelaçada, a variedade conhecida como Tetun Prasa, da língua Tetun; do português como língua indigenizada; e das várias línguas nativas locais sendo reestruturadas. Cada um desses resultados será analisado abaixo.

Em Timor, formou-se um crioulo português, que é conhecido como Crioulo Português de Bidau (CPB), em referência ao bairro onde era predominante, Bidau, que fica localizado na periferia de Dili, capital de Timor-Leste. Inicialmente, este crioulo era considerado apenas como um português ‘corrompido’ pelos leste-timorenses ou como Crioulo Português de Macau, já que era falado pelas famílias de origem macaense residentes em Timor, como pode ser visto em Vasconcelos (1970 [1901], p. 151). Posteriormente, outros autores, como Thomaz (1974), começaram a diferenciar o português falado pelos timorenses e o CPB. O CPB foi formado a partir da migração ocorrida de Lifau para Dili, em 1769, já comentada no capítulo 4. O grupo populacional que migrou para Dili, fundando a nova capital, era formado

pela administração colonial e por milícias locais, com indivíduos falantes de português, de malaio, dos Crioulos Portugueses de Malaca e Macau, bem como de variedades reestruturadas do português (e também de L2, L3 e LE). Por sua vez, esse grupo populacional de Lifau, já havia recebido nos séculos anteriores a migração dos grupos populacionais de outras possessões portuguesas na Ásia, como Malaca, Makassar e Larantuka (BOXER, 1947). Assim, o contato de línguas e povos na região envolveu diversos elementos linguísticos e extralinguísticos. Com a migração, uma das milícias nativas acabou por se fixar em Bidau, onde foi formado o CPB, que possui uma série de similaridades com os demais crioulos portugueses asiáticos (BAXTER, 1990). Porém, o CPB deixou de ser empregado nos Atos de Interação Comunicativa (AICs), sendo substituído principalmente pelo Tetun Prasa, que funciona como língua franca em Timor-Leste, sendo extinto provavelmente na década de 1960. De certa forma, a formação do CPB pode ser encarada como uma língua de resistência e de identidade deste grupo específico (a milícia local) e que chegou a se dispersar no território deles (o bairro de Bidau), porém acabou sendo substituído paulatinamente a partir do momento que se fez necessário este grupo interagir com os demais, ocorrendo uma mudança de língua em que os falantes abandonaram o CPB para adotar o Tetun Prasa, existindo até algumas evidências desse contato, que acarretou a mudança de língua, por meio da influência do CPB sobre o Tetun Prasa, com alguns empréstimos lexicais de origem lusófona tendo sido inseridos de maneira modificada no Tetun Prasa por ter vindo via CPB, conforme foi estudado por Esperança (2001)⁴⁴. Entre alguns exemplos citados por Esperança (2001, p. 37) estão:

⁴⁴ Esperança (2001, p. 26) também aponta alguns itens gramaticais existentes no Tetun Prasa como tendo origem na influência do CPB e dos demais Crioulos Portugueses Asiáticos, sendo: o genitivo, a presença do modal *tenke* e da cópula *san*.

1. *kreda* ‘igreja’, tal lexema sofreu as seguintes modificações Port. *igreja* > CPB e demais Crioulos Asiáticos *gredja* > Tetun Prasa *kreda*⁴⁵;
2. *dersán* ‘geração, parente, família’, este lexema sofreu modificações semelhantes ao anterior: Port. *geração* > CPB e demais Crioulos Asiáticos *djerisang* > Tetun Prasa *dersán*;
3. *karau baka* ‘vaca’, este lexema é um pouco distinto, já que possui a presença do item tetunófono *karau* ‘búfalo’ e o empréstimo do lexema *baka* ‘vaca’, que para os leste-timorenses o boi e vaca, ou seja, o gado ocidental é apenas um tipo de búfalo: Port. *vaca* > CPB e demais Crioulos Asiáticos *baka* > Tetun Prasa *karau baka*.

As línguas duomistas, mais conhecidas como línguas mistas, ou línguas entrelaçadas, tratam-se de um resultado do contato de línguas em que ocorre uma fusão de duas línguas-fontes, que são facilmente identificadas, geralmente em um cenário de bilinguismo comunitário (MEAKINS, 2013, p. 159). O debate em torno deste tema (se realmente existem línguas mistas ou não? Se são produtos de um tipo específico de contato ou apenas um subtipo de outra classificação existente? Ou, se são um sistema linguístico autônomo ou não?) foi estimulado desde a década de 1990 até os dias atuais, principalmente com as publicações das obras de Bakker e Mous (1994), bem como a de Matras e Bakker (2003), que apresentam esboços gramaticais de diversas línguas que são classificadas como línguas mistas e também com a discussão da tipologia e da sócio-história dessas línguas. Como as línguas nativas leste-timorenses se encontram em um estágio inicial de documentação e de estudos linguísticos pouco se pode afirmar a respeito, porém várias publicações referentes ao Tetun Prasa (língua oficial e língua franca do país) vêm questionando o status dessa variedade da língua Tetun, chegando a ser considerada um crioulo, de acordo com o *Ethnologue* (LEWIS, SIMONS e

⁴⁵ Esta mudança ocorreu pelo fato de a língua Tetun originalmente não apresentar g e j, sendo o primeiro modificado para /k/ e o segundo para d, dz ou dj.

FENNIG, 2013), uma língua que sofreu crioulização (HULL, 2001) e um pidgin (HAGÈGE, 2002). Recentemente, Greksakova e Holm (2013) discutem a tipologia das línguas mistas à luz dos dados do Miskito⁴⁶ e do Tetun Prasa. Meakins (2013, p. 215) afirma que há uma série de diferenças tipológicas entre as línguas mistas, variando desde línguas mistas que apresentam grande parte de seu léxico de uma língua-fonte e sua gramática de outra até línguas que substituíram somente alguns itens lexicais em situações comunicativas especiais. Caso seja considerado este continuum de variação na tipologia das línguas mistas, é possível incluir o Tetun Prasa, já que manteve a gramática tetunófona⁴⁷, mas substituiu grande parte de seu léxico original pelo léxico lusófono, com mais de 6000 itens lexicais do português. Em relação a sua sócio-história, o Tetun Prasa também apresenta as características de língua mista, tendo surgido no contexto de bilinguismo com a presença de uma língua comum ao povo, sendo que a língua mista possui funções de identidade: para manter uma identidade antiga de um grupo, ou para marcar uma identidade de um novo grupo (MEAKINS, 2013, p. 216). Desta maneira, o Tetun Prasa se instalou em um grupo que já possuía sua língua, sendo os habitantes de Dili que falavam antigamente o Manbae, e serviu como uma marcação de identidade deste grupo, já que o Tetun Prasa atualmente é falado como L1 somente pelos habitantes de Dili, apesar de ser língua franca e oficial de Timor-Leste.

As línguas indigenizadas são aquelas que foram inseridas em um país de cima para baixo, de acordo com Couto (2009, p. 56), ou seja, a língua indigenizada é aquela que entra em um país pela elite da população e, por isso, se mantém limitada a certas instâncias sociais, como a escola, alguns meios de comunicação, entre outros. O exemplo mais prototípico de

⁴⁶ Miskito é uma língua falada na Nicarágua e pertence a uma pequena família linguística local conhecida como Misumalpa. Além do elemento local (Misumalpa), o Miskito apresenta forte influência do inglês e uma influência mais recente do espanhol.

⁴⁷ A influência lusófona é tamanha no Tetun Prasa que há também empréstimos de algumas estruturas gramaticais do português, como a marcação de plural com *-s*, *-es* (*universidade/ universidades, xavi/ xavis, vendedor/ vendedores*) e de feminino com *-a* (*administradór/ administradora, advogadu/ advogada, alunu/ aluna*) em lexemas de origem portuguesa, bem como o emprego de alguns sufixos derivacionais, como o agentivo *-dór*, analisado por Hajek e Williams-van Klinken (2003).

uma língua indigenizada é o inglês na Índia. O português pode ser considerado uma língua indigenizada em Timor-Leste, já que em sua variedade padrão o uso está limitado somente a algumas situações formais, como: a escola, a administração pública, os meios de comunicação impressos, entre outros. Em outras palavras, o português padrão é empregado na maioria das vezes pela elite leste-timorense: cidadãos que estudaram em escolas portuguesas existentes em Timor-Leste; cidadãos que moraram e/ou estudaram em países estrangeiros lusófonos, principalmente Portugal ou Brasil; idosos que viveram durante o período de colonização portuguesa⁴⁸. As consequências de o português, no caso o português padrão, se apresentar como uma língua indigenizada em Timor-Leste são as mais variadas, entre elas, é possível mencionar: as atitudes negativas dos falantes leste-timorenses diante do português, como língua do colonizador e língua ‘retrógrada’ que impede o desenvolvimento do país; o próprio uso do PTL em diversos AICs que necessitam do uso da língua portuguesa, fazendo deste uma variedade local distinta do português europeu padrão, e também formando um índice de identidade leste-timorense.

Finalmente, um resultado do contato interlinguístico em Timor-Leste foi a reestruturação gramatical parcial das línguas nativas. O conceito de reestruturação gramatical parcial, ou simplesmente reestruturação parcial, foi desenvolvido por Holm (2004) e consiste na formação de uma variedade distinta da língua fonte por fatores sociais e linguísticos. Este tipo de variedade não possui nenhuma relação com os crioulos, que são variedades que sofreram reestruturação gramatical completa, ou total. As variedades parcialmente reestruturadas equivalem ao conceito de semicrioulo (entre a língua fonte e a língua crioula), empregado com maior frequência na crioulistica. Exemplos prototípicos de línguas parcialmente reestruturadas é o Português Popular Brasileiro, o Inglês Afroamericano e o Afrikaans, língua falada na África do Sul e que possui como língua fonte o holandês. O

⁴⁸ Os idosos, que viveram durante o período de colonização portuguesa e, conseqüentemente, tiveram grande contato com cidadãos portugueses, estudaram e falavam português, não é marcada somente pela elite, pois em Timor-Leste há idosos que pertencem as diferentes classes econômicas, desde a elite até a pobreza.

resultado da reestruturação parcial das línguas de Timor-Leste não se assemelha ao conceito de anticrioulo de Couto (2002), já que não ocorreu nenhum tipo de resistência cultural dos povos leste-timorenses, mas o que aconteceu foram migrações distintas e os contatos entre diversos povos de origem austronésia. Segundo Hull (2001, p.100), ocorreram duas ondas sucessivas de migrações em massa para a ilha de Timor em um intervalo de tempo relativamente pequeno. A primeira aconteceu provavelmente no século XIII com a introdução do *Ambonês Antigo*, um conjunto dialetal inserido na ilha, que teve intenso contato com a língua austronésia já falada em Timor, desde o século X, foi introduzida por meio das migrações das Celebes. A segunda onda de migração foi da língua Malaio, introduzida pelos comerciantes, provavelmente no século XV, que navegavam as rotas comerciais asiáticas. Nesse período, o *Pazar Melayu* tornou-se a língua franca de grande parte do sudeste asiático, pois era a língua usada nas relações comerciais, e também foi uma língua regional de troca. Segundo Hull (2001), essas duas ondas migratórias acabaram por fazer com que as línguas nativas do Timor-Leste sofressem um ‘processo de criouliização’ intenso e em um curto tempo. É este ‘processo de criouliização’ que consiste na reestruturação parcial. O resultado da reestruturação parcial nas línguas de Timor foi a perda da morfologia flexional e de alguns afixos derivacionais, levando os constituintes sintáticos a serem marcados somente por suas respectivas posições na sentença. Desta maneira, as línguas leste-timorenses de origem austronésia são encaradas por falantes estrangeiros, bem como pelos falantes de Tetun Terik, que retiveram os afixos e demais elementos gramaticais, como línguas ‘simplificadas’ pelo fato de terem perdido estas estruturas gramaticais consideradas mais complexas.

6 – Considerações finais

O presente capítulo procurou apresentar uma abordagem ecológica para os estudos do contato de línguas. Para tanto, foram discutidas as principais referências e teorias sobre o tema, destacando-se Mufwene (2001, 2008) e Couto (2009).

O estudo de caso conduzido aqui foi baseado em trabalho de campo original do autor, bem como na obra de Albuquerque (2014b), que conduziu uma análise mais detalhada do assunto apresentado neste capítulo. A análise da ecologia dos contatos interlinguísticos em Timor-Leste serviu para lançar luz tanto sobre a situação do contato de línguas e povos no país, como para aplicar a teoria que foi discutida em (1). Assim, a partir da análise dos dados que foi elaborada aqui foi possível perceber a importância do contato de línguas para o desenvolvimento do ecossistema linguístico local de Timor-Leste, bem como para um melhor entendimento das características deste ecossistema na atualidade.

Com isso, a abordagem ecológica do contato de línguas apresenta uma nova visão para as pesquisas desta área ao levar em consideração as interações entre Povo (P), Língua (L) e Território (T), ou seja, não se limitando a questões puramente linguísticas ou sócio-históricas do contato, como vem sendo feito nas pesquisas atuais. Nessa abordagem são levados em consideração também os diferentes ecossistemas (natural, mental e social) em que P-L-T se relacionam. Isso faz com que as características da ecologia do contato discutidas aqui, retiradas de Couto (2009), que são a tipologia, as situações, os resultados e os fatores que influenciam o contato, além de estarem em harmonia com a visão ecológica de mundo, podem ser aplicadas a qualquer contato de línguas e povos, apresentando-se, assim, como uma nova abordagem para a pesquisa nestas áreas: contato de línguas e crioulização.

CAPÍTULO 5.

AS CIÊNCIAS COGNITIVAS E A ECOLINGUÍSTICA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO ECOSSISTEMA LINGUÍSTICO MENTAL

Introdução

A Ecolinguística é uma disciplina científica, ou um ramo da linguística, que teve seu início na década de 1970, com o trabalho de Haugen (1972). Na década de 1990, essa disciplina viu seu ápice com a publicação dos primeiros manuais: Fill (1993) e Makkai (1993), bem como uma série de outros trabalhos publicados (capítulos de livros, artigos, entre outros) em diferentes línguas, sendo as principais em inglês, alemão e francês, no decorrer de sua breve história. Atualmente, há diversos autores que apresentam diferentes propostas teóricas e metodológicas seu desenvolvimento.

No Brasil, a Ecolinguística vem ganhando espaço desde a publicação do primeiro manual em língua portuguesa por Couto (2007), intitulado *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Recentemente, Couto (2012a, 2013) vem desenvolvendo uma teoria própria, chamada de Linguística Ecosistêmica, que faz uso da ecometodologia, metodologia que consiste na adaptação da multimetodologia à abordagem ecológica da língua, bem como há uma série de pesquisas, dissertações e teses que estão em andamento, que procuram discutir aspectos específicos dessa teoria e também aplicá-la aos mais variados fenômenos da linguagem.

Para a Ecolinguística, a segunda e a terceira gerações das ciências cognitivas, conhecidas pelos modelos conexionista e monístico, respectivamente, apresentam

contribuições significativas tanto no desenvolvimento de modelos teóricos, principalmente na linguística ecossistêmica e na linguística dialética, como subsídios metodológicos para as análises, conforme será discutido nas próximas seções.

Em relação às ciências cognitivas, sem pretensão de traçar um histórico dessa área do saber, é possível apontar que sua relevância para a linguística veio somente com a publicação do renomado trabalho de Chomsky *Aspects of a Theory of Syntax* (CHOMSKY, 1965), em que o autor procurou compreender a língua e seu comportamento como um fenômeno mental, sendo que a mente humana está organizada como um dispositivo computacional, e a linguagem está localizada de maneira modular no cérebro humano. Vale lembrar que o surgimento das ciências cognitivas ocorreu na década de 1950 de maneira interdisciplinar com contribuições das seguintes áreas: antropologia, linguística, filosofia, psicologia, ciência da computação e neurociência⁴⁹.

Nas décadas de 1960 e 1970, surgiu a linguística cognitiva como uma área necessária que, de certa forma, procurava agregar os conhecimentos das ciências cognitivas e da linguística, principalmente da teoria gerativa. Nesse mesmo período, as ciências cognitivas, bem como a linguística cognitiva, desenvolveram-se, fazendo uso de duas propostas teóricas distintas: o modelo conexionista (SPITZER, 1999) e o modelo de protótipos (LAKOFF, 1987).

Enquanto os primeiros estudiosos das ciências cognitivas na década de 1950 são conhecidos como pertencentes à primeira geração, ou primeira onda, das ciências cognitivas, os teóricos da década de 1960 e 1970, sejam aqueles que fazem uso do modelo conexionista ou de protótipos, são reconhecidos como fazendo parte da segunda geração. Recentemente, surgiu a terceira onda das ciências cognitivas, que procura modificar tanto as dicotomias existentes nos modelos anteriores (mente x natureza, organismo x ambiente, percepção x

⁴⁹ Seuren (1998) e Steffensen (2012) chamam atenção de que Chomsky já havia escrito um esboço, na primeira metade da década de 1950, em que discutia as relações entre língua e mente, sendo conhecido como *The Logical Structure of Linguistic Theory*.

categoria), quanto encarar os fenômenos cognitivos como não locais, complexos e contínuos. De acordo com Steffensen (2012, p. 515), as teorias da terceira geração podem ser chamadas de monísticas, já que consideram um princípio único, ou um único objeto, para as ciências cognitivas.

Dessa maneira, o este capítulo procura apontar as contribuições da terceira geração das ciências cognitivas para a ecolinguística, apresentando uma proposta que procura desenvolver a teoria da linguística ecossistêmica, bem como fornecer ferramentas para a análise. Assim, em (1), será apresentado um panorama da teoria ecolinguística, enfatizando a linguística ecossistêmica; em (2), serão discutidas as contribuições das ciências cognitivas para a ecolinguística e a proposta já comentada anteriormente; em (3), será conduzida uma análise de como são processados os lexemas da língua portuguesa no ecossistema mental do falante, por meio da descrição dos processos mentais ocorridos no cérebro do falante ao se deparar com estímulos do meio ambiente (MA), e com isso uma melhor compreensão das contribuições teóricas da linguística ecossistêmica, suas relações com as ciências cognitivas e suas aplicações.

1 – A abordagem ecolinguística

A Ecolinguística é definida como o estudo das relações entre língua e meio ambiente, desde a publicação de Haugen (1972), considerado o fundador dessa disciplina. A maioria dos pesquisadores que fazem uso da teoria ecolinguística manteve tal definição, como Mühlhäusler (2003), Garner (2004), Couto (2007), entre outros, refinando somente o conceito de ‘meio ambiente’, que atualmente é empregado em suas diferentes acepções: sentido político (a necessidade de protegê-lo, as espécies ameaçadas etc.); sentido biológico (as relações entre língua e as espécies do MA, ou seja, a fauna e a flora); sentido geográfico (as relações entre língua e o MA físico); sentido social (as relações entre as línguas e suas

funções na sociedade); sentido ideológico (a língua sendo usada como instrumento de manipulação cultural e terreno de conflito de interesses).

Conforme já comentado no primeiro capítulo, a Ecolinguística possui diferentes modelos e escolas teóricas que adotam uma das acepções citadas para o termo ‘meio ambiente’ e procuram alcançar objetivos distintos em suas investigações e, desta maneira, adotam metodologias diferentes, entre eles o da linguística ecossistêmica (COUTO, 2012a, 2013) e da linguística dialética, ou ecolinguística dialética (BANG e DØØR, 2007), que são os dois ramos da ecolinguística que fazem uso de diversos elementos das ciências cognitivas e, conseqüentemente, da linguística cognitiva, de acordo com o que será apresentado na próxima seção.

Já a metodologia em ecolinguística por vezes é alvo de críticas por parte de pesquisadores de outras áreas da linguística, pelo fato de grande parte dos ecolinguistas não explicitarem a metodologia utilizada, tanto em publicações teóricas, como em estudos de caso. Nos últimos anos, alguns ecolinguistas vêm se debruçando sobre a tarefa de elaborar propostas metodológicas bem definidas para a ecolinguísticas, sendo os principais: Garner (2004, 2005), Couto (2007, 2013) e Nash (2011, 2013), assim como há uma exposição nos dos primeiros capítulos deste livro.

Albuquerque (2015a) vem elaborando estudos que visam mapear as diferentes propostas metodológicas existentes para a ecolinguísticas, bem como desenvolver a multimetodologia para seu uso nas pesquisas ecolinguísticas, e Schmaltz (2014) vem procurando estabelecer um elo metodológico com a antropologia do imaginário para compreensão dos processos simbólicos em ecossistemas linguísticos.

Na seção seguinte, será feito um breve esboço das teorias da linguística ecossistêmica e da linguística dialética para serem apontadas as contribuições das ciências cognitivas em cada uma delas.

2 – As ciências cognitivas e a ecolinguística

Usado pela primeira vez por Hans Strohner em ensaio publicado no ano de 1996, a expressão *linguística ecossistêmica* (*ökosystemische Linguistik*) já carregava em seu cerne o objetivo geral de uma prática específica na Ecolinguística: a análise de ecossistemas. Muito além do apego excessivo às credenciais trazidas pelo prefixo *eco-* tornando tudo o que é ecológico um precedente de consciência ambiental ou uma metáfora para explicar fenômenos da linguagem, a Linguística Ecossistêmica (doravante LE) encara fenômenos linguísticos como um padrão numa teia inseparável de relações, e não como fim em si (CAPRA et al. 1991, p. 85).

Em outras palavras, depois de determinado pelo pesquisador o ecossistema, que pode ser uma língua ou uma comunidade (o universo é um ecossistema!) (COUTO, 2007, p. 89), passa-se a enxergar-se na língua a própria interação, não uma maneira para que ela aconteça. Dessa forma, o foco repousa sobre o processo pelo qual se dão os fenômenos linguísticos, seja atendo-se a estrutura morfológica, sintática ou discursiva etc., em um movimento em que estas são tomadas como o micro, dentro do macrossistema de interação que se apreende.

A língua passa a ser vista como um ecossistema que pode ser observado de um ponto de vista fundamental, natural ou mental, sem deixar de levar em conta que todos esses sistemas corroboram ciclicamente. Portanto, pela perspectiva ecológica, o ecossistema linguístico é o conjunto de interações que se dão pelo uso da língua (L) entre um povo (P) que constitui fisicamente o território de uma comunidade (T), seja para significar o Mundo ou para comunicarem-se (COUTO, 2007, p. 89). Esse paradigma costuma ser representado pela figura 1, localizada no primeiro capítulo.

Dentro do ecossistema linguístico a que a LE se debruça, temos o MA mental da língua (quando se encara a maneira como ela é formada, armazenada e processada no

cérebro), o MA (a maneira como os membros da sociedade se organizam para utilizar a língua) e o MA natural da língua (sua estrutura comunicativa e estrutural) (NENOKI DO COUTO, 2013, p. 27). Todos eles podem ser estudados separadamente, apesar da tendência maior em focar-se nos aspectos naturais e sociais.

Ainda, segundo a teoria da LE, o elemento mental/cognitivo merece um destaque, já que há um MA mental da língua e, conseqüentemente, seu respectivo ecossistema, que é o ecossistema mental da língua, que será explicado melhor a seguir.

O ecossistema linguístico mental é a parte da LE que aborda o estudo da língua e suas inter-relações do ponto de vista da mente. É no MA mental da língua onde ocorrem as interações mentais da aquisição, do armazenamento e do processamento da língua (COUTO, 2013, p.299). Desta maneira, a língua se encontra no cérebro de cada indivíduo por meio das inter-relações que ela estabelece dentro dele, sendo a mente nada mais do que o cérebro em funcionamento. Porém, a língua não se limita a um fenômeno local, ou seja, localizada somente dentro do indivíduo, ou dentro do cérebro do indivíduo, mas também como elemento não local, que está simultaneamente dentro e fora do indivíduo. Assim, a língua, o cérebro, a mente, em outras palavras, o indivíduo, possuem tanto características internas, quanto externas.

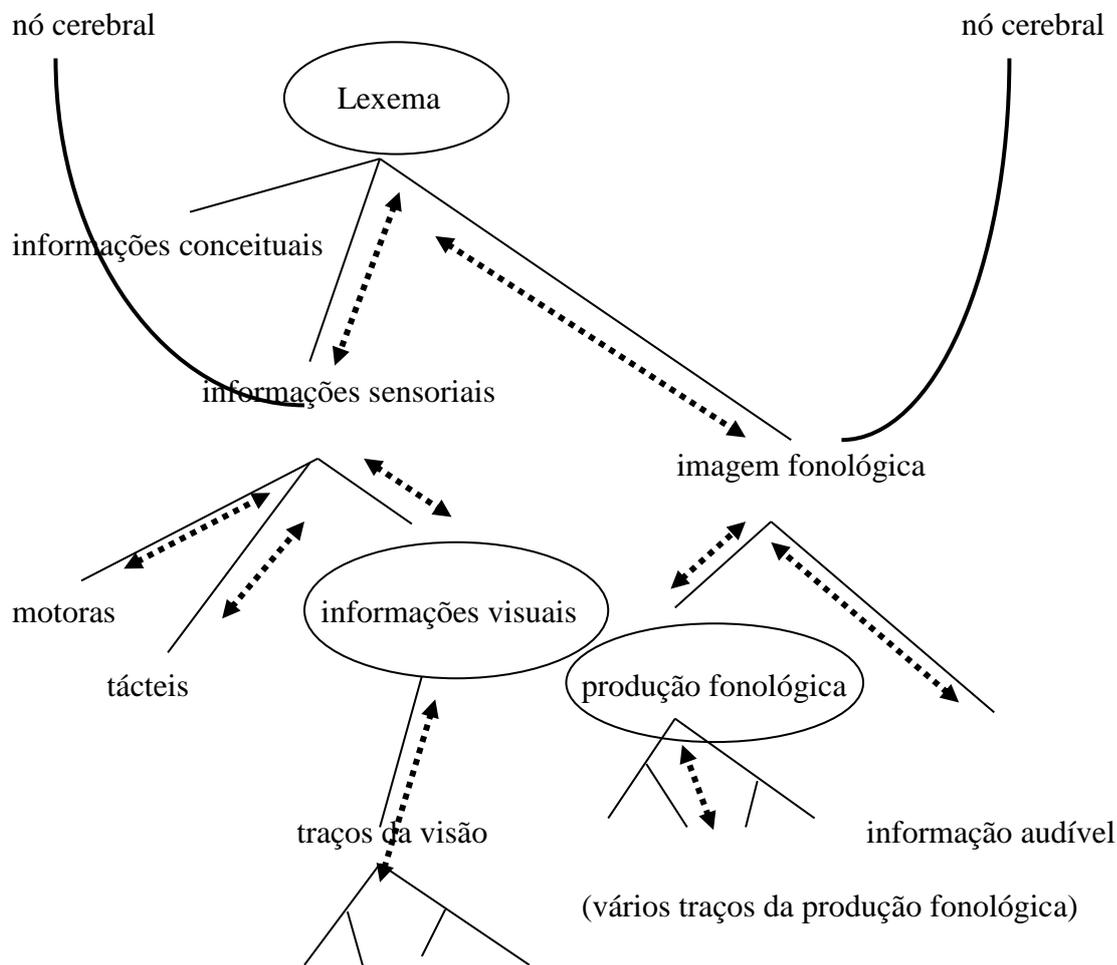
A representação do ecossistema mental da língua é semelhante ao do ecossistema fundamental da língua, que está representado na figura 1, porém as modificações são as seguintes: a língua é estudada como fenômeno mental, sendo identificada como (L₂) por convenção para não se confundir com o (L) da figura 1; o (P) passa a ser (P₂) e é a parte da mente do indivíduo que processa a língua; finalmente, (T) consiste no (T₂) que é o cérebro, sendo encarado como entidade concreta, de acordo com a figura 3:

FIGURA 3: Ecossistema Mental da Língua (COUTO, 2013, p. 299, adaptado)

$$\begin{array}{c} P_2 \\ / \quad \backslash \\ L_2 \text{-----} T_2 \end{array}$$

De acordo com Albuquerque (2014b, p. 216), a maior contribuição da segunda geração das ciências cognitivas para a linguística ecossistêmica foi da linguística neurocognitiva de Lamb (1999, 2007), principalmente em relação à organização do ecossistema mental da língua, os processos mentais que ocorrem durante os fenômenos linguísticos e quais ferramentas podem ser usadas para a análise desse ecossistema. Desta maneira, Albuquerque (2014b) propõe uma organização do ecossistema mental a partir dos lexemas, em que estes são formados a partir de uma teia de interações entre elementos linguísticos, ambientais e mentais/cognitivos de acordo com a figura 4:

FIGURA 4. Representação mental
das informações e da produção fonológica



(vários aspectos relacionados à visão,
como: cor, tamanho, proporção etc.)

Na figura 4, as setas representam as direções dos vários processos que ocorrem no ecossistema mental do falante. Os processos do ecossistema mental estão relacionados com o ecossistema natural por um dos nós do cérebro: o nó de informação sensorial ou o nó de produção fonológica. A informação sensorial consiste em qualquer estímulo que o ecossistema natural pode enviar ao cérebro do falante, sejam motores, tácteis e/ou visuais. A

produção fonológica consiste tanto, por parte do ser humano, nas limitações na produção dos sons da fala, bem como limitações na audição de diferentes sons, como também no processamento dos mais variados sons existentes no meio ambiente. Isso faz com que o léxico e a semântica sejam formados a partir desses dois ecossistemas de acordo com os movimentos apontados na figura acima.

Assim, há a possibilidade de duas interações com o ecossistema natural, por meio de informações visuais ou informações audíveis. Na primeira, o indivíduo recebe a informação visual do ecossistema natural e, através de sua experiência com o meio ambiente, faz associações mentais entre as diferentes informações sensoriais. Caso o elemento do ecossistema natural (um ser vivo, um objeto, uma relação etc.) tiver relevância para o ecossistema social, este será nomeado, o ‘lexema’, por meio da produção fonológica. Os processos mentais percorrem o caminho ‘traços da visão’ > ‘informações sensoriais’ > ‘informações motoras e tácteis’ > ‘lexema’ > ‘produção fonológica’ > ‘nó cerebral’. A outra possibilidade é o indivíduo interagir através de uma informação audível com o ecossistema natural. Caso esta informação audível seja importante no processo de adaptação ao meio ambiente, o indivíduo dará um nome a ela e a associará aos demais tipos de informações: conceituais e sensoriais. Desta maneira, o caminho percorrido será o inverso ao processo anterior: ‘informação audível’ ou ‘produção fonológica’ > ‘imagem fonológica’ > ‘lexema’ > ‘informações conceituais e sensoriais’ > ‘informações motoras e tácteis’ > ‘informações visuais’ > ‘nó cerebral’⁵⁰.

De acordo com o que foi exposto acima, o léxico e a semântica se organizam no ecossistema mental por meio de interações iniciais com o ecossistema natural, e se estabelecem e se mantêm por meio de interações com o ecossistema social. Os processos

⁵⁰ Uma análise será efetuada na seção mais abaixo exemplificando como isso ocorre com o falante, bem como no capítulo final, será elaborada outra análise para as mudanças semânticas do português falado em Timor-Leste.

mentais apresentados possibilitam a análise de qualquer lexema da língua, assim como a explicação da ocorrência das formas ativadas e desativadas.

Isso está de acordo com os teóricos do ‘programa enativo’ (ing. *enactive program*), como Rosch (1999, p. 74) que afirma que a mente e o mundo não são separadas, sempre interagindo; o mesmo afirmam também De Jaegher e Di Paolo (2007, p. 488), que se posicionam a favor de que o organismo participa ativamente da geração de sentidos em seus sistemas cognitivos naturais, sendo assim, não recebe informações do ambiente de maneira passiva.

Järvilehto (1998) é outro autor que lança mão de uma hipótese monística em que, segundo ele, há um sistema unitário organismo-ambiente em que todos os processos cognitivos fazem parte deste sistema integrado entre ser e mundo, não pertencendo ao indivíduo biológico. Desta maneira, a hipótese de se considerar a mente e o ambiente como uma unidade se encontra nos estudos mais atuais das ciências cognitivas⁵¹.

Nesse sentido, Døør e Bang, da Universidade de Odense, na Dinamarca, têm praticado a ecolinguística dialética, que como a terminologia sugere, executa um duplo movimento metodológico: além de descrever dado corpus, deve-se também prescrevê-lo para que se instigue a melhor convivência do Homem com seu MA, instigando uma conscientização. Para isso, considera como unidade mínima da linguística o diálogo, também chamado dialógico; nele constam três participantes, dos quais além do falante e do ouvinte, destacam-se e o observador – uma pessoa que domina o diálogo proferido de maneira silenciosa (COUTO, 2007, p. 71).

Para análise do diálogo apresentam-se três dimensões de referência: 1) a lexical, que diz respeito ao *cotexto social e individual*, ou seja, ao léxico e a gramática; a anafórica, que diz respeito ao *intexto*, fazendo referência aos processos de catáfora e anáfora, e por último; 3)

⁵¹ Para um estudo detalhado do programa enativo, ver Froese e Di Paolo (2011).

a dêitica, a dimensão de tempo, pessoa e lugar, que equivale ao *contexto* (COUTO, 2007, p. 72). Pode-se também se ater a um texto, o que seria se integrar ao Diálogo maior; passa-se a compreender o sistema cultura-língua-ideologia.

Bang e Døør (*apud* COUTO et al. 2013, p. 328) ainda insistem que o estudo da deixis pode abrir um caminho interessante para compreensão do modo dialógico, já que se trata da associação conceitual entre uma ocorrência de uma palavra cujo significado depende do contexto, e a entidade que essa ocorrência representa.

As principais contribuições da terceira geração das ciências cognitivas para a linguística, principalmente para a linguística dialética, serão discutidas a seguir, de acordo com Steffensen (2012, p. 516), que passou a chamar tal área de linguística dialógica. A primeira delas baseia-se na premissa de que a língua não é simplesmente ativada de maneira linear, ou seja, a língua não funciona como um simples instrumento usado por uma pessoa (falante) para ativar outra pessoa (ouvinte). Pesquisas recentes apontam que a percepção não é um mecanismo meramente ativado, mas há uma intensa atividade neural, que antecipa a interação e a percepção, preparando o indivíduo para o processamento que ocorrerá. Isso é chamado de dinâmica antecipatória (JÄRVILEHTO, NURKKALA e KOSKELA, 2009).

Outra contribuição é que a língua não é presa ao cérebro e ao indivíduo, por sua voz ou por sua mão, para as modalidades oral e escrita respectivamente. Na verdade, a língua depende dos estímulos externos sem os quais não existiriam os significados, os conceitos, nem mesmo a própria língua.

A terceira contribuição consiste no fato de levar em consideração a materialidade da língua, não a encarando como um sistema ontológico, mas também não como objeto. Devem ser enfatizadas as ações concretas de comunicação, como os gestos, os sons e os elementos do ambiente.

Estas três contribuições acabam por trazer uma nova visão para os estudos linguísticos, porém, ao mesmo tempo, descarta uma série de autores, modelos teóricos e características anteriores que a linguística possuía, como a linearidade e a dicotomia *langue x parole* de Saussure; os avanços do estruturalismo e da linguística descritiva em geral; a teoria da linguística estratificacional.

3 – Uma proposta de análise do ecossistema mental da língua

A análise a ser conduzida nesta seção será feita de maneira breve, apenas em termos de aplicação do que foi exposto nas seções anteriores, já que foge do escopo do presente capítulo apresentar um estudo completo de algum aspecto do ecossistema mental da língua. Será enfatizado aqui como ocorre o processamento de lexemas da língua portuguesa no ecossistema mental da língua.

De acordo com a nossa proposta de análise do ecossistema mental da língua, o processamento dos lexemas segue a representação mental apresentada na figura 4. Digno de nota, é que a representação existente na figura 4 se assemelha à forma de um neurônio, que são as células do sistema nervoso, em que há duas partes ramificadas responsáveis pela ligação com os demais neurônios e pela condução do impulso nervoso, que são os dendritos e os axônios. Na figura 4, as duas estruturas que se assemelham ao dendrito e ao axônio são ‘informações visuais’ e ‘produção fonológica’.

Assim, os lexemas são processados mentalmente como uma rede que envolve relações entre o MA, o indivíduo, a língua, formação de conceitos, experiências psicológicas etc. Em língua portuguesa, o lexema ‘gato’ pode ser processado mentalmente por suas informações conceituais e sensoriais, que são as motoras, tácteis e visuais, fazendo com que o indivíduo associe à ‘produção fonológica’ [gat^h], que se trata da junção dos fonemas, as mais variadas informações, de acordo com o esquema abaixo:

- Informações motoras: como se move, como se deve proceder para pegar um etc.;
- Informações tácteis: como é o pelo, quais sensações que se tem ao sentir o pelo etc.;
- Informações visuais: qual o tamanho médio deles, quais suas feições, suas cores, o que os distingue dos outros animais etc.;
- Informações conceituais: possíveis informações categoriais, como animal, mamífero, felino, domesticado, entre outros; informações socioculturais, o que este animal significa culturalmente na sociedade em que o indivíduo faz parte (é alimento, é sagrado, é amaldiçoado etc.); informações psicológicas, quais as experiências e/ou opiniões que o indivíduo tem formados a respeito (o indivíduo gosta muito, possui algum trauma, tem medo etc.).

Desta maneira, o indivíduo para processar o significado do lexema em língua portuguesa ‘gato’ necessita relacionar as várias informações mentais que ele possui a respeito, lembrando que informações motoras, tácteis, visuais e conceituais, estão localizadas em diferentes regiões do cérebro humano (LAMB, 1999), fazendo com que o processamento de cada lexema da língua se caracterize como a elaboração de uma verdadeira teia que se espalha e conecta diferentes partes do cérebro do indivíduo, já que os quatro tipos diferentes de informação precisam estar inter-relacionados para ser alcançado seu processamento.

A análise do processamento do lexema ‘gato’, da maneira como foi efetuada anteriormente, pode ser expandida para qualquer lexema da língua. A depender do indivíduo, do MA ou do lexema analisado⁵², o papel de um dos tipos de informações torna-se mais

⁵² Conforme já foi apontado, a análise efetuada aqui é breve, procurando apontar as características principais a serem levadas em consideração durante a análise. Desta maneira, não foram apontados indivíduos ou meio ambiente específico, apenas o lexema. É possível conduzir análises com um indivíduo ou grupo de indivíduos, verificando uma série temas, como: como diferentes indivíduos processam o mesmo lexema; se são relevantes o mesmo tipo de informação para o mesmo lexema em indivíduos diferentes; como o indivíduo pode alterar alguns aspectos das informações; como o meio ambiente em que o indivíduo vive pode alterar algumas informações,

relevante dos que os demais. A seguir analisaremos alguns exemplos como evidências para ilustrar nosso argumento.

Os hiperônimos, como ‘animal’, ‘planta’, ‘fruta’, entre outros, acabam por serem processados mentalmente com uma ênfase nas informações conceituais, principalmente nas categoriais, já que o indivíduo acaba por identificar algumas informações categoriais a respeito dos elementos que fazem parte do conjunto de um hiperônimo específico, como ‘animal’. O indivíduo pode acabar fazendo uso de informações como ‘animado’, ‘móvel’, ‘possuem pernas’, ‘respiração’⁵³ etc.

As variações socioculturais dos grupos em que os seres humanos vivem podem alterar o processamento do lexema de uma língua específica, principalmente se ela for falada por uma grande área e/ou população. A língua portuguesa, bem como a língua inglesa, espanhola, francesa e árabe podem ser consideradas desse tipo. Assim, o processamento da língua portuguesa por falantes de diferentes países pode ocorrer de maneira distinta, sendo influenciada por características socioculturais do local em que é falada. Albuquerque (2014b) conduziu uma análise da língua portuguesa falada em Timor-Leste. Na análise do lexema ‘cachorro’, sendo realizado como [kasɔ̃oro], os indivíduos leste-timorenses tendem a descartar intencionalmente as informações sensoriais, porque em algumas sociedades orientais, como a de Timor-Leste, o cachorro é visto como algo ruim, ameaçador ao ser humano e que também serve como alimentação. Isso faz com que o processamento do lexema ‘cachorro’ no português falado em Timor-Leste, seja distinto do Português Brasileiro e do Português Europeu.

entre outros problemas de pesquisa. Investigações como estas mencionadas anteriormente exigem que o investigador delimite seu objeto de estudos, detalhando as características dos indivíduos entrevistados e do local onde eles vivem, como foram conduzidas as entrevistas etc. Tudo isso faz parte de uma metodologia que ainda está em desenvolvimento, de acordo com o que já foi apresentado no capítulo inicial deste livro.

⁵³ Estas informações não precisam obrigatoriamente possuir um rigor científico. No caso de ‘respiração’, um indivíduo pode diferenciar ‘animal’ de ‘planta’, considerando que o primeiro respira, enquanto o segundo, não.

Tudo que foi exposto até o momento, além de estar em consonância com as ciências cognitivas, especialmente com a linguística neurocognitiva, está de acordo também com a teoria ecolinguística, já que, de acordo com Couto (2007, p. 195):

Cada lexema (unidade do léxico) designa aspectos do MA (físico, mental, social) percebido individualmente e compartilhado comunitariamente. O léxico é, portanto, o elenco de experiências coletivas de P. Ele começa na experiência sensorial dos indivíduos que compõem P. Para uma comunicação mais simples, apenas ele (léxico) é suficiente.

4 – Considerações finais

Este trabalho procurou apontar algumas contribuições da segunda e terceira gerações das ciências cognitivas à linguística. Além da evidente contribuição existente na Linguística Cognitiva, enfatizamos aqui as influências das ciências cognitivas na Ecolinguística, especificamente na Linguística Ecolinguística e na Linguística Dialética.

Como a Ecolinguística é uma disciplina recente e pouco conhecida em nosso país, procuramos discorrer um pouco mais a respeito dessa teoria para um melhor conhecimento dela e de suas relações com as ciências cognitivas.

A análise conduzida aqui enfatizou o elemento mental existente na Ecolinguística, principalmente na Linguística Ecolinguística, em que o ecossistema mental da língua possui um espaço de destaque nesta teoria e nas análises conduzidas nela. Assim, com objetivo de não se limitar apenas à teoria, foi elaborada uma análise de como ocorre o processamento mental de alguns lexemas da língua portuguesa, de acordo com o ecossistema mental da língua.

Desta maneira, é possível perceber que o processamento dos elementos linguísticos ocorre por meio das inter-relações de vários tipos de informações (conceituais e sensoriais), que se localizam em diferentes partes do cérebro, e estas informações acabam por se conectar também com a imagem fonológica. Isto revela que os processos mentais podem ter início na

própria mente em direção ao MA, ou ter início com estímulos do MA que partem em direção à mente, sendo reconhecidos por ela. Tal posicionamento teórico acaba por estar em consonância com a hipótese monística, discutida anteriormente, enquanto nossa proposta de análise do processamento do ecossistema mental se assemelha mais com o modelo conexionista. Finalmente, o estudo das relações entre língua, mente e MA é ainda incipiente, mas, conforme sugerido aqui, possui uma série de temáticas que podem ser investigadas no futuro (o processamento mental dos indivíduos e das informações; o papel do indivíduo, da mente e do MA sobre a língua, entre outros), fazendo com que a ecolinguística seja um programa de estudo, bem como as contribuições das ciências cognitivas a esta disciplina foram fundamentais e continuam a auxiliar na pesquisa tanto ecolinguística, como na linguística geral.

CAPÍTULO 6.

ECOLINGUÍSTICA E FUNCIONALISMO: A DINÂMICA DAS LÍNGUAS EM TIMOR-LESTE

Introdução

Os objetivos do presente capítulo são os seguintes: delimitar o conceito de ‘dinâmica de línguas’; apontar de que maneira este se relaciona com a ecolinguística; e apresentar um estudo de caso como exemplo de aplicação do que foi discutido. Vale lembrar que o estudo de caso será a dinâmica das línguas do ecossistema linguístico de Timor-Leste.

1 – A dinâmica das línguas

O termo ‘dinâmica de línguas’ ainda não é bem definido na terminologia linguística, podendo ser utilizado com diferentes sentidos nas diversas áreas da linguística e até mesmo em outras ciências. Por isso, faz-se necessário apontar seus diferentes usos e significados, bem como em qual sentido será empregado neste texto, conforme será exposto nos parágrafos seguintes.

Dinâmica das línguas, em Linguística Aplicada, trata-se de como a língua é empregada em sala de aula e como ocorrem as interações linguísticas entre alunos e professor (NYSTRAND et al., 1997). Já nas ciências cognitivas, bem como na Linguística Cognitiva e também na Semântica, refere-se a como os elementos de uma categoria específica se relacionam (TALMY, 1988). No contato de línguas e suas áreas afins, como a crioulística, é o estudo das inter-relações entre os imigrantes falantes de uma língua minoritária (PL²) inserida

dentro da comunidade com língua dominante (EFL estável - PLT¹) (CLYNE, 2003)⁵⁴ ou os parâmetros utilizados para se avaliar o processo de surgimento, expansão ou morte de uma língua (ABRAMS E STROGATZ, 2003). Até mesmo na medicina, na fonoaudiologia e na neurolinguística, foram observados o termo ‘dinâmica de línguas’ e suas variações, tratando-se de como ocorre a organização e reorganização da língua dentro do cérebro (SAUR et al., 2006). Ademais, esse termo é encontrado também em linguística histórica, em linguística descritiva e nos estudos de interfaces linguísticas (CANN, KEMPSON E MARTEN 2005).

Na ecolinguística, especificamente na Linguística Ecológica, o conceito de dinâmica de línguas está relacionado ao contato de línguas, bi- e multilinguismo, linguodiversidade e comunicação interlinguística (COUTO, 2007, 2009, 2013).

Tal conceito está próximo da Linguística Funcional contemporânea (CLAIRIS, 1999), bem como da proposta de seu precursor, André Martinet (1975, 1995). Vale lembrar que a concepção original da ecolinguística no Brasil, elaborada por Couto (2007), apresenta também grande influência de Martinet. Como o conceito de dinâmica de línguas elaborado aqui para a Linguística Ecológica é próximo ao do funcionalismo, serão expostos alguns aspectos dessa teoria, enfatizando seus princípios e como se desenvolveu o conceito de dinâmica de línguas.

O funcionalismo apresenta uma série de princípios teóricos inovadores, sendo que um pressupõe o outro, numa espécie de encadeamento, fazendo com que, conseqüentemente, um esteja relacionado ao outro. A seguir serão apontados quais são esses princípios. O primeiro deles, o princípio de pertinência, trata de assumir um ponto de vista específico ao se estudar um objeto, porém tendo a noção de que tal objeto pode ser estudado por diferentes pontos de

⁵⁴ Apesar da definição apontada ser de Clyne (2003), ela está próxima à de Couto (2007, 2009) tanto para os estudos ecolinguístico, como a Ecologia do Contato de Línguas, como para a Linguística Ecológica. Daí, foram utilizados os termos e siglas propostos por Couto (2007, 2009): PL > Povo-Língua; EFL > Ecossistema Fundamental da Língua.

Recentemente, a sigla EFL e seu respectivo termo foram modificados para EIL > Ecossistema Integral da Língua.

vista. As consequências deste princípio são as mais variadas, sendo as de interesse para a ecolinguística as seguintes: o princípio de hierarquia funcional e o de observação e respeito aos fatos.

Isso leva o linguista a encarar que a língua, apesar de servir para comunicação, sua função não é tão somente esta, levando-o também a valorizar a pesquisa de campo e a coleta de dados, momento no qual a língua pode ser vista em suas diversas funções. Ao considerar relevante as funções e os usos da língua, o funcionalismo também assume o caráter social da linguagem, porém de uma maneira distinta da sociolinguística, pois se preocupa não apenas com um aspecto social da língua (a variação), mas com todas as implicações que vêm ao se assumir tal posicionamento.

Daí é que surge o conceito de dinâmica da língua para o funcionalismo, pois são levados em consideração aspectos da interação, da variação, da evolução linguística, entre outros, ou seja, toda a heterogeneidade da língua na sociedade, bem como a necessidade teórico-metodológica para se estudar tais aspectos.

Finalmente, uma última consequência teórica de se assumir os princípios citados anteriormente é o de que há a presença simultânea de formas diversas, o que indica que “não há somente uma estrutura e um sistema, mas que em pura sincronia a língua funciona como uma estrutura múltipla e como uma coexistência simultânea de vários sistemas” (CLAIRIS, 1999, p. 40).

Tudo isso que foi exposto a respeito da dinâmica das línguas está em acordo com a linguística ecossistêmica e pode também ser utilizado no âmbito desta, de acordo com seu caráter holístico e multidisciplinar (COUTO, 2013), bem como devido à multimetodologia adotada por ela (ALBUQUERQUE, 2015a).

2 – A Linguística Ecossistêmica

Em Couto (2007), foi proposta pela primeira vez no Brasil a teoria da Ecolinguística, que mais tarde seria desenvolvida pelo mesmo autor e viria a se chamar Linguística Ecosistêmica. Nela há três ecossistemas da língua (mental, social e natural) são as maneiras distintas de se encarar a língua, como um fenômeno mental, ou social, ou natural, bem como se relaciona com os respectivos meio ambientes e também com os três elementos do EFL, que são o P-L-T (Povo-Língua-Território). As interações entre os três ecossistemas da língua é que geram o EFL ou EIL, conforme já foi comentado anteriormente.

Ademais, o ecossistema linguístico engloba os três ecossistemas mencionados anteriormente e, de acordo com Couto (2013, p. 294), pode ser dividido em ecossistema linguístico geral e local. O primeiro, o ecossistema linguístico geral, equivale à comunidade de língua e ao domínio do sistema. O segundo, o ecossistema linguístico local, consiste na comunidade de fala, ou de interação, sendo, assim, o ecossistema onde ocorrem os atos de interação comunicativa (AIC).

Na linguística ecosistêmica, é possível destacar os seguintes aspectos teóricos relacionados à dinâmica das línguas em sua acepção do funcionalismo:

- Atos de interação comunicativa (AIC) e a ecologia da interação comunicativa (EIC) (COUTO, 2007, 2013, 2013a);
- Regras interacionais e regras sistêmicas (COUTO, 2013);
- Ecologia do contato de línguas (COUTO, 2009);
- Pluricentrismo e acentrismo linguístico (COUTO, 2013a);
- Linguodiversidade (COUTO, 2007)⁵⁵.

⁵⁵ Para a definição dos conceitos e das áreas da Linguística Ecosistêmica mencionadas, ver a bibliografia citada ao lado de cada uma delas.

A listagem acima não foi elaborada de maneira arbitrária, mas partindo dos temas mais discutidos em direção ao menos abordados até o momento nos estudos ecolinguísticos, bem como do particular ao universal.

Com o que foi exposto acima, percebe-se que há um grande espaço para pesquisas em cada um dos temas listados, bem como alguns se encontram abertos também para estudos de natureza teórica, que possam refletir a respeito de sua fundamentação e contribuições para a ciência.

Um estudo de dinâmica das línguas no âmbito da Linguística Ecolinguística segue a proposta da multimetodologia, conforme desenvolvida por Albuquerque (2015a), mais alguns princípios do funcionalismo apontados anteriormente, somados aos tópicos estudados pela ecolinguística, são eles: a diversidade, a abertura ou porosidade, o holismo, a adaptação, o caráter dinâmico (ou a evolução) e a visão de longo prazo (COUTO, 2013).

- 1 - Trabalho de campo ecolinguístico (NASH 2011, 2013; ALBUQUERQUE 2015a);
- 2 - Observação e interação (AIC e regras interacionais);
- 3 - Coleta de dados (funcionalismo, linguística descritiva, sociolinguística);
- 4 - Conhecimento acadêmico da comunidade (levantamento bibliográfico, interdisciplinaridade);
- 5 - Tratamento dos dados enfatizando as questões relativas à dinâmica das línguas (ou dialetos);
- 6 - Retorno e contato contínuo com a comunidade (convivência);
- 7 - Elaboração da análise ecolinguística da dinâmica das línguas.

A listagem acima consiste numa proposta metodológica para o estudo de dinâmica das línguas no âmbito da Linguística Ecolinguística. Enquanto alguns pontos já foram bem

estudados dentro da Ecolinguística (como os pontos 1 e 2) ou de outra disciplina, como a Linguística Descritiva, a Sociolinguística ou o Funcionalismo (3 e 4), há outros que até o momento não estão bem delimitados ou estudados, encontrando-se abertos para pesquisas futuras.

Além da proposta metodológica acima, e a discussão teórica no decorrer deste trabalho, a seguir, está uma sugestão de análise ecolinguística, especificamente de Linguística Ecolinguística, da dinâmica das línguas em um EFL, enfatizando a ordem e os aspectos do P-L-T que devem ser observados e estudados pelo ecolinguista:

- 1 - Aquisição (aquisição da linguagem/ ecolinguística);
- 2 - Interação próximas/ familiares (bi- e multilinguismo/ sociolinguística/ ecolinguística);
- 3 - Interações com a comunidade (sociolinguística/ análise da conversação/ ecolinguística);
- 4 - Interações com o pesquisador e membros de fora da comunidade (sociolinguística/ análise da conversação/ etnografia da comunicação/ ecolinguística);
- 5 - Influências da escolarização, das mídias e de estrangeiros (linguística aplicada/ política linguística/ ecolinguística);
- 6 - Descrever as estruturas múltiplas do Ecossistema (descrição linguística/ funcionalismo/ ecolinguística/ disciplinas afins);
- 7 - Identificar como se dá a coexistência dos diferentes sistemas dentro de um mesmo Ecossistema (linguística geral/ ecolinguística/ disciplinas afins).

Digno de nota da listagem acima é que entre parênteses estão também sugestões de disciplinas afins e áreas da linguística que também estudam as temáticas em cada um dos passos sugeridos, o que faz com que o estudo da Linguística Ecolinguística e da dinâmica das línguas seja um estudo interdisciplinar.

3 – A dinâmica das línguas em Timor-Leste

Nesta seção será conduzido um breve estudo de caso a respeito da dinâmica das línguas em Timor-Leste. Por causa da limitação do espaço deste texto, serão apresentados mais os estudos já conduzidos, as referências bibliográficas e os resultados alcançados.

Os estudos linguísticos sobre Timor-Leste no Brasil também possuem quase a mesma idade da ecolinguística e, da mesma maneira, estão ligados ao prof. Hildo H. Couto⁵⁶, que orientou uma dissertação de mestrado de Alves (2005) sobre o Tetun Prasa, variedade da língua Tetun falada na capital, Dili.

O presente autor elaborou um estudo sobre o EFL de Timor-Leste, enfatizando a língua portuguesa falado neste ecossistema. Na tese de doutoramento, Albuquerque (2014b), apresentou um estudo detalhado da língua portuguesa em Timor-Leste, sendo que os passos apontados anteriormente estão todos presentes, porém, devido às exigências da pesquisa e do gênero acadêmico da tese, os passos sugeridos na seção anterior foram apresentados fora da ordem aqui sugerida.

A tese de Albuquerque (2014b) se encontra dividida da seguinte maneira: no capítulo 1 há uma revisão bibliográfica e crítica da ecolinguística; no capítulo 2 o mesmo é feito só que para os estudos linguísticos sobre Timor-Leste; em 3, são discutidos os aspectos metodológicos da tese; em 4, os diferentes ecossistemas linguísticos de Timor-Leste são descritos; em 5, há a descrição da variedade do português falado em Timor-Leste; no capítulo 6 são estudados aquisição, multilinguismo e as interações linguísticas; em 7, há um estudo sobre a ecologia do contato de línguas em Timor; finalmente, em 8, encontram-se as considerações finais.

⁵⁶ O presente trabalho foi originalmente uma comunicação para o evento que comemorou dez anos de Ecolinguística no Brasil, por isso a existência dessa informação neste parágrafo. Enquanto a Ecolinguística no Brasil possui dez anos, datando seu início em 2007, os estudos linguísticos sobre Timor-Leste possuem doze anos, datando da dissertação citada de 2005.

Com base no resumo feito no parágrafo anterior, é possível apontar a presença dos seguintes temas de análise da dinâmica das línguas:

- 1 - Aquisição: 1ª parte do capítulo 6;
- 2 - Interações próximas/ familiares e 3 - Interações com a comunidade: 2ª parte do capítulo 6;
- 4 - Interações com o pesquisador e membros de fora da comunidade: capítulo 3;
- 5 - Influências da escolarização, das mídias e de estrangeiros: parte final do capítulo 4 (que trata do Ecosistema Social da Língua);
- 6 - Descrever as estruturas múltiplas do Ecosistema: capítulo 4;
- 7 - Identificar como se dá a coexistência dos diferentes sistemas dentro de um mesmo Ecosistema: isso se encontra distribuído na maior parte da tese, principalmente nos capítulos 4, 5, 6 e 7.

Além de sua tese, o autor elaborou uma série de artigos, em que são realizados estudos separados, específicos ou com resultados parciais de algumas das etapas que foram listadas. Daí, foi possível descrever satisfatoriamente a dinâmica das línguas em Timor-Leste e alcançar diversas conclusões a respeito do EFL pesquisado.

- 1 (Aquisição) e 2 (Interações próximas/ familiares) foram estudados em Albuquerque (2012);
- 3 (Interações entre diferentes membros da comunidade) foi um tema pesquisado em Albuquerque (2014a, 2015b);
- 4 (Interações pesquisador-comunidade) foi discutido em Albuquerque (2015a) junto com a multimetodologia e o trabalho de campo ecolinguístico;

- 5 (Influências da escolarização, das mídias e de estrangeiros) foram em Albuquerque (2010b), que enfatizou questões de ensino, e em Albuquerque e Taylor-Leech (2012), que apresentaram um histórico e uma análise das políticas linguísticas em Timor-Leste;
- 6 (Descrever as estruturas múltiplas do Ecosistema) em Albuquerque (2010, 2011a), sendo que no primeiro foram estudados somente os ecossistemas linguísticos e no segundo uma breve descrição linguística da variedade do português falado em Timor-Leste.

Após anos de estudos e uma longa pesquisa, foi possível alcançar um vasto conjunto de conhecimentos a respeito da dinâmica das línguas de Timor-Leste, que servem como base para as pesquisas futuras, sejam linguísticas, sejam de áreas afins. A seguir serão apresentadas algumas conclusões desse estudo de caso sobre Timor-Leste:

- A ilha de Timor tem contato com diversos povos há milênios;
- Há uma série de línguas nativas que se diferenciaram recentemente devido a um intenso contato;
- A proximidade entre os povos e as línguas faladas (proximidade geográfica e linguística) possibilitou a formação de uma área linguística Timórica, conhecida como *Timoric Sprachbund*;
- A língua nativa é a identidade do povo local e da família, a comunicação entre os leste-timorenses falantes de línguas distintas é feita por meio de uma variedade específica do Tetun, que é distinta do Tetun falado como L1;
- Como a língua local é uma marca forte da comunidade, há também a presença de línguas literárias, rituais e registros especiais, que são baseados nessa língua;

- A interação entre diferentes classes sociais é marcada linguisticamente (pronomes de tratamento e partículas gramaticais distintas; construções sintáticas específicas; registros especiais e línguas rituais);
- A interação com os estrangeiros também é diferenciada e marcada distintamente a depender da nacionalidade desse estrangeiro, bem como com indivíduos de diferentes distritos;
- A língua portuguesa em Timor-Leste apresenta uma ampla variação que pode ser distribuída em um contínuo, desde estruturas acriouladas e de PLE (Português Língua Estrangeira) até a variedade mais formal próxima à europeia;
- A língua portuguesa apresenta uso e registros limitados no ecossistema de Timor-Leste;
- O Português de Timor-Leste (PTL) possui influências das línguas nativas em todos os níveis de análise linguísticos, principalmente da língua Tetun;
- O PTL apresenta marcas também da língua indonésia e do inglês;
- A língua portuguesa é adquirida como L2, L3 ou LE dependendo da comunidade e de características sociais do falante;
- O ecossistema de TL é único, principalmente pelo fato de se tratar do português inserido num ecossistema de predominância austronésia, com certa influência asiática (sino-malaio).

4 – Considerações finais

Após as conclusões apontadas brevemente alcançadas por meio de um estudo de dinâmica das línguas dentro de um ecossistema específico, é possível perceber o quão frutífero para a ecolinguística, e para a linguística geral também, tal estudo pode ser.

O que fica do presente trabalho são as sugestões de que sejam refinados alguns aspectos teórico-metodológicos para uma melhor pesquisa e que ecolinguistas e futuros pesquisadores se interessem para poder conduzir estudos conforme o apresentado aqui em outros ecossistemas.

Isso enriquecerá tanto a ecolinguística, pois poderão ser obtidos dados e resultados notáveis para a teoria e que possibilitem uma reflexão e renovação dela, como a linguística e a comunidade acadêmica em geral ao se conseguir atingir um melhor conhecimento/entendimento do ser humano e de seus ecossistemas.

Parte III

Aplicações

CAPÍTULO 7.

ELEMENTOS PARA O ESTUDO DA ECOLINGUÍSTICA DE TIMOR-LESTE

Introdução⁵⁷

A República Democrática de Timor-Leste é uma pequena ilha localizada no sudeste asiático. O país conquistou sua independência após uma dominação indonésia que se iniciou em 1975 e estendeu-se até 1999. As línguas oficiais de Timor-Leste, de acordo com a constituição de 2002, são a língua portuguesa e a língua Tetun, ainda, são aceitas a língua inglesa e indonésia como línguas de trabalho.

Timor-Leste possui em um pequeno território 16 línguas nativas, entre elas a língua Tetun, que em sua variedade denominada Tetun Prasa, funciona como língua franca em grande parte do território timorense desde o século XV (Thomaz, 2002), período anterior à chegada dos colonizadores europeus.

O objetivo deste estudo é analisar brevemente a situação linguística atual e a história das línguas de Timor-Leste sob o ponto de vista da ecolinguística. Para tanto, será discutida a ecologia fundamental da língua, na seção 1. Em seguida, será examinado o que já foi dito sobre a ecologia das línguas em Timor-Leste.

1 – Ecologia linguística

A ecolinguística, também conhecida como ecologia da linguagem, é definida como o estudo das interações entre as línguas e seus respectivos meio ambiente, de acordo com

⁵⁷ O presente capítulo é fruto de uma pesquisa sobre as línguas de Timor-Leste que se iniciou em 2008, quando foi realizado um trabalho de campo que se estendeu até o ano de 2009.

Haugen (1972, p. 324). Dessa forma, esse ramo da linguística encara a língua como um fenômeno natural, social e psicológico. Por isso, preocupa-se em analisar o meio de comunicação – a língua (L) – em uso efetivo em uma determinada sociedade – território (T) – e falada por um grupo específico – povo (P). Em outras palavras, “para que haja uma L, é necessário que exista um P, cujos membros vivam e convivam em um determinado T”, conforme Couto (2007, p.20).

A seguir, apresentarei resumidamente as características do território (T), do povo (P) e das línguas (L) do ecossistema linguístico de Timor-Leste.

1.1 – A parte leste da ilha de Timor: o território (T)

A ilha de Timor é uma pequena ilha localizada no Sudeste da Ásia, mas que se localiza também próximo ao norte da Austrália, cerca de 650 km. Somente a parte leste da ilha é o território da nação timorense, que constitui cerca de 14.600 km², enquanto a parte ocidental da ilha é território indonésio.

Geologicamente, as ilhas da região chamada de *Nusantara Oriental*⁵⁸ fazem parte da grande placa tectônica australiana e são ilhas vulcânicas. O solo de Timor-Leste de acordo com Fox (2000) é um solo predominantemente barroso, mas que possui a presença de alguns materiais rochosos, entre eles rochas metamórficas, sedimentares e vulcânicas. Ainda, o relevo é montanhoso com o seu ponto mais alto conhecido por *Ramelau*, com 2.963 metros de altitude, e nos diversos vales entre os montes e as montanhas encontram-se muitos rios caudalosos, especialmente na época das chuvas, entre outubro e dezembro. Diferente do resto do território, ao longo do litoral há uma planície, assim como a presença de banco de corais e recifes.

⁵⁸ Grupo de pequenas ilhas que se estende desde a ilha de Flores a leste, na Indonésia, até a região da baía de Cenderawasih e da Bird's Head a oeste, na Papua Nova-Guiné.

O clima é de monções, caracterizando-se por longos períodos secos: de março a junho e de agosto a novembro, enquanto de dezembro a fevereiro e julho são os dois períodos que chegam as monções que trazem chuvas à região.

As únicas áreas férteis são os vales que acumulam água e tornam o solo produtivo para a agricultura. As demais regiões não são próprias para agricultura, mesmo os solos considerados mais produtivos são pouco férteis, possuem somente a predominância de cálcio, enquanto apresenta ausência de outros nutrientes necessários à plantação. Esses fatores limitaram, e continuam limitando, a agricultura de Timor-Leste a um número reduzido de produtos a serem plantados, assim como com poucos nutrientes, o que refletiu na povoação do território⁵⁹.

1.2 – História do povo timorense (P)

Os povos que foram os primeiros habitantes do território timorense eram ágrafos, ou seja, não desenvolveram nenhuma forma de escrita. Logo, não há registros escritos que possuam uma grande profundidade temporal contendo informações sobre o Timor ou os povos que aqui viviam. Os primeiros documentos que chegaram até nós contendo informações sobre o Timor datam do século XIV e são de origens chinesas.

Após o século XIV, alguns documentos começam a mencionar o Timor-Leste, pois nesse período já havia uma rota comercial estável. Os principais povos navegadores dessa rota comercial eram os chineses, indianos e os povos islâmicos, e o Timor-Leste fazia parte da rota de navegação desses povos pela importância que o sândalo branco tinha para o comércio da época. Um pouco depois, no século XVI, a documentação sobre o Timor-Leste torna-se

⁵⁹ Segundo Fox (2003, p. 106), os principais produtos agrícolas são: arroz (*Oryza sativa L.*), milho-miúdo (*Panicum viride L./Setaria italica L.*), gergelim (*Sesame orientale L.*), sorgo (*Andropogon sorghum Brot.*) e ervilha d'angola (*Cajanus cajan Millspaugh.*), de acordo com as reconstruções linguísticas do Proto-Austronésio, ou do Proto-Malaio-Polinésio.

significativa já que os europeus começam a ter um interesse no sudeste asiático, e Portugal destaca-se por montar feitorias em diversas cidades.

Sobre a ocupação da ilha de Timor há indícios arqueológicos de que já era ocupada em um período entre 35.000 A.P. e 30.000 A.P.⁶⁰, de acordo com os estudos de O'Connor, Spriggs e Veth (2002). Entre esses indícios arqueológicos dignos de nota estão: a datação de alguns artefatos encontrados utilizados para pesca, como anzóis, (O'Connor e Veth, 2005) e a presença de um marsupial originário da Papua que data 9.000 A.P. (O'Connor, 2006).

Traços culturais de destaque entre os diversos grupos etnolinguísticos leste-timorenses são: as religiões animistas, com ligeiras distinções de um grupo para o outro; a presença da formação da sociedade em torno da 'casa sagrada'⁶¹, que rege as relações sociais – como casamentos, eleições de chefes e reis, entre outros – dividindo e classificando as diferentes famílias, de acordo com suas ascendências pertencerem, ou não, à casa sagrada; um conjunto de mitologias e cosmogonias, e outros contos de literatura oral, que relacionam a criação do mundo, da ilha de Timor e do homem a certos animais, principalmente o crocodilo e o macaco, além de atribuírem status social de importância ao búfalo.

Vale ressaltar que os diferentes grupos etnolinguísticos de Timor-Leste são organizados com a mesma estrutura social e certos traços da cultura material e imaterial apresentam-se de maneira semelhante, o que indica um intenso contato com várias trocas culturais entre esses povos.

Atualmente, Timor-Leste possui dois grandes centros urbanos: a capital Dili, e o centro de Baucau. A população é cerca de 794.000 com aproximadamente 23% da população

⁶⁰ A.P. é a sigla para 'antes do presente'.

⁶¹ A 'casa sagrada' é uma estrutura da cultura material leste-timorense grosso modo semelhante ao totemismo, dividindo a sociedade e as famílias de maneira análoga aos clãs. Para uma análise antropológica dos diferentes povos de Timor, ver Traube (1986) para os Mambae, Clamagirand-Renard (1980) para os Ema – falantes da língua Kemak – e Gomes (1972) para os Fataluku.

concentrada nas áreas urbanas, enquanto a maioria, 77% da população, localiza-se nas áreas rurais⁶².

1.3 – Breve panorama sobre as línguas de Timor-Leste (L)

As línguas nativas de Timor-Leste são 16 e podem ser divididas em dois grandes grupos de acordo com a filiação genética: austronésico e papuásico. O número de falantes varia muito: há o caso do Tetun que é falado por 80% da população e do Mambae que é língua materna de cerca de 17% da população leste-timorense⁶³, assim como o Makuva que é considerada extinta por Hajek, Himmelmann e Bowden (2003), ou usada somente em rituais pelos mais velhos no distrito de Lautém, ver Engelenhoven (2006).

As línguas de Timor-Leste pertencem a duas filiações genéticas distintas: Austronésia e Papuásica. Até a atualidade poucos são os estudos de natureza histórica que se debruçaram sobre a classificação das línguas leste-timorenses. Os únicos estudos que apresentaram uma proposta de classificação dessas línguas foram os estudos pioneiros de Capell (1943a, 1943b, 1944) e somente, em período mais recente, os estudos de Hull (2001, 2004).

Na proposta de Hull (2001) para as línguas de origem Austronésia, ele lançou a hipótese de que elas descendem de um ancestral comum, chamado por ele de Proto-Timórico (fig.5). O autor incluiu nesse grupo 12 línguas: Bekais, Tetun, Habun, Kawaimina, Makuva, Galolen, Wetarês, Mambae, Tokodede, Kemak, Idalaka e Lolein. As línguas austronésicas foram subdivididas em dois subgrupos: o Fabrônico (fig.6) e o Ramelaico (fig.7), e estes se ramificam ainda mais, de acordo com a localidade geográfica da língua.

⁶² Os dados aqui apresentados foram retirados do *Relatório do Desenvolvimento Humano de Timor Leste* (2002, p. 97), que foi publicado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento).

⁶³ Digno de nota é que os recenseamentos efetuados em Timor-Leste apresentam muitas vezes dados extremamente divergentes de acordo com a orientação e interesses ideológicos do órgão que financiou e/ou elaborou tal censo. Assim, para o presente artigo utilizei-me dos números apresentados em dois diferentes recenseamentos realizados pela ONU (Organização das Nações Unidas), conforme está citado no decorrer do texto.

Figura 5. A filiação do Proto-Timórico

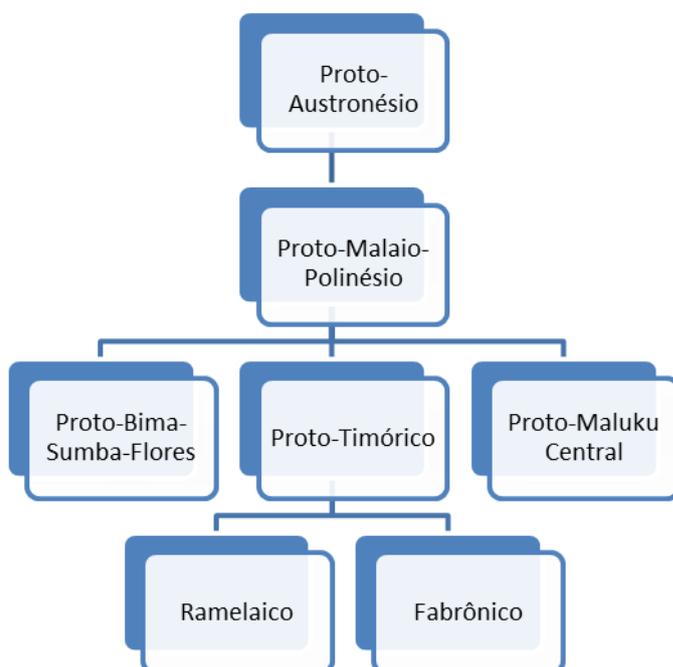


Figura 6. O grupo Fabrônico de línguas Timóricas

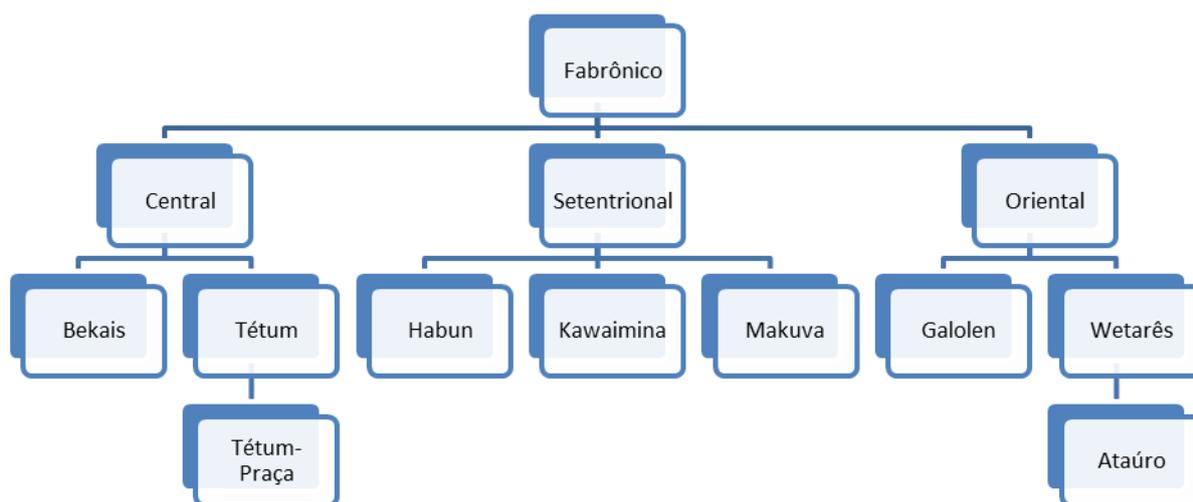
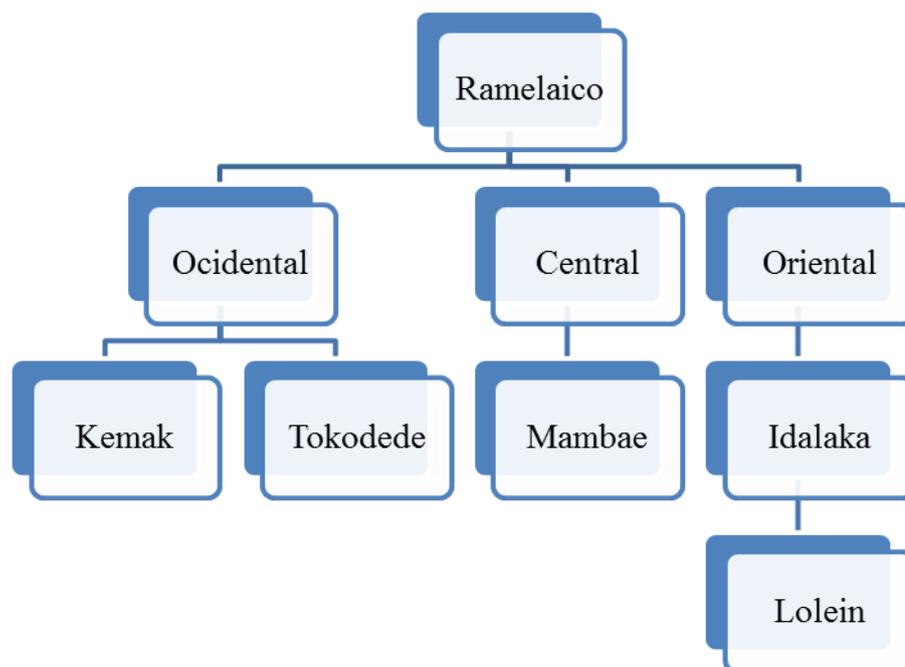


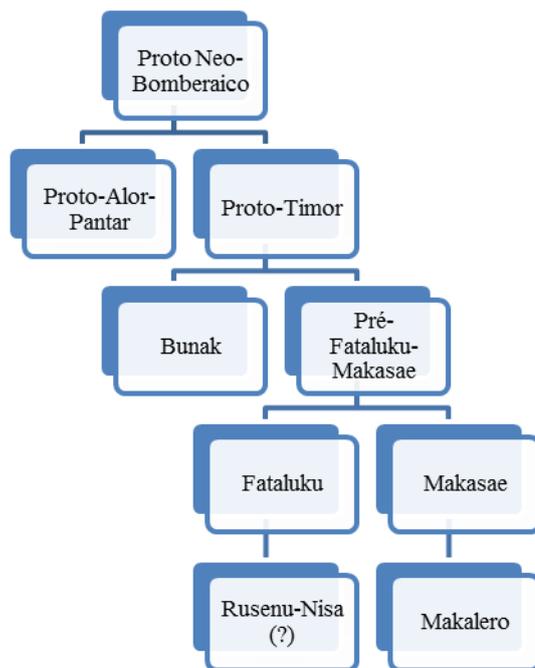
Figura 7. O grupo Ramelaico das línguas Timóricas



Em outro trabalho, Hull (2004) analisou as demais línguas e classificou-as como pertencentes ao agrupamento Trans-Nova-Guiné, também possuem um ancestral comum, que seria o Proto-Bomberaico, nome dado a uma suposta proto-língua que teve sua origem na península Bomberaica, localizada em Papua-Nova-Guiné. Dessa maneira, dentro do grande agrupamento Trans-Nova-Guiné, as línguas leste-timorenses de origem papuásica pertencem à família Neo-Bomberaica. Ainda, as quatro línguas⁶⁴: Bunak, Fataluku, Makasae e Makalero, separaram-se em períodos históricos diferentes, o que faz com que sua localização geográfica seja descontínua, como é o caso da língua Bunak que se separou primeiro do ancestral comum, e a língua Makalero, que provavelmente originou-se da língua Makasae (fig.8).

Figura 8. As línguas papuásicas de Timor-Leste e suas filiações

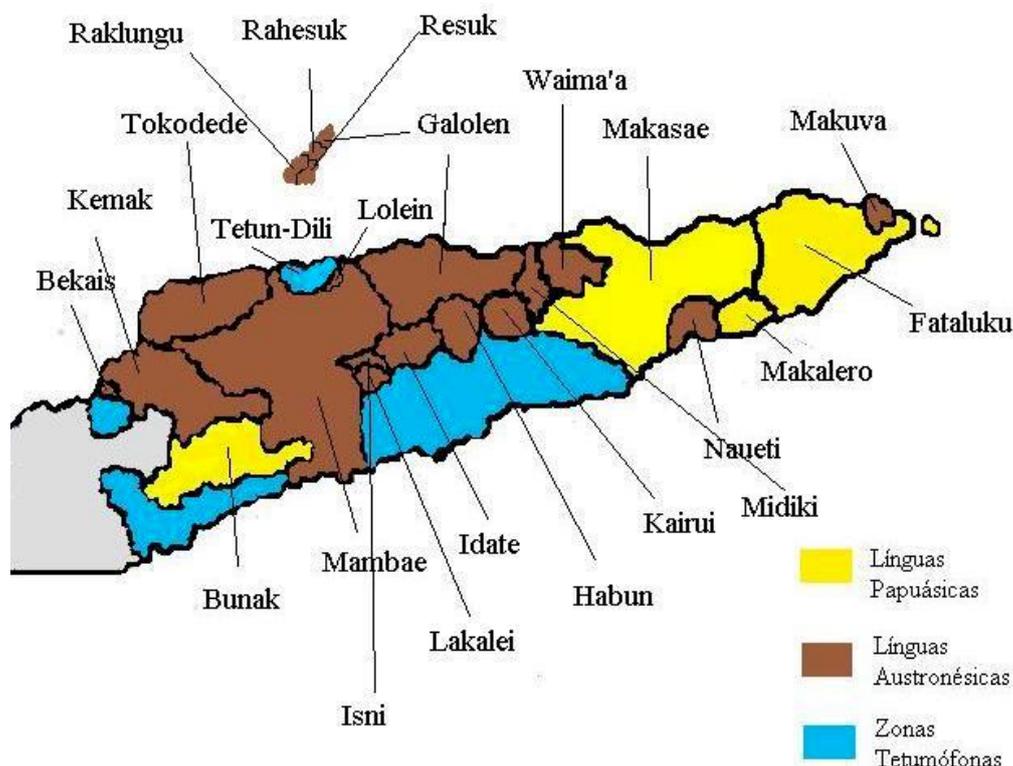
⁶⁴ Segundo Engelenhoven (2009), há indícios da existência de outra língua papuásica, denominada Rusenu ou Nisa, que provavelmente foi extinta na década de 50 do século XX. Foi achado, porém, um semi-falante que forneceu alguns dados linguísticos. Esses dados apresentam indícios de que essa língua é papuásica e provavelmente desenvolveu-se a partir do Fataluku.



Pode-se perceber, entretanto, que há predominância das línguas papuásicas a leste do território leste-timorense (Mapa 1), com exceção somente do Bunak, enquanto os demais povos se espalharam somente por aquela região. A região central de Timor-Leste é predominantemente Mambae, e as regiões adjacentes de outros membros da família Ramelaica: Tokodede, Kemak e Idalaka. Assim, a configuração atual das línguas nativas de Timor-Leste pelo seu território é complexa, porém pode ser esquematizada de acordo com o mapa abaixo:

Mapa 1

Timor-Leste e a distribuição das línguas nativas pelo seu território



Desde a pré-história a Ilha de Timor teve contato com diversos povos, o que contribuiu para a configuração atual das várias línguas leste-timorenses. O fator de maior importância no desenvolvimento das línguas faladas em Timor-Leste foi a migração de povos originários da região central das Molucas um pouco após esse período da migração dos povos butoneses, que desencadeou um intenso contato. Hull (2001) afirma que esse acontecimento histórico, juntamente com a ascensão do sultanato de Malaca, desencadeou um processo de crioulização nas línguas de Timor-Leste. Porém, seguindo a literatura criolística, apresentei evidências de que tal processo na realidade consiste em mudanças linguísticas induzidas pelo contato, e em casos extremos de intenso contato ocorreu uma reestruturação gramatical (ALBUQUERQUE, 2015).

Outro acontecimento histórico que desencadeou contato de línguas em Timor-Leste foi a ascensão do sultanato de Malaca como um centro comercial mundial, durante o século XIV e seguintes, o que fez com que o *Pazar Melayu* – variedade crioula da língua malaio –

influenciasse diversas línguas da região do sudeste asiático, inclusive as timorenses. Como exemplo, podemos citar as influências do malaio na língua Tetun: os empréstimos fonológicos de /p/ e /g/; diversos itens lexicais que não faziam parte da cultura tetunófona, como: *katuas* ‘velho’, *dapur* ‘cozinha’, *surat* ‘papel, carta’; formação de possessivos e construções possessivas com o clítico =*nia*, que é o empréstimo do verbo *punya* ‘ter’, como em:

1. hau=nia
 1=POS
 ‘meu/minha’
2. o=nia uma
 2=POScasa
 ‘tua casa’
3. bluza sira nee ami oan nian.
 blusa PL DET 1PL.INC filho(a) POS⁶⁵
 ‘As blusas do nosso filho(a).’ ou ‘Estas são as blusas do nosso filho(a).’

Finalmente, a colonização portuguesa, que data do século XVI em diante, marcou de maneira significativa as línguas de Timor-Leste, tanto de origem austronésica, quanto de origem papuásica. A língua portuguesa serviu, e serve como a língua de superestrato, sendo a base do repositório lexical para a modernização das línguas nativas e, juntamente com o léxico, o português é a língua fonte de empréstimos fonológicos e morfológicos também. Os empréstimos fonológicos /v/, /r/, ch, j, lh e nh⁶⁶; os empréstimos lexicais são de diversas

⁶⁵ Abreviaturas utilizadas: 1 ‘primeira pessoa’, 2 ‘segunda pessoa’, 1PL.INC ‘primeira pessoa do plural inclusiva’, DET ‘marcador dêitico de proximidade’, PL ‘marcador de plural’ e POS ‘possessivo’.

⁶⁶ Optei por questões editoriais e de praticidade não utilizar as fontes do IPA, por isso, apenas por motivos de objetividade, enfatizo aqui que além de /v/ e /r/, empreguei a ortografia portuguesa correlata aos fonemas lusófonos emprestados, que se tratam das consoantes palatais.

áreas, que cobrem campos semânticos relacionados a religião, terminologia técnico-científica e judiciária, e vários outros conceitos do mundo moderno: *livru* ‘livro’, *borasa* ‘borracha’, *sa* ‘chá’, *burokrasia* ‘burocracia’, *demokratiku* ‘democrático’, *krus* ‘cruz’ etc.; o sufixo agentivo *-door* que é bem produtivo na língua atualmente, tanto em empréstimos do português como *administradoor* ‘administrador’, como em palavras nativas *husudoor* ‘pessoa que pergunta constantemente’ ou ‘perguntador’ de *husu* ‘perguntar’, conforme os linguistas Hajek e Williams-van Klinken (2003) analisaram; diversas palavras gramaticais algumas estão em alternância de código, outras são compostas, como *kuandu/bainhira* ‘quando’, *ke~neebie* ‘que (relativo)’, *agora~oras nee* ‘agora’ (‘horas’+‘dêitico’), *mais~maibee* ‘mas’, *i~no* ‘e’⁶⁷.

A situação linguística atual dessas línguas é diversa, o Tetun Prasa é falado por mais de 80% da população e é língua franca e língua oficial de Timor-Leste; o Mambae possui cerca de 17% de falantes nativos em uma ampla região localizada no centro do país; o Makasae 12%; o Bunak e o Kemak 6,0% cada; o Fataluku e o Tokodede 4,0%⁶⁸. As demais línguas possuem uma porcentagem inferior à mencionada acima, incluindo várias línguas com um número aproximado, ou inferior, a 1.000 falantes, entre elas: Habun, Bekais, Makalero, Isni e Makuva.

2 – As ecologias das línguas para o Timor-Leste

Poucas são as pesquisas na atualidade que têm as línguas nativas timorenses como objeto de estudo. Dentro das publicações que analisam essas línguas, porém, o interesse de política e planejamento linguístico é muito grande por parte de diversos linguistas, que são financiados por instituições internacionais que, por sua vez, têm um interesse ideológico e econômico em Timor-Leste. Dessa maneira, há uma série de línguas em riscos de extinção,

⁶⁷ Para uma discussão mais aprofundada sobre questões de linguística histórica aplicada às línguas de Timor-Leste, remeto leitor a Albuquerque (2009).

⁶⁸ Dados extraídos do *Timor-Leste Census of Population and Housing* (2006).

como Habun, Makalero, Resuk, Rahesuk, Isni e Lolein, que necessitam ser documentadas e revitalizadas, quase não há pesquisas dessa natureza em andamento e as poucas que existem estão a cargo de poucos linguistas. Porém, a política linguística de Timor-Leste é tema abordado com maior frequência. Vários artigos visam analisar e fazer propostas de política linguística para o Timor-Leste, relacionando, às vezes, essas diferentes propostas com a teoria da ecolinguística. Os trabalhos que tiveram maior repercussão no mundo acadêmico, ou que apresentam de alguma maneira, uma proposta digna de discussão são os seguintes: Hajek (2000), Taylor-Leech (2005) e Wendel (2005). Discorrerei brevemente sobre eles nos parágrafos a seguir.

Em seu artigo, Hajek (2000) analisa a política e o planejamento linguístico formulado para o Timor-Leste no decorrer da história. Ele analisa o chamado período português, que se estende de 1515 até 1975, o período de dominação indonésia, de 1975 até 1999, e o período de independência que se estende de 2002 até a atualidade. Nos períodos de colonização e dominação, segundo Hajek (2000, p. 411), as autoridades não se importavam com as línguas nativas e a sobrevivência dessas línguas até os dias atuais baseou-se em uma ecologia local das línguas com a capacidade de se adaptar e sobreviver. No período atual, a valorização de uma língua nativa – a língua Tetun, que é língua oficial – é considerado um marco, com uma mudança da ecologia linguística voltada para uma língua nativa. Críticas, porém, ainda são feitas, pois se deve manter uma ecologia saudável, centrada em todas as línguas nativas, e não somente concentrada em uma língua, neste caso o Tetun.

Taylor-Leech (2005), em seu artigo, argumenta da mesma maneira que Hajek (2000), analisando os períodos históricos de colonização e dominação sofridos por Timor-Leste. A autora, porém, vai além e apresenta, segundo ela, o que seriam ‘forças’ que podem influenciar e deslocar a ecologia das línguas em Timor-Leste, a saber: a presença da língua inglesa, que foi inserida através da presença de entidades internacionais de assistência que trouxeram junto

com elas seus respectivos funcionários; o legado do colonialismo; fatores relacionados à política e identidade linguística. Taylor-Leech (2005, p. 116) argumenta que a língua inglesa é reconhecida universalmente como uma ‘língua imperialista’, ou uma língua ‘assassina de línguas’, devido a fatores socioeconômicos que levam os falantes de línguas nativas a desistirem de suas línguas e adotarem o inglês, e as ex-colônias tendem a valorizar a língua do colonizador em detrimento das línguas nativas. Ainda, a proposta da autora vai além de uma simples análise, pois ela considera uma solução para a valorização das línguas nativas o reconhecimento da sociedade timorense como uma sociedade multilíngue e a expansão do uso das línguas nativas em diferentes ‘espaços sociolinguísticos’ (Taylor-Leech, 2005, p.119), como: educação, judiciário e imprensa.

Wendel (2005) apresenta em seu artigo uma grande diferença dos anteriores, pois analisa primeiramente diversas questões teóricas e metodológicas a respeito da ecolinguística. Em seguida, ele analisa a história, a educação, o contato de línguas e vários outros fatores do ‘meio ambiente’ leste-timorense. A proposta de Wendel (2005, p.73) é a que poderia ser considerada como a mais ‘ecológica’ de todas, pois o autor, ao mesmo tempo em que alerta sobre a dominação das potências, como a língua portuguesa, que é a língua do colonizador, e a língua inglesa que é a língua mundial e, de certa forma, uma língua sedutora, ele também alerta sobre o equilíbrio ecológico com o ambiente, já que as línguas nativas não podem sobreviver sem o contato linguístico – que já acontecia antes da chegada dos portugueses no século XVI – e o completo isolamento, ou valorização da língua nativa através do excesso de ‘purismos’, podem levá-las a situação de línguas ameaçadas, ou até a extinção.

Todavia, em todos os trabalhos analisados, não há preocupação nenhuma com o planejamento linguístico, entendendo aqui política e planejamento linguístico de acordo com Calvet (2007), que define ‘política linguística’ como o conjunto de decisões em relação a(s) língua(s), diferenciando de ‘planejamento linguístico’ que consiste na implantação, ou não,

deste conjunto de decisões. Na atualidade, a República Democrática de Timor-Leste sofre com essa falta de planejamento linguístico: as instituições que fazem parte do dia-a-dia da sociedade leste-timorense, como escolas, universidades, hospitais, comércios, serviços burocráticos etc. oferecem ao público seus respectivos produtos e serviços nas mais diversas línguas, as principais são: inglês, chinês e malaio, e em número reduzido esses produtos e serviços da sociedade leste-timorense podem ser encontrados em português e Tetun Prasa. As propostas de Hajek (2000), Taylor-Leech (2005) e Wendel (2005) parecem não levar em conta a realidade atual do país e também não apresentam soluções práticas para a delicada situação de um país recém liberto de uma invasão e que apresenta uma situação linguística multilíngue com várias línguas dominadas e/ou ameaçadas.

Ainda, além da ausência de preocupações em relação à prática, ou seja, ao planejamento linguístico, o conjunto de propostas teóricas, analisadas anteriormente, apresenta também um caráter pernicioso à nação leste-timorense, já que a escolha de somente uma língua estrangeira com potencial opressor, seja a língua inglesa, a língua portuguesa, ou o *bahasa indonesia*⁶⁹, sem a presença de uma língua nativa, desequilibraria o frágil meio ambiente linguístico de Timor-Leste; a adoção de uma língua nativa, sem a presença de uma língua internacional com caráter de língua de cultura, exigiria uma demanda grande voltada para a reforma linguística da língua nativa escolhida, como no caso pode ser o Tetun Prasa, principalmente em relação à renovação lexical, ou seja, exigiria um planejamento linguísticos bem organizados e efetivos para fazer tal reforma em período de tempo curto, o que não acontece nos dias de hoje no planejamento linguístico leste-timorense, como já foi dito.

Outro fator de extrema importância nas discussões de ecolinguística de Timor-Leste é a questão da ecologia das línguas ameaçadas. A ecologia das línguas ameaçadas é entendida

⁶⁹ A língua oficial da Indonésia na realidade é o malaio, mas por motivos identitários, culturais e políticos é chamada de *bahasa indonesia* que significa ‘língua indonésia’.

de acordo com Mühlhäusler (1996) que afirma que o exercício de pensar as línguas como “espécies biológicas” é interessante para se entender questões linguísticas como a importância da biodiversidade, o prejuízo da extinção de espécies, o perigo de espécies ameaçadas, entre outras, porém, deve-se ter em mente outro relevante fator: a língua não é uma entidade *per se*. Segundo Hale (1992a, 1992b), uma língua somente é considerada não ameaçada quando possui um número de falantes superior a 100.000 e, ainda, quando os problemas que podem levar a língua de uma comunidade específica à extinção estão solucionados. Assim, grande parte das línguas nativas faladas em Timor-Leste está ameaçada, já que somente as línguas: Tetun, Mambae e Makasae possuem um número de falantes superior a 100.000, conforme foi mencionado acima, enquanto as demais línguas estão ameaçadas; outras correm sério risco de extinção como o Isni, falado por 290 pessoas, e o caso da língua Makuva que é somente usada em contextos sociais específicos e falada por um número insignificante de pessoas o que a torna seriamente ameaçada de extinção.

3 – Considerações finais

Neste capítulo procurei apresentar os elementos basilares para um estudo da ecolinguística de Timor-Leste na atualidade, assim como os processos sócio-históricos que formaram esse meio ambiente linguístico. Além disso, apresentei os principais trabalhos que já abordaram o tema da ecolinguística leste-timorense, analisando-os e verificando certos interesses ideológicos que os perpassam.

As questões sobre a política linguística e o planejamento linguístico em Timor-Leste devem ser debatidas de maneira exaustiva, pois muitos são os problemas e desafios que devem ser superados, como o interesse de organizações internacionais, de ideias conflitantes entre os governantes do país, a relação entre a política linguística e a política internacional, o problema das línguas nativas ameaçadas, entre outros. Logo, analisei diferentes trabalhos e

propostas que se preocuparam mais em propor soluções no campo da política linguística de Timor-Leste, enquanto o planejamento linguístico e a realidade do meio ambiente das línguas leste-timorense foram deixados de lado.

No presente trabalho, não cometi o mesmo equívoco mencionado acima e limitei-me a apresentação da ecologia linguística de Timor-Leste e a análise das principais propostas que correlacionaram política linguística e ecolinguística de Timor-Leste. A minha proposta, apesar de enfatizar o planejamento linguístico, foi procurar um equilíbrio entre a língua portuguesa, o Tetun Prasa e as demais línguas nativas, e diminuir ao máximo o impacto linguístico e cultural que a língua inglesa e o *bahasa indonesia* vem causando, deixo para expô-la futuramente, quando em uma posterior viagem de campo tiver a oportunidade de verificá-la junto à comunidade.

CAPÍTULO 8.

LÍNGUA E MEIO AMBIENTE NA LITERATURA ORAL EM LÍNGUA TETUN, TIMOR-LESTE

Introdução

Este estudo trata-se apenas de uma introdução à análise das narrativas orais tetunófonas, de acordo com uma abordagem ecolinguística. Para tanto, em (1), serão discutidas questões referentes à coleta de dados de narrativas orais, assim como a literatura oral em Timor-Leste, enfatizando a literatura em língua Tetun. Em (2), será apresentada a abordagem ecolinguística utilizada para, em seguida, analisar nas narrativas tradicionais tetunófonas como uma influência das limitações do meio ambiente leste-timorense refletem-se nas manifestações linguístico-literárias.

1 – A literatura oral tetunófona

O estudo da tradição oral tetunófona apresenta vários obstáculos. Os dois principais são: a escassez de registros da literatura oral, que foram de autoria de diversos estudiosos e publicadas as traduções em diferentes línguas e em diferentes países, porém nenhum deles foi Timor-Leste; e as dificuldades surgidas no processo de coleta de dados.

A primeira coletânea de textos foi compilada por Mathijsen (1915), publicada na Holanda e traduzido para Holandês; Sá (1961) publicou uma coletânea de narrativas em Tetun, em Portugal, essa obra destaca-se por apresentar, além das traduções em língua portuguesa, um amplo conjunto de notas e comentários às narrativas, juntamente com glosas

tentativas por parte do compilador; Bartkowiak (1979) publicou também um conjunto de narrativas da literatura oral tetunófona traduzidos para a língua inglesa, porém o local de publicação foi a Ilha de Flores, atual território indonésio; Morris (1984) compilou um conjunto de narrativas e poesias de vários locais de Timor-Leste, não se concentrando somente na tradição tetunófona, essas foram publicadas nos Estados Unidos e traduzidas para o inglês; Seran (1986) realizou a compilação de gêneros poéticos da tradição oral em língua Tetun, essa obra foi publicada na Indonésia, assim como os textos foram traduzidos para o *bahasa indonesia*; o *Mary McKillop Institute of East Timorese Studies* organização com objetivos de alfabetizar e formar professores em Tetun, sediada em Sydney, Austrália, nos últimos anos vem publicando vários livretos das narrativas tetunófonas, a maioria deles monolíngue, porém há uma pequena coleção das narrativas traduzidas para língua inglesa, que chegam um pouco mais de dez títulos. Somadas todas as publicações do *Mary McKillop Institute of East Timorese Studies*, elas alcançam um número superior a 100, entre histórias da tradição oral tetunófona, manuais didáticos e para professores, assim como dicionários. Os temas abordados nessas histórias publicadas são: as narrativas que envolvem o surgimento da ilha de Timor, como *lafaek nebé fan ba rai timor* ‘o crocodilo que virou timor’; elementos da cultura imaterial leste-timorense como o culto ao crocodilo, em *lafaek toba* ‘o crocodilo dormindo’; e várias outras narrativas que são muito comuns e possuem a estrutura de fábulas, como *falur ho nehek ida* ‘o golfinho e uma formiga’, *laho ho busa* ‘o rato e o gato’ e *manduku ho lenuk ida* ‘o sapo e uma tartaruga’.

O segundo problema que surge é em relação à coleta de dados. Na coleta de dados das tradições orais tetunófonas, assim como em qualquer comunidade, há certa resistência por parte da comunidade em relação ao pesquisador, há também a relutância ou proibição por parte do líder do ritual (orador, curandeiro, entre outros). Ainda, a tradição oral em si está se perdendo por causa da urbanização e da cristianização, e os reflexos dessa cultura cristã e

urbanizada já pode ser visto atualmente em várias narrativas. Outro fator que dificulta, consiste em muitos estilos literários orais leste-timorense serem realizados apenas em ocasiões específicas, como o falecimento de um chefe, uma data de importância cultural (como épocas de semeadura e colheita), entre outras.

Dessa forma, em Timor-Leste o pesquisador encontra as seguintes dificuldades⁷⁰: nos centros urbanos do país, como a capital Dili, e alguns distritos mais urbanizados, como Manatuto, as tradições orais se perderam quase por completo pelos fatores de estarem ligadas ao atraso e a culturas rurais, que são vistas de maneira pejorativa, e pela cristianização que a população leste-timorense vem sofrendo desde a chegada dos portugueses no século XVI. Conforme será visto na seção seguinte, a tradição oral tetunófona documentada está repleta de elementos lusófonos e cristãos com narrativas a respeito da chegada dos portugueses e dos missionários, sobre os poderes dos padres, punições divinas, e em alguns casos até o repúdio ao animismo que sempre foi praticado pelos povos leste-timorenses (SÁ, 1961).

Quando estava fazendo pesquisa de campo em Timor-Leste, perguntei aos meus informantes, residentes na capital do país, Dili, se eles poderiam contar para mim alguma história da tradição oral de suas línguas. Obtive duas respostas distintas: alguns me informaram que não conheciam nada da tradição oral, pois eram nativos da capital, área urbanizada, que o ato de contar histórias e/ou conhecê-las era típico de pessoas “atrasadas” que eram dos distritos fora da capital; outros informantes me responderam que conheciam pouca coisa das narrativas tradicionais, e não saberiam conta-las de maneira adequada, somente quem sabe contar as narrativas tradicionais de maneira correta são os *lian-nain* ‘contador de histórias, orador’. Esses informantes narraram para mim algumas histórias com muita relutância após grande insistência de minha parte, insistindo nas afirmações de que não conheciam corretamente, e que as estavam narrando de maneira inadequada.

⁷⁰ Klinken (2000), ao analisar as tradições orais tetunófonas, faz um levantamento das dificuldades possíveis de serem encontradas na coleta de dados.

Uma situação semelhante à apresentada anteriormente foi descrita por Traube (1986, p. xi). A antropóloga optou por realizar sua pesquisa de campo em Laleia, distrito de Manatuto, a respeito dos rituais tradicionais do povo falante de Galolen. Este grupo etnolinguístico acabou por afirmar à pesquisadora que eram “aculturados”, católicos praticantes, falantes de português e que há tempos descartaram esse tipo de tradição. Ainda, ela encontraria somente alguns velhos pertencentes ao povo Galolen, que residiam em regiões isoladas, que provavelmente saberiam algo sobre esses ritos antigos. Assim, a autora partiu para Aileu com o intuito de realizar sua pesquisa com os Manbae, outro grupo etnolinguístico leste-timorense, porém estes mantêm várias tradições ritualísticas até a atualidade.

Na sociedade leste-timorense a importância de separar povos mais urbanizados daqueles tradicionais é tamanha que apresenta reflexos linguísticos importantes. Há vários lexemas para se referir aos povos tradicionais, assim como separar um do outro. Entre eles: o lexema *kaladi* ‘habitante nativo da parte ocidental de Timor-Leste’ também possui um significado pejorativo sendo usado para se referir aos povos tradicionais como ‘atrasados’, esse lexema é empregado em várias línguas; o mesmo é válido para o empréstimo lusófono *atraxadu* ‘retrógrado, campestre, rural’ que também é falado pelos habitantes leste-timorenses; na língua Manbae, há o lexema *kair* ‘plantar, semear’ que recebe um sufixo nominalizador *kair-a* ‘aquele que trabalha no campo’, significando também ‘caipira’.

1.1 – Os gêneros literários tetunófonos

A respeito da classificação dos gêneros textuais tetunófonos, foco do presente estudo, há ligeira diferença nos poucos estudos que analisaram as tradições orais em Tetun. Klinken (2000) analisa as tradições orais tetunófonas focando na forma e nas estruturas linguísticas típicas de cada uma delas. Therik (2004) é um estudo exaustivo das sociedades matrilineares tetunófonas através da tradição oral e permanece como o mais completo até a atualidade.

Gomes (2007) analisa a estrutura literária de vários contos tradicionais, assim como sua importância didático-formativa para a sociedade leste-timorense.

Dos principais trabalhos sobre a tradição oral tetunófona, citados anteriormente, pode-se identificar três gêneros textuais, são eles: *hamulak*, *ai knananuk* e *ai knanoik*. A seguir, serão classificados brevemente cada um deles, de acordo com sua forma linguística e sua função social.

- *hamulak*: oração narrativa em versos, o *hamulak* é usado somente em cerimônias ritualísticas, como: inauguração da *uma lulik* ‘casa sagrada’, abertura de *to?os foun* ‘horta nova’, nas saudações de chefes *hase liurai* ‘saudação ao nobre’ e nos enterros destes mesmos chefes leste-timorenses, chamados *hakoi mate* ‘funeral de nobre’. Ainda, os versos se utilizam de paralelismos, que consistem no segundo verso, ou segunda parte do verso, ser uma repetição do verso anterior, ou da primeira parte, com ligeira modificação somente de um elemento na segunda parte, o que faz com que existam diversos de pares poéticos. Os versos *hamulak* também se utilizam de um léxico próprio, com uma série de palavras não usadas no dia a dia, sendo até alguns destes lexemas pouco usados ininteligíveis aos falantes tetunófonos. Segue um exemplo abaixo (GOMES, 2007, p.51):

1. na'i⁷¹ lakan oan, na'i roman oan
o dono do brilho, o senhor da luz
ne'e leten ba, ne'e aas ba
está nas alturas, está no lugar mais alto,
ne'e nu wirun ba, bua wirun ba
está em cima do coqueiro, em cima da arequeira,
nu diki meak, bua diki meak

⁷¹ Utilizei a convenção do INL (Instituto Nacional de Linguística), de Timor-Leste, de representar a oclusão glotal com '.

está na ponta do coqueiro, no topo da arequeira
 lolo liman la to'o, bi'i ain la daer
 estender a mão não chega, erguer os pés não chega
 lesu nakore, biru nakasuk
 o *lesu* desaperta-se, o *biru*⁷² caiu para trás,
 temi la to'o, kaer la kona
 não é capaz de dizer, não é capaz de pegar.

- *ai knananuk* ~ (*ai*) *kananuk*: poesia oral que é usada em festas tradicionais, ou seja, eventos sociais que possuem certa importância cultural, como noivado, cortejo, reza, ato de cozinhar, dar boas-vindas a convidados importantes. Os *ai knananuk* podem ser entoados juntamente com o *hamulak* se coincidirem a festa e a cerimônia tradicionais e juntamente com os *ai knanoik* quando estes versam sobre o mesmo tema. Ainda, os *ai knananuk* também apresentam paralelismo⁷³ e um léxico pouco usado⁷⁴ (KLINKEN, 2000):

2. ama o sei fih, fih heek baa.
 Paizinho⁷⁵, se você ainda me rejeita, que assim seja!
 fih mola fetu ma?ak tuur niti hasaraek kmurak.
 Você rejeita uma mulher que é trabalhadora no tear.

⁷² *Lesu* e *biru* são vestimentas tradicionais leste-timorenses. O *lesu* consiste em um pano para amarrar na cabeça. Enquanto o *biru* é uma fita, geralmente ornamentada, para segurar o *lesu*.

⁷³ Paralelismo é o termo usado para se referir aos versos construídos aos pares, sendo dois versos, ou um verso dividido em duas partes, com sintaxe idêntica e centralizados em um, ou dois, lexemas. No caso de apenas um lexema central, o paralelismo ocorre como duas maneiras distintas de aludir a este lexema. No caso de dois lexemas centrais, ocorre a mesma construção sintática para fazer referência a eles.

⁷⁴ O léxico pouco usado trata-se de arcaísmos que não são mais falados, pois foram substituídos por empréstimos ou calques lusófonos.

⁷⁵ O lexema *ama* 'pai' pode ser usado de maneira afetiva para a esposa se referir ao marido.

- *ai knanoik* ~ (*ai*) *kanoik*: contos populares que versam sobre os mais diversos temas, como: mitos de origem, de nobres e de eventos passados, histórias com fins de entretenimento e fábulas com fins educativos. Diferente do *hamulak* e do *ai knananuk* não possuem restrição em relação ao momento de ser entoado, ou seja, não possuem função ritualística. Ainda, os *ai knanoik* são em forma narrativa e se utilizam da linguagem popular, assim não é contado em nenhum registro especial de língua e nem se utiliza de recursos estilísticos idiossincráticos.

2 – Língua e meio ambiente nas narrativas Tetun (ai-knanoik)

A ecolinguística é definida por Couto (2007) como o estudo das relações entre língua e meio ambiente. Esta definição segue a tradição dos estudos de ecologia linguística iniciada por Haugen (1972, p.325) que definiu a ecolinguística de maneira semelhante como “o estudo das interações entre qualquer língua e seu ambiente”. Mühlhäusler (2003, p.2), além de utilizar a definição de Haugen, afirma que a ecolinguística considera a língua “não apenas como um sistema de fatores internos, mas também fatores ambientais mais amplos”.

A proposta de Couto (2007) vai além ao considerar que o ‘ambiente’, ou ‘meio ambiente’, levado em conta pela ecolinguística é o equivalente do conceito biológico de meio ambiente (MA) “para a linguística é o todo formado pela população (P) e as inter-relações ou linguagem (L) entre seus membros com o território (T)” (COUTO, 2007a, p. 82). Há também a junção destes três elementos, a saber: a população (P), a linguagem (L) e o território (T), que formam o todo conhecido como Ecosistema Fundamental da Língua (EFL).

Ainda, o EFL pode ser analisado em três ecossistemas menores com seus respectivos meios ambientes. A totalidade dos indivíduos que formam P, juntamente com suas interações reais e potenciais, constitui o MA Social da Língua. A totalidade constitui o Ecosistema Social da Língua. O cérebro/mente dos membros de P constitui o Ecosistema Mental da

Língua, no seio do qual as conexões neurais constituem o MA Mental da Língua. Finalmente, podemos considerar L em relação ao MA Natural, físico, que fica no interior do Ecossistema Natural da Língua. Tudo na dinâmica da língua tem a ver com esses três ecossistemas e respectivos MA.

No presente capítulo, segue-se a abordagem de Couto (2007), apresentada brevemente acima, para se analisar as relações entre a língua Tetun e o meio ambiente leste-timoreense (que corresponde ao território (T)), assim como são as repercussões deste meio ambiente nos *ai knanoik*. Dessa maneira, antes de ser iniciada a análise, será descrito sucintamente o território (T) de Timor-Leste, que se caracteriza como o meio ambiente com suas limitações, mencionado anteriormente.

2.1 – O meio ambiente leste-timoreense: noções básicas

Geologicamente, as ilhas da região chamada de Nusantara Oriental, onde se localiza Timor, fazem parte da grande placa tectônica australiana e são classificadas como ilhas vulcânicas. Porém, o solo de Timor-Leste, de acordo com Fox (2000), é um solo predominantemente barroso, com a presença de alguns materiais rochosos, principalmente rochas metamórficas, sedimentares e vulcânicas. Em relação ao relevo pode-se afirmar que é predominantemente montanhoso, exceto ao longo do litoral onde há uma planície, assim como a presença de banco de corais e recifes, e na região fronteira com a Indonésia onde ocorre um planalto e pequenos morros. As montanhas leste-timoreenses chegam a atingir mais de 2.000 metros de altitude e são nomeadas conforme a importância social delas dentro da cultura dos diferentes grupos etnolinguísticos leste-timoreenses.

O clima de Timor-Leste é de monções, caracterizando-se por longos períodos secos: de março a junho e de agosto a novembro, enquanto de dezembro a fevereiro e no mês de julho são os dois períodos que chegam as monções que trazem chuvas à região. Isso resulta na

formação de rios caudalosos nos diversos vales existentes entre os montes e as montanhas, especialmente na época das chuvas.

Dessa maneira, as únicas áreas férteis do solo leste-timorense são os vales que acumulam água e tornam o solo produtivo para a agricultura. As demais regiões não são próprias para agricultura, mesmo os solos considerados mais produtivos são pouco férteis, possuem somente a predominância de cálcio, enquanto apresenta ausência de outros nutrientes necessários à plantação⁷⁶. Esses fatores limitaram, e continuam limitando, a agricultura de Timor-Leste a um número reduzido de produtos a serem plantados, assim como com poucos nutrientes, o que refletiu na povoação do território e na importância da água e da alimentação na cultura dos grupos etnolinguísticos leste-timorenses.

2.2 – A seleção da literatura oral *ai knanoik*

Para analisar as relações entre língua e meio ambiente em Tetun, utilizar-me-ei somente dos contos populares tetunófonos, chamados de *ai knanoik*, pelo fato de muitos deles estarem bem documentados e analisados linguisticamente com traduções, glosas e notas, por Sá (1961). Ainda, Gomes (2007) apresenta uma série de *ai knanoik*, juntamente com transcrições, traduções e propostas de interpretação, que também serão utilizadas aqui.

A análise desta seção enfocará em como as limitações do meio ambiente leste-timorense – ausência de chuva, predominância de solo impróprio à agricultura, influência do relevo – refletem-se nas manifestações linguístico-literárias, especificamente nos *ai knanoik* em língua Tetun.

Foram selecionados trechos dos seguintes *ai knanoik*: *Manumatadador*, *Buibabukulasak* ambos são antropônimos tetunófonos, *lekrauk no laho* ‘o macaco e o rato’, *lekrauk ho lafaek* ‘o macaco e o crocodilo’ e *asu ho lekrauk* ‘o cachorro e o macaco’. A

⁷⁶ Para uma análise completa dos elementos da tríade ecolinguística (COUTO, 2007): povo (P), língua (L) e território (T) em Timor-Leste, ver Albuquerque (2010), assim como o capítulo anterior.

estrutura delas está organizada da forma a seguir: primeiramente um resumo do *ai knanoik* seguido do título, depois estão transcritas em Tetun as passagens utilizadas, e, por último, a tradução livre.

2.3 – Análise ecolinguística dos *ai knanoik*

Por limitações ambientais, a alimentação e água são consideradas sagradas e de fundamental importância na cultura leste-timorense. De natureza animista, os povos de Timor-Leste realizam cerimônias ritualísticas para marcar a época da sementeira, assim como para a colheita. Nessas cerimônias, como foi comentado anteriormente, ocorre a entoação dos *hamulaks* e, se coincidir com alguma data festiva, são entoados também os *ai knananuk*. Ainda, há sacrifício de animais, períodos de reclusão, uso de vestimenta tradicional, entre outras características⁷⁷.

Dessa maneira, na literatura tetunófona é comum a figura de vilões que roubam comida, ou que criam situações de maneira astuta para de alguma maneira se beneficiar do protagonista. Geralmente, esses benefícios envolvem a alimentação, as hortas já plantadas, ou casamentos. No final dos contos populares (*ai knanoik*) há sempre a punição deste vilão, sendo desmascarado, banido ou morto. O mesmo acontece na sociedade rural leste-timorense, que pune o roubo severamente, já que o objetivo é de ajuda e divisão recíproca nos períodos de cultivo e colheita dentro do *knua* ‘vilarejo’.

O primeiro *ai knanoik* a ser analisado, intitulado *Manumatadador*, conta a história dos gêmeos Koli, do sexo masculino, e Sawak, do sexo feminino, que são separados de sua mãe, Buik Ikun, ao nascerem, por causa da inveja das seis irmãs dela. Eles são trocados por dois cachorros e passam a ser criados por uma cadela na floresta. Após sobreviverem, novamente suas seis tias tentam matá-los envenenando suas comidas. A cadela que cuidou de Koli e

⁷⁷ Para uma análise do *ai-hulun*, ritual de origem Manbae, ver Araújo (2010). Esta análise é importante, pois destaca vários elementos tradicionais do *ai-hulun* que são comuns aos vários povos leste-timorenses.

Sawak come a comida envenenada para salvá-los e morre. Desesperados e famintos Koli e Sawak partem a procura de comida, quando roubam comida de uma horta que acabam por descobrir que pertence a seu pai. Finalmente, surge *Manumatadador*, um galo mítico que narra os acontecimentos verdadeiros ao pai de Koli e Sawak, que retornam a sua família de origem nobre.

No parágrafo abaixo, está reproduzido o momento que Koli e Sawak partem famintos e roubam comida de uma horta alheia:

3. *Manumatadador*

Iha dalan klaran Sawak hili tiha kakaluk ida, nia laran iha kaleik ida ho babiduk halo ho osa mean. Sira rua la'o-la'o sai tan ona to'os ida, sira rua tama ba hasoru los katuas ho ferik ida iha to'os laran. Ferik ho katuas laran haksolok tebes tanba sira ruaoan la iha. Hahuu laron ne'e kedas Sawak ho Koli hela hamutuk ho katuas ho ferik ne'e. Loro-loron Sawak haruka Koli ba halimar kaleik ho babiduk ho labarik oan seluk iha liurai uman. Liurai ne'e oalaek, tan ne'e mak nia hakarak atu haree labarik oan sira halimar, hodi halo nia matan labele dukur. Loron ida Koli nia kaleik tama liu tiha liurai ne'e nia kakaluk laran.

Manumatadador (tradução)

No caminho, Sawak apanhou um *kakaluk* que continha um *babiduk* e um *kaleik* de ouro. Os dois encontraram um quintal cheio de frutas, e Sawak cortou um ramo de banana madura para se alimentarem. Ao comerem as frutas, os dois choravam, dizendo: “agora estamos comendo, mas se fôssemos apanhados pelo dono morreríamos”. Ao ouvir o choro das duas crianças, a avó, que era a dona do quintal, vendo-as se aproximarem, ficou muito contente, porque tanto ela como o marido não tinham filhos.

Nesta parte de *Manumatadador* é possível perceber nas crianças o medo e o arrependimento de estarem roubando frutas da horta de outrem. Na língua Tetun, há vários lexemas para se referir aos diferentes rituais utilizados para proteger a colheita: *tara bandu* consiste no ritual de pendurar na maior árvore um item, geralmente o primeiro fruto da

colheita, avisando assim que está proibido de colher qualquer fruto da área demarcada. Os cidadãos leste-timorenses acreditam que quem rouba este tipo de fruto, chamado de *horok*, que está protegido magicamente, fica amaldiçoado. Ainda, há os lexemas *kakaluk* que significa tanto uma ‘bolsa, sacola’ de artesanato tradicional, assim como significa também qualquer tipo de ‘amuleto, objeto mágico’ que protege aquele que o usa, e *babiduk* e *kaleik* são dois brinquedos tradicionais, sendo o segundo feito de ouro para identificar a ascensão nobre das crianças.

O segundo *ai knanoik* a ser analisado, *Buibabukulasak*, narra a história da filha de Kehi Liurai, chamada de Sawak, mesmo nome da criança de *Manumatador*, e de sua escrava, que se chama Buibabukulasak. Sawak insistiu diante de seu pai para poder ir à horta junto com Buibabukulasak. O pai não queria, mas acabou deixando a filha ir. Durante o dia de trabalho na horta e da caminhada de volta para casa, Buibabukulasak esvaziou duas vezes as reservas de comida, assim como criou uma situação para ambas chegarem a outro reino com Sawak como escrava. Assim, Buibabukulasak disfarçada de princesa casa-se com o príncipe do outro reino. Este espera por um bebê que nunca nasce e Buibabukulasak vira uma grávida que não para de comer. Ao final do conto, Sawak revela o segredo de Buibabukulasak: ela era sua escrava e nem estava grávida escondia a comida e outros objetos na barriga.

A seguir está o início do conto *Buibabukulasak*, que enfoca a diferença do comportamento dos nobres e serviçais. Sawak acaba por ser punida por querer fazer atividades da escrava, assim como a escrava, que não é de confiança, acaba por se aproveitar de toda a situação, iniciando na primeira oportunidade a roubar a comida de Sawak.

4. *Buibabukulasak*

Kehi Liurai ho oan fetu ida naran Sawak, hela hamutuk ho sira atan ida naran Buibabukulasak (BBL). Loro-loron BBL ba hein manu liin iha natar. Loron ida Sawak husu nia aman

atu tuir BBL ba natar, maibee nia aman la husik. Sawak tanis atu ba hodi nia kbiit rasik. Tan ne'e mak nia aman haruka ema halo nia bukae, etu ho na'an tau iha tanasak ida halo sira lori. To'o natar etu ho na'an ne'e BBL han hotu tiha, nia la foo Sawak. To'o loro manas Sawak hamlaha ona, BBL fila fali ba sira uman, hola tan etu ho na'an, hodi to'o dalan nia loke tanasak han hotu tiha hahaan sira ne'e. Hafoin tau fali tiha karau ten ho hili tiha samodo maten ida tau tan tiha ba laran, hodi liu ba foo Sawak.

Buibabukulasak (tradução)

Kehi Liurai morava com a filha, chamada Sawak, e uma serva, chamada Buibabukulasak (BBL). Todos os dias, ela ia ao campo de arroz para enxotar as aves. Certo dia, Sawak pediu ao pai para ir com BBL ao campo de arroz, mas o pai não deixou. A menina chorava e o pai acabou deixando-a ir com BBL. Ele mandou preparar comida, enchendo um *tanasak* de carne e arroz. No meio do caminho, BBL comeu toda a comida que levava. Na hora do almoço Sawak estava cheia de fome. BBL voltou para casa e pediu mais comida, dizendo ao pai que Sawak queria mais. Outra vez o pai mandou preparar comida, como já tinha feito. No meio do caminho, BBL comeu de novo tudo, e encheu o *tanasak* com excremento de búfalo e uma cobra morta que apanhou, tapando o *tanasak* e levando-o para Sawak. Ao ver BBL, Sawak ficou encantada, porque tinha muita fome e julgava que havia arroz e carne dentro de *tanasak*. Afinal, o que existia era uma cobra morta e excremento de búfalo. Sawak começou a chorar, mas BBL não ligou.

Na sociedade leste-timorense, ainda se preserva resquícios da organização social pré-colonial, que era dividida em pequenos reinos. Nestes reinos, a divisão entre nobres e serviçais era fundamental, assim as repercussões linguísticas dessa divisão também estão presente em Tetun. O lexema *liurai* significa ‘rei’, enquanto há *datoo* ‘nobre’, que são nobres, mas abaixo do *liurai*. O próprio nome do pai de Sawak, Kehi Liurai, indica sua ascendência nobre. Finalmente, *ata* ‘servo, escravo’ é o lexema usado para os serviçais. Ainda, o cidadão comum deve usar uma forma de registro diferente da língua Tetun para se referir ao *liurai*, conforme Thomaz (2002, p. 115) analisou. O *liurai* não ‘come’ *han*, mas ‘toma’ *hola* ou ‘consome’ *hamalak*, ele também não ‘diz’ *hateten*, mas deixa ‘cair a palavra’ *hatun lia*.

Pensando em sua posição superior, o *ata* ‘servo, escravo’ não fala ao *liurai*, mas ‘eleva a palavra’ *hasa’e lia* a ele.

Desta maneira, Sawak recebeu sua punição por querer realizar o trabalho de sua serviçal no campo de arroz. Como já foi mencionado anteriormente, *to’os* ‘horta, roça’ está presente na literatura leste-timorense por ser fundamental na plantação e na alimentação, especialmente o campo de arroz, que é a base da alimentação em Timor-Leste. Essa importância reflete-se em Tetun, já que o campo de arroz possui uma denominação própria, sendo chamado de *natar*, da mesma maneira o pássaro que destrói a *natar* ‘plantação de arroz’ é chamado de *manu liin*, e o arroz é classificado no léxico tetunófono de acordo com sua funcionalidade: *etu* ‘arroz cozido’, *foos* ‘arroz descascado, mas não cozido’, *hare* ‘arroz não descascado, planta do arroz’. Para finalizar, o *tanasak* é um recipiente cilíndrico para guardar comida a ser usada em longas viagens.

Os três *ai knanoik* que seguirão abaixo, *lekrauk no laho* ‘o macaco e o rato’, *lekrauk ho lafaek* ‘o macaco e o crocodilo’ e *asu ho lekrauk* ‘o cachorro e o macaco’, tratam-se de contos populares que possuem grosso modo semelhanças com a fábula e a figura central em todos eles é a do *lekrauk* ‘macaco’. O macaco é visto na cultura leste-timorense como um animal ruim pelo fato de ser um bicho ágil e astuto na arte de roubar e enganar. Desta maneira, no primeiro conto, *lekrauk no laho* ‘o macaco e o rato’, o macaco tenta enganar o rato mais de uma vez e acaba sendo punido com a morte com isso. No segundo e terceiro, *lekrauk ho lafaek* ‘o macaco e o crocodilo’ e *asu ho lekrauk* ‘o cachorro e o macaco’, o macaco também engana os outros animais, porém não são punidos, pois ambas as histórias procuram explicar e justificar o porquê dos outros animais não gostarem do macaco.

5. *Lekrauk no laho*

Loron ida lekrauk ho laho halo belu. Sira na’in rua ba haris iha mota laran ida. Haris hotu tiha sira fila ba sira uman. To’o ema nia to’os laran ida sira haree hudi hun ida tasak hela. Lekirauk

hatete ba laho: “ita rua taru se mak bele sa’e ba han hudi ne’e”. Laho hataan ba nia katak ha’u mak as’e uluk. Laho sa’e ba, lekirauk dehan ha’u sura to’o sanulu o han hotu hudi ne’e. Laho as’e nia komesa sura ona. Sura to’o sanulu laho la konsege han hotu hudi ne’e, tanba nia loke hudi lahatene, tun fali. Lekrauk hamnasa hodi hateten, o lakon buat di’ak ida iha o nia moris ne’e. Lekirauk sa’e fali nia han tiha soe kulit tun ba laho. O han tok di’ak ka lae? Laho koko ba hodi dehan ba lekirauk katak furak loos. Lekirauk han to’o bosu tiha nia tun fali hodi sira la’o nafatin. To’o fali ema nia to’os laran ida laho haree ema sunu hela nia ai tahan iha to’os laran. Laho hatete ba lekirauk:” ita na ?n rua taru tan se mak bele subar tama iha ai tahan laran ne’e. Lekrauk hatete ba laho: “agora o mak tama uluk”. Laho dehan di’ak. Laho tama tiha, dehan ba lekirauk katak: “ha’u sura to’o sanulu o sunu ahi ba ai tahan ne’e”. Laho tama tiha, nia suu hela rai kuak hodi hasees an hosi ahi manas. Rai kuak hotu tiha nia hakilar sai hela ba lekirauk katak: bele sunu ona. Lekrauk sunu tiha, hodi haksoit ba mai los. Nia kontente hanoin katak laho mate ona. Maibee laho halai sai tiha ba li’ur. To’o ahi mate tiha, nia haksoit sai mai. Lekrauk hakfodak los. Laho dehan agora o tama fali. Lekrauk tama liu ai tahan laran, nia sura to’o sanulu laho sunu. Tanba lekirauk lahatene su rai hodi hases an hosi ahi manas, ahi han nia motuk tiha.

O macaco e o rato (tradução)

Era uma vez um macaco e um rato que ficaram amigos. Eles foram tomar banho no rio. Depois do banho, voltaram para casa, seguindo um caminho dentro de uma horta. Ao ver um cacho de bananas maduras, o macaco pensou em comê-las. E disse, então, ao rato: “Vamos apostar quem é mais rápido em comer bananas e tirar as cascas?” O rato foi o primeiro a subir. Enquanto o rato estava subindo, o macaco começou a contar até dez. Mas o rato não conseguiu descascar a banana, e acabou descendo sem comer. O macaco, saltando de um lado para o outro, disse: “Perdeu uma boa oportunidade”. Chegou a vez do macaco. Subiu rapidamente e comeu a banana, descascando-a sem problemas e atirando a casca ao seu colega, dizendo: “Experimenta! É bom ou não?”. Depois de experimentar a casca, ele foi dizendo: “É saboroso”. O macaco comeu tudo, desceu e continuaram a andar. Chegaram, agora, a uma horta cujo dono estava retirando lenha e folhas secas para queimar. Ao ver isto, o rato disse: “Colega! Vamos fazer mais uma aposta. Vamos ver quem é que consegue entrar nessas folhas secas sem ser queimado e sair vivo”. O rato foi o primeiro a entrar. Enquanto o macaco contou até dez, o rato cavou um buraco e procurou um jeito de escapar do perigo. Depois de contar até dez, o macaco

começou a queimar as folhas secas. Pensava que o rato tinha morrido e dava gargalhadas. Depois de um tempo o rato apareceu vivo. O macaco ficou assustado e disse: “Como é que você conseguiu escapar do fogo?”. “Ah! Não custa nada. É só cobrir bem o corpo com as folhas” respondeu o rato. O macaco entrou, e depois de entrar, o rato queimou as folhas. O macaco não conseguiu escapar e acabou morrendo.

Em *lekrauk no laho* ‘o macaco e o rato’, quem deseja roubar *hudi* ‘banana’ é o *lekrauk* ‘macaco’, que acaba por convencer o rato a fazê-lo também. Porém, o *laho* ‘rato’ não consegue e o macaco engana-o. Assim, segue a história para *to?os* ‘horta’, que como foi analisado acima, é considerado um local de importância fundamental na sociedade lestemorense, mas o macaco não respeita e quer realizar brincadeiras que podem prejudicar tanto o colega rato, quanto a plantação e o dono da horta. Desta maneira, ao final o macaco é punido com a morte.

6. *Lekrauk ho Lafaek*

Loron ida beik rawa la'o hela iha mota ida sorin, hodi haree hela mota boot tun hela ba tasi. Nia hanoin hela halo nusa mak bele hakat liu tuir nia maluk sira ba mota sorin. La kaleur lafaek barak mai hale'u lekrauk ne'e atu han nia. Lekrauk fatin ses nian la iha ona, nia hein atu mate de'it ona. Iha maufinu nia laran ne'e lekrauk hanoin hetan nia lia ida hodi hatete lafaek katak: “imi labele han ha'u lai, tanba ha'u hanoin imi barak liu i ha'u mesak ida de'it. Di'ak liu husik ha'u hakat ba sorin lai hodi bolu ha'u nia maluk sira iha mota sorin, atu nune'e imi bele han to'o bosu. Lafaek suri sukat ba mai hodi hatete ba malu: “katak los duni ita barak liu fahe lekrauk ida ne'e la to'o malu di'ak liu haruka nia ba bolu tiha nia maluk sira nebaa ne'e”. Nune'e sira simu ona lekrauk nia hanoin ne'e atu bolu lai nia maluk sira iha mota sorin. Maibee lekrauk hatete fali ba lafaek sira ne'e: “ha'u hakarak hatene imi na'in hira mak iha mota laran ne'e, entaun imi tenki forma husi mota ninin ne'e to'o sorin balu atu nune'e ha'u bele sura imi”. Lafaek sira komesa forma ona iha mota laran, hanesan lekrauk haruka. Hotu tiha, lekrauk haksoit hosi lafaek ida ba lafaek seluk hodi hakur liu tiha mota sorin. Liu tiha mota sorin lekrauk sira halai liu husik hela lafaek sira hamlaha hela iha mota laran.

O macaco e o crocodilo (tradução)

Era uma vez um macaco que andava na beira do rio. Ele não conseguia seguir os amigos porque a corrente do rio estava forte. Assim, muitos crocodilos cercaram-no e ameaçaram comê-lo. O macaco não tinha muito espaço para escapar e só aguardava a chegada da morte. Ele disse aos crocodilos: “Não me comam, porque eu sou apenas um macaco. A minha carne não chega para todos vocês. Olhem para a outra margem do rio, lá estão muitos macacos. Deixem-me em paz, e eu vou chamar os meus colegas para alimentar vocês”. Os crocodilos aceitaram o pedido do macaco. O macaco mandou-os fazer fila, de um lado ao outro do rio. O macaco começou a saltar sobre eles e a contá-los até ao outro lado do rio. Desse modo, o macaco saiu do rio, deixando os crocodilos com fome lá dentro.

Na cultura leste-timorense, acredita-se que *lafaek* ‘crocodilo’ é o animal que deu origem a ilha de Timor, sendo ilha o corpo de um crocodilo mitológico gigante. Assim como, acredita-se também que os antepassados dos timorenses sejam crocodilos. Por esses fatores o crocodilo é considerado o animal mais sagrado em toda a região. O *ai knanoik lekrauk ho lafaek* apresenta, em certa medida, um sacrilégio cometido pelo macaco ao enganar o crocodilo, se utilizar dos demais para obter vantagens e deixá-los abandonados com fome. Ainda, segundo a cultura popular leste-timorense, o crocodilo somente se alimenta de pessoas ruins, no caso aqui de um animal ruim, como uma forma de punição.

7. *Asu ho Lekirauk*

Hori uluk liu animaal sira di'ak malu hanesan moos ita emar. Loro-loron sira te'in ba han hanesan ita emar. Sira mos halo orariu atu te'in ho suru hakaan ba sira han. Loron ida manu sira mak te'in, loron tuir fali fahi, laho, lekrauk sira te'in hotu. Agora tempu to'o ona asu mak te'in ba sira han. Te'in hotu tiha asu lakohi fahe. Nia haruka fali lekirauk mak fahe, maibee lekirauk lakohi. Nune 'e asu hatete ba animal sira seluk katak: “ha'u mak fahe maibee imi keta hamnasa ha'u. Sira hotu hataan katak: “ami la hamnasa”. Entaun komesa tur ona hodi fahe hahan ba sira. Haree ba asu ne'e tur sala hela. Sira seluk nonok deit tanba ta'uk asu tata sira, maibee lekrauk sira kili malu hodi hamnasa tan

haree asu tur sala. Asu moe ida ne'e duni hotu lekrauk sira sa'e hotu ba aileten. Tanba na'e mak sira sei odi malu to'o ohin loron.

O cachorro e o macaco (tradução)

Antigamente, os animais se davam, assim como os seres humanos. Eles cozinhavam todos os dias para se alimentarem, como acontecia com o homem. Eles tinham horários para cozinhar. Certo dia, chegou a vez do cachorro. Assim como os outros animais, eles cozinhavam e compartilhavam a comida uns com os outros. O cachorro queria cozinhar, mas não queria compartilhar com os outros animais. Mas, o macaco exigiu que o cachorro o fizesse. O cachorro disse, então: “eu posso compartilhar a comida, mas nenhum de vocês pode rir”. Todos estavam de acordo, e o cachorro sentou no chão. Ao verem o procedimento do cachorro, os outros animais ficaram calados, exceto o macaco, que se começou a dar gargalhadas. O cão ficou furioso. E, por vergonha, expulsou todos os macacos para cima das árvores. Até hoje, cachorros e macacos não se dão bem uns com os outros.

O macaco novamente é representado como um animal maligno que acaba por humilhar *asu* ‘cachorro’. A punição dada aos macacos pelos cachorros é viver no ‘topo das árvores’ *aileten*, assim o conto *asu ho lekrauk* procura também explicar a rivalidade no meio ambiente leste-timorense existente entre cães e macacos, e a condição do macaco viver em cima das árvores. De certa maneira, procura valorizar, na figura do cachorro, o estilo de vida mais rural e mais humilde que vem sendo fruto de preconceitos pelo povo leste-timorense, representado na figura do macaco. Esta posição preconceituosa dos cidadãos leste-timorenses contra o estilo de vida rural e humilde foi apontada anteriormente e pode ser vista claramente neste conto.

3 – Considerações finais

Este trabalho consiste em uma introdução à análise das narrativas orais tradicionais leste-timorenses, concentrando-se nos contos populares, chamados de *ai knanoik*, em língua

Tetun, língua oficial da República Democrática de Timor-Leste, que possui o status de língua franca e é a língua nativa com mais falantes no país.

Como o presente trabalho é pioneiro e de natureza introdutória, procurou-se comentar a escassa bibliografia a respeito da literatura oral tetunófono, assim como analisar os principais gêneros orais em língua Tetun, sendo eles: *hamulak*, *ai knananuk* e *ai knanoik*. Ainda, comentaram-se as dificuldades da realização da coleta de dados em campo desses registros orais.

A análise propriamente dita foi focada nos *ai knanoik* em língua Tetun, como foi dito acima, e apontaram-se, de maneira superficial, as relações entre língua e meio ambiente nessa manifestação literária tetunófono específica. Especificamente, como o solo e o relevo leste-timorense (características do meio ambiente) acabam por limitar a agricultura no país. Isto faz com que a alimentação escassa se torne um bem muito procurado e esteja ligado a uma série de rituais na sociedade leste-timorense. Ainda, o roubo de alimentos é algo constante na literatura oral e deve ser punido exemplarmente, como foi apontado.

Desta maneira, este capítulo procura dar início a análise das narrativas orais leste-timorense, seguindo uma abordagem ecológica. O presente autor espera, em trabalhos futuros, poder preencher os hiatos existentes aqui e seguir com análises aprofundadas e que abranjam outros gêneros textuais tetunófonos.

CAPÍTULO 9.

O SISTEMA LINGUÍSTICO COMO SISTEMA ECOLÓGICO: UM ESTUDO DA GRAMÁTICA TETUN (TIMOR-LESTE)

Introdução

Timor é uma pequena ilha localizada no extremo sudeste asiático, próxima à Austrália, ao sul, e às ilhas do Pacífico, a leste. Somente a parte leste da ilha, como já diz o próprio nome do país, República Democrática de Timor-Leste, ou simplesmente Timor-Leste, faz parte do território leste-timorense. A parte oeste é território indonésio.

Devido a sua localização estratégica e a importância de um tipo de madeira, chamado sândalo branco (*Santalum album*), os povos de Timor estiveram sujeitos a diversos contatos no decorrer da história. Primeiramente, em tempos pré-históricos, ocorreu o contato entre os povos papuásicos, que já habitavam a ilha de Timor, com o povo que realizou a primeira migração austronésica. Este longo contato linguístico entre as línguas austronésicas e papuásicas em Timor foi o fator mais importante para a formação de uma área linguística (HULL, 2001). Em meados do século XIII houve uma segunda migração austronésica, que causou uma série de empréstimos e reestruturação gramatical nas línguas já faladas na ilha. Logo em seguida, no século XV, o contato com os comerciantes de diversas origens étnicas deve ter se realizado com o uso do Pazar Melayu, acelerando o processo de reestruturação gramatical iniciado anteriormente.

Além da colonização portuguesa, a ilha de Timor foi invadida pelo Japão de 1942 a 1945, e no ano de 1975 o país sofreu uma dominação da Indonésia que se estendeu até 1999.

Após esta invasão indonésia, Timor-Leste precisou se reconstruir e na constituição de 2002, elegeu a língua Portuguesa e Tetun, em sua variedade Tetun Prasa, como línguas oficiais, e a língua inglesa e o *bahasa indonesia* como línguas de trabalho.

Nos últimos anos, o Tetun Prasa, em sua variedade Tetun Dili, como língua urbana vem recorrendo à língua portuguesa para realizar um grande número de empréstimos relativos ao mundo moderno. Vale lembrar que a língua Tetun é de origem Austronésica e funciona como língua franca no território leste-timorense em um período anterior ao século XVII (THOMAZ, 2002), provavelmente desde o século XV (ALBUQUERQUE, 2009). Há duas principais variedades, a saber: Tetun Prasa e Tetun Terik (ALBUQUERQUE, 2011)⁷⁸. O Tetun Prasa se caracteriza pela perda da morfologia flexional, presente no Tetun Terik, que consiste em uma série de sufixos marcadores de pessoa, posse e mudança de valência, dos quais o Tetun Prasa apresenta alguns resquícios somente dos sufixos que modificam a valência. Ainda, o Tetun Prasa apresenta um inventário fonológico e lexical maior do que o Tetun Terik, por causa da influência lusófona sobre aquele. Desta maneira, o Tetun Terik se caracteriza pela retenção de estruturas austronésias, como a rica morfologia flexional, léxico tradicional e empréstimos malaios, e inventário fonológico reduzido.

Os dados foram coletados em momentos distintos, ocorrendo um primeiro período com diversas pesquisas de campo entre os anos de 2008 e 2009, em diferentes localidades de Timor-Leste. Posteriormente, durante o ano de 2010 foram conduzidas várias entrevistas com cidadãos leste-timorenses residentes no Brasil. Ainda, foram consultadas as gramáticas do Tetun Prasa (ALBUQUERQUE, 2011; HULL E ECCLES, 2001; WILLIAMS-VAN KLINKEN, HAJEK E NORDLINGER, 2002).

O presente estudo possui o objetivo de contribuir para a pesquisa em ecolinguística ao realizar uma tentativa de mapear alguns elementos ecológicos e não ecológicos na gramática

⁷⁸ Há certa controvérsia em relação à variação dialetal da língua Tetun. Alguns autores subdividem a variedade Tetun Terik em duas, a saber: Tetun Terik e Tetun Belo, acabando por considerar estas como duas variedades diferentes, aumentando o número para três variedades diferentes.

da língua Tetun. Assim, na seção (1), serão feitas algumas considerações teóricas sobre a ecolinguística, juntamente com a visão ecológica do sistema linguístico e a importância da identificação dos elementos ecológicos e não ecológicos nas línguas. Na seção (2), será feita a análise do sistema linguístico tetunófono de acordo com a teoria ecolinguística adotada e desenvolvida na seção anterior. Finalmente, em (3), serão apresentadas as considerações finais.

1 – Elementos ecológicos e não ecológicos

Seguindo a tradição de Haugen (1972), que definiu ecolinguística como o estudo das relações entre língua e meio ambiente, outros ecolinguistas acabaram por se utilizar de tal conceito e expandiram-no, não o limitando somente ao estudo de uma língua específica dentro de uma sociedade multilíngue, conforme o estudo original de Haugen. Entre esses ecolinguistas, destacam-se: Mühlhäusler (2003), Garner (2004) e Couto (2007).

Sendo o conceito de ‘meio ambiente’ um dos pilares da ecolinguística, faz-se necessário defini-lo de maneira simples e objetiva, assim ‘meio ambiente’ é entendido aqui como o lugar onde determinada espécie, ou grupo de espécies, vivem e interagem entre si. Ainda, o meio ambiente é um componente do ecossistema, que é definido como um composto de população de organismos e suas diversas interações entre si e com o respectivo habitat. Calvet (1999) chama atenção para o fato de que tudo na ecologia parte de relações: relações entre células geram organismos pluricelulares, estes, por sua vez, se organizam em colônias ou sociedades, que consideradas em sua totalidade são as populações, as várias populações são classificadas como biocomunidades que integram um biótopo, e o ecossistema consiste no conjunto de biótopos. O linguista expande estas inter-relações hierárquicas para a linguística,

considerando em sua análise o ecossistema linguístico, o nicho das línguas, o meio ambiente, a regulação, a valência das espécies e a homeostase⁷⁹.

O ecossistema, por ser objeto de estudo da ecologia, é o ponto central dela e, por isso, optou-se por chamar de linguística ecossistêmica o tipo de ecolinguística que considera o ecossistema como ponto de partida e ponto de chegada da análise realizada, porque tudo na Ecologia emerge do ecossistema ou imerge nele (COUTO, 2012a).

Outros tópicos que são fundamentais da ecologia (e da linguística ecossistêmica), além da já mencionada interação, são: a diversidade, a abertura ou porosidade, o holismo, a adaptação, o caráter dinâmico (ou a evolução) e a visão de longo prazo⁸⁰.

No presente trabalho, foram identificados os elementos ecológicos e não ecológicos no sistema linguístico Tetun como produtos das interações no ecossistema leste-timorense. Assim, a gramática sofreu evolução e adaptação a diferentes mudanças que ocorreram no meio ambiente linguístico. Ainda, a comunidade de fala tetunófono em que se baseia a presente análise é considerada como um todo, ou seja, são encaradas as formas de inter-relações que ocorrem, e que ocorreram, dentro dela, sendo de fundamental importância para o estudo realizado aqui o conceito de holismo.

Desta maneira, serão apontadas as características básicas de três conceitos fundamentais da linguística ecossistêmica que se encontram nesta análise, são eles: adaptação, evolução e holismo. Após a exposição destes conceitos, será discutida a importância para os estudos ecolinguísticos da identificação dos elementos ecológicos e não ecológicos na gramática das línguas.

A ‘adaptação’ consiste basicamente nas modificações feitas para a sobrevivência das espécies em relação a mudanças no ecossistema. Na análise a ser realizada na seção seguinte,

⁷⁹ Os princípios de regulação e homeostase estão interligados na teoria ecolinguística e explicam os processos de adaptação e evolução das línguas.

⁸⁰ A proposta da linguística ecossistêmica, assim como seus pontos fundamentais expostos aqui, baseou-se em Couto (2012a).

apresentar-se-á que as mudanças linguísticas, os empréstimos e a reestruturação gramatical são frutos de adaptação linguística a mudanças que ocorreram no meio ambiente e, conseqüentemente, alterando também a interação com outras espécies.

A ‘evolução’ está intimamente ligada ao conceito de ‘adaptação’. Segundo a teoria linguística atual, a língua muda constantemente e, caso não tivesse esse caráter dinâmico/evolutivo, seria um instrumento incapaz de saciar as necessidades do falante, já que rapidamente, ou seja, em uma geração ou duas, ela se tornaria obsoleta. Vale lembrar que o conceito de evolução, já existente na linguística, é apenas considerado como relacionado com os demais conceitos da linguística ecossistêmica, e assume também um lugar proeminente, quando comparado com a teoria tradicional.

O ‘holismo’ consiste no fato de o investigador delimitar um ecossistema e encará-lo como um todo, estudando uma espécie, ou um espécime, e as inter-relações que esse espécime, ou espécie, mantém no interior de todo o ecossistema (COUTO, 2012a). Nash (2011, p. 94) chama isto de minimalismo empírico, usado na escola ecolinguística de Adelaide, Austrália (MÜHLHÄUSLER, 2003), e considera o ecossistema uma comunidade de fala reduzida e tangível.

Desde 1990, com Halliday (2001), um tópico importante e presente na ecolinguística é a relação ‘holismo x fragmentação’. Para o autor, um tema importante a ser pesquisado é como o sistema linguístico, considerado por ele como a gramática, possui elementos ecológicos e não ecológicos. Ainda, esta contribuição de Halliday (2001) destaca outros temas que devam ser também investigados, são eles: “como encontrar esses elementos ecológicos e não ecológicos nas línguas?”, “a língua influencia a visão de mundo, ou vice-versa?”, “como medir as influências da língua sobre a visão de mundo? E da visão de mundo sobre a língua?”. Desta maneira, a pesquisa ecolinguística a respeito destes aspectos citados está apenas em estágio inicial e com poucos resultados preliminares a serem apontados. Por isso, Fill (2001)

ênfatiza que a tarefa da ecolinguística para o século XXI é exatamente investigar essas relações entre língua e meio ambiente, e língua e visão de mundo.

Fill (2001, p. 65) enumera uma série de elementos não ecológicos, que levam à fragmentação, presentes no sistema linguístico, são eles: separação entre agente, paciente, experienciador, instrumento, entre outros (assim como do alinhamento sintático nominativo-acusativo, e da separação voz ativa/ voz passiva), que separa o ser humano da natureza; categorização de fenômenos em processos ou coisas; separação entre humanos, animais e plantas; sistemas classificadores para as diferentes espécies; a causalidade, que pressupõe controle e superioridade; o sistema pronominal; a marcação de posse; expressões temporais e marcação das categorias TMA, entre outros.

Essa fragmentação consiste no fato de ocorrer a separação em vários níveis distintos entre o homem e o meio ambiente, e estas separações estarem tanto presentes na visão de mundo, quanto no sistema linguístico, como exemplos: humano x animais, humano x seres inanimados, coisas úteis para o ser humano x coisas não úteis, e assim por diante.

Digno de nota é a presença do antropocentrismo no sistema linguístico, outro fator considerado como fragmentador por Fill (2001, p. 67). Porém, como a língua é um sistema de comunicação humana que reflete os limites e possibilidades da cognição humana sempre haverá traços antropológicos nas línguas. Todavia, o antropocentrismo que é considerado como não ecológico, ou seja, fragmentador, é aquele que não apenas percebe o mundo pela visão humana, mas que se utiliza do sistema linguístico para se referir somente ao meio ambiente na medida que este apresenta recursos utilizáveis para o ser humano.

Outro problema com que o pesquisador em ecolinguística se depara é o de como realizar a interpretação dos dados linguísticos, mapeando-os como elementos ecológicos ou não ecológicos dentro de um sistema linguístico específico. Pois de acordo com a análise do sistema linguístico tetunófono, que será realizada na seção seguinte, certos elementos

considerados na teoria ecolinguística como não ecológicos podem ser interpretados como ecológicos, já que a gramática, o sistema linguístico, sendo como uma memória dos estágios anteriores da língua (HALLIDAY, 2001), apresenta certos elementos não ecológicos como possíveis frutos de uma adaptação já realizada, ou em andamento, da gramática a alguma modificação no meio ambiente, ou até a um novo meio ambiente.

Finalmente, a ecolinguística distingue duas posturas para o estudo ecológico das línguas, uma que se preocupa com as relações entre as línguas, e as línguas com o meio ambiente, outra que investiga as inter-relações existentes em uma língua. Esta distinção foi elaborada inicialmente por Makkai (1993), que propôs a terminologia de ‘linguística exoecológica’ para a primeira, e ‘linguística endoecológica’ para a segunda. Embora não muita usada por outros ecolinguistas, o presente autor considera que esta dicotomia é um procedimento metodológico importante para auxiliar o investigador em suas investigações ecolinguísticas, por isso ela será adotada neste trabalho, enfatizando que a análise a ser realizada concentrar-se-á nas inter-relações do sistema linguístico do Tetun, sendo classificada como endoecológica. Ainda, Couto (2007) em sua teoria ecolinguística, juntamente com suas análises, também adota a distinção proposta por Makkai (1993), e Calvet (1999) faz essa mesma separação, porém chama de ‘macrolinguística’ e ‘microlinguística’.

2 – O sistema linguístico Tetun

Serão analisados nesta seção o funcionamento e a origem de alguns elementos fragmentadores do Tetun, que acabam por tornar certos traços linguísticos como não ecológicos. Por limitações de espaço, questões metodológicas e pelo fato de a pesquisa ecolinguística em Timor-Leste se encontrar em estágio inicial, foram escolhidos somente os

seguintes elementos para esta análise: a causalidade, os pronomes pessoais, a marcação de posse, a expressão de tempo e a marcação TMA. A seguir cada um deles será estudado.

2.1 – Causalidade

A causalidade em Tetun é marcada com o prefixo *ha-* que é derivado do Proto-Austronésio (PAN) **pa-* ou pelo verbo *halo* ‘fazer’ em construções com verbos seriais (ing. *SVC – serial verb constructions*) formadas pelo verbo *halo* ‘fazer’ com função causativa mais o verbo principal⁸¹:

1. mane nebaa ha-mate reuniaun horishik

homem aquele CAU-morrer reunião ontem

‘Aquele homem encerrou a reunião ontem.’

2. tenki ha-manas hahaan atu ema sobrevive

ter CAU-esquentar comida para pessoa sobreviver

‘Deve-se esquentar a comida para as pessoas sobreviverem.’

3. sira halo funu hasoru inimigu baibain.

3pl fazer guerra contra inimigo dia-RED

‘Eles guerrearam contra o inimigo comum’

4. dala ruma malae sira halo viazen ba Bali

às.vezes estrangeiro PL fazer viagem para Bali

‘Às vezes, os estrangeiros viajam para Bali nas férias.’

A causalidade é interpretada como sendo um elemento não ecológico pelo fato de causar a separação ‘homem x natureza’, assim como pressupor um controle do ser humano sobre ações, processos e eventos naturais e também sobre outros animais e seres humanos, ou

⁸¹ Abreviações utilizadas nos exemplos: ABL ‘ablativo’, CAU ‘causativo’, FUT ‘futuro’, IND ‘indefinido’, IRR ‘*irrealis*’ ITE ‘aspecto iterativo’, LOC ‘locativo’, PL ‘plural’, PON ‘aspecto pontual’, POS ‘possessivo’, PROG ‘aspecto progressivo’, RED ‘reduplicação’.

seja, uma superioridade de um ser humano sobre outro, e sobre o meio ambiente. Porém, de acordo com Albuquerque (2011), há uma série de classes verbais no Tetun, e o prefixo causativo somente pode ser empregado em algumas delas, não podendo ser empregado nas demais, como nos verbos de movimento, locomoção, de comunicação, cognição, modais, dêiticos, existenciais, entre outros. Isso mostra que a causalidade em Tetun é limitada a algumas classes verbais, fazendo com que este elemento seja não ecológico somente de maneira parcial, já que o controle do ser humano para causar/controlar as ações, eventos e processos é limitado.

2.2 – Os pronomes pessoais

Em relação aos pronomes pessoais, de acordo com Mühlhäusler (2003, p. 19), a escolha de uso deles geralmente não é determinada pela gramática, mas por uma seleção consciente do falante para posicionar/representar a si mesmo em relação ao outro, juntamente com os demais elementos do discurso. Ainda, Couto (2012b) enfatiza diversos problemas na análise dos pronomes, sendo o principal o posicionamento tradicional de o pronome ser apenas substituto do nome. Couto (2012b) enfatiza também a importância de se contemplar todos os atores (reais e/ou potenciais) de uma interação comunicativa.

Desta maneira, a tabela a seguir apresenta o paradigma pronominal tetunófono, juntamente com os atores da interação comunicativa a que os pronomes pessoais fazem referência:

	Sg.	Ator da interação comunicativa
1 ^a	<i>hau</i>	Emissor (E)
2 ^a	<i>o</i>	Receptor (R)
3 ^a	<i>nia</i>	Fonte (Ele ₁) próximo ao (E) /

		Destinatário (Ele ₂) próximo ao (R)
--	--	-------------------------------------------------

Tabela 1. Paradigma pronominal do Tetun – Singular

	Pl.	Atores da inter. comum.
1 ^a	<i>ita</i>	Eu + tu
	<i>ami</i>	Eu + Ele ₁ / Eu + Ele ₂
2 ^a	<i>imi</i>	Tu + Ele ₁ / tu + Ele ₂
3 ^a	<i>sira</i>	Ele ₁ + Ele ₂

Tabela 2. Paradigma pronominal do Tetun – Plural

De acordo com as tabelas apresentadas anteriormente, pode-se facilmente inferir que no desenvolvimento da gramática Tetun, os falantes tetunófonos escolheram expressar gramaticalmente somente os atores da interação comunicativa que foram apontados na tabela. As demais possibilidades existentes, que podem ser várias se contabilizados os atores da interação comunicativa seguindo a análise combinatória, são expressas de outras formas, e não por pronomes. Seguindo a proposta de Couto (2012b), a combinatória de possibilidades de atores da interação comunicativa que podem estar codificados nos pronomes pessoais é infinita, porém nas línguas do mundo somente algumas delas são marcadas por meio de pronomes, enquanto as demais podem não ser marcadas, ou inferidas pelos falantes através do contexto discursivo ou situacional. Ainda, há combinações que podem ser marcadas por outras estratégias gramaticais, como locuções, morfologia flexional, morfologia derivacional, como os exemplos que seguem de outras possibilidades que são expressas em Tetun:

5. Eu + tu + Ele₁ + Ele₂/ Eu + Ele₁ + Ele₂ *ema hotu* ‘pessoa + todos’ / *ema sira* ‘pessoa + PL’
6. Tu + Ele₁ + Ele₂ *imi sira* ‘2pl + PL’ / *ita-boot sira* ‘honorífico + PL’

7. Ele_{1a} + Ele_{1b} + Ele_{1c} (...) / Ele_{2a} + Ele_{2b} + Ele_{2c} (...) *sira hotu* ‘3pl + todos’
8. Ele_{1a} + Ele_{1b} + Ele_{1c} (...) + Ele_{2a} + Ele_{2b} + Ele_{2c} (...) *hotu-hotu* ‘todos RED’

Digno de nota é que a escolha dos pronomes pessoais pelo falante reflete também a posição deste em relação ao meio ambiente e, no caso da língua Tetun, pode ser apontada na referência a 2ª e 3ª pessoas. O pronome *o* ‘2ª pessoa do singular’ é usado para se referir somente a crianças, animais pequenos ou para enfatizar o status social alto do emissor. Nos demais casos, omite-se o pronome, substituindo-o pelo nome da pessoa, ou por substantivos que expressam relações de tratamento, como *maun* ‘amigo, colega (faixa etária aproximada)’, *alin* ‘irmão mais novo, pessoa do sexo masculino e mais nova’, *senoor* ‘senhor’. O pronome *nia* ‘3ª pessoa do singular’ é usado com maior frequência para se referir somente a humanos, enquanto para se referir a animais usa-se o próprio substantivo, como *asu* ‘cachorro’, *bibi* ‘cabra’, que acabam por ser interpretados respectivamente como ‘o cachorro’ e ‘a cabra’ que está sendo referido, e para fenômenos naturais geralmente se emprega o nome ou se omite, quando recuperado no contexto.

Desta maneira, é possível afirmar que, com exceção do pronome *hau* ‘1ª pessoa / emissor’, os pronomes pessoais em Tetun Prasa são usados para exclusivamente marcar no discurso que o receptor, fonte ou destinatário são não humanos (inanimados ou animais), pois ao se empregá-los para se referir a um dos atores da interação comunicativa, isso é interpretado pelo falante nativo como desrespeitoso, ou ofensivo, assim para se realizar a referência/retomada de qualquer um desses atores no discurso faz-se necessário obrigatoriamente mencioná-los por seus nomes (uso de substantivo). Logo, o pronome pessoal em Tetun Prasa pode ser interpretado como um elemento não ecológico, já que possui a função de classificar e separar humano, de um lado, e não humanos, de outro.

2.3 – A marcação de posse

Segundo Hull (2001), em um estágio anterior da língua havia uma série de sufixos, flexionados de acordo com a pessoa, que marcava a posse. Ainda, havia também o sufixo **-ne* que era afixado aos pronomes pessoais para formar um pronome possessivo objeto. Posteriormente, estas marcações gramaticais caíram, sendo substituídas pelo enclítico *=nia*, do malaio *punya* ‘possuir’, que é usado até hoje para formar tanto pronomes possessivos, quanto marcar a posse.

9. hau=*nia* livru

1sg=POS livro

‘meu livro.’

10. sira=*nia* oan

3pl=POS filho/cria

‘o filho deles.’

Atualmente, há resquícios da antiga marcação de posse, assim como da distinção de nomes inalienáveis e alienáveis. Os nomes inalienáveis recebiam o sufixo, enquanto os alienáveis não. Por isso, substantivos que eram outrora inalienáveis possuem no estágio atual da língua Tetun um *-n* final, de acordo com os exemplos a seguir em (11), comparando com os alienáveis em (12) terminados em vogal:

11. *ibun* ‘boca’, *ain* ‘perna, pé’, *aman* ‘pai’, *naran* ‘nome’, *fatin* ‘local’;

12. *mota* ‘rio’, *ahi* ‘fogo’, *au* ‘bambu’, *ai* ‘madeira’, *ema* ‘pessoa’, *tasi* ‘mar’.

Em relação à marcação de posse, argumento aqui que este é um elemento antropocêntrico e também parcialmente ecológico em Tetun, pelo fato de, apesar da posse ser analisada como não ecológica, foi apresentado que este fenômeno gramatical adaptou-se às

modificações sofridas no ecossistema, assim como a distinção ‘alienável x inalienável’ pode ser interpretada como uma consciência ecológica do falante, ao expressar sua capacidade de possuir (diretamente) somente uma parte dos elementos naturais, ou seja, não há controle ou poder por meio da posse por parte do ser humano sobre a natureza e os fenômenos naturais.

2.4 – Expressão de tempo e marcação de TMA

Segundo Couto (2007, p. 142), a expressão de tempo, juntamente com a marcação deste, é derivada das expressões espaciais, já que a noção de tempo está ligada a movimento, e movimento é propriedade da matéria (energia). Já Chawla (1991) foi pioneira ao trazer a crítica à noção ocidental de tempo como uma seta (passado > presente > futuro) para a análise linguística. Esta visão, já criticada anteriormente por autores como o físico Albert Einstein, faz com que a sociedade ocidental moderna encare tudo o que é passado como rudimentar, limitado, ruim etc. Isto acaba por deixar de lado outras visões de tempo, como o tempo cíclico ou tempo subjetivo (movimento), que fazem parte de diversas culturas espalhadas pelo mundo.

A expressão de tempo em Tetun não contraria as informações apontadas acima, já que uma parcela das expressões temporais foi formada a partir de expressões espaciais⁸², entre elas:

13. *uluk* ‘primeiro, antigamente’, do verbo *ulu-k* ‘estar a frente’ e da raiz *ulu-n* ‘cabeça’;
14. *ikus* ‘último, final’, da raiz *iku-n* ‘cauda’;
15. *fulan oin mai* ‘mês que vem, ou próximo mês’, de *oin* ‘rosto’ e *mai* ‘vir’;
16. *semana kotuk* ‘semana passada’ de *kotuk* ‘costas, atrás’;
17. *iha + (N) + nia laran* ‘durante’ de *laran* ‘dentro, coração’

⁸² As demais expressões de tempo em Tetun são marcadas simplesmente por lexemas nativos, como: *aban* ‘amanhã’, *kalan* ‘noite’, *fulan* ‘mês, lua’, ou por empréstimos lusófonos, como *agora* ‘agora’, *oras nee* ‘neste momento (nesta hora)’, *anu* ‘ano’, *antiz* ~ *antes* ‘antes’. Digno de nota é que os empréstimos lusófonos serviram para introduzir conceitos temporais novos, que eram estranhos à cultura leste-timorense.

nia moras iha fulan rua nia laran.
 3sg doente LOC mês dois 3sg dentro
 ‘Ele ficou doente durante dois meses.’

Ainda, a noção de tempo do povo tetunófono não era aquela de seta, que procura marcar somente o suposto desenvolvimento acima de tudo, mas por meio do léxico da língua é possível recuperar uma noção de tempo cíclico ligado à época de sementeira e colheita e às amplas estações chuvosas e secas, típicas do clima de monções, que é o clima predominante em Timor-Leste. Assim, há na língua Tetun o lexema *bailoron* ‘estação seca’ e *udan* que significa tanto ‘estação de chuva’, quanto ‘chuva, chover’, porém atualmente se encontra com maior frequência o uso da locução *tempu udan* para se referir a ‘estação de chuva’. Outras evidências a respeito da noção de tempo do povo tetunófono que o léxico da língua traz são o conceito de ‘dia’ e ‘mês’. O conceito de ‘dia’ está ligado ao sol, já que o lexema *loro-n* ‘dia’ deriva de *loro* ‘sol’, apesar de essa informação não ser reveladora, mostra a importância do sol para este povo. O mesmo ocorre com o conceito de ‘mês’ que é expresso pelo lexema *fulan*, porém este mesmo lexema também significa ‘lua’, apontando que a noção de tempo para esse povo estava também ligada às fases da lua, ou seja, para o povo falante de Tetun a noção e a marcação de tempo estavam relacionadas com o meio ambiente.

Sobre o sistema TMA⁸³ em Tetun, é possível perceber outro fator ecológico já mencionado, que é o da adaptação. Isto é afirmado pelo fato de o sistema TMA do Tetun ser formado de maneira semelhante ao das línguas crioulas, com lexemas pré-verbal e pós-verbal gramaticalizados (Albuquerque, 2011). Outro fator que leva à noção de adaptação é o fato de que todos os marcadores de TMA são lexemas derivados do malaio, entre eles: *telah* > *tiha*

⁸³ Considera-se aqui T (tempo), M (modo) e A (aspecto), e a terminologia dessas categorias verbais, juntamente com a proposta de análise presente em Albuquerque (2011, p. 104), foi baseada em Comrie (1976, 1985), Dik (1997), Palmer (2001) e Payne (1997).

‘já’, *lebih* ‘mais’ > *lai* ‘inicialmente’, *sih tidak* ‘ainda não’ > *seidauk* ‘ainda não’ > *dauk* > *daudauk* ‘continuamente’, *masih* > *sei* ‘ainda’.

O fato de esses marcadores verbais em Tetun serem gramaticalizados, estarem em posição anterior ou posterior ao verbo e serem empréstimos do malaio evidencia que provavelmente eles foram inseridos durante o século XV, período citado como de grande influência malaia sobre as línguas de Timor-Leste, fazendo com que entrassem em ação os processos de adaptação e evolução. A adaptação ocorreu pelo fato do Tetun ter que se modificar para conviver com a nova espécie, a língua malaia, inserida no meio ambiente linguístico de Timor-Leste, e conseqüentemente saber sobreviver às modificações ocorridas no meio ambiente por causa da inserção desta nova espécie. Posteriormente, essa adaptação linguística foi incorporada ao Tetun e passada para as gerações futuras falantes da língua fazendo com que ocorresse naturalmente o processo de evolução do Tetun.

Seguem os exemplos dos marcadores: *tiha* ‘já’ que é marcador de aspecto perfectivo, em (18) e (19); *lai* ‘inicialmente’ que expressa o aspecto pontual, em (20); *daudauk* marcador de aspecto progressivo, em (21) e (22); *sei* ‘ainda’ que é analisado como marcador de tempo futuro, em (23) e (24):

18. haree **tiha** ema lubun boot, zezus sae
 ver PERF pessoa quantidade grande Jesus subir
 ba foho ida
 para montanha IND

‘Quando viu a multidão, Jesus subiu à montanha.’

19. hau mai atu hasai **tiha** ukun-fuan
 1sg vir IRR remover PERF comando
 no profeta sira
 e profeta PL

‘Eu vim para destruir leis e profetas.’

20. imi hela **lai** ihanee. hau sei baa iha nebaa

2pl ficar PON aqui 1sg FUT ir lá

halo orasaun

fazer oração

‘Vós fiqueis aqui. Eu irei até lá para orar.’

21. nia hanorin **daudauk** buat nee, bainhira nain=nia

3sg pensar PROG coisa este quando senhor=POS

anzu mosu ba nia iha mehi

anjo aparecer para 3sg LOC sonho

‘Ele estava pensando nisso, quando um anjo do senhor apareceu para ele em seu sonho.’

22. lao **daudauk** tuir tasi-ibun Galileia nian,

andar PROG ao.longo litoral Galileia POS

nia haree maun-alin rua

3sg ver irmãos dois

‘Andando ao longo da costa do mar da Galileia, ele viu dois irmãos.’

23. hau **sei** halo kafee mai ami

1sg FUT fazer café para 1exc

‘Eu farei café para nós.’

24. efeito sira husi krize **sei** sente nafatin

efeito PL ABL crise FUT sentir ITE

iha timoor rai

LOC timor terra

‘Os efeitos da crise serão sentidos continuamente em terras leste-timorenses.’

3 – Considerações finais

Este trabalho analisou os seguintes elementos ecológicos e não ecológicos no sistema linguístico do Tetun: a causalidade, os pronomes pessoais, a marcação de posse, a expressão de tempo e a marcação TMA. De acordo com as evidências apresentadas na análise é que a interpretação desses elementos considerados na teoria ecolinguística como não ecológicos pode ser feita como parcialmente ecológicos, já que a gramática Tetun possui alguns desses elementos como uma memória dos estágios anteriores da língua onde ocorreram sucessivas adaptações a inserções de novas espécies linguísticas, o malaio e o português, que desequilibraram o meio ambiente das línguas de Timor-Leste, além de que ocorreu também a mudança de meio ambiente de Lifau para Dili.

De acordo com Fill (2001), entre as tarefas da ecolinguística na atualidade estão: verificar quais são os elementos ecológicos e não ecológicos, como se distribuem e se manifestam nas línguas do mundo, quais são as línguas, áreas e regiões onde esses elementos estão mais presentes.

Assim, o presente trabalho teve objetivo de contribuir tanto para os estudos ecolinguísticos, como para um melhor conhecimento sobre as línguas de Timor-Leste, principalmente sobre aspectos da endoecologia linguística da língua Tetun, já que os estudos de ecolinguística de Timor-Leste estão apenas em seu estágio inicial. Desta maneira, espera-se que futuramente a pesquisa ecolinguística em Timor-Leste possa revelar mais aspectos importantes a respeito deste ecossistema linguístico que ainda está por ser estudado.

CAPÍTULO 10.

A ECOLOGIA DA MUDANÇA LEXICAL DO PORTUGUÊS EM TIMOR-LESTE

Introdução

Um dos trabalhos pioneiros sobre o PTL foi de Thomaz (1974) no qual o autor faz uma análise sócio-histórica e linguística da presença da língua portuguesa em Timor-Leste. Mais de duas décadas depois, o autor retoma seu trabalho, desta vez dedicando-se especificamente ao estudo do léxico do PTL e a elaboração de um glossário de vocábulos específicos dessa variedade (THOMAZ 1995). Thomaz (1995) denomina de elementos luso-timorenses lexemas de origem lusófona que sofreram algum tipo de mudança linguística, em sua maioria de natureza fonético-fonológica ou semântica, ou tratam-se de retenções do léxico quinhentista lusófono. Essas retenções do léxico do PTL, que consiste em um conjunto de arcaísmos, se convencionou denominar de ‘retenções quinhentistas’ (CARVALHO, 2001). Algumas dessas retenções são únicas do PTL, enquanto outras são encontradas nos crioulos portugueses vizinhos e até em algumas variedades da língua portuguesa na África. As mudanças semânticas que ocorreram no PTL também serão analisadas aqui. Foi observado nos dados que há a predominância da metáfora e metonímia, porém foram encontrados os demais tipos.

O léxico na ecolinguística, de acordo com Couto (2007, p. 188), pode ser definido como “o inventário de rótulos que os membros da Comunidade criaram para os aspectos do

MA que consideraram relevantes no processo de sua adaptação a ele e dele a si mesmos, bem como deles uns com os outros”, ou seja, os indivíduos que habitam um ecossistema, em um primeiro momento, selecionam uma série de elementos com que interagem (este primeiro momento é a organização da semântica da língua) e, em uma fase posterior, começam a dar nome a esses elementos. O léxico de uma língua é formado a partir desta nomeação dos elementos selecionados no ecossistema social da língua, assim o “léxico seria a rotulagem para conceitos já formados socialmente” (COUTO, 2007, p. 196).

Deve-se ter em mente que na abordagem ecolinguística “A **semântica** é a delimitação e segmentação diferenciada (específica) da realidade (MA). O **léxico** é a rotulação afixada aos domínios delimitados e segmentados pela semântica (...)” (COUTO, 2007, p. 196). Assim, ontogeneticamente, o léxico é formado e desenvolvido a partir das interações entre o indivíduo e o ecossistema, podendo também vir a ser modificado caso o ecossistema ou a natureza das interações seja alterada. Por isso que Couto (2007, p. 196) chama atenção para o seguinte: “Sempre um fato ou coisa surge e desperta o interesse coletivo, recebe um nome. (...) O fato é que sempre que se identifica um referente de interesse (positivo ou negativo) comunitário, os membros de P acabam encontrando um meio de se referirem a ele”. De uma perspectiva filogenética, há, primeiramente, as interações entre indivíduo e ecossistema, depois estas interações precisam ser compartilhadas pelos demais membros da comunidade (P), em seguida ocorre a seleção, que faz parte da semântica, que também precisa ser compartilhada do indivíduo para P e somente após estes processos é que surge o léxico.

Basicamente, a semântica, na teoria ecolinguística, é a língua encarada como sendo a percepção do ser humano a respeito do mundo. Assim, é possível analisar três possibilidades de interação, percepção e construção de significados, que se trata das diferentes formas com que a realidade pode ser delimitada e segmentada para posteriormente ser nomeada no léxico (COUTO, 2012b). A primeira, o EU, o indivíduo, toma seu próprio corpo como referência,

sendo delimitados aspectos da realidade, como: diversas demarcações espaciais; marcação de noções de tempo, que acabam sendo derivadas dessas demarcações espaciais elaboradas pelo indivíduo; nomeação certos objetos também derivados de suas respectivas posições no espaço. A segunda, o EU assume como referência um objeto a sua frente e tudo aquilo que se relaciona a este objeto, delimitando o seguinte: outras relações espaciais distintas, assim como as temporais derivadas destas; noções de movimento; surgimento de pronomes, diferenciando o EU do TU; e surgimento de vários dêiticos, para marcar espaço, tempo, pessoa, entre outras. A terceira, o EU se posiciona em relação ao mundo visível, possibilitando: a denominação de vários objetos do mundo; de relações mais abstratas, principalmente entre objetos distintos; nomes de elementos naturais em geral, como corpos celestes, seus movimentos e fases, pontos cardeais, dias e estações do ano etc.

Desta maneira, a visão ecolinguística do léxico e da semântica é predominantemente evolucionária e interacional, enfatizando interações do indivíduo com o ecossistema natural, social e mental e as adaptações que ocorrem nessas mais variadas interações.

De acordo com a abordagem da linguística ecossistêmica (COUTO, 2012a, 2013b), as mudanças semânticas ocorridas no PTL são encaradas como adaptações do falante e da língua, como espécie biológica parasita (MUFWENE, 2001, 2008), ao ecossistema linguístico local de Timor-Leste, principalmente em relação a aspectos do ecossistema natural, e, em menor escala, ao ecossistema social. Já as retenções quinhentistas serão consideradas como um traço específico do processamento cognitivo da língua portuguesa pelos falantes leste-timorenses, ou seja, como um aspecto do ecossistema mental da língua, assim como a origem e difusão dessas retenções se deram a partir do modelo evolucionário proposto por Mufwene (2008).

Assim, essas características do léxico do PTL, que serão analisadas separadamente, já são evidências suficientes para o argumento da existência dessa variedade linguística.

Somadas a elas, há também empréstimos de línguas nativas, com a preponderância da língua Tetun, sendo estes chamados de elementos tetunófonos, e outros empréstimos de línguas estrangeiras vizinhas, a saber: malaio, chinês e japonês.

Desta maneira, esta seção se organiza da seguinte maneira: em (1) serão analisadas as retenções quinhentistas do léxico do PTL, seguidas pelas mudanças semânticas, em (2); em (3) serão discutidas as influências das línguas locais; e, em (4), serão apontados e discutidos os empréstimos de outras línguas existentes no PTL.

1 – Retenções quinhentistas

O PTL mantém várias formas do léxico do português quinhentista, principalmente nas variedades faladas em zonas rurais isoladas e no enclave de Oecussi, conforme foi atestado por Carvalho (2001). Segundo Carvalho (2002/2003), na elaboração de um corpus do português falado no distrito de Lautém (zona rural relativamente isolada no extremo leste da ilha, ver mapa 2 anteriormente) e em Oecussi, a autora verificou uma alta ocorrência dessas formas lexicais quinhentistas. Nos dados linguísticos coletados em pesquisa de campo pelo presente autor, que além de corroborarem com as conclusões anteriores da linguista, foi possível identificar o uso desses lexemas em zonas urbanas, porém com menor frequência. Essas formas do léxico do PTL também foram atestadas no português falado em áreas vizinhas próximas a ilha de Timor, principalmente na ilha de Flores. Basicamente, consistem em lexemas do português falado no século XVI, quando os colonizadores europeus iniciaram as navegações, chegando ao continente asiático. No PE atual, estes lexemas não são mais usados, ou sofreram mudanças semânticas.

Seguem alguns exemplos dessas formas do PTL com seus respectivos significados e alguns comentários:

25. Exemplos de retenções do léxico quinhentista:

carreta: ‘carro’ usado também com o significado de ‘arado’ e ‘qualquer tipo de aparelho puxado por tração’ seja ela animal ou mecânica;

formosura: ‘beleza’, contrastando com a palavra *belo*, que em PTL é empregado como antropônimo masculino, e *bonito(a)* que faz referência a beleza de alguém, porém com conotação sexual e/ou desrespeitosa;

tranqueira: ‘casa com cerca fortificada, ou somente a cerca’, ainda nome de um bairro português de Malaca (*Trankeira*);

regatear: ‘pechinchar’;

gentio: ‘timorense não praticante do catolicismo’, referindo-se à população rural que mantém práticas rituais animistas, ou à pequena parcela da população que pratica o budismo;

saugate ‘dar’, esse lexema também foi atestado por Carvalho (2002/2003) no PM na forma *sagate*;

açafate ‘cesto arredondado e baixo’, aparentemente algumas variedades do português apresentam esse lexema com mesmo significado;

tabaqueira ‘recipiente artesanal para guardar cigarros’ do PE *tabaco* ‘cigarro’;

chumaço ‘almofada, travesseiro’;

tacho ‘tipo de frigideira chinesa’;

cravo ‘brinco pequeno’ por metonímia *cravo* ‘tipo de prego usado para fixar objetos grandes’.

As retenções quinhentistas (CARVALHO, 2001, 2002/2003) é um termo usado para se referir a lexemas que têm suas origens no português falado no século XVI, o português quinhentista, e levado para as colônias. O que justifica a manutenção de apenas alguns lexemas do português quinhentista, ou seiscentista, no PTL é o modelo evolucionário de Mufwene (2001), em que os falantes leste-timorenses, por meio do processo de competição e

seleção dos traços existentes no fundo de traços do português, selecionaram apenas alguns lexemas, tendo em mente a adaptação às mudanças ecológicas que ocorreram, principalmente em relação ao transplante da língua portuguesa para um novo ecossistema linguístico, a ilha de Timor e suas ilhas vizinhas, que é bem distinto do ecossistema linguístico onde ela era falada originalmente.

Segundo Mufwene (2008), o processo de competição e seleção parte dos indivíduos, daí a importância ontogenética na formação das línguas, já que para se adaptar às mudanças ecológicas no meio ambiente, cada indivíduo faz escolhas distintas no fundo de traços, que passam a se realizar no idioleto. Vale lembrar que tais escolhas realizadas pelos indivíduos têm como base a seleção prévia, a semântica, de quais elementos do ecossistema merecem ser nomeados. Posteriormente, o movimento populacional e o contato interidioletal gerará a competição entre os traços e somente aqueles mais aptos prevalecerão e serão dispersos para os demais falantes. Assim, é possível afirmar o mesmo para o PTL, o processo de seleção e competição de traços, neste caso de traços lexicais, se iniciou em um momento anterior à origem dessa variedade da língua portuguesa, que provavelmente veio trazida da ilha de Flores para Timor (ALBUQUERQUE, 2013), no século XVIII. A partir do movimento populacional tanto de uma ilha para outra (Flores para Timor), como dentro da ilha de Timor (de Lifau para Dili e Manatuto, destes dois distritos para os demais), ocorreu o contato interidioletal que moldou o PTL como ele se encontra atualmente.

Outra análise ecológica das retenções quinhentistas pode ser feita com base na proposta de Makkai (1996) e Couto (2007), já mencionada anteriormente, das formas ativadas, não ativadas/inativadas, reativadas e desativadas. As formas ativadas do léxico PTL são as que se encontram em uso pelos falantes, conforme foram registradas nos dados coletados em campo. As formas inativadas são as que estão de acordo com as regras sistêmicas do PTL, porém não são usadas. Digno de nota é que o estudo destas formas em

PTL revela-se difícil, já que, como o *continuum* de variação é amplo, isso gera nos falantes leste-timorenses graus diferentes no julgamento de gramaticalidade e de aceitabilidade. Assim, aplicando a proposta evolucionária de Mufwene (2001) às formas inativadas, é possível afirmar que elas ainda estão no processo de competição, com diversas formas convivendo, não sendo alcançada, até os dias atuais, a fase de seleção. Finalmente, as retenções quinhentistas do PTL podem ser encaradas como formas desativadas somente de um ponto de vista de um pesquisador falante/conhecedor de outras variedades da língua portuguesa ou do português padrão pelo fato de as retenções existentes em PTL, sendo algumas apontadas e analisadas abaixo, são formas que foram desativadas, ou seja, deixarem de ser empregadas pelos falantes somente de outras variedades e não pelos falantes de PTL. Em outras palavras, tendo uma visão endoecológica das retenções quinhentistas, elas não são formas desativadas, mas formas ativas, pois nunca deixaram de ser empregadas pelos leste-timorenses.

Em suma, as retenções quinhentistas são lexemas que despertaram o interesse de P na época, no século XVI e anteriores, em que a língua portuguesa era falada em seu ecossistema local, no caso Portugal, mas que com o passar do tempo tornaram-se formas desativadas, já que ao passar o período de adaptação, finalizando a seleção de traços, estes lexemas se revelaram não sendo mais relevantes para os AICs. De maneira distinta, alguns lexemas da língua portuguesa, que foi trazida para um novo ecossistema local, o de Timor-Leste, ainda se mantêm ativos no PTL, pelo fato de os conceitos a que os falantes se referem serem pertinentes ao EFL de Timor-Leste até a atualidade.

2 – Mudanças semânticas

As mudanças semânticas ocorridas no léxico do PTL podem ser classificadas em grupos diferentes. De acordo com a teoria linguística, principalmente com base no trabalho de

Ullmann (1964), as mudanças semânticas mais comuns são a metáfora e metonímia. Em certa medida, a extensão e a restrição semânticas podem ser consideradas como subtipos dessas mudanças. Quando se analisa dados de diferentes povos, outros conceitos mais recentes também servem para descrever certas mudanças semânticas que afetam o léxico de uma língua. No caso do PTL, são eles: a substituição por tabu e o contato de línguas.

Assim, o PTL acaba por ter vários processos de mudanças semânticas, são eles: extensão semântica (*amo, serviço*); restrição semântica (*colega, morador*); metáfora (*força, malandro*); metonímia (*argolinha, cravo*); substituição por tabu (*estilo*) e influência do contato de línguas (*bazar, mapa*). Seguem alguns exemplos encontrados nos dados e suas respectivas análises:

26. Exemplos de mudanças semânticas:

amo ‘padre católico’ o lexema *amo* serve como base para compostos no PTL e no Tetun Prasa, como *amo-bispo* ‘bispo’ (Tetun Prasa *amu-bispu*), *amo-papa* ‘papa’ (Tetun Prasa *amu-papa*) e *amo-lulik* ‘autoridades do clero’ (Tetun Prasa *amu-lulik*);

serviço ‘profissão, trabalho, trabalhar’, por extensão semântica este lexema passou a significar qualquer atividade feita, sendo ela remunerada ou não, ofícios, entre outros;

valor ‘resultado dos exames escolares’ provavelmente uma extensão semântica do significado do lexema *valor* aplicado ao ‘valor das notas escolares’ e, assim, aos ‘resultados dos exames’;

bazar ‘mercado popular, feira’ (do persa, via malaio), restrição semântica do significado apenas à ‘feira’, já que o lexema *mercado* é que refere-se a ‘supermercados’ ou ‘estabelecimentos maiores de vendas’;

colega ‘tratamento entre amigos íntimos de mesma idade, ou de idade aproximada’, este lexema sofreu restrição semântica, já que se refere apenas a um tipo específico de amizade;

morador ‘milícia nativa, membro dessa milícia’, este lexema sofreu tanto restrição semântica, deixando de significar ‘aquele que mora’ e passando a significar apenas ‘milícia nativa’, quanto por elipse passou a se referir também aos ‘membros da milícia’;

mestre ‘professor de escola’, em oposição a *docente* ‘professor universitário’, ambos sofreram restrição semântica;

aluno(a) ‘estudante em nível escolar’, em oposição a *estudante* ‘estudante universitário’, assim como o exemplo anterior, os lexemas do campo semântico da educação formal acabaram por sofrer restrição semântica em Timor-Leste;

força ‘potência sexual’, a ‘força física’ acaba, por metáfora, a significar a ‘força ou desempenho sexual’;

malandro ‘indivíduo mulherengo’, o atributo ‘malandragem’ por metáfora é usado para se referir ao ‘homem que possui ou corteja muitas mulheres’;

argolinha ‘tipo de brinco em forma de argola’, por metonímia *argola* devido a semelhança da forma passou a designar ‘brinco’, diferencia-se do *cravo* exatamente pelo formato;

cravo ‘brinco pequeno’ por metonímia o lexema *cravo* refere-se aos ‘pregos’ ou ‘ferrolhos’, utilizados em objetos grandes, assim como a um ‘pequeno brinco’ que tem um formato semelhante;

estilo ‘cerimônia tradicional de sacrifício de animais’;

mapa ‘mapa, pasta’, em PTL *mapa* significa também ‘pasta’ por influência do lexema *bahasa indonesia map* ‘pasta’;

irmão [‘ma.un] ‘forma de tratamento para irmão ou amigo mais velho’, o mesmo acontece com *irmã* [‘ma.na] como forma de tratamento para se referir as mulheres. Em ambas as formas é evidente: a redução fonética da sílaba inicial de *irmão/irmã* > *maun/mana* e a desnasalização da sílaba final;

condutor ‘motorista de carro’, neste lexema ocorre restrição semântica, enquanto o lexema *motorista* ‘motorista somente de moto’ pode ser analisado por analogia de *motor*, *motorizada* ‘moto’ > *motorista* ‘aquele que conduz a motorizada’ por extensão semântica.

A análise ecológica das mudanças semânticas efetuada aqui se concentra no processo de adaptação e de evolução do PTL no ecossistema linguístico local de Timor-Leste. Assim, há lexemas que se formam como adaptação dos falantes ao ecossistema social da língua, como *amo* e *gentio* (considerado uma retenção quinhentista) que estão relacionados à crença católica predominante no país, e também outros que se relacionam indiretamente com a religião católica, como *força*, *malandro* e *estilo*, que surgem como uma mudança condicionada por tabu, já que são temas condenados pela igreja, como o sexo e sacrifício de animais, respectivamente. O mesmo é válido para as formas de tratamento, como *maun/mana* e *colega*, já que no ecossistema social da língua estas relações precisavam de modificação pelo fato de as formas de tratamento em Timor-Leste serem distintas das utilizadas no português padrão.

As mudanças semânticas condicionadas pelo contato de línguas/povos podem ser consideradas como um traço do EFL, pelo fato de estarem relacionadas com os três ecossistemas existentes: o ecossistema social, natural e mental da língua. Assim, as mudanças que ocorreram em lexemas como *mapa*, *valor*, *bazar*, entre outros, estão relacionadas com uma série de fatores envolvidos no contato de línguas: a história, o comportamento e características culturais dos povos envolvidos (ecossistema social); o processamento, armazenamento e realização das mudanças linguísticas específicas (ecossistema mental); fatores biológicos, geográficos e ambientais que possibilitaram o contato (ecossistema natural).

Finalmente, os dois processos principais da mudança semântica, a metáfora e a metonímia, em lexemas como *malandro*, *argolinha*, *cravo*, entre outros, além de serem encadeados pela adaptação às modificações no ecossistema, principalmente no ecossistema social da língua, são efetuados e processados no cérebro do falante, o ecossistema mental da língua, ocorrendo tanto processos já reconhecidos, como na metonímia, em que há a relação parte-todo, como também processos mais complexos, como na metáfora. Vale lembrar das palavras de Couto (2007, p. 195), que afirma o seguinte:

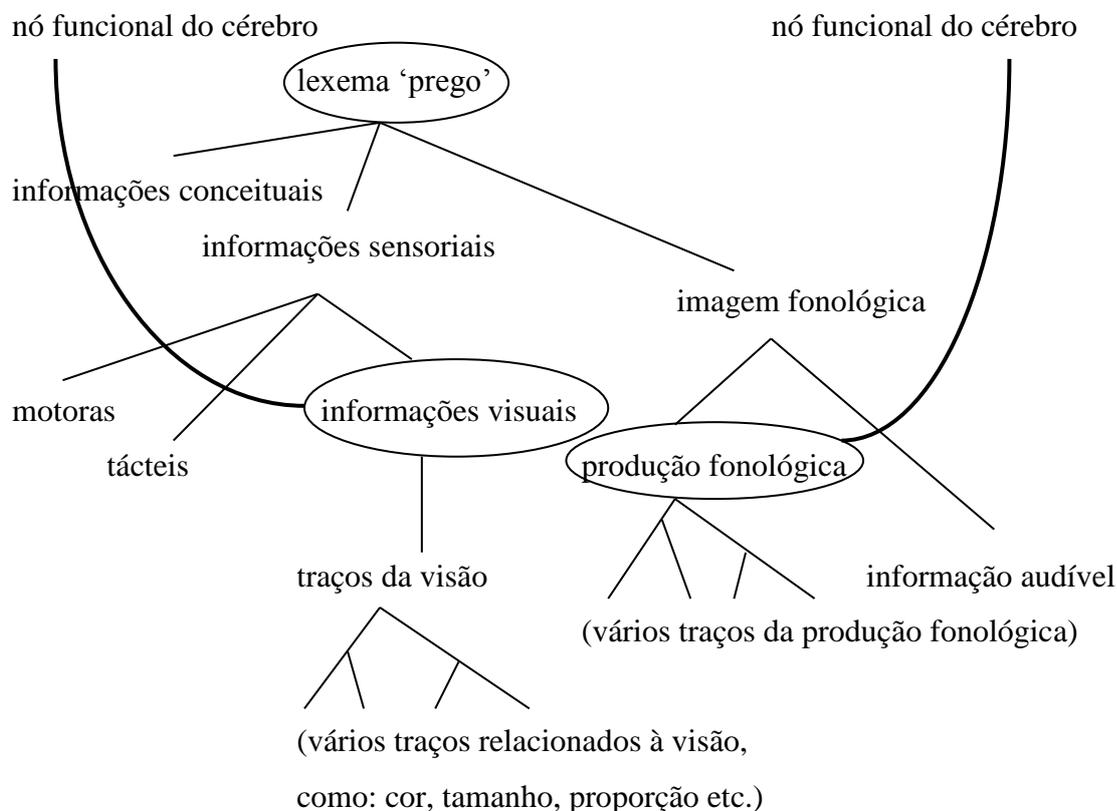
Cada lexema (unidade do léxico) designa aspectos do MA (físico, mental, social) percebido individualmente e compartilhado comunitariamente. O léxico é, portanto, o elenco de experiências coletivas de P. Ele começa na experiência sensorial dos indivíduos que compõem P. Para uma comunicação mais simples, apenas ele (léxico) é suficiente.

Assim, o lexema como se inicia com a experiência sensorial do indivíduo com o meio ambiente, é possível argumentar que se trata de uma relação entre o ecossistema mental e o ecossistema natural, fazendo parte do ecossistema social da língua somente quando está estabelecido e passa a ser compartilhado pelos vários membros de P. A seguir, serão discutidos os processos que ocorrem nos ecossistemas em relação à metonímia e à metáfora.

Na metonímia, há a predominância da relação de substituição, com a seleção de um traço específico para ser vir como parâmetro. No ecossistema mental do falante ocorre uma série de processos, conforme será apontado a seguir: o lexema ‘prego’ > diferentes informações sobre o lexema > informações conceituais > informações sensoriais > imagem fonológica > estabelecimento de uma relação > seleção de uma informação para relação: informação visual > seleção de uma parte do prego para expressar a relação prego-brinco > semelhança na forma prego-brinco > ativação do nó cerebral de informação visual > denominação de um item lexical por outro > ‘brinco pequeno’ por ‘cravo’. Vale lembrar que este processo não é unidirecional nem hierárquico, mas ocorre por meio de uma rede de

processamento neurocognitivo, que pode ser representada de acordo com a fig. (9) abaixo, baseada em Lamb (1999):

FIGURA 9. Representação mental do lexema



Com o que foi exposto, há uma série de processos no ecossistema mental do falante, organizado de acordo com a fig. (9) acima e explicados anteriormente, que são desencadeados pelo ecossistema natural, no caso do lexema 'prego', especificamente pelas 'informações visuais'. Na metáfora, ocorrem processos semelhantes, porém com a predominância da comparação e a seleção do parâmetro em comum entre os dois lexemas para comparação concentra-se na informação conceitual.

Os processos do ecossistema mental estão relacionados com o ecossistema mental por um dos nós do cérebro: o nó de informação sensorial ou o nó de produção fonológica. A informação sensorial consiste em qualquer estímulo que o ecossistema natural pode enviar ao cérebro do falante, sejam motores, tácteis e/ou visuais. A produção fonológica consiste tanto, por parte do ser humano, nas limitações na produção dos sons da fala, bem como limitações

na audição de diferentes sons, como também no processamento dos mais variados sons existentes no meio ambiente. Isso faz com que o léxico e a semântica sejam formados a partir desses dois ecossistemas de acordo com os movimentos já apresentados e que serão discutidos nos dados abaixo.

Assim, há a possibilidade de duas interações com o ecossistema natural, por meio de informações visuais ou informações audíveis. Na primeira, o indivíduo recebe a informação visual do ecossistema natural e, através de sua experiência com o meio ambiente, faz associações mentais entre as diferentes informações sensoriais. Caso o elemento do ecossistema natural (um ser vivo, um objeto, uma relação etc.) tiver relevância para o ecossistema social, este será nomeado, o ‘lexema’, por meio da produção fonológica. Os processos mentais percorrem o caminho ‘traços da visão’ > ‘informações sensoriais’ > ‘informações motoras e tácteis’ > ‘lexema’ > ‘produção fonológica’ > ‘nó cerebral’. A outra possibilidade é o indivíduo interagir através de uma informação audível com o ecossistema natural. Caso esta informação audível seja importante no processo de adaptação ao meio ambiente, o indivíduo dará um nome a ela e a associará aos demais tipos de informações: conceituais e sensoriais. Desta maneira, o caminho percorrido será o inverso ao processo anterior: ‘informação audível’ ou ‘produção fonológica’ > ‘imagem fonológica’ > ‘lexema’ > ‘informações conceituais e sensoriais’ > ‘informações motoras e tácteis’ > ‘informações visuais’ > ‘nó cerebral’.

De acordo com o que foi exposto acima, o léxico e a semântica se organizam no ecossistema mental por meio de interações iniciais com o ecossistema natural, e se estabelecem e se mantêm por meio de interações com o ecossistema social. Os processos mentais apresentados possibilitam a análise de qualquer lexema da língua, assim como a explicação da ocorrência das formas ativadas e desativadas.

3 – Empréstimos das línguas locais

Os empréstimos das línguas locais na formação do PTL são elementos fundamentais para melhor conhecimento dessa variedade. Porém, é notável a influência da língua Tetun, como língua franca local, língua mais falada pela população leste-timorense e, por isso,

escolhida para ser usada em certas atividades administrativas e missionárias. Desta maneira, em (3.1) serão analisados os empréstimos da língua Tetun existentes no PTL, e em (3.2) será comentada a pequena influência das demais línguas locais e os motivos de não terem afetados a língua portuguesa.

3.1 – Elementos tetunófonos no PTL

A língua Tetun, somados os falantes de L1 e L2 das diferentes variedades, é a língua mais falada na República Democrática do Timor-Leste. As duas principais variedades da língua são o Tetun Prasa e o Tetun Terik. O Tetun Terik é falado em zonas rurais mais isoladas (distritos de Suai e Viqueque) e mantém várias retenções da proto-língua. Já o Tetun Prasa é a língua oficial de Timor-Leste, ao lado do português, e é usada como língua franca entre os diferentes grupos etnolinguísticos em grande parte do território da ilha de Timor, desde um período anterior ao século XVII (ALBUQUERQUE, 2009; THOMAZ, 2002).

Devido a sua posição prestigiada na sociedade leste-timorense, o Tetun Prasa aparentemente é a única língua nativa de Timor-Leste que influenciou o português lá falado. Os elementos tetunófonos no PTL podem ser classificados em duas formas distintas de acordo com a frequência de suas realizações: a primeira é a classe de itens culturais leste-timorenses usados com maior frequência pelas subvariedades do PTL; a outra se limita a subvariedades mais rurais e a falantes não escolarizados, que realizam certos lexemas em alternância de código, entre o PTL e o Tetun Prasa.

A classe composta por itens culturais leste-timorenses, que não são traduzíveis de maneira exata para a língua portuguesa, possui diversos lexemas oriundos da língua Tetun e que fazem parte da fala cotidiana do PTL, entre eles:

27. Elementos culturais tetunófonos em PTL:

tais ‘pano tradicional, ou vestimenta feita com este pano’, o *tais* em forma de faixa para ser usada em volta do pescoço é um símbolo nacional e ofertado em cerimônias como presente a uma pessoa homenageada;

liurai ‘rei, régulo, chefe’;

suco ‘divisão nativa de pequenos territórios, vila’;

tua ‘vinho de palmeira’, o vinho de palmeira de origem nativa possui dois tipos: *tua-sabun* ‘vinho de palmeira incolor com alta concentração de álcool’ e *tua-mutin* ‘vinho de palmeira de cor branca (similar ao leite) com baixa concentração alcoólica’;

alin ‘forma de tratamento para se referir a pessoas mais novas’ em Tetun Prasa *alin* é o termo de parentesco para ‘irmão mais novo’;

dató ‘nobre, ou qualquer pessoa de classe social prestigiada’;

bua ‘substância para mascar feita de cal e noz de areca secos, enrolada na folha de betel (*Piper betle*)’;

lulik ‘objeto ou local sagrado para as religiões nativas’, como *uma-lulik* ‘casa sagrada’, mas também adaptado à religião católica: *amo-lulik* ‘autoridades do clero’;

suko ‘divisão territorial nativo, similar a aldeias ou vila’.

Devido ao intenso contato recentemente entre Portugal e Timor-Leste, com um grande número de acordos sendo assinados entre os países e um fluxo de migração entre a população de ambos, o PE falado também apresenta alguns desses lexemas do PTL de origem tetunófona, como *tais*, *tua*, *liurai* e *suco*. Vale ressaltar que na bibliografia de autores portugueses sobre Timor há esses empréstimos registrados.

A outra classe de lexemas tetunófonos é usada principalmente pela população falante de PTL oriunda das zonas rurais, ou seja, localizada na extrema direita do continuum de variação do PTL. No caso de falantes de zonas rurais e de pouca escolaridade, a realização do

PTL é marcada por alternância de certas estruturas, lexicais e morfossintáticas, do Tetun Prasa e do indonésio. Dessa forma, o falante possui sua L1 (uma das línguas nativas de Timor-Leste) e adquire em situação de diglossia o Tetun Prasa e/ou o indonésio, tornando-se um indivíduo bilíngue ou multilíngue, fazendo com que o falante transfira certas características de sua L1 ou L2 para o português falado por ele. Em Thomaz (2002), o autor chegou a identificar alguns itens lexicais do Tetun Prasa empregados com mais frequência no PTL, no que o autor chamou de ‘situações familiares’:

28. Lexemas usados nas situações familiares:

Vários dos lexemas culturais citados, como: *tais*, *liurai*, *tua*, *tua-sabun*, *tua-mutin*, *lulik*, *suko*; *malae* ‘palavra pejorativa para estrangeiro, gringo’;

feto ‘mulher’;

nonoi ‘menina’;

osan ‘dinheiro’;

kóta ‘bairro’

labarik ‘criança’

Assim, as ‘situações familiares’ consistem em situações informais, quando o falante leste-timorense, pertencente aos grupos sociais mencionados anteriormente (zona rural e não escolarizada). Assim, quando necessita interagir em língua portuguesa, já que para este falante o PTL não faz parte das interações no ecossistema em que habita e, por isso, um grande número de lexemas do português não faz parte de seu ecossistema mental, fazendo com que o falante preencha tal lacuna na fala com outros lexemas. No exemplo abaixo, em (29), o falante ao não saber empregar o lexema lusófono *livro*, faz uso do lexema *buku*, em indonésio, e *book*, em inglês:

29. El pégo: ... péga: ... buku ... e: péga book ... (*emite um som*) péga libru, libru.

El péga libru.

Em (29), o falante faz uso das estratégias conversacionais de hesitação e repetição como uma forma para aumentar seu tempo de processamento de fala e realizar a seleção lexical correta para aquela interação (MARCUSCHI 1996, 2006), que é a utilização do léxico lusófono, do lexema *livro*, realizado como *libru*.

De maneira distinta, no exemplo (30), o pesquisador (D) ao interagir com um indivíduo leste-timoreense (indivíduo 1), com quem possui intimidade, e em uma situação familiar, ambos fazem uso do lexema tetunófono *ema-boot* em alternância com o equivalente em português ‘pessoa importante, pessoa muito importante’:

30.

D: Ah, lembrei! Conheci ele, sim! Ele é **muito importante**, não é? Quando eu conheci ele, ele mesmo falou que só falava com peixes grandes...

(*ambos riem*)

Indivíduo 1: (*continuando a rir*) sim, ele é assim, é porque tem **cargo grande, função importante**. Ele é **pessoa muito importante**, ele **ema-boot**...

D: (*também rindo*) sim, exatamente, do jeito que ele se comporta é **ema-boot** mesmo!

Assim, não há emprego da hesitação, pois não há sentimento de insegurança linguística na interação ocorrida, porém a repetição, conforme já estudou Marcuschi (1996, 2006) possui várias formas e funções, destacando-se aqui que no excerto do diálogo apresentado anteriormente, em (30), a repetição foi empregada para facilitar a compreensão (por meio da intensificação do item lexical discutido), a organização tópica (ao introduzir um tópico, delimitá-lo e mantê-lo na conversação) e a interatividade (ao deixar clara a expressão de opiniões pessoais e incorporar sugestões do outro). Busquets (2007, p. 108) identifica essas duas estratégias, a hesitação e a repetição, como as mais utilizadas na modalidade oral do PTL.

Desta maneira, o que se observou nos dados coletados é que o uso desses lexemas tetunófonos está limitado a situações informais de fala e apresentou uma frequência maior no vocabulário básico da língua portuguesa, que parecia ter sido esquecido pelos falantes, ocorrendo, nesse caso, alternância linguística entre português e Tetun. Os falantes de PTL acabam por empregar na fala os fenômenos de hesitação e repetição como uma forma para auxiliá-los no processamento linguístico durante as interações.

3.2 – Demais línguas locais

De acordo com a descrição feita do ecossistema linguístico local, é possível afirmar que, com exceção da língua Tetun, as demais línguas nativas leste-timorenses não influenciaram o PTL. Além dos argumentos históricos e de contato, foi atestado, por meio do trabalho de campo, que a língua portuguesa possui um papel de pouca importância nas interações comunicativas fora dos centros urbanizados de Timor-Leste e o inverso também é válido, ou seja, as línguas locais dos grupos etnolinguísticos de zonas rurais, ou mais isoladas, não apresentam importância nas interações comunicativas que ocorrem nas zonas urbanas, já

que o português, o inglês, o indonésio e o Tetun Prasa é que são vistos pelos falantes leste-timorenses como línguas urbanas.

Nas zonas urbanas de Timor-Leste, há atuação das línguas: português, inglês, indonésio e Tetun Prasa, como já afirmado, tanto que essas línguas são encaradas pela população como línguas ‘urbanizadas’, em contraste com as demais línguas locais que são vistas por seus próprios falantes como línguas que ‘não são boas’, sendo aptas somente para a comunicação grupal, ou familiar. Vale ressaltar que esta é uma atitude comum do falante leste-timorense, que acaba por avaliar elementos da urbanização e da cultura ocidental como coisas boas, e os elementos culturais, rurais, locais e autóctones como coisas ruins, antiquadas, atrasadas, segundo a expressão em PTL são *coisas não boas*, em que essa separação ‘urbano x rural’ com os aspectos urbanos sendo prestigiados, enquanto os rurais, denegridos, parece já ser parte da cultura leste-timorense e se reflete linguisticamente, tanto nas regras interacionais, como nas regras sistêmicas do PTL e das demais línguas locais, como o Tetun e o Manbae (ALBUQUERQUE, 2012). Conforme foi descrito o ecossistema linguístico local de Timor-Leste, no capítulo anterior, isto também é um reflexo do EFL do país, já que os falantes leste-timorenses possuem uma visão dual de mundo, organizando-se socialmente de maneira dual, por meio de casamentos, famílias, clãs, diversos rituais, entre outros (ecossistema social); observando os fenômenos naturais como dualidades, vida x morte, criança x idoso, homem x mulher, dia x noite, sol x lua, entre outros, e dedicando práticas ritualísticas a tais fenômenos (ecossistema natural); pensando a língua e o comportamento humano também como dual (ecossistema mental). Assim, tal distinção ‘urbano x rural’ pode ser considerada como mais um traço da visão dualística dos leste-timorenses.

Todavia, no ecossistema linguístico local duas línguas chegaram a se destacar, além do Tetun, são elas: Manbae e Galolen. O Manbae pelo fato de ser a língua com o maior número

de falantes como L1 no país, ocupar uma vasta área na região central e também na época em que a capital foi transferida de Lifau para Dili, em 1769, a região de Dili ser falante originalmente de Manbae, tornando-se tetunófono somente com este movimento populacional. Assim, Esperança (2001) chama atenção para a importância de ser realizada uma pesquisa sobre a influência do Manbae sobre Tetun, já que durante o século XVIII os falantes de Manbae da região sofreram uma troca de língua e, conseqüentemente, transferiram traços de sua L1, o Manbae, para a L2 adquirida, o Tetun. O presente autor não encontrou empréstimos lexicais de origem Manbae no Tetun, somente registros de alternância de código em que os falantes bi- ou multilíngues trocavam em suas falas alguns lexemas em Tetun e Manbae, porém somente lexemas que eram cognatos austronésios muito próximos fonologicamente, como: Tetun *hakerek* ~ Manbae *akerek* ‘escrever’, Tetun *hanoin* ~ Manbae *anoin* ‘pensar’, entre outros. Porém, em Hull e Eccles (2001), os autores afirmam que o Tetun Prasa apresenta a consoante oclusiva bilabial /b/ no lugar da aproximante /w/ do Tetun Terik o apagamento da oclusiva glotal, também do Tetun Terik, como uma influência da língua Manbae sobre a língua Tetun, quando esta foi transplantada para a região daquela. Já a respeito da língua Galolen, há registros históricos de que após ter sido expulsa de Lifau, a administração portuguesa se fixou em Dili, mas houve interesse em se fixar em outra região, sendo escolhido um local logo após Dili, que coincide com o atual distrito de Manatuto, região falante de Galolen, onde se estabeleceram também colégios católicos. Sá (1961) chega a destacar a importância de uma vasta produção bibliográfica em Galolen, feita pelo padre Manuel Maria Alves da Silva no final do século XIX, incluindo dicionário, gramática, catecismos, cartilhas e traduções. Porém, até o momento não foram encontradas influências do Galolen nas línguas vizinhas, nem no Tetun Prasa.

Desta maneira, ficou evidente que mesmo com o Manbae e o Galolen se destacando localmente por motivos linguísticos e extralinguísticos, essas duas línguas em nenhum

momento chegaram a influenciar diretamente a língua portuguesa e a formação do PTL. Por isso, não há dados de empréstimos nem de uma, nem de outra língua em PTL, bem como das demais línguas locais, excetuando a língua Tetun, já analisada anteriormente.

4 – Empréstimos de outras línguas

Entre os povos estrangeiros que tiveram contato com os grupos etnolinguísticos leste-timorenses e que deixaram suas marcas culturais e linguísticas na ilha foram os malaios, chineses e japoneses. Essas influências estrangeiras identificadas nas línguas nativas de Timor-Leste, principalmente no léxico, foram identificadas por Thomaz (1974, 1995, 2002), Esperança (2001) e Albuquerque (2011b, 2012b).

O PTL apresenta pouca influência das línguas estrangeiras mencionadas, possuindo apenas um pequeno número de empréstimos, excetuando o malaio, e que não surgiram no PTL via contato direto com esses povos, mas de maneira indireta, via língua Tetun, ou via língua indonésia, em empréstimos mais recentes. Vale lembrar que alguns empréstimos, principalmente do chinês e do japonês, apareceram nos dados coletados somente uma vez ou poucas vezes, ou seja, com frequência baixíssima e limitando-se a falantes idosos, não escolarizados e de zonas rurais isoladas.

Em (4.1) será analisada a influência do malaio que, sem dúvida alguma, foi a língua que mais influenciou o ecossistema linguístico local, devido ao histórico de contato entre os povos. Em (4.2) e (4.3), serão apontados e analisados os poucos empréstimos encontrados do chinês e japonês, respectivamente.

4.1 – Malaio

Os povos falantes de malaio não eram unificados. Na realidade, esses povos estavam espalhados por uma vasta região do sudeste asiático e eram organizados socialmente de

diversas formas, desde as pequenas vilas até os grandes sultanatos. O malaio desenvolveu-se através de sua variedade pidginizada, conhecida como *Pazar Melayu* (malaio de bazar), cujos primeiros registros escritos datam do século VII da era cristã, assim como no século XV há registros do *Pazar Melayu* apresentando variação dialetal e estas variedades sendo usadas como língua de comércio por toda a região (VERSTEEGH, 2007). Esses povos malaios tiveram contato intenso com os habitantes da ilha de Timor desde o século XV (HULL, 2001), afetando o ecossistema linguístico local, conforme foi descrito no capítulo anterior, e influenciaram as línguas e culturas locais, assim como foram catalisadores de diversas mudanças linguísticas.

Posteriormente, essas variedades do malaio de bazar tornaram-se L1 de vários povos do arquipélago indonésio devido a grande influência e circulação durante os séculos citados, entre as regiões que se tornaram língua materna podem ser citadas: Malaio de Kupang, Malaio de Makassar e Malaio de Ambon, sendo Kupang uma cidade no lado oeste da ilha de Timor, e Makassar e Ambon ilhas vizinhas. Destaca-se também a importância que o Crioulo Português de Malaca, crioulo com o substrato malaio, assumiu durante os séculos seguintes da colonização portuguesa, século XVII em diante.

Outra influência do malaio em Timor-Leste, além das influências mencionadas anteriormente, foi já no século XX no período da invasão indonésia (1975-1999), via o a língua indonésia. Atualmente, essa variedade do malaio, o indonésio, também chamada de *bahasa indonesia*, que foi imposta à população é falada por uma parcela significativa da sociedade leste-timorense, assim como há uma geração inteira na faixa etária de 20-40 anos que foi educada e escolarizada usando o indonésio.

Dessa forma, os empréstimos malaios no PTL podem ser separados em duas classes distintas: uma classe formada por lexemas de profundidade histórica maior, que entraram na variedade do português provavelmente via língua Tetun, ou via CPMal e CPMac. A outra

classe consiste de lexemas que entraram recente no PTL, via indonésio, que se limitam a campos semânticos específicos ligados a invasão e a administração indonésia.

Vale reiterar que os lexemas malaios, assim como os demais analisados a seguir, chineses (4.2) e japoneses (4.3), ocorrem somente em variedades do PTL que estão em posição na extrema direita no *continuum* de variação do PTL. Somente no caso dos empréstimos de origem malaio/indonésia verifica-se também que os falantes estão em estágios iniciais de aquisição do português. Tais empréstimos não ocorrem em falantes que estão em estágios finais da aquisição ou que tiveram maior contato e/ou escolaridade em língua portuguesa.

Os exemplos de empréstimos do malaio e do indonésio se encontram separados, pelo fato de ser possível datar a maioria desses empréstimos nas línguas locais leste-timorenses, principalmente nos primeiros registros da língua Tetun, bem como nos crioulos portugueses asiáticos e no malaio-português. Assim, os elementos malaios são aqueles que já se encontram modificados pelo fato de terem sido emprestados às línguas leste-timorenses há séculos atrás e também pertencem a diferentes campos semânticos. De maneira distinta, os empréstimos indonésios são recentes e, por isso, não apresentam nenhum tipo de modificação linguística, mantendo-se idênticos a sua forma em indonésio, e também são de campos semânticos específicos: militarismo, alimentação e burocracia indonésia.

31. Lexemas malaios no PTL:

surat ‘documento, carta, papel’;

malae ‘palavra pejorativa para se referir a estrangeiros’;

barlaque ‘dote a ser pago no casamento’, do malaio (mem)beli ‘comprar’ e lelaki ‘homem’;

katuas ‘velho, ancião, marido, homem mais velho conhecedor de histórias e tradições antigas’, no malaio *katuas* significa apenas ‘velho’;

jambata ‘ponte’;

durbasa ‘tradutor, intérprete’ do malaio *juru* ‘encarregado, responsável’ e *bahasa* ‘língua’.

32. Lexemas do indonésio:

pangkat ‘hiperônimo das hierarquias militares’;

tentara ‘soldado indonésio’;

rakitan ‘tipo de arma de fogo caseira’;

bapa ‘termo de tratamento para homens indonésios’, o termo para mulher indonésia é *ibu*;

adat ‘tradições étnicas’;

catupa ‘arroz cozido em folhas de palmeira com tempero doce’;

sate ‘satê, pedaços pequenos de carne temperados e servidos em espeto’;

rendang ‘prato indonésio de carne com leite de côco e pimenta’;

bakso ‘sopa indonésia feita com vegetais e bolas de carne’;

padang ‘estilo indonésio de conservar o alimento pré-cozido através de uma técnica tradicional’;

nasi goreng ‘arroz frito’;

mie goreng ‘macarrão frito’;

warung ‘restaurante indonésio, ou qualquer outro tipo de estabelecimento comercial que vende comida oriental’, enquanto o lexema lusófono *restaurante* é usado para se referir a estabelecimentos com comidas ocidentais.

4.2 – Chinês

A população de origem chinesa influenciou mais os itens da cultura material dos povos leste-timorenses do que suas línguas. Isso ocorreu por uma série de fatores: o império chinês foi o primeiro a documentar seus contatos com os povos timorenses que datam do

século XIII (PTAK, 1983; ECCLES, 2004; ALBUQUERQUE, 2009); durante o período colonial houve intensa migração chinesa para ilha principalmente de origem Hokkien e de funcionários da administração portuguesa em Macau. Dessa maneira, a população chinesa em Timor-Leste, devido ao seu alto número, foi conquistando paulatinamente espaço nas esferas sociais, como: escolas iniciais para crianças chinesas; liberdade de prática religiosa, com a existência de um templo budista na capital, Dili; manutenção de outros hábitos culturais, além da religião, entre eles: alimentação, uso da língua, importação para venda e consumo de uma série de produtos chineses.

Os lexemas de origem chinesa em PTL possuem ocorrência mínima, sendo usados em variedades rurais não escolarizados e/ou por falantes com ascendência chinesa. Seguem alguns exemplos de empréstimos chineses totalmente adaptados à estrutura silábica do PTL:

33. Exemplos de empréstimos chineses em PTL:

panchon ‘fogos de artifício do tipo foguete para ser lançado ao chão’

dargon ‘jarra de chá, chaleira’

kusi ‘tipo de barril para carregar água’

pahén ‘homem velho, idoso’

kanku ‘hortaliça amarga base da alimentação leste-timorense (somada ao arroz)

4.3 – Japonês

A influência japonesa na ilha de Timor foi breve e, por isso, superficial, porém deixou algumas marcas na população leste-timorense, principalmente nos idosos da região rural que vivenciaram o período da invasão japonesa. O exército japonês invadiu *Timor Português* no início de 1942 e ficou com um contingente fixo de tropas na região até sua derrota no final da segunda guerra mundial, em 1945. O impacto da língua japonesa nas línguas faladas em

Timor-Leste poderia ter sido maior, se esta tivesse sido usada durante o período da invasão nipônica. Porém, por motivos de praticidade, segundo Carvalho (1972), o exército japonês usou a língua inglesa em seus documentos direcionados à administração portuguesa local, e provavelmente também a empregava para a comunicação com os residentes da ilha, tanto locais como estrangeiros.

O único contato intenso documentado entre os japoneses e os leste-timorenses ocorreu quando o exército nipônico, com dificuldades de dominar as partes mais isoladas do território de *Timor Português*, decidiu trazer para seu lado o *elemento indígena*. A vantagem de a população local trabalhar para os japoneses, estes conhecidos como *colunas negras*, eram várias, como o conhecimento do território e dos grupos etnolinguísticos, as técnicas de batalha usadas pelos leste-timorenses eram diferentes, entre outras.

Consequentemente, o impacto linguístico da língua japonesa no Tetun e nas demais línguas nativas está restrito a algumas palavras e a campos semânticos específicos, entre eles: armas, doenças, comida, guerra. A maioria dos lexemas de origem nipônica é usada somente pelos cidadãos idosos que tiveram contato com os japoneses durante a invasão. Por isso, sua ocorrência no PTL é restrita, ficando limitada somente à subvariedade do PTL falada nessas regiões rurais mais isoladas que tiveram contato com os japoneses na época da 2ª guerra mundial e a falantes mais idosos que tiveram contato com os japoneses nesse período. A frequência desses empréstimos nos dados é mínima, ocorrendo uma ou duas vezes cada, quando o falante contava suas experiências vividas durante esse período.

34. Exemplos de empréstimos japoneses em PTL:

sutate ‘molho de soja’;

catana ‘espada nativa leste-timorense’, do japonês *katana* ‘espada samurai’;

kempi ‘polícia secreta japonesa’;

sodoku ‘doença causada pela mordida do rato’;

samurai ‘espada longa’, do japonês *samurai* ‘guerreiro nobre do período pré-industrial japonês’.

Outros dados que se destacaram durante a coleta foram as ocorrências nas línguas locais de Timor-Leste, em Tetun e Manbae, de compostos com a presença de um lexema na língua local seguido de adjetivo pátrio emprestado do português *zapanes* ‘japonês’:

35.

Tetun Prasa *lakeru zapanes* ‘chuchu’;

Manbae *gur zapanes* ‘tipo de vegetação rasteira (*Crassocepharun Crepioides*)’

Estes compostos são somente nome de flora comestível, o que indica que provavelmente foram inseridas na ilha de Timor recentemente pelo povo japonês, ou que o povo japonês é que tinha o hábito de comer essas espécies e passaram tal costume aos timorenses.

O que pode ser observado pelos dados apresentados e pela análise efetuada da presença de empréstimos em PTL de outras línguas, sendo as principais: o malaio, o indonésio, o chinês e o japonês, é que ocorreu o mesmo processo evolucionário descrito anteriormente, em que a maioria dos lexemas consiste em formas desativadas, tanto em Tetun, quanto no PTL, e que foram submetidas à competição e seleção. Somente a dispersão desses lexemas é que ocorreu de maneira ligeiramente distinta por meio de contato interidioletal e contato linguístico (outras línguas > Tetun, Tetun > PTL), além de se limitarem a um pequeno território.

REFERÊNCIAS

- ABRAMS, Daniel M.; STROGATZ, Steven H. Linguistics: Modelling the dynamics of language death. *Nature*, v. 424, p. 900, Ago. 2003.
- ALBUQUERQUE, D. B. Pré-história, história e contato lingüístico em Timor Leste. *Domínios de Lingu@agem*, v.6, n.2, p.75-93, 2009.
- _____. Elementos para o estudo da ecolinguística de Timor Leste. *Domínios de Lingu@agem*, v. 7, n. 1, p. 21-36, 2010.
- _____. Peculiaridades prosódicas do português falado em Timor Leste. *ReVEL*, v.8, n. 15. p. 270-285, 2010a.
- _____. O ensino de língua portuguesa em Timor Leste: variedades e dificuldades. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 12, p. 31-47, 2010b.
- _____. Esboço gramatical do Tetun Prasa: língua oficial de TimorLeste. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília. 2011.
- _____. O Português de Timor Leste: contribuição para o estudo de uma variedade emergente. *Papia*, v. 21, n. 1, p. 65-82, 2011a.
- _____. O elemento luso-timorense no português falado em Timor Leste. *ReVEL*, v.9, n. 17, p. 226-243, 2011b.
- _____. O ensino de língua portuguesa em Timor-Leste: uma análise dos livros didáticos. In: *II Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura 2011*. Anais do II ENILL. Itabaiana: Departamento de Letras - UFS, v. 2, p. 1-11, 2011c.
- _____. Bilinguismo e Multilinguismo em Timor-Leste: Aquisição, Interação e Estudo de Caso. *Revista PerCursos Linguísticos*, v.2, n.6, p. 1-17, 2012.

_____. Esboço morfossintático do português de Timor-Leste. *Moderna Sprak*, v.106, n. 1, p. 1-10, 2012a.

_____. Especificidades do léxico do Português de Timor-Leste. *Papia*, v.22 n.1, p. 201-223, 2012b.

_____. Ecologia dos contatos linguísticos em Manbae, Timor-Leste. In: COUTO, Elza K. N. N.; ALBUQUERQUE, Davi B.; ARAÚJO, Gilberto P. (Org.). *Da Fonologia à Ecolinguística*. Ensaios em homenagem a Hildo Honório do Couto. Brasília: Thesaurus, 2013. p. 251-283.

_____. Influências das L1 nativas no português de Timor-Leste: um estudo dos marcadores verbais. *Revista Signótica*, v. 26, p. 111-121, 2014a.

_____. *A língua portuguesa em Timor-Leste: uma abordagem ecolinguística*. Tese de Doutorado. Doutorado em Linguística. Universidade de Brasília. Brasília, 2014b.

_____. O contato de línguas em Timor-Leste: mudanças e reestruturação gramatical. *PERcursos Linguísticos*, v. 5, p. 68-90, 2015.

_____. Palavras iniciais sobre a metodologia em ecolinguística. *Via Litterae*, v. 7, p. 131-142, 2015a.

_____. Um estudo da ecologia do contato de línguas em Timor-Leste. *ECO-REBEL - Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 1, p. 81-94, 2015b.

ALBUQUERQUE, Davi B.; TAYLOR-LEECH, Kerry. Política linguística para as línguas oficiais em Timor-Leste: o português e o Tétum-Praça. *Gragoatá (UFF)*, v. 32, p. 153-169, 2012.

ALEXANDER, Richard. *Framing Discourse on the Environment: A Critical Discourse Approach*. New York: Routledge, 2009.

ALEXANDER, Richard; STIBBE, Arran. From the analysis of ecological discourse to the ecological analysis of discourse. *Language sciences* v. 41, 2014, p. 104-110.

ALVES, Scheyla B. *O tétum-praça e a construção da identidade de Timor Loro'Sae*. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília. Brasília, 2005.

ANSALDO, Umberto; CARDOSO, Hugo. Introduction. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 8, n. 2, p. 3-10, 2009.

ARAÚJO, Gilberto P. O conhecimento etnobotânico dos Kalunga: uma relação entre língua e meio ambiente. Tese (Doutorado em Linguística). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília. Brasília, 2014a.

_____. As inter-relações entre língua e meio ambiente com base no conhecimento etnobotânico kalunga. In: COUTO, Elza N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (Org.). *Antropologia do Imaginário, Ecolinguística e Metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014b. p. 161-174.

_____. 10 anos de Ecolinguística no Brasil: percurso de sua afirmação como área de estudos linguísticos em nosso país. In: COUTO, Elza K. N. N. et al. *Linguística Ecosistêmica*. 10 Anos de Ecolinguística no Brasil. Campinas-SP: Pontes Editores, 2017, p. 65-82.

ARAÚJO, V. *Um estudo sobre o rito de tradição oral “Ai-Hulu” e as suas actuais práticas religiosas e mágicas no suco de Mauchiga*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, 2000.

AVELAR FILHO, João. As Rezadeiras de Goiás: construção e reconstrução da memória. Comunicação apresentada ao I EBIME – ENCONTRO BRASILEIRO DE IMAGINÁRIO E ECOLINGUÍSTICA. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2013.

_____. A memória nos rituais da reza: uma obrigação social das lembranças. Comunicação apresentada à Sessão Coordenada “Ecolinguística: análise do discurso ecológica (ADE)” do I ENCONTRO INTERNACIONAL E VII ENCONTRO NACIONAL DO GELCO (GRUPO

DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO CENTRO-OESTE). Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2014.

BACHELARD, Gaston. A filosofia do não. Trad. Joaquim José M. Ramos. In: Bachelard. Coleção 'Os Pensadores'. São Paulo: Ed. Abril, 1979.

_____. O novo espírito científico. Trad. Antônio José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1996.

BAKKER, Peter; MOUS, Maaten (eds.). *Mixed languages: 15 Case Studies in Language Intertwining*. Amsterdam: Uitgave IFOTT, 1994.

BANG, Jørgen C.; DØØR, Jørgen. *Language, Ecology and Society. A Dialectical Approach*. Editado por Sune Vork Steffensen e Joshua Nash. Londres: Continuum, 2007.

_____. The dialects of ecological experiences: an essay in eco-linguistics with a deixis analysis of a newspaper text commenting the Rio-92-Summit on the human environment. In: *Da fonologia à ecolinguística: ensaios em homenagem a Hildo Honório do Couto*. Thesaurus: Brasília, 2013. P. 328-349.

Bartkowiak, T. (1979) *Gems from the island of Timor*. Ende/Flores: Nusa Indah.

BASTARDAS I BOADA, Albert. *Ecologia de les llengües. Medi, contactes i dinàmica sociolingüística*. Barcelona: Proa, 1996.

BATESON, Gregory. *Mind and Nature: A Necessary Unity*. New York: Hampton Press, 1979.

BAXTER, Alan. Notes on the Creole Portuguese of Bidau, Timor. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v.5, n. 1, p. 1-38, 1990.

_____. Portuguese and Creole Portuguese in the Pacific and Western Pacific rim. In: WURM, Stephen A. et al. (ed.). *Atlas of Languages of Intercultural Communication in the Pacific, Asia, and the Americas*. Vol. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996. P. 299-338.

BORGES, Lorena A. Usar ou não usar cobaias animais? O discurso sob a perspectiva da análise do discurso ecológica. Comunicação apresentada à Sessão Coordenada “Ecolinguística: análise do discurso ecológica (ADE)” do I ENCONTRO INTERNACIONAL E VII ENCONTRO NACIONAL DO GELCO (GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO CENTRO-OESTE). Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2014.

BOOKCHIN, Murray. What is social ecology? In: ZIMMERMAN, M. E. (org.). *Environmental philosophy: From animal rights to radical ecology*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1993.

BOXER, Charles R. *The Topasses of Timor*. Amsterdam: Indisch Instituut, 1947.

BRANDÃO, Heloanny. Discursos ecológicos e ascensão econômico-social: a Friboi sob um olhar da análise do discurso ecológica. Comunicação apresentada à Sessão Coordenada “Ecolinguística: análise do discurso ecológica (ADE)” do I ENCONTRO INTERNACIONAL E VII ENCONTRO NACIONAL DO GELCO (GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO CENTRO-OESTE). Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2014.

BUSQUETS, Vera Lúcia C. “*Eu queria muito aprender português mais*”: aspectos da língua portuguesa em uso em Timor-Leste pós-independência. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Educação, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2007.

CALVET, Louis-Jean. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.

_____. *As políticas lingüísticas*. São Paulo: Parábola Editorial IPOL, 2007.

CANN, Ronnie; KEMPSON, Ruth; MARTEN, Lutz. *The Dynamics of Language*. Emerald Group Publishing Limited, 2005.

CAPELL, A. Peoples and Languages of Timor (I). *Oceania*, v.14, n.3, p.191-219, 1943a.

_____. Peoples and Languages of Timor (II). *Oceania*, v.14, n.4, p.311-337, 1943b.

_____. Peoples and Languages of Timor (III). *Oceania*, v.15, n.1, p.19-48, 1944.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1998.

_____. *O tao da física*. São Paulo: Cultrix, 2002.

CAPRA, Fritjof et al. *Pertencendo ao universo: explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 1991.

CARVALHO, Maria José. Timor Lorosa'e, características das línguas crioulas e do português conservado na zona – contribuição para a língua oficial. *Studies of Language and Cultures of East Timor* v. 4, p. 20-36, 2001.

CARVALHO, Maria José. Aspectos lexicais do português usado em Timor Leste. *Studies of Language and Cultures of East Timor*, v.5, p. 25-40, 2002/2003.

CARVALHO, Isabel C.; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente & sociedade*, vol. XI, n. 2, 2008, p. 208-305.

CARVALHO, José S. *Morte e vida em Timor durante a Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Livraria Portugal, 1972.

CASTRO, Affonso de. *As possessões Portuguezas na Oceania*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867.

CASTRO, Alberto F. A Religião em Timor-Leste a partir de uma Perspectiva Histórico-Antropológica. In: NÁCHER, Alfonso. *Léxico Fataluco-Português*. Dili: Salesianos de Dom Bosco Timor-Leste, 2012. p. 79-120.

CASTRO, Alberto O. *A ilha verde e vermelha de Timor*. Lisboa: Edições Cotovia, 1996 [1943].

CLAMAGIRAND-RENARD, B. The Social Organization of the Ema of Timor. In: FOX, J. J. (ed.). *The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia*. Cambridge: Harvard University Press, 1980. p. 231-247.

- CLEMENTS, Joseph C. Evidência para a existência de um pidgin português asiático. In: D'ANDRADE, Ernesto; PEREIRA, Dulce; MOTA, Maria Antónia (eds.). *Crioulos de base lexical portuguesa*. Braga: Associação Portuguesa de Lingüística, 2000. p. 185-200.
- CHAWLA, S. Linguistic and philosophical roots of our environmental crisis. *Environmental Ethics*, v.13, n.3, p. 253-273, 1991.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- CLAIRIS, Christos. Dinâmica linguística e descrição gramatical. In: BARBOSA, Jorge M. et al. (orgs.). *Gramática e Ensino das Línguas*. Coimbra: Almedina, 1999. p. 35-43.
- CLYNE, Michael. *Dynamics of Language Contact*. Cambridge: CUP, 2003.
- COLLINS, Sean. *The Ethnobotany of East Timor*. Dissertação (Mestrado em Biologia). Carleton Institute of Biology, Carleton University, Ottawa. 2005.
- COMRIE, B. *Aspect: An Introduction to the Study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- _____. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- CORREIA, Adérito José Guterres et al. *Dicionáriu Nasionál ba Tetun Ofisiál*. Díli: Instituto Nacional de Linguística/Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, 2005.
- CORTE-REAL, Benjamim A. Social order and linguistic symmetry: the case of Mambai, Suru-Ainaro. *Studies of Language and Cultures of East Timor*, v. 3, p. 31-56, 2000.
- CORTE-REAL, Benjamin A.; HULL, Geoffrey. First texts in Mambai-Ainaro. *Studies in languages and cultures of East Timor*, v. 1, p. 69-87, 1998.
- COSTA, Luis. *Dicionário de tétum-português*. Lisboa: Colibri, 2000.
- COUTO, Elza K. N. N. Dez anos de Ecolinguística no Brasil: inovações e reinterpretções. In: COUTO, Elza K. N. N. et al. *Linguística Ecosystemica*. 10 Anos de Ecolinguística no Brasil. Campinas-SP: Pontes Editores, 2017, p. 45-64.

COUTO, Hildo H. *Anticrioulo*. Manifestação linguística de resistência cultural. Brasília: Thesaurus, 2002

_____. *Ecolinguística*. Estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. A ecologia das relações espaciais: as preposições do CriouloGuineense. *Papia*, v. 17, p. 80-111, 2007a.

_____. *Linguística, ecologia, ecolinguística*. Contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *O tao da linguagem*. Campinas: Pontes, 2012.

_____. Linguística ecossistêmica. 2012a. Disponível em: <http://meioambientealinguagem.blogspot.com.br/2012/06/linguisticaecossistemica.html>.

Acesso em: 26 Jun. 2012.

_____. A emergência dos pronomes pessoais na ecologia da interação comunicativa. 2012b. Disponível em: <http://meioambientealinguagem.blogspot.com.br/2012/03/emergencia-dos-pronomes-pessoais-na.html>. Acesso: 26/06/2012.

_____. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013.

_____. *A língua não é uma coisa, é motraive*. 2013a. Disponível em: <http://meioambientealinguagem.blogspot.com.br/2013/07/a-lingua-nao-e-uma-coisa-e-motraive.html>. Acessado em: 14 mar. 2017.

_____. Linguística ecossistêmica crítica ou análise do discurso ecológica. In: COUTO, Elza N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 27-41.

_____. Linguística ecossistêmica. In: COUTO, Hildo *et al.* (org.) *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: Uma coletânea de ensaios*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

COUTO, Hildo *et al.* (org.) *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: Uma coletânea de ensaios*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

COUTO, Hildo H. do; COUTO, Elza N. N. do; BORGES, Lorena A. O. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

COUTO, Elza N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014.

COUTINHO, Ricardo S. O mito verde: um diálogo entre Barthes e a ecolinguística crítica. In: COUTO, Elza N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 205-214.

DE JAEGHER, H.; DI PAOLO, E. A. Participatory sense-making: an enactive approach to social cognition. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 6, n. 4, p. 485-507, 2007.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Part 1: The Structure of the clause. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DORES, Raphael. *Dicionário teto-português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1907.

DOURADO-PINHEIRO, Zilda. A linguagem da capoeira: uma interpretação ecolinguística e mítica. *Via Litterae*, v. 7, n. 1, p. 101-115, 2015.

DRAKARD, Jane. *A Kingdom of Words: Language and Power in Sumatra*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

DUNCK-CINTRA, Ema M. Bilinguismo de memória como gênese para resignificação e fortalecimento do ecossistema básico do povo indígena chiquitano. In: COUTO, Elza N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 175-186.

ECCLES, Lance. Early Chinese accounts of Timor. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v.6, p. 178-187, 2004.

ENGELHOFEN, A. *The Makuva Enigma: locating a hidden language in East Timor*. Second Conference on Austronesian Languages and Linguistics, Oxford, 2006.

_____. On derivational processes in Fataluku, a non-Austronesian language in East Timor. In: WETZELS, L. (ed.). *The Linguistics of Endangered Languages*. Contributions to Morphology and Morphosyntax. Utrecht: LOT, 2009. p. 333-362.

_____. The War of the Words: lexical parallelism in Fataluku ritual discourse. In: SARMENTO, Clara (ed.). *From here to Diversity: Globalization and Intercultural Diversity*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishers, 2010. p. 241-252.

ESPERANÇA, João Paulo T. *Estudos de Lingüística Timorense*. Aveiro: SUL, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. UnB, 2001.

FIGUEIREDO, Fernando A. *Timor. A presença portuguesa (1769-1945)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2004.

FILL, Alwin. *Ökologie: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.

_____. Language and ecology: ecolinguistic perspectives for 2000 and beyond. In: Graddol, D. (ed.). *AILA Review 14. Applied linguistics for the 21st century*. Londres: Catchline, 2001, p. 60-75.

_____. Introduction. In: FILL, Alwin; PENZ, Hermine. *Sustaining Languages*. Essays in Applied Ecolinguistics. Viena: LIT Verlag, 2007. p. 1-6.

FILL, Alwin; PENZ, Hermine. *Sustaining Languages*. Essays in Applied Ecolinguistics. Viena: LIT Verlag, 2007.

FINKE, Peter. Sprache als missing link zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. Überlegungen zur Weiterentwicklung der Sprachökologie. In: FILL, Alwin. (org.) *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996. p. 27-48.

_____. Identity and manifoldness: New perspectives in science, language and politics. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (orgs.). *The Ecolinguistics Reader*. Language, Ecology and Environment. Londres: Continuum, 2001. p. 84-90.

FOGAÇA, Helem A. O. *Estudo fonético e fonológico do Mambae de Same*. Uma língua de Timor-Leste. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FOX, James J. Models and metaphors: Comparative research in Eastern Indonesia. In: FOX, James J. (ed.) *The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia*. Cambridge: Harvard University Press, 1980. p. 327-333.

_____. *To Speak in Pairs. Essays on the Rituals Languages of Eastern Indonesia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. Tracing the path, recounting the path: historical perspectives on Timor. In: FOX, James J.; SOARES, Dionisio B. (eds.) *Out of the ashes: destruction and reconstruction of East Timor*. Hindmarsh: Crawford House Publishing, 2000. p.1-29.

_____. Drawing from the past to prepare for the future: responding to the challenges of food security in East Timor. In: COSTA, H. *et al.* (Eds.). *Agriculture: New Directions for a New Nation - East Timor (Timor-Leste)*. Canberra: The Australian National University, 2003. p. 105-114.

FRANKLIN, Karl J.; STEFANIW, Roman W. The Pandanus Languages of the Southern Highlands Province, Papua New Guinea: A Further Report. In: DUTTON, Tom E. (ed.) *Culture Change, Language Changes: Case Studies from Melanesia*. Canberra: Pacific Linguistics, 1992.

FROESE, T.; DI PAOLO, E. A. The enactive approach: theoretical sketches from cell to society. *Pragmatics & Cognition*, v. 19, n. 1, p. 1-36, 2011.

GARNER, Mark. *Language: An ecological view*. Oxford: Peter Lang, 2004.

_____. Language ecology as linguistic theory. *Kajian Linguistik dan Sastra*, v.17, n. 33, p. 91-101, 2005.

GEE, James P. *Introduction to Discourse Analysis*. Theory and Method. Nova York: Routledge, 2010.

GREKSAKOVA, Zuzana; HOLM, John. *Tetun and Miskito*: Refining our typology of mixed languages. Comunicação apresentada à Conferência conjunta da Society for Pidgin & Creole Linguistics (SPCL) e da Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBLPE). Lisboa, 2013.

GOATLY, Andrew. Green Grammar and Grammatical Metaphor, or Language and Myth of Power, or Metaphors We Dye by. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (eds.). *The Ecolinguistics Reader*. Londres/ New York: Continuum, 2001. p. 203-225.

GOMES, F. A. *Os Fataluku*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1972.

GOMES, Nuno S. *A literatura popular de tradição oral, em Timor-Leste*: caracterização, recolha e modos de escolarização. Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho, 2007.

GÜNTHER, Hartmut; ELALI, Gleice A.; PINHEIRO, José Q. A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. *Série Textos de Psicologia Ambiental*, n. 23, Laboratório de Psicologia Ambiental, UnB, 2004.

GÜNTHER, Hartmut; ROSESTRATEN, Reinier J. A. Psicologia ambiental: considerações sobre sua área de pesquisa. *Série Textos de Psicologia Ambiental*, n. 10, Laboratório de Psicologia Ambiental, UnB, 2005.

HAGÈGE, Claude. *Morte e Rinascita delle Lingue*. Milão: Feltrinelli, 2002.

Servião and Belu: Colonial conceptions and the geographical partition of Timor. *Studies on Asia*, v.3, n.3, p.49-64, 2006.

_____. *Lords of the Land, Lord of the Seas*. Conflict and adaptation in early colonial Timor, 1600-1800. Leiden: KITVL Press, 2012.

HAJEK, J. Language planning and the sociolinguistic environment of East Timor: colonial practices and changing language ecologies. *Current Issues in Language Planning*, n. 1, p. 400-413, 2000.

HAJEK, J; HIMMELMANN, N; BOWDEN, J. Lóvaia, an East Timorese language on the verge of extinction. *International Journal of Sociology of Language*, n. 160, p. 155-167, 2003.

HAJEK, J; WILLIAMS VAN-KLINKEN, C. Um sufixo românico numa língua austronésia: -dór em Tetum. *Revue de linguistique romane*, n. 67, p. 55-65, 2003.

HALE, K. On endangered languages and the safeguarding of diversity. *Language*, n. 68, p. 1-3, 1992a.

_____. Language endangerment and the human value of linguistic diversity. *Language*, n. 68, p. 35-42, 1992b.

HALLIDAY, Michael A. K. *New Ways of Meaning: the Challenge to Applied Linguistics*. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (ed.). *The ecolinguistics reader*. Language, ecology, and environment. Londres: Continuum, 2001. p.175-202.

HARRÉ, Rom; BROCKMEIER, Jens; MÜHLHÄUSLER, Peter. *Greenspeak. A Study of Environmental Discourse*. Londres: SAGE, 1999.

HARRIS, Roy. *Introduction to integrational linguistics*. Oxford: Pergamon, 1998.

HAUGEN, Einar. *The Ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.

HOLM, John. *Languages in Contact. The Partial Restructuring of Vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HUSSERL, Edmund. *Ideas: A General Introduction to Pure Phenomenology*. Trad. W. R. Boyce Gibson. New York: Collier Books, 1963.

HULL, Geoffrey. A Morphological Overview of the Timoric Sprachbund. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v.4, p.98-205, 2001.

_____. *Standard Tetum-English Dictionary*. 3^a ed. Sydney: Sebastião Aparício da Silva Project, Dili: Instituto Nacional de Linguística/Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, 2002.

_____. *Southern Mambai (Manbae-Ainaru Nor Same)*. Dili: Instituto Nacional de Linguística/Universidade Nacional Timor Lorosa'e, 2003.

_____. The Papuan Languages of Timor. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, n.6, p. 23-100, 2004.

HULL, Geoffrey; BRANCO, Sabil J. O Enigma da Língua Macuva. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v. 5, p. 107-134, 2002/2003.

HULL, Geoffrey; ECCLES, Lance. *Tetum Reference Grammar*. Sydney/Dili: Sebastião Aparício da Silva Project/Instituto Nacional de Linguística/Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, 2001.

HYLAND, Ken; PALTRIDGE, Brian. (ed.). *Continuum Companion to Discourse Analysis*. Londres: Continuum, 2011.

HYMES, Dell *Foundations of Sociolinguistics*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

INSTITUTO NACIONAL DE LINGUÍSTICA (INL). *Matadalan Ortográfiku ba Tetun-Prasa*. Dili: Instituto Nacional de Linguística, Universidade Nacional Timor Lorosa'e, 2003.

KLINKEN, C. *Oral traditions in Tetun Fehan*. Trabalho apresentado ao East Nusantara – 2^o Workshop Questionnaires on Oral Traditions, 2000.

LEWIS, M. Paul; SIMONS, Gary F.; FENNIG, Charles D. (eds.). *Ethnologue: Languages of the World*. 17a ed. Dallas: SIL International, 2013. Disponível em:

<http://www.ethnologue.com>. Acesso em: 27 Nov. 2013.

JÄRVILEHTO, T. The theory of the organism-environment system: I. Description of the theory. *Integrative Physiological and Behavioral Science*, v. 33, p. 321-334, 1998.

JÄRVILEHTO, T.; NURKKALA, V.-M.; KOSKELA, K. The role of anticipation in reading. *Pragmatics & Cognition*, v. 17, n. 3, p. 509-526, 2009.

JONES, Rodney H. Data Collection and Transcription in Discourse Analysis. In: HYLAND, Ken; PALTRIDGE, Brian. (ed.). *Continuum Companion to Discourse Analysis*. Londres: Continuum, 2011. p. 9-21.

LAMB, S. *Pathways of the Brain: The Neurocognitive Basis of Language*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things*. What Categories Reveal about the Mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAPE, Peter V.; O'CONNOR, Sue; BURNINGHAM, Nick. Rock Art: A Potential Source of Information about Past Maritime Technology in the South-East Asia-Pacific Region. *The International Journal of Nautical Archaeology*, v. 36, p. 1-16, 2007.

LAYCOCK, Donald N. Linguistic Diversity in Melanesia: A Tentative Explanation. In: FILL, Alwin e MÜHLHÄUSLER, Peter (ed.). *The ecolinguistics reader*. Londres: Continuum, 2001. p. 167-173.

LECHEVREL, Nadegè. *The intertwined histories of ecolinguistics and ecological approaches of language(s). Historical and theoretical aspects of a research paradigm*. Trabalho apresentado ao Symposium on Ecolinguistics-Ecology of Science. Odense: University of Southern Denmark, 2009.

_____. *Les approches écologiques en linguistique. Enquête critique*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant, 2010.

LEITÃO, Humberto. *Os Portugueses em Solor e Timor de 1515 a 1702*. Lisboa: Tip. da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1948.

_____. *Vinte e oito anos de história de Timor (1698 a 1725)*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952.

MACKEY, William F. Toward an ecology of language contact. In: MACKEY, W.; ORNSTEIN, J. (orgs.) *Sociolinguistic studies in language contact: Methods and cases*. Haia: Mouton, 1979. p. 453-459.

_____. The ecology of language shift. In: NELDE, Peter (org.). *Sprachkontakt und Sprachkonflikt*. Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik Beiheft n. 32. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1980. p. 35-41.

MAFFI, L. (ed.). *On Biocultural Diversity*. Linking Language, Knowledge, and the Environment. Washington/ Londres: Smithsonian Institution Press, 2001.

MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics*. ¿Toward a New ****Paradigm**** for the Science of Language? Londres: Pinter Publishers Ltd., 1993.

_____. Die Welt als Bewußtsein und Paraphrase: zur gesamtökologischen Fundierung des menschlichen Sprachverständnisses mit besonderer Rücksicht auf die Sprachphilosophie Wilhelm von Humboldts und ihre Relevanz für die theoretische Sprachwissenschaft des 21. Jahrhunderts. In: FILL, Alwin (org.) *Sprachökologie und Ökoluistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996. p. 77-102.

MARTIN, James R. Positive discourse analysis: Solidarity and change. *Revista canaria de studios ingleses*, n. 49, 2004, p. 179-200.

_____. Vernacular deconstruction: Undermining spin. *DELTA* v. 22, n. 1, 2006, p. 177-203.

MARCUSCHI, Luiz A. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p. 95-129.

_____. *Repetição*. In: JUBRAN, Clélia A. S.; KOCH, Ingedore G. V. (Org.). *Gramática do português falado no Brasil: construção do texto falado*. Vol. I. Campinas: Ed. Unicamp, 2006. p. 219-254.

MARTINET, André. Diachronie et synchronie dynamique. In: *Évolution des langues e reconstruction*. Paris: PUF, 1975.

_____. *Função e dinâmica das línguas*. Trad. Jorge M. Barbosa e Maria Joana V. dos Santos. Coimbra: Almedina, 1995.

MATHIJSEN, A. *Eenige fabels en volkslegenden van de onderafdeling Beloe op het eiland Timor*. Batavia: Albrecht & Co. Language and Ecology vol. 3 No. 3, 1915.

MATOS, Artur T. *Timor Português (1515-1769): Contributos para a sua história*. Lisboa: Instituto Infante D. Henrique/ Faculdade de Letras, 1974.

MATOS, Francisco G. et al. Ecolinguagem. In: COUTO, Elza N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 215-224.

MATRAS, Yaron; BAKKER, Peter (eds.). *The Mixed Language Debate: Theoretical and Empirical Advances*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

MEAKINS, Felicity. Mixed Languages. In: BAKKER, Peter; MATRAS, Yaron (eds.). *Contact Languages. A Comprehensive Guide*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2013. p. 159-228.

MORRIS, C. *Ai knananuk ho ai knanoik nousi Rai Timur: rai nousi lafaek dukur*. Verse and legends from Timor the land of the sleeping crocodile, book 1. Frankston/Victoria: H.C. Morris, 1984.

MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. *Language Evolution. Contact, Competition and Change*. Londres: Continuum, 2008.

MÜHLHÄUSLER, Peter. *Linguistic Ecology: Language Change and Linguistic Imperialism in the Pacific Region*. Londres/ NovaYork: Routledge 1996.

_____. *Language of environment, environment of language: a course in ecolinguistics*. Londres: Battlebridge, 2003.

NAESS, Arne. The shallow and the deep, long-range ecology movement: A summary. *Inquiry* v. 16, p. 95-100, 1973.

_____. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

NASH, Joshua. *Insular toponymies: pristine place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island, South Australia*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística). School of Humanities, University of Adelaide, Adelaide, 2011.

_____. *Norfolk Island, South Pacific: An empirical ecolinguistic case study*. *AUMLA – Journal of the Australasian Universities Language and Literature Association*, v. 116, p.83-97, 2011a.

_____. *Insular Toponymies. Pristine Place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2013.

NATIONAL BOARD OF STATISTICS. *Timor-Leste Census of Population and Housing 2004. Priority Tables Editions: National Board of Statistics and the United Nation Fund for Population*, 2006.

NORDHOLT, Schulte. *The political system of the Atoni of Timor*. Haia: Nijhoff, 1971.

NYSTRAND, Martin et al. *Opening Dialogue: Understanding the Dynamics of Language and Learning in the English Classroom*. Language and Literacy Series. Teachers College Press, Williston: 1997.

O'CONNOR, S. *Unpacking the Island Southeast Asian Neolithic Cultural Package, and*

Finding Local Complexity. GLOVER, I. C; BACUS, E. A; PIGOTT, V. C. (eds.). *Uncovering Southeast Asia's Past*, p. 74-87. Cingapura: National University of Singapore, 2006.

O'CONNOR, S; VETH, P. Early Holocene shell fish hooks from Lene Hara Cave, East Timor establish complex fishing technology was in use in Island Southeast Asia five thousand years before Austronesian settlement. *Antiquity*, n. 79, p. 1–8, 2005.

O'CONNOR, S; SPRIGGS, M; VETH, P. Excavation at Lene Hara Cave establishes occupation in East Timor at least 30,000–35,000 years ago. *Antiquity*, n. 76, p. 45–50, 2002.

OLIVEIRA, Luna de. *Timor na história de Portugal*. vol. 1. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1948.

_____. *Timor na história de Portugal*. Vol. 2. Lisboa: Agencia Geral do Ultramar, 1953.

OSTLER, Nicholas. Little Jack Homer's Christmas Pie: Review of Alwin Fill e Peter Mühlhäusler eds. *The Ecolinguistics Reader: Language, Ecology and Environment*. Foundation for Endangered Languages, 2001. Disponível em: <<http://www.ogmios.org/1711.htm>>. Acesso em 19 out. 2013.

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PAYNE, T. E. *Describing Morphosyntax. A guide for field linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Inquérito aos Sucos de Timor Leste. Dili: UN Agency House, 2001.

PTAK, Roderich. Some references to Timor in old Chinese records. *Ming Studies*, v. 17, p.37-48, 1983.

RAMOS, Rui. Ecolinguística: um novo paradigma para a reflexão sobre o discurso? In: OLIVEIRA, Fátima; DUARTE, Isabel Margarida (Org.). *Da Língua e do discurso*. Porto: Campo das Letras, 2004. p. 545-562.

_____. *O discurso do ambiente na imprensa e na escola. Uma abordagem linguística*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian /Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009.

ROSA, Frederico D. Uruvatju e Tjiapu: Genealogias Invisíveis da Etnografia Missionária em Timor-Leste. In: NÁCHER, Alfonso. *Léxico Fataluco-Português*. Dili: Salesianos de Dom Bosco Timor-Leste, 2012. p. 11-40.

ROSCH, E. Reclaiming concepts. In: NUNEZ, R.; FREEMAN, W. J. (Eds.). *Reclaiming Cognition*. Thorverton: Imprint Academic, 1999.

ROEVER, Arend de. *De jacht op sandelhout*. De VOC en de tweedeling van Timor in de zeventiende eeuw. Zutphen: Walburg Pers, 2002.

SAUR, Dorothee et al. Dynamics of language reorganization after stroke. *Brain*, v. 129, n. 6, p. 1371-1384, Abr. 2006.

SCHMALTZ NETO, Genis F. Quando magos dispensam caldeirões: a questão da linguagem no vale do amanhecer. Comunicação apresentada à Sessão Coordenada “Ecolinguística: Linguística Ecolinguística” do I ENCONTRO INTERNACIONAL E VII ENCONTRO NACIONAL DO GELCO (GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO CENTRO-OESTE). Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2014.

SCHMALTZ, G. F. Por uma ecolinguística do imaginário: arco do amanhecer como metáfora de linguagem, inter-relação e meio-ambiente. In: NENOKI DO COUTO, E. K. N. et al. *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014.

SÁ, Artur B. *A planta de Cailaco 1727*. Valioso documento para a história de Timor. Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1949.

_____. (ed.). *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente Insulíndia*. Vol. 4: (1568-1579). Lisboa: Agencia Geral do Ultramar, 1956.

_____. (ed.). *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente Insulíndia*. Vol. 5: (1580-1595). Lisboa: Agencia Geral do Ultramar, 1958.

_____. *Textos em teto da literatura oral timorense*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961.

SCHAPPER, Antoinette; HUBER, Juliette; ENGELHOFEN, Aone. The historical relation of the Papuan languages of Timor and Kisar. In: HAMMARSTRÖM, Harald; HEUVEL, Wilco (eds.). *Journal of the Linguistic Society of Papua New Guinea*. Special Issue 2012. Part 1. History, contact and classification of Papuan languages, p. 192-240, 2012.

SERRÃO, J.; MARQUES, A. H. Oliveira (eds). *Nova história da expansão portuguesa*. Vol. 5, 2: O império oriental 1660- 1820. Lisboa: Editorial Estampa, 2006.

SERAN, J. B. *Pantun Bahasa Tetun Timor*. Kupang: Penerbit Yayasan Oemata Moris, 1986.

SEUREN, P. M. *Western Linguistics. An Historical Introduction*. Oxford: Blackwell, 1998.

SILVA, Sebastião A. *Dicionário de Português-Tétum*. Macau: Tipografia do Seminário, 1889.

SIQUEIRA, Kênia M. F. Toponímia: a nomeação dos lugares sob a ordem do imaginário. In: COUTO, Elza N. N. do; DUNCK-CINTRA, Ema M.; BORGES, Lorena A. O. (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 151-160.

SOUSA, Lúcio M. G. *An tia: partilha ritual e organização social entre os Bunak de Lamak Hitu, Bobonaro, Timor-Leste*. Tese (Doutorado em Antropologia). Especialidade de Antropologia Social, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal. 2010.

SPITZER, M. *The mind within the net: Models of learning, thinking, and acting*. Cambridge: MIT Press, 1999.

STEFFENSEN, S. V. Care and conversing in dialogical systems. *Language Sciences*, v. 34, n. 5, p. 513-531, 2012.

STIBBE, Arran. The Tao of language: Parallels between contemporary linguistics and Eastern mysticism. *Bulletin of the International Cultural Research Institute of Chikushi Jogakuen University*, v. 14, p. 15-30, 2003.

STROHNER, Hans. Die neue Systemlinguistik: Zu einer ökosystemischen Sprachwissenschaft. In: FILL, Alwin (Org.). *Sprachökologie und Ökolingistik*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 1996. p. 49-58.

TALMY, Leonard. Force Dynamics in Language and Cognition. *Cognitive Science*, v. 12, n. 01, p. 49-100, Jan. 1988.

TAYLOR-LEECH, K. The ecology of language planning in Timor-Leste. *Development Bulletin*, n 63, p. 116-120, 2005.

THERIK, G. T. *Wehali, the Female Land: Traditions of a Timorese Ritual Centre*. Canberra: Pandanus Books, 2004.

THOMAZ, Luis Filipe. Timor: Notas histórico-linguísticas. *Portugaliae Historica*, vol.2, p.167-300, 1974.

_____. O afluxo ao meio urbano no Timor Português. *Revista da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa*, v. 4, n. 1, p. 495-553, 1976.

THOMAZ, Luis Filipe. A língua portuguesa em Timor. In *Actas do Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*, vol. 1. Lisboa: Instituto de cultura e língua portuguesa, 1985. p. 313-319.

_____. *Babel Loro Sa'e: O Problema Lingüístico de Timor Leste*. Lisboa: Instituto Camões, 2002.

TRAMPE, Wilhelm. *Ökologische Linguistik. Grundlagen einer ökologischen Wissenschafts- und Sprachtheorie*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.

_____. Language and Ecological Crisis: Extracts from a Dictionary of Industrial Agriculture. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (eds.). *The Ecolinguistics Reader*. Londres/ New York: Continuum, 2001. p. 232-240.

TRAUBE, E. *Cosmology and Social Life: Ritual Exchange among the Mambai of Timor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

_____. Unpaid Wages: Local Narratives and the Imagination of the Nation. *The Asia Pacific Journal of Anthropology*, v.8, n. 1, p. 9-25, 2007.

ULLMANN, Stephen. *Semantics: an Introduction to the Science of Meaning*. Oxford: Basil Blackwell, 1964.

VAN WELZEN, Peter C.; SLIK, J. W. Ferry; ALAHUHTA, Janne. Plant distribution patterns and plate tectonics in Malesia. *Biol. Skr.*, v.55, p. 199-217, 2005.

VASCONCELOS, José L. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970 [1901].

VERSTEEGH, Kees. Non-Indo-European Pidgins and Creoles. In KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John V. (eds.) *The Handbook of Pidgin and Creoles Studies*. East Sussex: Wiley-Blackwell, 2008. p. 158-186.

VIAN JR., Orlando. Gêneros do discurso, narrativas e avaliação nas mudanças sociais: A análise de discurso positiva. *Cadernos de linguagem e sociedade*, v. 11, n. 2, 2010, p. 78-96.

WENDEL, J. N. Notes on the Ecology of Language. *Bunkyo Gakuin University Academic Journal*, n. 5, p. 51-76, 2005.

WHINNOM, Keith. Linguistic Hybridization and the 'Special Case' of Pidgins and Creoles. In: HYMES, Dell (ed.). *Pidginization and Creolization of Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. p. 91-116.

WILLIAMS-VAN KLINKEN, Catharina; HAJEK, John. Patterns of address in Dili Tetum, East Timor. *Australian Review of Applied Linguistics*, vol. 29, n. 2, p. 1-18, 2006.

WILLIAMS-VAN KLINKEN, C.; HAJEK, J. E NORDLINGER, R. *Tetun Dili: A grammar of an East Timorese language*. Canberra: Pacific Linguistics, 2002.